

AS AVENTURAS DO CAÇA-FEITIÇO
O SEGREDO



LIVRO III

**JOSEPH
DELANEY**

B
BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JOSEPH DELANEY

O SEGREDO

Tradução de Maria Georgina Segurado
Digitalização de Yuna (Toca Digital)
Formatação de LeYtor

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Spook's Secret*

Autor: *Joseph Delaney*

Edição original publicada por **Random House Children's Books**

Tradução: *Maria Georgina Segurado*

Capa: *Tiago da Silva*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1ª edição, Lisboa, Março, 2008

Depósito legal n.º 271 686/08

A Marie

CAPÍTULO 1

UMA VISITA INESPERADA

Era uma noite fria e escura de Novembro e Alice e eu estávamos sentados na cozinha junto da chaminé com o meu mestre, o Mago. O tempo ia esfriando cada vez mais e sabia que o Mago podia decidir a qualquer momento que chegara a hora de partir para a sua "casa de Inverno" na erma charneca^{1} de Anglezarke.

Eu não tinha qualquer pressa de partir. Só era aprendiz do Mago desde a Primavera e nunca vira a casa de Anglezarke, mas não deixaria que a minha curiosidade fosse mais forte do que eu. Sentia-me quente e confortável aqui em Chipenden e era onde preferia ter passado o Inverno.

Levantei a cabeça do livro dos verbos latinos que tentava aprender e Alice captou o meu olhar. Estava sentada num escabelo perto da chaminé, o seu rosto banhado pelo clarão quente da fogueira. Sorriu-me e retribuí. Alice era a outra razão de eu não querer deixar Chipenden. Ela era o mais próximo de uma amiga que eu alguma vez tivera e salvara-me a vida numa série de ocasiões ao longo dos últimos meses. Fora realmente muito agradável tê-la aqui conosco. Tornara mais suportável a solidão da vida de um mago. Mas o meu mestre confidenciara-me que ela nos deixaria em breve. Na realidade, nunca confiara nela porque provinha de uma família de bruxas. Achava igualmente que começaria a distrair-me das minhas lições, por isso quando o Mago e eu fôssemos para Anglezarke, ela não viria conosco. A pobre Alice nem tal sonhava e não tive coragem de lhe dizer, por isso, no momento limitava-me a desfrutar aqueles nossos últimos preciosos serões juntos em Chipenden.

Mas, afinal, acabou por ser mesmo o nosso último serão do ano: enquanto Alice e eu estávamos sentados lendo ao clarão da fogueira e o Mago cabeceava na sua cadeira, o toque do sino de chamamento veio quebrar a nossa paz. Ante aquele som

indesejável, o coração caiu-me diretamente aos pés. Só podia significar uma coisa: assuntos de mago.

Sabem, é que nunca vinha ninguém na casa do Mago. Para começar, teria sido esganado pelo demônio de estimação que guardava o perímetro dos jardins. Por isso, apesar da luz a diminuir e do vento frio, competia-me ir até lá abaixo ao sino no círculo de salgueiros e ver quem necessitava de ajuda.

Sentia-me quente e confortável depois da ceia antecipada e o Mago deve ter notado a minha relutância em partir. Abanou a cabeça como se desiludido comigo, os seus olhos verdes chispando, ferozes.

— Vá lá embaixo, rapaz — resmungou. — Está uma noite péssima e quem quer que seja não vai querer que o façam esperar!

Enquanto me levantava e pegava na minha capa, Alice esboçou-me um sorriso compadecido. Sentia pena de mim, mas via também que estava feliz ali sentada a aquecer as mãos enquanto eu tinha de sair para o vento cortante.

Fechei com firmeza a porta de trás quando saí e, levando uma lanterna na mão esquerda, atravessei o jardim ocidental e descí a colina, o vento a esforçar-se bastante por me arrancar a capa das costas. Cheguei finalmente às árvores pendentes, onde duas estradas se cruzavam. Estava escuro e a minha lanterna lançava sombras perturbadoras, os troncos e os ramos transformando-se em membros, garras e rostos de trasgos. Por cima da minha cabeça, os ramos despídos dançavam e sacudiam-se, o vento assobiando e uivando como uma *banshee*, um espírito feminino que avisava de uma morte iminente.

Mas aquilo não me preocupava muito. Já estivera ali antes de escurecer e, nas minhas viagens com o Mago, enfrentara coisas que os poriam de cabelos em pé. Por conseguinte, não ia me incomodar por causa de algumas sombras; estava à espera de ser recebido por alguém muito mais nervoso do que eu me sentia. Provavelmente o filho de algum agricultor enviado pelo pai atormentado por um fantasma e desesperado por ajuda; um rapaz que estaria apavorado só de se aproximar da casa do Mago.

Mas não era um rapaz que aguardava junto às árvores pendentes e estaquei, surpreso. Ali, por debaixo da corda do sino,

encontrava-se uma figura alta vestindo uma capa preta com capuz, um bordão na mão esquerda. Era outro mago!

O homem não se mexeu, de modo que me encaminhei para ele, estacando à distância de apenas dois passos. Tinha ombros largos e era ligeiramente mais alto do que o meu mestre, mas mal lhe conseguia ver o rosto pois o capuz mantinha as suas feições na sombra. Falou antes que eu me pudesse apresentar.

— Sem dúvida ele estará a aquecer-se à lareira enquanto você vem apanhar frio — afirmou o desconhecido, o forte sarcasmo na sua voz. — Não muda mesmo!

— O senhor é Mr. Arkwright? — inquiri. — Sou Tom Ward, o aprendiz de Mr. Gregory...

Era um palpite bastante razoável. O meu mestre, John Gregory, era o único mago que eu alguma vez conhecera mas sabia que existiam outros, sendo o mais próximo Bill Arkwright, que exercia o seu ofício para lá de Caster, cobrindo as regiões setentrionais que delimitavam o Condado. Por isso era muito provável que este homem fosse ele — apesar de não adivinhar o que o trazia ali.

O desconhecido retirou o capuz do rosto pondo a descoberto uma barba preta salpicada de fios grisalhos e uma cabeleira preta rebelde prateada nas têmporas. A boca dele sorriu mas os seus olhos eram frios e duros.

— Quem sou não é da sua conta, rapaz. Mas o seu mestre conhece-me muito bem!

Ditas aquelas palavras, levou a mão dentro da capa, retirou um envelope e entregou-me. Virei-o, examinando-o rapidamente. Estava lacrado com cera e vinha dirigido *A John Gregory*.

— Bem, ponha-se a andar, rapaz. Dê-lhe a carta e avise-o de que voltaremos a nos encontrar em breve. Estarei à espera dele lá em Anglezarke!

Fiz o que me mandavam, enfiando o envelope no bolso das calças, satisfeito por poder me afastar dali, já que não me sentia confortável na presença daquele desconhecido. Ainda mal me virará e dera alguns passos, quando a curiosidade me fez olhar para trás. Para surpresa minha, nem sinal dele sequer. Apesar de ele próprio

não ter tido tempo de dar mais do que alguns passos, desaparecera já nas árvores.

Intrigado, estuguei o passo, ansioso por voltar para a casa e abandonar o vento frio e cortante. Ficara curioso quanto ao conteúdo da carta. Houvera um tom de ameaça na voz do desconhecido e, pelo que afirmara, não parecia que o desconhecido e o meu mestre fossem ter um encontro amigável!

Com aqueles pensamentos a rodopiar na minha cabeça, passei o banco onde o Mago me dava lições quando o tempo estava suficientemente quente, e cheguei às primeiras árvores do jardim ocidental. Mas depois ouvi algo que me fez suster a respiração com o medo.

Retumbou no escuro um bramido estridente, vindo de baixo das árvores. Foi tão intenso e aterrador que me deixou pregado ao chão. Era uma rosnadela vibrante que se podia ouvir por quilômetros e já a escutara antes. Sabia que era o demônio de estimação do Mago que se preparava para defender o jardim. Mas do quê? Estaria a ser seguido?

Virei-me e ergui a lanterna, espreitando cheio de ansiedade no escuro. Talvez o desconhecido tivesse vindo atrás de mim! Não conseguia ver nada, de modo que apurei os ouvidos, à escuta do mais ínfimo som. Mas só conseguia ouvir o vento a suspirar através das árvores e o ladrar distante de um cão de fazenda. Por fim, satisfeito por não ter sido sequer seguido, prossegui o meu caminho.

Ainda não dera outro passo quando o bramido de raiva voltou, desta vez muito mais próximo. Os cabelos na minha nuca começaram a eriçar-se e fiquei então ainda com mais medo ao sentir que a fúria do demônio me era dirigida. Mas por que haveria de estar zangado comigo? Eu não fizera nada de mal.

Mantive-me perfeitamente imóvel, não ousando dar outro passo, temendo que o meu mais leve movimento pudesse levá-lo a atacar. Estava uma noite fria, mas formava-me suor na testa e sentia verdadeiramente medo.

— Sou só eu, Tom! — gritei finalmente na direção das árvores.
— Não há nada a temer. Trago apenas uma carta para o meu mestre...

Ouviu-se um rosnado como resposta, desta vez muito mais suave e distante, pelo que após alguns passos hesitantes, avancei rapidamente. Quando cheguei à casa, o Mago estava emoldurado na porta de trás, de bordão na mão. Ouvira o demônio e viera investigar.

— Está bem, rapaz? — gritou.

— Estou — respondi, gritando também. — O demônio estava furioso, mas não sei porquê. Mas agora parece que se acalmou.

Com um aceno da cabeça, o Mago voltou para dentro de casa, guardando o seu bordão atrás da porta.

Quando o segui até à cozinha, ele estava de costas para a lareira, aquecendo as pernas. Retirei o envelope do bolso.

— Estava um desconhecido lá em baixo, vestido como um mago — contei-lhe, estendendo a carta. — Ele não quis me dizer o nome mas pediu-me para lhe entregar isto...

O meu mestre avançou e arrancou-me a carta da mão. Imediatamente a vela em cima da mesa começou a tremular, as chamas baixaram na grelha e um frio súbito encheu a cozinha, tudo sinais de que o demônio ainda não estava apaziguado. Alice pareceu alarmada e quase caiu do banquinho. Mas o Mago, arregalando os olhos, rasgou o envelope e começou a ler.

Quando terminou, ficou carrancudo, a testa franzida de contrariedade. Murmurando algo entre dentes, atirou a carta para o fogo, onde irrompeu em chamas, encaracolando-se e enegrecendo antes de cair para trás da grelha. Olhei para ele, estupefato. O seu rosto enchera-se de fúria e parecia tremer da cabeça aos pés.

— Vamos partir amanhã de manhã bem cedo para a minha casa de Anglezarke, antes que o tempo piore — anunciou bruscamente, cravando os olhos em Alice —, mas você só nos acompanhará até parte do caminho, mocinha. Vou te deixar perto de Adlington.

— Adlington? — perguntei. — Isso é onde o seu irmão Andrew vive agora, não é?

— É, rapaz, mas ela não ficará lá. Há um agricultor e a mulher nos arredores da aldeia que, pelas minhas contas, me devem alguns favores. Tiveram muitos filhos, mas infelizmente só um sobreviveu.

Depois, para somar à tragédia, houve uma filha que se afogou. O rapaz trabalha agora fora a maior parte do tempo — a saúde começa a faltar à mãe e convinha-lhe uma ajuda. Por isso vai ser a sua nova casa.

Alice olhou para o Mago, os seus olhos arregalando-se de espanto.

— A minha nova casa? Isso não é justo! — exclamou. — Por que não posso ficar com você? Não fiz tudo o que pediu?

Alice não saíra da linha nem uma só vez desde o Outono, altura em que o Mago a deixara vir viver conosco em Chipenden. Ganhara para o seu sustento fazendo cópias de alguns dos livros da biblioteca do Mago, e contara-me muitas coisas que a tia, a bruxa Lizzie dos Ossos, lhe ensinara para que eu as pudesse anotar e aumentar os meus conhecimentos de bruxaria.

— Sim, menina, fez o que te pedi, por isso não tenho razões de queixa nessa matéria — referiu o Mago. — Mas não é esse o problema. Treinar para ser mago é uma tarefa dura: a última coisa de que Tom precisa é ser distraído por uma garota como você. Não existe lugar para uma mulher na vida de um mago. Na verdade, é o único verdadeiro aspecto que temos em comum com os padres.

— Mas onde foi buscar essa idéia de repente? Eu ajudei Tom, não o distraí! — protestou Alice. — E não podia ter trabalhado mais arduamente. Alguém lhe escreveu a dizer o contrário? — exigiu saber, furiosa, fazendo um gesto na direção da parte de trás da grelha, para onde caíra a carta queimada.

— O quê? — perguntou o Mago, arqueando os sobrolhos, mas percebendo depois rapidamente daquilo a que ela se referia. — Não, claro que não. Mas o que está na correspondência privada não é da sua conta. De qualquer forma, já tomei a decisão — continuou, fitando-a com dureza. — Por isso a discussão acaba aqui. Vai começar de novo. É uma oportunidade tão boa como qualquer outra para que possa encontrar o seu lugar neste mundo, mocinha. E será também a sua última oportunidade!

Sem uma palavra ou sequer um olhar na minha direção, Alice virou costas e subiu ruidosamente as escadas até ao quarto.

Levantei-me para segui-la e dizer-lhe algumas palavras de consolo mas o Mago chamou-me.

— Você espera aqui, rapaz! Precisamos conversar antes de subir aquelas escadas, por isso sente-se!

Fiz o que me mandavam e sentei-me ao pé da chaminé.

— Nada que você diga vai me fazer mudar de idéia! Aceite isso desde já e será tudo muito mais fácil — advertiu-me o Mago.

— Até pode ser — redargui —, mas havia maneiras melhores de lhe contar. Não podia ter falado mais delicadamente com ela?

— Tenho mais com que me preocupar do que os sentimentos da garota — contrapôs o Mago.

Era inútil discutir com ele quando estava assim, de modo que poupei a minha saliva. Não ficara satisfeito, mas não havia nada que eu pudesse fazer a esse respeito. Sabia que o meu mestre tomara a decisão há semanas e não ia mudá-la agora. Pessoalmente, não entendia por que tínhamos afinal de ir para Anglezarke. E por que íamos assim, tão repentinamente? Teria algo a ver com o desconhecido e o que ele escrevera na carta? O demônio reagira também de uma forma estranha. Seria por saber que eu trazia aquela carta?

— O desconhecido disse que o encontraria em Anglezarke — proferi atrapalhadamente. — Ele não me pareceu muito amistoso. Quem era?

O Mago fuzilou-me com o olhar, e cheguei a pensar que não me fosse responder. Depois abanou a cabeça e murmurou algo entre dentes antes de falar.

— O nome dele é Morgan e foi em tempos meu aprendiz. Um aprendiz falhado, devo acrescentar, muito embora estudasse sob a minha orientação durante quase cerca de três anos. Como sabe, nem todos os meus aprendizes são bem-sucedidos. Ele não estava simplesmente à altura do ofício, por isso guarda ressentimentos, é só. Espero que não o veja enquanto estivermos lá em cima, mas se vir, mantenha-se bem afastado. Ele só traz problemas. Agora, vá lá para cima: como te disse, amanhã temos de partir cedo.

— Por que temos de ir passar o Inverno a Anglezarke? — inquiri. — Não podíamos ficar antes aqui? Não seria mais confortável

nesta casa? — Era algo que não fazia simplesmente o menor sentido.

— Já fez perguntas suficientes para um dia! — retorquiu o Mago, a sua voz cheia de irritação. — Mas vou te adiantar o seguinte. Nem sempre fazemos as coisas porque as queremos fazer. E se pretende conforto, então este ofício não é para você. Goste ou não, as pessoas precisam de nós lá — especialmente quando as noites caem. Somos necessários e é por isso que vamos. Agora pode subir. Nem mais uma palavra!

Não era a resposta completa que eu esperara, mas o Mago tinha boas razões para tudo o que fazia e eu era apenas o aprendiz com muito ainda que aprender. Por isso, com um aceno obediente, fui me deitar.

CAPÍTULO 2

O ADEUS A CHIPENDEN

Alice estava sentada nas escadas do lado à porta do meu quarto aguardando-me. Uma vela ao lado dela projetava sombras na porta.

— Não quero ir embora daqui, Tom — lamentou-se, pondo-se em pé. — Tenho sido feliz aqui, de verdade que tenho. A casa de Inverno dele também não seria má. O Velho Gregory não está a agir bem comigo!

— Lamento, Alice, até concordo, mas ele decidiu. Não há nada que eu possa fazer.

Dava para ver que estivera a chorar mas não sabia o que mais dizer. De repente, pegou-me na mão esquerda e apertou-a com força. — Por que tem ele de ser sempre assim? — perguntou. — Por que detesta tanto as mulheres e as jovens?

— Acho que ele foi muito magoado no passado — referi delicadamente. Soubera recentemente algumas coisas sobre o meu mestre mas até ao momento guardara-as só para mim. — Olhe, vou contar-te algo agora, Alice, mas tem de prometer não revelar nada a ninguém nem deixar que o Mago saiba que fui eu quem te disse!

— Prometo — murmurou, de olhos muito arregalados.

— Bem, lembra-se da altura em que ele quase te meteu no poço quando voltamos de Priestown?

Alice anuiu. O meu mestre tratava da saúde das bruxas malévolas mantendo-as aprisionadas vivas em poços. Estivera prestes a meter Alice num há algum tempo, muito embora ela não o merecesse realmente.

— Lembra-se do que eu gritei? — inquiri.

— Não consegui ouvir bem, Tom. Estava a debater-me e apavorada, mas o que quer que tenha dito funcionou porque ele mudou de idéia. Ficarei sempre grata por isso.

— Apenas lhe recordei que se ele não enfiara Meg no poço, também não o deveria fazer com você!

— Meg? — interrompeu Alice. — Quem é ela? Nunca a ouvi mencionar antes...

— Meg é uma bruxa. Li tudo sobre ela num dos diários do Mago. Quando era jovem apaixonou-se por ela. Acho que lhe despedaçou o coração. E mais, ela continua a viver em algum lugar lá em Anglezarke.

— Meg o quê?

— Meg Skelton.

— Não! Isso é impossível. Meg Skelton veio de partes estrangeiras. Voltou para lá há anos. Todos sabem isso. Era uma bruxa lâmia e queria voltar a estar com as da sua própria espécie.

Eu ficara sabendo muito sobre bruxas lâmia ao ler um livro na biblioteca do Mago. A maior parte provinha da Grécia, onde a minha mãe vivera em tempos e, no estado selvagem, alimentavam-se do sangue de humanos.

— Bem, Alice, tem razão quanto ao fato de ela não ter nascido no Condado, mas o Mago diz que ela ainda está aqui e que a vou conhecer neste Inverno. Por isso, pode estar a viver na casa dele.

— Não seja tolo, Tom. Isso não é provável, não é? Qual a mulher no seu perfeito juízo que viveria com ele?

— Ele não é tão mau assim, Alice — fiz-lhe ver. — Temos partilhado ambos uma casa com ele durante semanas e sido suficientemente felizes!

— Se Meg está vivendo na casa dele lá — afirmou Alice, com um sorriso malvado no rosto —, não se admire se ele a tiver enterrado num poço.

Retribuí o sorriso. — Bem, descobriremos isso quando lá chegarmos — disse-lhe.

— Não, Tom. *Você* descobrirá. Eu irei viver noutro lugar. Lembra-se? Mas até nem é muito mau porque Adlington fica perto de Anglezarke — referiu ela. — Não é uma grande caminhada, por isso podia vir visitar-me, Tom. Faria isso? Faria isso por mim? Desse modo não me sentiria tão sozinha...

Apesar de não ter a certeza de que o Mago me deixaria ir visitada, quis que se sentisse melhor. De repente, lembrei-me de Andrew.

— E então Andrew? — disse. — Ele é o único irmão que resta ao Mago e vive e trabalha atualmente em Adlington. O meu mestre irá querer visitá-lo de tempos em tempos, a viverem assim tão perto. E provavelmente me levará consigo. Daremos sempre um pulo na aldeia, tenho certeza, por isso não faltarão oportunidades para eu te ver.

Alice sorriu então e largou a minha mão. — Então faça isso, Tom. Ficarei à sua espera. Não me desiluda. E obrigado por ter me contado essa coisa do Velho Gregory. Apaixonado por uma bruxa, hein? Quem diria que ele era capaz?

Em seguida, pegou na vela e subiu as escadas. Iria realmente sentir saudades de Alice, mas arranjar um pretexto para vê-la podia ser mais difícil do que lhe dera a entender. Certamente o Mago não aprovaria. Ele não tinha muito tempo para garotas e avisara-me em diversas ocasiões que tivesse cuidado com elas. Contara já a Alice o suficiente sobre o meu mestre, talvez até demais, mas havia mais coisas no passado do Mago do que apenas Meg. Ele também se envolvera com outra mulher, Emily Burns, que estava já comprometida com outro dos seus irmãos. Este morrera entretanto mas o escândalo dividira a família, causando muitos problemas. Supostamente, Emily estaria a viver em algum lugar próximo de Anglezarke. Não existe uma só versão da mesma história e não ia me pôr a julgar o Mago enquanto não soubesse mais; mesmo assim, eram mulheres demais para qualquer homem do Condado: o Mago tivera sem dúvida uma vida agitada!

Entrei no meu quarto e coloquei a vela em cima da mesa-de-cabeceira ao lado da cama. Havia perto dos pés dela uma quantidade de nomes escrita numa parede, rabiscados ali por antigos aprendizes. Alguns tinham concluído com êxito a sua preparação com o Mago: o nome de Bill Arkwright encontrava-se precisamente no canto superior esquerdo. Muitos haviam falhado, não chegando ao fim do tempo. Alguns tinham inclusivamente morrido. O nome de Billy Bradley figurava ali no outro canto. Fora

aprendiz antes de mim mas cometera o erro de deixar que um demônio lhe arrancasse os dedos. Billy morrera do choque e da perda de sangue.

Observei a parede com atenção naquela noite. Tanto quanto sabia, quem quer que tivesse ocupado aquele quarto escrevera ali o seu nome, incluindo eu. O meu próprio nome era bastante pequeno porque não restava muito espaço, mas figurava lá mesmo assim. No entanto, pelo que me era dado ver, faltava um nome. Inspecionei cuidadosamente a parede para me certificar, mas rinha razão: não havia nenhum “Morgan” escrito na parede. Por que seria então?

O Mago dissera que ele fora seu aprendiz, nesse caso, o que o levava a não acrescentar o seu nome?

O que houvera de tão diferente em Morgan?

Na manhã seguinte, depois de um desjejum rápido, fizemos as trouxas e preparamo-nos para partir. Pouco antes de sairmos, dei uma escapada à cozinha para me despedir do demônio de estimação do Mago.

— Obrigado por todas as refeições que preparou — disse em voz alta para o ar vazio.

Não sabia bem se o Mago ficaria muito satisfeito com a minha deslocação especial à cozinha para agradecer: estava sempre a falar de manter a devida distância dos “serviçais”.

Fosse como fosse, sei que o demônio gostou do elogio porque mal acabei de proferi-lo comecei a ouvir um ronronar cavo debaixo da mesa da cozinha e tornou-se tão forte que os tachos e panelas começaram a bater. O demônio era praticamente invisível, mas de vez em quando assumia a forma de um gato grande cor de camarão.

Hesitei, enchi-me de coragem e voltei a falar. Não cheguei a saber como iria o demônio reagir ao que eu tinha a dizer.

— Desculpe se te fiz se zangar a noite passada — disse-lhe. — Só estava fazendo o meu trabalho. Foi a carta que te incomodou?

O demônio não podia falar, de modo que não iria obter uma resposta por palavras. O instinto levava-me a fazer a pergunta. Uma sensação de que era a atitude certa.

De repente, veio uma lufada de ar pela chaminé, um tênue cheiro de fuligem, depois um fragmento de papel elevou-se da

grelha e veio assentar no tapete da lareira. Avancei e apanhei-o. Estava queimado nas pontas e uma parte desfez-se nos meus dedos, mas sabia que era tudo o que restava da carta que eu entregara a pedido de Morgan.

Havia apenas algumas palavras no pedaço de papel chamuscado e olhei para elas por um tempo antes de as conseguir entender:

Dê-me o que me pertence senão farei com que se arrependa de ter sequer nascido. Pode começar por

Era tudo o que restava, mas bastava para me dizer que Morgan estava ameaçando o meu mestre. Do que se tratava? O Mago tirara algo de Morgan? Algo que lhe pertencia por direito? Não imaginava o Mago a roubar nada. Ele não era desses. Não fazia o menor sentido.

Os meus pensamentos foram perturbados pelo Mago a gritar da porta da frente. — Apresse-se, rapaz! O que está fazendo? Não se demore! Não temos o dia todo!

Amassei o papel e atirei-o de novo para a grelha, peguei no meu bordão e corri para a porta. Alice já se encontrava lá fora mas o Mago estava na soleira, olhando-me com desconfiança, dois sacos aos seus pés. Não levávamos muita coisa, mas teria de carregar ambos.

Entretanto, o Mago dera-me um saco só para mim, apesar de ainda não ter muito que meter lá dentro. Continha apenas uma corrente de prata que me fora dada pela minha mãe, uma caixa de mechas, que fora um presente de partida do meu pai, os meus livros de notas e algumas roupas. Algumas das minhas meias estavam tão engomadas que quase pareciam novas, mas o Mago comprara-me um casaco de pele de carneiro para o Inverno, que era muito quente, e usava-o por debaixo da minha capa. Tinha também o meu próprio bordão — um novo que o meu mestre talhara pessoalmente em madeira de sorveira, que era muito eficaz contra a maior parte das bruxas.

O Mago, apesar de reprovar Alice, fora generoso com o vestuário dela. Dera-lhe também um casaco de Inverno novo, de lã preta que lhe chegava quase aos tornozelos; tinha um capuz acoplado para lhe manter as orelhas quentes.

O frio não parecia incomodar muito o Mago e usava a capa e o capuz tal como fazia na Primavera e no Verão. A sua saúde estivera debilitada nos últimos meses, mas agora parecia ter se recuperado e encontrava-se mais forte do que nunca.

O Mago trancou a porta da frente depois de sairmos, semicerrou os olhos para o sol de Inverno e partiu a um ritmo furioso. Peguei em ambos os sacos e segui o melhor que podia, com Alice logo atrás de mim.

— Oh, a propósito, rapaz — gritou o Mago por cima do ombro —, vamos passar pela fazenda do seu pai a caminho do sul. Ele ainda me deve dez guinéus como último pagamento pela sua preparação!

Fiquei triste por deixar Chipenden. Acostumara-me à casa e aos jardins e lamentava que eu e Alice fôssemos ficar separados a partir de agora. Mas pelo menos tinha oportunidade de ver a minha mãe e o meu pai. Por isso o meu coração pulou de felicidade e havia uma nova energia no meu passo. Ia a caminho de casa!

CAPÍTULO 3

A IDA A CASA

Ao viajarmos para sul, olhava constantemente para as extensões rochosas. Subira-as tantas vezes quase até alcançar as nuvens que algumas delas eram mesmo velhas amigas, em particular Parlick Pike, que ficava mais próxima da casa de Verão do Mago. Mas, ao final do segundo dia de caminhada, aquelas enormes colinas familiares não passavam de uma linha baixa e purpúrea no horizonte e muito jeito me deu o meu casaco novo. Tínhamos já dormido uma noite desconfortável enregelados num celeiro sem telhado e, apesar de o vento ter abrandado e o sol brilhar timidamente, parecia agora estar a ficar mais frio a cada hora que passava.

Aproximamo-nos finalmente de casa, e a ansiedade de voltar a ver a minha família aumentava a cada passo. Estava desesperado por ver o meu pai. Na minha última visita ele estivera a recobrar de uma doença grave, com poucas chances de alguma vez recuperar plenamente a saúde. De qualquer forma, ele já tencionava deixar de trabalhar e entregar a fazenda ao meu irmão mais velho, Jack, no princípio do Inverno. Mas a doença dele viera precipitar os acontecimentos. O Mago chamara-lhe de a fazenda do meu pai, mas na realidade assim já não sucedia.

Subitamente, lá em baixo, avistei o celeiro e a familiar casa da fazenda com uma pluma de fumaça a elevar-se da chaminé. A manta de retalhos dos campos circundantes e as árvores despidas pareciam desolados e invernosos e ansiei aquecer as mãos na lareira da cozinha.

O meu mestre parou ao fundo do caminho.

— Bem, rapaz, não me parece que o seu irmão e a mulher dele vão ficar muito entusiasmados por nos verem. Os assuntos dos magos incomodam muita gente, por isso não devemos contrariá-los. Vá lá buscar o meu dinheiro; a garota e eu ficaremos aqui à espera.

Sem dúvida estará ansioso por voltar a ver a sua família, mas não se demore mais de uma hora. Enquanto estiver sentado junto a um fogo quente, nós estaremos aqui a bater o dente!

Ele tinha razão: o meu irmão Jack e a mulher não gostavam dos assuntos dos magos e tinham-me avisado no passado para não os levar até à porta deles. Por isso, deixei Alice e o Mago e subi correndo o caminho em direção à fazenda. Quando abri o portão, os cães começaram a ladrar e Jack apareceu vindo da lateral do celeiro. Não nos tínhamos dado muito bem desde que eu me tornara aprendiz do Mago, mas daquela vez pareceu satisfeito por me ver e o seu rosto iluminou-se num sorriso rasgado.

— Fico feliz em te ver, Tom — disse, passando o braço pelos meus ombros.

— E eu também, Jack. Mas como está o Pai? — inquiri.

O sorriso desapareceu do rosto do meu irmão tão rapidamente quanto surgira.

— A verdade, Tom, é que não acho que ele esteja muito melhor do que da última vez que esteve aqui. Há uns dias em que notamos umas melhoras, mas logo de manhã ele tosse e cospe tanto que mal consegue respirar. Dói só de ouvir. Queremos ajudá-lo mas não há nada que possamos fazer.

Abanei a cabeça, pesarosamente.

— Pobre Pai. Vou passar o Inverno ao sul — informei-o —, e vim só buscar o resto do dinheiro que o Pai deve ao Mago. Gostaria de poder ficar, mas não dá. O meu mestre está à espera no fundo do caminho. Partiremos novamente dentro de uma hora.

Não mencionei Alice. Jack sabia que ela era sobrinha de uma bruxa e tinha pouca tolerância com ela. Já antes houvera muitas razões e não queria que a cena se repetisse.

O meu irmão virou-se e olhou para o caminho antes de me mirar de alto a baixo.

— Está sem dúvida vestido a caráter— comentou com um sorriso forçado.

Ele rinha razão. Eu deixara os sacos com Alice, mas com a capa preta vestida e segurando o meu bordão parecia mesmo uma versão menor do meu mestre.

— Gosta do casaco? — perguntei, afastando a capa para ele o poder ver melhor.

— Parece quente.

— Mr. Gregory comprou-o para mim. Diz que vou precisar dele. Ele tem uma casa em Anglezarke Moor, não muito longe de Adlington. É onde vamos passar o Inverno e faz por lá um frio de rachar.

— Sim, irá fazer frio por lá — pode ter certeza disso! Antes você do que eu. De qualquer forma, é melhor voltar para as minhas tarefas — disse Jack. — Não deixe a Mãe à espera. Hoje tem estado muito alegre e animada. Devia saber que vinha.

Dito aquilo, Jack afastou-se atravessando o pátio, parando para acenar da esquina do celeiro. Acenei também e depois encaminhei-me para a porta da cozinha. Muito provavelmente a Mãe soubera que eu vinha a caminho. Ela tem aquela maneira de sentir as coisas. Como parteira e curandeira, sabe muitas vezes quando alguém vem pedir-lhe ajuda.

Quando empurrei a porra de trás, encontrei a Mãe sentada na sua cadeira de balanço junto ao fogo. As cortinas estavam corridas porque ela é muito sensível à luz do sol. Sorriu-me quando entrei na cozinha.

— Que bom te ver, filho — disse-me. — Venha aqui dar-me um abraço e depois pode contar-me todas as suas novidades!

Aproximei-me e ela me abraçou com força. Puxei depois uma cadeira para o pé dela. Acontecera muita coisa desde a última vez que vira a Mãe no Outono, mas enviara-lhe uma longa carta a falar-lhe dos perigos que enfrentara com o meu mestre durante as fases derradeiras de um trabalho em Priestown.

— Recebeu a minha carta, Mãe?

— Recebi, sim, Tom, e lamento muito não ter respondido, mas isto tem estado complicado por aqui e sabia que passaria por aqui a caminho do sul. Como se tem portado Alice?

— Ela acabou por seguir o caminho certo, Mãe, e está satisfeita vivendo conosco em Chipenden, mas o problema é que o Mago ainda não confia nela. Vamos para a sua casa de Inverno mas Alice vai ficar numa fazenda com pessoas que nunca viu.

— Pode parecer duro — respondeu a Mãe —, mas tenho certeza de que Mr. Gregory sabe o que está fazendo. Será tudo para o bem dela. Quanto a Anglezarke, tenha cuidado por lá, filho. É uma charneca sinistra e erma. Calculo que Alice tenha tido sorte.

— Jack contou-me do pai. É tão mau quanto esperava, Mãe? — perguntei. Da última vez que a vira, escondera de Jack os piores receios mas dera-me a entender que a vida do Pai se aproximava do fim.

— Contava que ele ganhasse um pouco mais de forças. Precisa ser vigiado com cuidado para aguentar o Inverno, e estou desconfiada que terá o mesmo rigor de outros que vi desde a minha vinda para o Condado. Ele agora está lá em cima a dormir. Levar-te-ei a vê-lo daqui a alguns minutos.

— No entanto, Jack parece mais animado — referi, tentando desanuviar. — Talvez tenha aceito a idéia de ter um mago na família.

A Mãe esboçou um largo sorriso.

— E deveria estar, mas, cá para mim, tem mais a ver com o fato de Ellie estar novamente grávida e desta vez é um rapaz — tenho certeza. Jack sempre quis um filho. Alguém que herdasse um dia a fazenda.

Fiquei feliz por Jack. A Mãe nunca se enganava naquelas coisas. Depois percebi que a casa parecia sossegada. Quase demasiado sossegada.

— Onde *está* Ellie? — inquiri.

— Que pena, Tom, escolheu o dia errado para vir de visita. Quase todas as quartas-feiras, ela vai visitar a mãe e o pai, levando consigo a pequena Mary. Devia ver aquela criança agora! Está enorme para oito meses e gatinha tão depressa que são precisos sete olhos para tomar conta dela! Seja como for, sei que o seu mestre está à sua espera e faz frio ali, por isso vamos lá acima ver o seu pai.

O Pai dormia profundamente, com quatro almofadas nas costas, pelo que estava quase sentado.

— Ele respira mais facilmente naquela posição — explicou a Mãe. — Ainda tem os pulmões um pouco congestionados.

O Pai respirava ruidosamente; o seu rosto estava macilento e havia uma linha de suor na testa. A verdade é que ele parecia bastante doente — uma mera sombra do homem forte e saudável que em tempos tomara conta da fazenda sozinho ao mesmo tempo que era um bom pai carinhoso para os sete filhos.

— Olhe, Tom, sei que gostaria de lhe dar uma palavrinha ou duas mas ele não dormiu nada a noite passada. É preferível não o acordarmos agora. O que me diz?

— Com certeza, Mãe — concordei, mas fiquei triste por não poder falar com o meu pai. Estava tão doente, sabia que podia nunca mais voltar a vê-lo.

— Bem, dê-lhe apenas um beijo, filho, e vamos deixá-lo dormir...

Olhei para a minha mãe, espantado. Não me lembrava da última vez que dera um beijo no Pai. Uma palmada no ombro ou um aperto de mão rápido seria mais o caso.

— Vamos, Tom, dê-lhe apenas um beijo na testa — insistiu a Mãe. — E deseje-lhe as melhores. Ele pode estar dormindo mas uma parte de si ouvirá o que disser e o fará sentir-se aliviado.

Fitei a Mãe e os seus olhos cruzaram-se com os meus. Havia firmeza no seu olhar e senti a força da sua vontade. Então, fiz exatamente o que ela pedia. Debrucei-me sobre a cama e beijei o pai de leve na testa quente e úmida. Notei um cheiro estranho que não soube bem identificar. Um cheiro de flores. Um tipo de flor a que não consegui atribuir um nome.

— Rápidas melhores, Pai — murmurei muito baixinho. — Virei aqui na Primavera e nos varemos então.

A minha boca ficou subitamente seca, e quando lambi os lábios, senti o gosto de sal da testa dele. A Mãe sorriu com pesar e apontou para a porta do quarto.

Quando a seguia até lá fora, o Pai começou a tossir e a pigarrear atrás de mim. Virei-me, preocupado e, naquele momento, ele abriu os olhos e viu-me.

— Tom! Tom! É você? — chamou, antes de dar início a outro ataque de tosse.

A Mãe voltou para trás e debruçou-se ansiosamente sobre o Pai, acariciando-lhe delicadamente a testa até a tosse passar por fim.

— Tom *está aqui* — disse-lhe —, mas não se canse com conversa demais.

— Está se esforçando, rapaz? O seu mestre está satisfeito com você? — perguntou o Pai, mas a sua voz era fraca e áspera, como se tivesse algo preso na garganta.

— Sim, Pai, está a correr bem. Na verdade, essa é uma das razões por que estou aqui — disse-lhe, aproximando-me da cama. — O meu mestre vai sem dúvida continuar a ensinar-me e quer os últimos dez guinéus que lhe deve para pagar o meu aprendizado.

— Que boas notícias, filho. Estou muito satisfeito por você. Gostou então de trabalhar em Chipenden?

— Gostei, Pai — afirmei com um sorriso —, mas agora vamos passar o Inverno na casa dele em Anglezarke Moor.

De repente, o Pai ficou alarmado.

— Oh, quem me dera não ter de ir para lá, filho — disse, olhando para a Mãe. — Contam histórias estranhas sobre aquele lugar, e nenhuma delas boa. Todo o cuidado é pouco quando lá estiver. Certifique-se de que se mantenha perto do seu mestre e escute com atenção tudo o que ele diz.

— Ficarei bem, Pai. Não se preocupe. Aprendo mais a cada dia que passa.

— Tenho certeza que sim, filho. Devo confessar que tive as minhas dúvidas quanto a fazer o seu aprendizado para mago, mas a sua mãe tinha razão. É uma tarefa árdua mas alguém tem de a fazer. Ela contou-me as suas proezas até ao momento, e orgulho-me realmente muito de ter um filho tão corajoso. Não tenho preferidos, atenção. Tive sete filhos, todos bons moços. Adoro todos os meus rapazes e orgulho-me muito de cada um, mas tenho um pressentimento de que é capaz de vir a ser o melhor da prole.

Limitei-me a sorrir, sem saber o que dizer. O Pai sorriu também, depois fechou os olhos e, passados momentos, o ritmo da sua respiração mudou e ele mergulhou de novo no sono. A Mãe indicou a porta e saímos do quarto.

Quando voltamos para a cozinha, perguntei à Mãe sobre o estranho cheiro.

— Fez a pergunta, por isso não vou tentar escondê-lo de você, Tom — referiu. — Para além de ser o sétimo filho de um sétimo filho, herdou algumas coisas de mim. Somos ambos sensíveis ao que chamamos “avisos de morte”. Portanto, o que cheirou é a aproximação da morte...

Senti um nó na garganta e as lágrimas começaram a picar por detrás dos meus olhos. Imediatamente a Mãe avançou e abraçou-me.

— Oh, Tom, procura não se enervar. Não significa que o seu pai vá necessariamente morrer daqui a uma semana, um mês ou mesmo um ano. Mas quanto mais forte o cheiro, mais próxima a morte está. Se alguém se recupera plenamente, o cheiro desaparece. E pode suceder o mesmo com o seu pai. Há dias em que o cheiro quase nem sequer se nota. Estou fazendo o meu melhor por ele e ainda há esperança. De qualquer forma, pronto, já te contei e sempre aprende algo mais.

— Obrigado, Mãe — respondi com tristeza, preparando-me para partir.

— Não vá embora nesse estado — disse a Mãe, a sua voz suave e bondosa. — Sente-se aí ao pé do fogo que vou preparar uns sanduíches para a viagem.

Obedeci-lhe enquanto ela preparava rapidamente um embrulho com sanduíches de presunto e frango para nós os três.

— Não estamos nos esquecendo de nada? — indagou ela quando me entregou o embrulho.

— O dinheiro de Mr. Gregory! — respondi. Esquecera-me por completo.

— Espere aí, Tom — disse ela. — Vou num instante buscá-lo no meu quarto.

Por “meu quarto” não estava a referir-se ao quarto de dormir que partilhava com o Pai. Falava do quarto trancado próximo do topo da casa onde guardava os seus pertences. Só entrara lá uma vez desde que começara a andar, e fora depois quando ela me dera a

corrente de prata. Mais ninguém entrava naquele quarto. Nem sequer o Pai.

Havia lá muitas caixas e arcas mas não imaginava o que pudessem conter. Pelo que a Mãe acabara de dizer, também lá havia dinheiro. Fora, antes de mais, o dinheiro da Mãe que comprara a nossa fazenda. Trouxera-o consigo do seu país, a Grécia.

Antes de partir, a Mãe entregou-me o embrulho de sanduíches e contou dez guinéus na minha mão. Quando me olhou nos olhos, detectei neles a preocupação.

— Vai ser um Inverno longo, duro e cruel, filho. Todos os sinais estão lá. As andorinhas voaram para sul quase um mês antes do habitual e a primeira geada chegou quando as minhas últimas rosas ainda estavam em flor — algo nunca visto antes. Vai ser difícil e não creio que nenhum de nós lhe vá sobreviver sem mudanças. E não poderia haver pior lugar onde passá-lo do que em Anglezarke. O seu pai estava preocupado com você, filho, e eu também estou. E as suas palavras estavam certas. Por isso vou deixar de rodeios. Não há dúvida que o escuro está a ganhar força e existe uma influência particularmente sinistra lá naquela charneca. Alguns dos Deuses Antigos eram venerados ali, há muito tempo, e no Inverno alguns deles começam a agitar-se no sono. O pior deles era Golgoth, a quem alguns chamam o Senhor do Inverno. Por isso fique perto do seu mestre. Ele é o único verdadeiro amigo que tem. Precisam ajudar-se um ao outro.

— E então Alice?

A Mãe abanou a cabeça.

— Pode ser que ela fique bem e pode ser que não. Sabe, lá naquela charneca fria vai estar mais próximo do escuro do que na maior parte dos outros lugares do Condado, por conseguinte, essa proximidade irá submetê-la a uma nova prova. Espero que ela a vença, mas não consigo ver o resultado. Faça apenas o que te disse. Trabalhe em conjunto com o seu mestre. Isso é que conta.

Abraçamo-nos mais uma vez, depois disse adeus e voltei a descer o caminho.

CAPÍTULO 4

A CASA DE INVERNO

Quanto mais nos aproximávamos de Anglezarke, pior o tempo ficava.

Começara a chover e o vento frio de sudeste aumentou até bater com força nos nossos rostos, as nuvens cinzentas baixas e opressivas como um peso de chumbo a pairar por cima das nossas cabeças. Mais tarde, o vento soprou ainda com maior intensidade e a chuva deu lugar a neve e granizo. O solo tornou-se lama debaixo dos nossos pés e progredíamos muito lentamente. Para piorar a situação, só encontrávamos áreas de terra coberta de musgo e pântano traiçoeiro enlameado, e foi necessária toda a sabedoria do Mago para sairmos dali em segurança.

Mas na manhã do terceiro dia, a chuva abrandou e as nuvens dissiparam pelo que pudemos ver uma linha lúgubre de colinas mesmo lá à frente.

— Ali está! — anunciou o Mago, apontando para a linha do horizonte com o seu bordão. — Anglezarke Moor. E além, cerca de seis quilômetros e meio para sul — repetiu o gesto —, fica Blackrod.

Estávamos distantes demais para ver a aldeia. Julguei conseguir distinguir alguns fios de fumaça mas podiam ser nuvens.

— Como é Blackrod? — perguntei. O meu mestre mencionava-a de tempos a tempos, por isso imaginei que fosse o lugar onde iria buscar as nossas provisões semanais.

— Não é um lugar tão simpático quanto Chipenden, por isso é melhor evitá-lo — sugeriu o Mago. — Vivem lá pessoas estranhas e muitas delas são família. Eu nasci lá por isso sei o que digo. Não, Adlington é um lugar bem mais agradável e agora já não falta muito para chegarmos. Cerca de um quilômetro e meio para norte fica o lugar onde iremos te deixar, mocinha — dirigiu-se a Alice. — Chama-se Moor View Farm. Irá ficar com Mr. e Mrs. Hurst, que são os donos.

Cerca de uma hora depois chegamos a uma casa de fazenda isolada perto de um lago grande. Quando o Mago avançou, os cães começaram a ladrar; não tardou a encontrar-se no pátio, a falar com um velho agricultor que não parecia lá muito satisfeito de vê-lo. Passados cerca de cinco minutos a mulher reuniu-se a eles. Não foi trocado um único sorriso entre os três.

— Não vou ser bem-vinda aqui, tenho certeza! — referiu Alice, descaindo os cantos da boca.

— Pode ser que não seja muito mau — disse-lhe, tentando animada. — Não se esqueça, eles perderam uma filha. Há pessoas que nunca recuperam de uma tragédia dessas.

Enquanto esperávamos, observei a fazenda com mais atenção. Não parecia muito próspera e a maior parte dos edifícios encontrava-se em ruínas. O celeiro estava inclinado e parecia que a próxima tempestade o derrubaria. Tudo o que se avistava tinha um ar lúgubre. Não pude deixar de ficar também curioso a respeito do lago ali próximo. Era uma extensão desconsolada de água cinzenta delimitada por pântano ao fundo, apenas com alguns salgueiros atrofiados na margem mais próxima. Fora ali que se afogara a filha deles? Sempre que fossem às janelas da frente, os Hursts recordar-se-iam do que acontecera.

Passados alguns minutos o Mago virou-se e fez-nos sinal para nos aproximarmos e lá nos arrastamos pela lama em direção ao pátio.

— Este é o meu aprendiz, Tom — disse o Mago, apresentando-me ao velho lavrador e à mulher.

Sorri e saudei-os. Ambos me baixaram a cabeça mas não retribuíram o meu sorriso.

— E esta é a jovem Alice — continuou o Mago. — É muito trabalhadora e será muito útil para ajudar na casa. Sejam firmes mas gentis com ela e não lhe dará problemas.

Olharam Alice de alto a baixo mas não abriram a boca; após um breve aceno na direção deles e um breve sorriso, pregou os olhos nos seus sapatos bicudos. Percebi que estava infeliz; a sua estada na casa dos Hursts não começava lá muito esperançosa. Na realidade, não a culpava. Tinham ambos um ar infeliz e derrotado,

como tivessem sido vencidos pela vida. Os sulcos fundos no rosto e na testa de Mr. Hurst sugeriam que tinha mais prática de franzir os sobrolhos do que de dar gargalhadas.

— Têm visto Morgan ultimamente? — inquiriu o Mago.

Ante o uso súbito do nome “Morgan” levantei bruscamente a cabeça e vi a pálpebra esquerda de Mr. Hurst tremelicar e entrar em espasmos. Parecia nervoso. Talvez até assustado. Teria sido o mesmo Morgan que me entregara a carta para o Mago?

— Não muito — respondeu Mrs. Hurst taciturnamente, sem encarar o Mago. — Ele fica aqui uma noite ou outra, mas vai e vem como lhe apraz. No momento tem-se mantido principalmente afastado.

— Quando foi a última vez que ele esteve aqui?

— Há duas semanas. Talvez mais...

— Bem, quando ele aparecer aqui de novo, diga-lhe que gostaria de lhe dar uma palavrinha ou duas. Diga-lhe que apareça lá em casa.

— Sim, lhe direi.

— Mas diga mesmo. Bem, nós vamos andando.

O Mago deu meia volta e peguei no meu bordão e nos dois sacos e segui-o. Alice veio correndo atrás de mim e agarrou-me o braço, obrigando-me a parar.

— Não se esqueça do que prometeu — murmurou ao meu ouvido esquerdo. — Venha visitar-me e que não passe mais de uma semana. Estou a contar com você, olhe que estou mesmo!

— Virei te ver, não se preocupe — respondi-lhe, esboçando um sorriso.

E depois, foi ter com os Hursts e vi os três entrarem na casa da fazenda. Senti realmente pena de Alice, mas não podia fazer nada.

Quando deixamos para trás Moor View Farm, falei ao Mago do que me começara a preocupar.

— Eles não pareceram muito satisfeitos por receberem Alice — comentei, esperando que o Mago me contradissesse. Para meu choque e surpresa, ele deu-me razão.

— Sim, lá isso é verdade, não ficaram mesmo nada satisfeitos. Mas não tiveram outra alternativa. Sabe, os Hursts devem-me uma

quantia razoável. Por duas vezes os livreiros de demônios perturbadores. E ainda não recebi uma moeda sequer pelo meu trabalho árduo. Concordei em saldar a dívida deles se recebessem Alice.

Nem queria acreditar no que ouvia. — Mas isso não é justo para Alice! — protestei. — Eles podem tratá-la mal.

— Aquela jovem sabe tomar conta de si, como você muito bem sabe — redargui com um sorriso forçado. — Além disso, calculo que não vá conseguir ficar longe e virá visitá-la de tempos em tempos para ver se está bem.

Quando abri a boca para protestar, o sorriso do Mago alargou-se ainda mais pelo que parecia um lobo esfomeado, abrindo as mandíbulas para arrancar a cabeça à sua presa.

— Então, estou certo? — perguntou-me.

Anuí.

— Bem que achei, rapaz. Já te conheço suficientemente bem agora. Por isso não se preocupe demais com a garota. Preocupe-se mas é consigo. Provavelmente vai ser um Inverno difícil. Que nos irá testar até aos limites das nossas forças. Anglezarke não é lugar para os fracos e os medrosos!

Algo mais estava a me intrigar, de modo que decidi deitá-lo para fora do peito. — Ouvi-o perguntar aos Hursts por alguém chamado Morgan — referi. — É o mesmo Morgan que lhe enviou a carta?

— Bem, espero sinceramente que não existam dois, rapaz! Um já dá trabalho suficiente.

— Portanto, às vezes ele fica na casa dos Hursts?

— Fica sim, rapaz, que é o que se espera dado ser filho deles.

— E mandou Alice para casa dos pais de Morgan! — articulei, estupefato.

— Sim. E sei o que estou fazendo, por isso chega de perguntas por ora. Vamos prosseguir. Precisamos chegar lá muito antes de anoitecer.

Desde o primeiro momento em que as vira de perto, gostara do aspecto das extensões rochosas à volta de Chipenden, mas de certa forma Anglezarke Moor era diferente. Não conseguia perceber bem o

que era, mas quanto mais nos aproximávamos mais o meu ânimo se afundava.

Talvez fosse o fato de a estar vendo na última parte do ano, em que era mais triste e o Inverno se aproximava. Ou talvez fosse a própria charneca escura a erguer-se diante de mim como um gigantesco animal adormecido, as nuvens a cobri-la das suas alturas sombrias. Mais provavelmente, seria por todos terem me avisado a seu respeito dizendo-me quão rigoroso iria ser o Inverno. Fosse como fosse, senti-me ainda pior quando vi a casa do Mago, o lugar sinistro onde iríamos ficar nos próximos meses.

Aproximamo-nos dela seguindo um regato em direção à nascente, subindo o que o Mago chamou uma "ravina", que era uma fenda na charneca, um vale fundo e estreito com vertentes íngremes a erguer-se de cada lado. A princípio, as vertentes eram apenas seixos, mas não tardou que essas pedras soltas dessem lugar a tufo de erva e rocha descoberta, e as escarpas escuras da ravina parecessem aproximar-se de ambos os lados.

Após cerca de vinte minutos a ravina curvava para a esquerda, e de repente a casa do Mago surgiu lá em frente, construída mesmo encostada à superfície da escarpa à nossa direita. O meu pai costumava dizer que a nossa primeira impressão de algo está quase sempre correta, por isso o coração caiu-me logo aos pés. Era o final da tarde e a luz enfraquecia já, o que também não ajudava. A casa era maior e mais imponente do que a de Chipenden, mas fora construída com pedra muito mais escura, o que lhe conferia manifestamente um aspecto sinistro. Para além de que as janelas eram pequenas, o que, combinado com o fato de a casa ter sido construída numa ravina, tornaria certamente os quartos lá dentro muito escuros. Era uma das casas menos convidativas que eu alguma vez vira.

O pior de tudo, porém, era não ter jardim. Como referi, a casa fora construída logo junto à escarpa rochosa verticalmente por detrás; na frente, cinco ou seis passos levavam-nos à beira do regato, que não era muito largo mas parecia fundo e muito frio. Mais trinta passos, pisando os seixos, e tocava-se com o dedo grande do

pé na superfície de rocha do outro lado. Isto se se conseguisse atravessar as pedras escorregadias sem cair lá dentro.

Não se elevava fumaça da chaminé, o que sugeria que não haveria uma lareira a dar as boas-vindas. Lá em Chipenden, o demônio de estimação do Mago sabia sempre quando regressávamos, e não só a casa estava já aquecida, como haveria uma refeição fumegante à espera em cima da mesa da cozinha.

Lá no alto, as paredes da ravina pareciam quase encontrar-se por cima da casa e havia apenas uma faixa estreita de céu. Estremeci porque fazia ainda mais frio ali em baixo na ravina do que nas vertentes mais baixas da charneca e percebi que, mesmo no Verão, não se veria o sol mais de uma hora ou assim cada dia. Isso levou-me a dar valor ao que tivera em Chipenden, com matas e campos, as altas extensões rochosas e o amplo céu no alto. Lá teríamos olhado o mundo de cima; aqui, estávamos aprisionados num poço comprido, fundo e estreito.

Olhei nervosamente para as extremidades escuras da ravina onde se encontravam com o céu. Alguém ou algo poderia encontrar-se lá a espreitar-nos sem que o soubéssemos.

— Bem, rapaz, eis-nos aqui. Esta é a minha casa de Inverno. Temos muito o que fazer: cansados ou não, vamos ter de por mãos à obra!

Em vez de se aproximar da porta da frente, o Mago deu a volta até uma pequena área lajeada na parte de trás da casa. Três passos desde a porta e estávamos na superfície de rocha, que escorria água e tinha estalactites de gelo suspensas, como os dentes de um dragão numa história mirabolante que um dos meus tios costumava me contar.

Claro que, em semelhante local quente, os “dentes” teriam se transformado em vapor num instante; naquele lugar frio por detrás da casa aguentariam a maior parte do ano, e assim que nevasse, nunca mais nos livraríamos deles senão no final da Primavera.

— Aqui usamos sempre a porra de trás, rapaz — disse o Mago, tirando do bolso a chave que o seu irmão Andrew, o serralheiro, fizera a seu pedido. Abriria qualquer porta desde que a fechadura

não fosse complicada demais. Eu também tinha uma chave idêntica e já me fora útil em mais de uma ocasião.

A fechadura estava emperrada e a porta parecia relutante em abrir. Uma vez lá dentro, fiquei deprimido com a escuridão, mas o Mago encostou o bordão à parede, retirou uma vela do saco e acendeu-a.

— Ponha os sacos ali — disse-me, apontando para uma prateleira baixa junto à porta de trás.

Obedeci e depois coloquei o meu bordão no canto ao lado do bordão do Mago antes de segui-lo mais para o interior da casa.

A minha mãe teria ficado chocada com o estado da cozinha. Tinha agora a certeza de que não havia qualquer demônio para fazer o trabalho. Era evidente que ninguém cuidava do lugar desde que o Mago viera embora no final do Inverno passado. Havia pó em cada superfície e teias de aranha suspensas do teto. A pia de lavar a louça estava cheia até à borda de panelas sujas e havia meio pão em cima da mesa, verde do bolor. Notava-se também um leve cheiro doce e desagradável, como se algo estivesse a apodrecer lentamente num canto escuro. Ao lado da lareira havia uma cadeira de balanço semelhante à da Mãe lá na fazenda. Por cima das costas via-se uma manta que parecia precisar de uma boa lavagem. Perguntei-me a quem pertencia.

— Bem, rapaz — disse o Mago —, é melhor por mãos à obra. Começaremos por aquecer a velha casa. Feito isso, poderemos dar início às limpezas.

Ao lado da casa havia um enorme barracão de madeira cheio de carvão. Nem quis pensar como toda aquela quantidade de carvão fora trazida pela ravina. Em Chipenden, ele me mandava ir buscar as provisões para a semana e só esperava que uma das minhas tarefas ali não fosse carregar sacas de carvão.

Havia dois baldes grandes de carvão e os enchemo e os levamos para a cozinha.

— Sabe acender uma boa fogueira com carvão? — inquiriu o Mago. Anuí. No Inverno, lá na nossa fazenda, a minha primeira tarefa todas as manhãs fora acender a lareira da cozinha.

— Pois muito bem — disse o Mago. — Você trata desta e eu encarrego-me do da sala de visitas. Existem treze lareiras nesta velha casa, mas acendendo seis já deve dar para aquecer o ambiente.

Ao fim de uma hora, tínhamos conseguido acender as seis lareiras: uma na cozinha, uma na sala de visitas, uma no que o Mago chamava o seu “gabinete de trabalho”, que ficava no térreo, e outra em cada um dos três quartos no primeiro andar. Havia mais sete divisões, incluindo o sótão, mas não nos preocupamos com essas.

— Bem, rapaz, já é um bom começo — disse o Mago. — Agora vamos buscar água.

Levando cada um o seu cântaro grande de barro, saímos de novo pela porta de trás e demos a volta até à frente, onde o Mago seguiu na frente até ao regato. A água era tão funda quanto parecera por isso foi bastante fácil encher os nossos cântaros; e era suficientemente limpa, fria e transparente para se verem as rochas no fundo. Era um regato tranquilo e pouco mais do que rumorejava ao descer a ravina.

Mas precisamente quando terminara de encher o meu cântaro, senti um movimento em algum lugar lá em cima. Não consegui propriamente ver nada; foi realmente mais uma sensação de ser observado, e quando olhei para o lugar onde a rocha formava uma aresta escura no céu cinzento, não estava lá nada.

— Não olhe para cima, rapaz — censurou o Mago, uma pontinha de irritação na sua voz. — Não lhe dê essa satisfação. Finja que não reparou.

— Quem é ele? — indaguei, sentindo-me muito nervoso enquanto seguia o Mago de regresso à casa.

— É difícil dizer. Não olhei, por isso não posso ter certeza — redarguiu o Mago, estacando subitamente e pousando o cântaro. Depois mudou rapidamente de assunto. — O que acha da casa? — perguntou.

O meu pai ensinara-me a dizer a verdade sempre que possível e sabia que o Mago não era homem que se melindrasse facilmente.

— Gostaria mais de viver no topo de uma colina do que como uma formiga numa fenda funda entre pedregulhos — respondi-lhe. — Até agora, prefiro a sua casa de Chipenden.

— Eu também, rapaz — disse o Mago. — Eu também. Só aqui vim porque tinha de ser feito. Aqui estamos mesmo à beira, à beira do escuro, e é um lugar mau onde passar o Inverno. Há coisas lá em cima na charneca em que nem vale a pena pensar demais, mas se não formos nós a enfrentá-las, quem será?

— Que tipo de coisas? — inquiri, recordando o que a Mãe me dissera mas interessado em ver o que revelaria o Mago.

— Oh, há demônios, bruxas, fantasmas e imagens fantasmagóricas com fartura e outras coisas bem piores...

— Como Golgoth? — sugeri.

— Sim, Golgoth. Sem dúvida a sua mãe te contou tudo a seu respeito. Acertei?

— Ela mencionou-o quando lhe disse que vínhamos para Anglezarke mas não adiantou muito mais. Disse apenas que por vezes se agita no Inverno.

— Lá isso agita, rapaz, e irei aumentar os seus conhecimentos a respeito dele numa ocasião mais oportuna. Agora olhe para aquilo — disse, apontando para onde a fumaça castanho espesso se elevava no ar das duas filas de potes cilíndricos. Apontou com o indicador na direção da fumaça. — Viemos aqui para dar sinal da nossa presença, rapaz.

Procurei um sinal. Só conseguia ver a fumaça.

— Quero dizer que ao estarmos aqui afirmamos que esta terra nos pertence e não ao escuro — explicou o Mago. — Fazer frente ao escuro, especialmente em Anglezarke, é algo bastante difícil, mas é o nosso dever e muito meritório. De qualquer forma — referiu, pegando no cântaro —, vamos entrar e começar as limpezas.

Durante as duas horas seguintes estive definitivamente atarefado a esfregar, varrer, limpar o pó e ir lá fora bater as nuvens de poeira dos tapetes. Por fim, depois de lavar e enxugar a louça suja, o Mago mandou-me fazer as camas nos três quartos do primeiro andar.

— *Três* camas? — estranhei, perguntando-me se teria ouvido bem.

— Sim, são três, e quando terminar é melhor ir lavar as orelhas! Vamos! Não fique aí embasbacado. Não temos o dia todo.

Então, encolhendo os ombros, fiz o que me mandavam. A roupa estava úmida mas puxei os lençóis para baixo para que as lareiras os secassem. Feito isso, esgotado dos esforços, vim para baixo. Quando passei pelas escadas da cave^{2}, ouvi algo que fez com que os cabelos na nuca começassem a eriçar-se.

Ouvi, lá de baixo, o que pareceu um longo suspiro entrecortado, seguido quase imediatamente de um grito fraco. Aguardei no topo das escadas à beira da escuridão, escutando com atenção, mas não se repetiu. Teria imaginado?

Fui à cozinha e encontrei o Mago a lavar as mãos na pia.

— Ouvi algo gritar lá da cave — informei-o. — É um fantasma?

— Não, rapaz, agora não há fantasmas nesta casa — tratei deles todos há anos. Não, deve ser Meg. Terá sem dúvida acordado.

Julguei ter ouvido mal. Haviam-me dito que iria conhecer Meg e sabia que ela era uma bruxa lâmia que vivia em algum lugar em Anglezarke. Em parte, estivera também à espera de encontrá-la instalada na casa do Mago. Mas ao vê-la abandonada e fria afastara da mente essa perspectiva. Por que haveria ela de estar dormindo lá em baixo numa cave incrivelmente fria? Fiquei curioso, mas sabia que não devia fazer perguntas na ocasião errada.

Às vezes, o Mago estava com disposição para responder e mandava-me sentar e dizia-me que pegasse no meu livro de notas e enchesse a caneta de tinta e me preparasse para escrever. Noutras ocasiões, queria apenas despachar o assunto em mãos, e vi naquele momento a expressão decidida patente nos seus olhos verdes, de modo que me mantive em silêncio enquanto ele acendia uma vela.

Segui-o pelas escadas de pedra da cave. Não estava propriamente assustado porque ele sabia o que fazia, mas estava sem dúvida nervoso. Eu nunca vira uma bruxa lâmia antes e, apesar de ter lido um pouco sobre elas, não sabia ao certo o que esperar. E como conseguira ela sobreviver ali em baixo no frio e no escuro durante a Primavera, o Verão e o Outono? De que se alimentara?

Lesmas, minhocas, insetos e caracóis, como as bruxas que o Mago aprisionava nos poços?

Depois da primeira esquina das escadas surgiu um portão de ferro com ripas cruzadas a barrar-nos o caminho. Para lá dele, as escadas alargavam subitamente, pelo que poderiam ter descido quatro pessoas lado a lado. Nunca tinha visto umas escadas de cave tão largas. Não muito longe do portão, vi uma porta cravada na parede e fiquei curioso quanto ao que podia estar do outro lado. O Mago tirou uma chave do bolso e introduziu-a na fechadura. Não era a chave que habitualmente usava.

— É uma fechadura complicada? — perguntei.

— Pode crer que é, rapaz — disse-me. — Mais complicada do que a maior parte. Se alguma vez precisar, costumo guardar esta chave no meu gabinete de trabalho, na prateleira de cima da estante mais próxima da porta.

Quando abriu o portão, este emitiu um ruído tão estridente que deu a impressão de ressoar através das pedras tanto lá em cima como lá em baixo, pelo que toda a casa funcionou como um sino enorme.

— O ferro conseguiria impedir a maior parte deles de passar daqui, mas se assim não fosse, ouviríamos lá em cima o que sucedia. Esta porta é melhor do que um cão de guarda.

— Para a maior parte de quem? E por que as escadas são tão largas? — perguntei.

— Vamos primeiro ao mais importante — retrucou o Mago. — As perguntas e as respostas podem ficar para mais tarde. Para já, temos de tratar de Meg.

Enquanto descíamos as escadas, comecei a ouvir ruídos tênues vindos lá de baixo. Houve um gemido e o que soou como um fraco arranhar, o que me deixou ainda mais nervoso. Não demorei muito a perceber que devia existir no mínimo uma área de casa debaixo do solo tão grande quanto acima dele: sempre que as escadas davam uma volta havia uma porta de madeira cravada na parede, e na terceira curva, um pequeno patamar com três portas.

O Mago parou logo à frente da porta do meio, depois virou-se para mim.

— Espere aqui, rapaz — avisou-me. — Meg fica sempre um pouco nervosa quando acorda. Precisamos de lhe dar algum tempo para se acostumar com você.

Ditas aquelas palavras, entregou-me a vela, rodou a sua chave na fechadura e entrou na escuridão, fechando a porta atrás de si.

Fiquei cerca de dez minutos à espera do lado de fora e não receio dizer-lhes que aquelas escadas eram mesmo bastante arrepiantes. Por um lado, quanto mais desciam, mais frio fazia. Por outro, conseguia ouvir ruídos ainda mais perturbadores vindos lá de baixo, depois da esquina seguinte, do escuro. Eram sobretudo murmúrios muito tênues, mas de uma vez julguei ouvir um gemido distante, como se alguém ou algo estivesse a passar um péssimo bocado.

Chegaram-me então vozes abafadas de dentro da cela onde o Mago entrara. O meu mestre parecia estar a conversar baixinho mas com firmeza, e a dada altura escutei um choro de mulher. Não durou muito e ouviram-se mais murmúrios, como se nenhum deles quisesse que eu percebesse o que diziam.

Por fim a porta abriu-se, chiando. O Mago apareceu e veio alguém atrás dele até ao patamar.

— Esta é Meg — anunciou o meu mestre, afastando-se para que eu a pudesse ver bem. — Vai gostar dela, rapaz. É sem dúvida a melhor cozinheira em todo o Condado.

Quando Meg me olhou de alto a baixo, pareceu intrigada. Fitei-a no mais puro espanto. Sabem, é que ela era simplesmente a mulher mais bonita que eu alguma vez vira e calçava sapatos bicudos. Quando eu fora para Chipenden, na minha primeira lição, o Mago alertara-me para os perigos de falar com garotas que usassem sapatos bicudos. Conscientemente ou não, alertou-me ele, algumas delas podiam ser bruxas.

Eu ignorara o aviso dele e conversara com Alice, que me metera numa série de problemas antes de acabar por me ajudar a sair deles. Mas ali estava o meu mestre, a ignorar o seu próprio conselho! Só que Meg não era uma garota; era uma mulher, e tudo no rosto dela era tão perfeito que não conseguíamos simplesmente deixar de fitar: os seus olhos, os malarés salientes, a compleição.

No entanto, foi o cabelo que a denunciou. Era prateado, a cor que se espera encontrar numa pessoa muito mais velha. Meg não seria mais alta do que eu e só dava pelo ombro do Mago. Observando-a mais atentamente, percebíamos de que estivera a dormir vários meses no frio e na umidade: viam-se um pouco de teias de aranha no seu cabelo e manchas de bolor no seu vestido púrpura desbotado.

Existiam diversos tipos diferentes de bruxas e enchera páginas dos meus livros de notas com as lições que o Mago me dera sobre elas. Mas descobrira o que sabia sobre as bruxas lâmia bisbilhotando na biblioteca do Mago os livros que não era suposto eu estudar.

As bruxas lâmia vinham do outro lado do mar, e nas suas terras alimentavam-se do sangue humano. A sua condição natural é conhecida como “selvagem”, e nesse estado não se parecem nada com os humanos e têm escamas a cobrir-lhes o corpo e garras compridas nos dedos. Mas são mutantes lentas e quanto maior o contato que tiverem com os humanos, mais gradualmente vão adquirindo o seu aspecto. Passado algum tempo transformam-se no que é conhecido como “lâmias domésticas”, que se parecem com as mulheres humanas à exceção de uma linha de escamas verdes e amarelas que segue ao comprimento da espinha delas. Algumas podem mesmo tornar-se benignas em vez de malévolas. Teria Meg se tornado boa? Fora outra razão por que o Mago não tratara dela, metendo-a num poço como sucedera a Lizzie dos Ossos?

— Bem, Meg — referiu o Mago —, este é Tom, o meu aprendiz. É um bom rapaz, por isso vocês dois deveriam se dar bem.

Meg estendeu a mão na minha direção. Julguei que quisesse apertar a minha, mas antes de os nossos dedos se tocarem, ela baixou o braço de repente, como se se tivesse queimado, e surgiu nos seus olhos uma expressão apreensiva.

— Onde está Billy? — inquiriu, a sua voz suave como seda mas com uma pontinha de dúvida. — Eu gostava de Billy.

Sabia que se estava a referir a Billy Bradley, o anterior aprendiz do Mago que morrera.

— Billy morreu, Meg — explicou-lhe delicadamente o Mago.

— Já tinha lhe contado. Não se preocupe com isso. A vida continua. Agora terá de se acostumar a Tom.

— Mas é *outro* nome para lembrar — queixou-se Meg com pesar. — Vale a pena o esforço se nenhum deles dura muito?

Meg não começou logo a preparar a nossa ceia.

Mandaram-me ir buscar mais água no regato e precisei de uma dúzia de viagens indo e vindo antes de Meg finalmente se dar por satisfeita. Depois, usando duas das lareiras, começou a aquecer a água, mas, para minha decepção, percebi que não se destinava a cozinhar.

Ajudei o Mago a levar uma banheira de ferro enorme para a cozinha e enchê-la de água quente. Destinava-se a Meg.

— Vamos retirar-nos para a sala de visitas — disse o Mago —, para que Meg possa ter alguma privacidade. Ela passou meses lá em baixo na cave e quer retemperar-se.

Resmunguei em silêncio para mim mesmo que se o meu mestre não a tivesse trancado lá ela poderia manter a casa limpa e arrumada para o seu regresso todos os invernos. E, claro, isso levou a outra pergunta — por que é que o Mago não levava Meg consigo para a casa de Verão em Chipenden?

— Esta é a sala de visitas — disse o meu mestre, abrindo a porta e convidando-me a entrar. — É aqui que temos as nossas conversas. É aqui que recebemos as pessoas que precisam da nossa ajuda.

Ter uma sala de visitas é uma velha tradição do Condado. É a melhor divisão, tornada o mais chique possível, e raramente é usada porque tem de estar sempre limpa e arrumada para receber as visitas. O Mago não tinha uma sala de visitas lá em Chipenden porque gostava de manter as pessoas afastadas da casa. Por isso é que elas tinham de ir à encruzilhada debaixo das árvores pendentes, tocar o sino e esperar. Parecia que as regras iam ser diferentes aqui.

Lá na nossa fazenda também não nos preocupávamos com uma sala de visitas, porque com sete irmãos éramos uma família grande e quando vivíamos todos em casa, precisávamos de ocupar a totalidade das divisões. De qualquer forma, a Mãe, que não nascera

no Condado, acha que ter uma sala de visitas é realmente uma idéia tola.

“De que serve ter uma sala de visitas que raramente é usada?”, costuma ela dizer. “As pessoas têm de nos aceitar tal como somos.”

Não se podia dizer que a sala de visitas do Mago fosse muito chique, mas o velho sofá usado era tão confortável quanto o aspecto das duas poltronas e a divisão aquecera deliciosamente, por isso mal me sentei comecei a sentir-me sonolento. Fora um longo dia e tínhamos caminhado quilômetros e quilômetros.

Reprimi um bocejo mas não consegui enganar o Mago.

— Ia te dar outra lição de latim mas para isso tem de ter a mente bem viva — disse-me. — Logo a seguir à ceia é melhor meter-se na cama, mas levante-se cedo e reveja os verbos.

Acenei com a cabeça.

— Só mais uma coisa — lembrou-se o meu mestre, abrindo o armário junto à lareira. Retirou uma garrafa grande de vidro castanho e ergueu-a alto para que eu a pudesse ver. — Sabe o que é isto? — perguntou, arqueando o cenho.

Encolhi os ombros, depois reparei no rótulo na garrafa e li-o.

— Chá de ervas — referi.

— Nunca se fie no rótulo de uma garrafa — aconselhou o Mago.

— Quero que coloque um centímetro disto numa xícara todas as manhãs, encha de água quente, mexa bem e dê a Meg. Depois quero que fique por perto até ela beber a última gota. Demorará um tempo porque ela gosta de tomar pequenos goles. Será a sua tarefa mais importante do dia. Diga-lhe sempre que é a xícara habitual de chá de ervas para lhe manter as articulações flexíveis e os ossos fortes. Ela ficará satisfeita.

— O que é? — perguntei. O Mago não respondeu logo.

— Como sabe, Meg é uma bruxa lâmia — acabou por afirmar —, mas a bebida faz com que ela esqueça quem é. É bastante perigoso e perturbador alguém lembrar-se de quem *realmente* é, por isso espero que nunca tenha de passar por isto, rapaz. Será algo particularmente perigoso para todos nós se ela se lembrar de quem é do que pode fazer.

— É por isso que a mantém na cave e longe de Chipenden?

— Sim, jogo pelo seguro. E não posso permitir que as pessoas saibam que ela está aqui. Não iriam entender. Há nestas paragens quem se lembre do que ela consegue fazer — muito embora ela própria não o consiga.

— Mas como é que ela sobrevive sem comida todo o Verão?

— No seu estado selvagem, as bruxas lâmia podem por vezes levar anos sem comer, para além de insetos, larvas e um rato ou outro. Mesmo quando se tornam domésticas como Meg, não têm problema em passar fome alguns meses. Para além de fazê-la dormir, uma dose grande da poção possui muitos nutrientes, por isso Meg não corre verdadeiramente perigo.

“Além disso, rapaz, tenho certeza de que irá gostar dela. É uma excelente cozinheira, como não tardará a descobrir — prosseguiu o Mago —, para além de ser uma pessoa metódica e arrumada. Mantenha sempre os tachos e panelas arrumados e brilhantes como novos e guarde-os no armário exatamente como gosta. Sucede o mesmo com os talheres. Sempre arrumados na gaveta, as facas à esquerda, os garfos à direita.

Fiquei curioso quanto ao que ela diria da confusão que encontramos. Talvez por isso a ansiedade do Mago em certificar-se de que ficasse tudo limpo e arrumado.

— Bem, rapaz, já falamos o suficiente. Vamos ver como ela está...

Depois do banho, o rosto de Meg ficara com um tom rosado e saudável fazendo-a parecer ainda mais jovem e bonita, e mesmo com o cabelo prateado, se diria que aparentava metade da idade do Mago. Trazia agora um vestido lavado, que era castanho, a cor dos seus olhos, e fechava atrás com botões brancos. Era difícil ter certeza, mas pareciam feitos de osso! Nem quis pensar no assunto. Se *fosse* osso, de onde provinha?

Para minha decepção, não preparara a ceia. Como poderia tê-lo feito se não havia comida em casa para além de meio pão bolorento? Tivemos de nos virar com o último pedaço de queijo que o Mago trouxera consigo para a viagem. Era queijo bom do

Condado, amarelo-pálido e a desfazer-se, mas nem por sombras chegava para satisfazer três pessoas.

Sentamo-nos à mesa da cozinha a mordiscá-lo lentamente para fazê-lo durar. Não se conversou muito: eu só conseguia pensar no desjejum.

— Assim que clarear, vou tratar das provisões semanais — sugeri ao Mago. — Deveria ir a Adlington ou Blackrod?

— Mantenha-se simplesmente afastado de ambas as aldeias, rapaz — redarguiu o Mago. — Especialmente de Blackrod. Ir buscar as provisões é algo que não te competirá enquanto estivermos aqui. Deixe de se preocupar. O que precisa é de se deitar cedo, por isso vá já para a cama. O seu quarto é o que dá para a frente da casa — tente dormir uma boa noite de sono. Meg e eu temos de conversar um com o outro.

Obedeci e fui diretamente para a cama. O meu quarto era muito maior do que o que me fora destinado em Chipenden, mas continuava a ter apenas uma cama, uma cadeira e uma cômoda muito pequena. Se desse para a parte de trás não conseguiria ver nada senão a parede de rocha vertical de trás da casa. Felizmente dava para a frente e, mal abri a janela de guilhotina, pude ouvir um murmúrio muito ténue do regato lá em baixo e o uivo do vento a passar pela casa. As nuvens tinham dissipado e brilhava uma lua cheia, lançando a sua luz prateada na ravina que era depois refletida pelo regato. Ia estar uma noite fria, de geada.

Enfiei a cabeça para fora da janela para ver melhor. A lua estava logo por cima da escarpa ali à frente, parecendo impossivelmente grande. Recortada nela, em silhueta, conseguia ver alguém ajoelhado na superfície da escarpa, a olhar para baixo. Num instante a figura desapareceu, mas não sem que antes eu tivesse tempo de ver que usava capuz!

Olhei para o topo da escarpa por alguns momentos mas a figura não reapareceu. O ar frio começava a encher o quarto, de modo que fechei a janela. Era Morgan? E se sim, por que nos espiava? Fora também Morgan que nos observara quando tínhamos ido buscar água ao regato?

Despi-me e enfiei-me na cama. Estava cansado, mas não deixei de ter dificuldade em adormecer. A velha casa chiava e gemia muito, e dada altura havia ruídos rápidos junto aos pés da cama. Provavelmente seriam ratos debaixo das tábuas do assoalho, mas sendo o sétimo filho de um sétimo filho, eu podia perfeitamente estar a ouvir algo muito diferente.

Apesar de tudo, consegui finalmente embalar no sono — apenas para acordar de repente no meio da noite. Fiquei ali, sentindo-me inquieto, perguntando-me por que acordara tão bruscamente. Estava escuro como breu e não conseguia ver nada, mas sentia apenas que algo estava errado. Houvera um ruído qualquer. Tinha certeza disso.

Não esperei muito para voltá-lo a ouvir. Dois sons diferentes que começavam gradualmente, tornando-se cada vez mais fortes à medida que os segundos passavam. Um era uma espécie de zumbido estridente e o outro um atroar muito mais baixo e cavo, como se alguém fizesse rolar pedregulhos por uma vertente de montanha rochosa.

Só que parecia estar a acontecer em algum lugar por debaixo da casa, e era tão intenso que as vidraças faziam barulho e até as paredes pareciam estremecer e vibrar. Comecei a sentir medo. Se piorasse mais, então a casa inteira viria com certeza abaixo. Não sabia o que podia ser, mas ocorreu-me um pensamento súbito. Poderia um tremor de terra fazer com que a ravina se abatesse sobre a casa?

CAPÍTULO 5

O QUE HAVIA POR BAIXO

Os tremores de terra aconteciam, mas eram muito raros no Condado. Não havia memória de um forte entre as pessoas ainda vivas. No entanto, a casa estremecia tanto que fiquei realmente preocupado. Vesti-me então rapidamente, calcei as botas e fui lá abaixo.

A primeira coisa em que reparei foi que a porta da cave estava aberta. Chegavam sons tênues lá do fundo e, aguçado pela curiosidade, desci alguns degraus. O barulho era ainda pior ali em baixo e distingi nitidamente um grito estridente, mais animalesco do que humano.

Mas imediatamente a seguir ouvi o portão fechar-se com estrondo e uma chave girar na fechadura. Uma vela tremulou no escuro lá em baixo e os passos aproximaram-se. Por um segundo cheguei a sentir medo, perguntando-me quem poderia ser, mas não tardei a constatar que afinal era o Mago.

— O que se passa? — inquiri, pensando que ele estivera a tratar de algo lá em baixo.

O Mago olhou para mim, uma expressão sobressaltada no seu rosto. — O que está fazendo de pé a esta hora? — indagou. — Desapareça daqui, volte imediatamente para a cama!

— Julguei ouvir alguém gritar — respondi-lhe. — E o que estava a causar todo aquele barulho? É um tremor de terra?

— Não, rapaz, não é um tremor de terra. E não precisa de se preocupar! Tenho mais em mente neste momento do que responder às suas perguntas. Terminará dentro de alguns instantes, por isso volte para o seu quarto e lhe contarei tudo pela manhã — disse, afastando-me das escadas e trancando a porta atrás de si.

O tom da voz dele disse-me que era inútil tentar argumentar, de modo que voltei para cima, ainda preocupado com a forma como a casa continuava a tremer e vibrar.

Bem, a casa não veio abaixo e, tal como o Mago prometera, tudo voltou a sossegar. Consegui tornar a adormecer rapidamente mas acordei uma hora antes da alvorada e desci à cozinha. Meg dormia na sua cadeira de balanço e não percebi se ficara ali toda a noite ou descera sorrateiramente do seu quarto quando os ruídos tinham começado. Não ressonava propriamente, mas de cada vez que expirava, ouvia-se um ligeiro som sibilante.

Tendo o cuidado de não fazer barulho demais e acordá-la, deitei mais um pouco de carvão na lareira que não tardou a espevitar-se. Em seguida, instalei-me no banquinho junto à chaminé e comecei a rever os verbos latinos. Tinha dois livros de notas comigo: um para escrever tudo o que o Mago me contava sobre demônios e outros assuntos de mago; o segundo para as lições de latim.

A Mãe ensinara-me grego, o que me impedira de ter de estudar também aquela língua, mas tinha de pôr rapidamente o latim em dia, e os verbos em particular davam-me muito trabalho. Muitos dos livros do Mago estavam escritos em latim, de modo que tinha de me esforçar bastante para aprendê-lo.

Comecei pelo princípio com o primeiro verbo que o Mago me fizera entrar à força na cabeça. Ensinara-me os verbos latinos numa espécie de padrão. Isso é importante porque a terminação de cada palavra é diferente de acordo com o que se pretende dizer. É igualmente útil recitá-los em voz alta, pois, conforme explicou o Mago, ajuda a retê-los na memória. Não queria acordar Meg de modo que reduzi a minha voz a pouco mais do que um murmúrio.

— *Amo, amas, amat* — disse, sem olhar para o livro de notas, recitando três palavras que significam “eu amo, tu amas, ele ou ela ama”.

— Já amei alguém em tempos — disse uma voz da cadeira de balanço —, mas nem sequer me lembro de quem era.

Assustei-me de tal maneira que quase larguei o livro de notas e caí do escabelo. Meg olhava para a lareira e não para mim, com uma expressão no rosto que era um misto de perplexidade e tristeza.

— Bom dia, Meg — disse-lhe, esboçando um sorriso. — Espero que tenha dormido bem.

— É muito gentil em perguntar, Billy — respondeu Meg —, mas não dormi nada bem. Houve uma série de ruídos fortes e tenho estado a tentar lembrar-me de algo toda a noite mas parece que continua a dar voltas na minha cabeça. É algo muito rápido e escorregadio e não consigo simplesmente retê-lo. Porém, não desisto facilmente, e vou continuar aqui sentada junto à chaminé até me recordar.

Ao ouvir aquelas palavras fiquei alarmado. E se Meg se lembrasse de quem era? Se se percebesse que era uma bruxa lâmia! Tinha de agir rapidamente antes que fosse tarde demais.

— Não se preocupe com isso, Meg — disse-lhe, pousando o meu livro de notas e levantando-me. — Vou preparar-lhe uma bela bebida quente.

Rapidamente, enchi a chaleira de cobre com água e pendurei-a no gancho na chaminé para que, como diz o meu pai, o fogo lhe aquecesse o fundo. Depois fui buscar uma xícara lavada e levei-a comigo até à sala de visitas. Ali, tirei a garrafa castanha do armário e deitei um centímetro da bebida na xícara. Feito isso, regressei à cozinha e esperei que a água fervesse antes de encher a xícara quase até à borda e mexendo muito bem conforme o Mago instruíra.

— Aqui está o seu chá de ervas, Meg. Ajudará a manter as articulações flexíveis e os ossos fortes.

— Obrigada, Billy — disse com um sorriso. Aceitou a xícara e começou a soprá-la, depois bebeu muito lentamente, continuando a olhar para as chamas.

— Está delicioso — disse dali a um pouco. — É realmente um rapaz gentil. É exatamente do que preciso para pôr os meus ossos velhos a mexer pela manhã...

Senti-me triste quando proferiu aquelas palavras. Uma parte de mim não se orgulhava do que fizera. Ela estivera acordada quase toda a noite tentando se lembrar de algo e agora a bebida só faria piorar ainda mais a sua memória. Enquanto estava entretida a sorvê-la, aproximei-me por detrás dela para poder ver melhor algo que me preocupara desde a noite anterior.

Olhei com atenção para os treze botões brancos que fechavam o seu vestido do pescoço à bainha. Claro que não podia ter a certeza

absoluta, mas tinha a suficiente.

Cada botão era feito de osso. Ela não era uma bruxa que praticasse a magia dos ossos; era uma bruxa lâmia, um tipo não oriundo do Condado. Mas fiquei intrigado com os botões de osso. Teriam vindo de vítimas que ela matara no passado? E debaixo daqueles botões, dentro do vestido, sabia que como bruxa lâmia doméstica haveria uma linha de escamas verdes e amarelas a todo o comprimento da sua espinha.

Pouco depois, ouviu-se uma pancada na porta de trás. Fui abrir já que o meu mestre continuava a dormir depois da sua noite conturbada.

Estava lá fora um homem com um estranho barrete de couro com abas que lhe cobriam as orelhas. Segurava uma lanterna na mão direita; com a esquerda conduzia um pônei carregado com tantas sacas castanhas que era um prodígio as patas do animal não cederem sob o peso.

— Olá, meu jovem, trouxe a encomenda de Mr. Gregory — disse, esboçando-me um sorriso de lábios tensos. — Deve ser o novo aprendiz. Era um bom rapaz, aquele Billy, e lamento saber o que lhe aconteceu.

— O meu nome é Tom — respondi, apresentando-me.

— Bem, Tom, como está? O meu nome é Shanks. Importava-se de dizer ao seu mestre que trouxe provisões extra e que irei duplicadas todas as semanas até o tempo piorar. Parece que vai ser um Inverno rigoroso e quando a neve chegar, pode passar muito tempo sem que eu consiga voltar aqui.

Anuí-lhe, sorri, depois olhei para cima. Continuava escuro, mas começava a clarear e o pedaço de céu estava quase cheio de nuvens cinzentas que avançavam de oeste. Nessa altura, Meg veio ter comigo à porta. Parou ligeiramente atrás de mim, mas Shanks viu-a bastante bem porque os seus olhos quase saíram das órbitas e recuou rapidamente dois passos, quase colidindo com o pequeno pônei.

Percebi que ele ficara assustado, mas depois de Meg dar meia volta e regressar lá para dentro, ele se acalmou um pouco e ajudei-o

a descarregar as sacas. Enquanto o fazíamos, o Mago apareceu e pagou ao homem.

Quando Shanks se virou para ir embora, o Mago seguiu-o pela ravina mais ou menos cerca de trinta passos. Começaram a falar mas estavam longe demais para eu poder apanhar tudo o que diziam. No entanto, respeitava a Meg, tinha certeza, porque ouvi o nome dela duas vezes.

Ouvi nitidamente Shanks afirmar, “O senhor nos disse que o assunto dela fora resolvido!” ao que o Mago replicou, “Tenho-a bastante segura, não se preocupe. Sei do meu ofício por isso não lhe diz respeito. E guarde-o para si se sabe o que lhe convém!”

O meu mestre não parecia nada satisfeito quando voltou para junto de mim. — Deste o chá de ervas a Meg? — perguntou, desconfiado.

— Fiz exatamente como me disse — respondi-lhe —, assim que ela acordou.

— Ela foi lá para fora? — inquiriu.

— Não, mas aproximou-se da porta e ficou atrás de mim. Shanks viu-a e pareceu muito assustado.

— É uma pena que a tenha visto — disse o Mago. — Ela não costuma mostrar-se daquela maneira. Pelo menos não em anos recentes. Talvez precisemos de aumentar a dose. Conforme te disse a noite passada, rapaz, Meg costumava causar muitos problemas no Condado. As pessoas tinham medo dela e ainda têm. E até ao momento, os habitantes locais não sabiam que ela andava em liberdade pela casa. Se isto se vier a espalhar, vai ser muito ruim. As pessoas daqui são teimosas: quando lhes mete uma coisa na cabeça não desistem facilmente. Mas Shanks vai ficar de boca calada. Pago-lhe suficientemente bem.

— Shanks é o merceeiro? — perguntei.

— Não, rapaz, é o carpinteiro e cangalheiro da região. A única pessoa em Adlington que tem a coragem de se arriscar a vir aqui. Pago-lhe para fazer as recolhas e entregas.

Depois daquilo, guardamos as sacas lá dentro em segurança, e o Mago abriu a maior e entregou a Meg o necessário para começar a cozinhar o desjejum.

O *bacon* estava superior ao que o que o demônio de estimação do Mago preparava, mesmo nas melhores manhãs, e Meg fritara bolos de batata e mexera ovos frescos com queijo: o Mago não exagerara quando dissera que Meg era boa cozinheira. Enquanto devorávamos o desjejum, perguntei-lhe sobre os estranhos ruídos durante a noite.

— Agora não existem motivos para preocupações — disse-me, engolindo outra grande bocada de bolo de batata. — Esta casa foi construída sobre uma linha antiga, por isso são de esperar problemas de vez em quando. Por vezes, um tremor de terra a quilômetros daqui acaba por provocar distúrbios numa série de linhas. Os demônios podem ser obrigados a sair dos lugares onde estão bem instalados. A noite passada passou por baixo de nós um demônio. Tive de ir à cave só para ver se estava tudo seguro e em condições.

O Mago falara-me dessas linhas quando estávamos em Chipenden. Eram linhas de força por debaixo da terra, como estradas que alguns tipos de demônio usam para ir rapidamente de um lugar a outro.

— Atenção, por vezes significa que vêm aí problemas — prosseguiu ele. — Quando se instalam num novo local, começam com frequência por pregar peças — às vezes perigosas — e isso implica trabalho para nós. Atente nas minhas palavras, rapaz, podemos perfeitamente ter de enfrentar um demônio local antes do final da semana.

Depois do desjejum fui ter a minha lição de latim no gabinete de trabalho do Mago. Era uma divisão pequena com duas cadeiras de madeira com espaldar, uma mesa grande, um escabelo solitário de madeira com três pernas, soalho descoberto e muitas estantes altas em madeira escura. Estava um pouco gelada também; o fogo da véspera encontrava-se agora reduzido a cinzas cinzentas na grelha.

— Sente-se, rapaz. As cadeiras são duras mas não podemos ficar muito confortáveis quando estamos a estudar. Não gostaria que adormecesse — referiu o Mago deitando-me um olhar penetrante.

Relanceei as estantes. A sala era soturna, apenas iluminada pela luz cinzenta da janela e duas velas, pelo que não reparara então que as prateleiras estavam vazias.

— Onde estão todos os livros? — indaguei.

— Em Chipenden — onde é que acha, rapaz? Não vale a pena ter livros aqui com o frio e a umidade. Os livros não gostam dessas condições. Não, teremos apenas de nos virar com o que trouxemos conosco e talvez fazer umas anotações pessoais enquanto aqui estivermos. Não pode simplesmente ler livros o tempo todo e deixar que outros os escrevam.

Sabia que o Mago trouxera consigo uns quantos livros, o que tornara o seu saco muito pesado, ao passo que eu me cingira aos meus livros de notas. Na hora que se seguiu, estive debruçado com os verbos latinos. Era um trabalho árduo e fiquei satisfeito quando o Mago sugeriu que fizéssemos uma pausa, mas não com o que ele fez em seguida.

Puxou o escabelo de madeira para junto da estante mais próxima da porta. Depois subiu para ele e tateou a prateleira de cima.

— Bem, rapaz — disse-me, mostrando a chave, de rosto muito carregado. — Não podemos adiar mais. Vamos descer e ver a cave propriamente dita. Mas primeiro vamos certificar-nos de que Meg está bem. Não quero que ela saiba que vamos lá abaixo. Pode deixá-la nervosa. Não lhe agrada nem um pouco a idéia daquelas escadas!

Aquelas palavras deixaram-me entusiasmado e assustado ao mesmo tempo. Estivera morto de curiosidade em saber o que ficava para lá das escadas do porão, mas, simultaneamente, sabia que descer até lá seria tudo menos uma experiência agradável.

Encontramos Meg ainda na cozinha. Lavara a louça e estava naquele momento sentada em frente da lareira, dormitando novamente.

— Ela está bastante feliz no momento — afirmou o Mago. — Para além de lhe afetar a memória, a poção a faz dormir muito.

Cada um de nós acendeu uma vela antes de descer as escadas de pedra, o Mago seguindo na frente. Desta vez reparei melhor no que me rodeava, tentando registrar na minha memória a parte

subterrânea da casa. Já descera em algum porões, mas tinha a sensação de que esta provavelmente seria a mais assustadora e invulgar.

Depois de o Mago ter aberto o portão de ferro, virou-se e bateu-me no ombro. — Meg raramente vai ao meu gabinete de trabalho — referiu —, mas aconteça o que acontecer, nunca a deixe se apoderar desta chave.

Anuí, vendo o Mago trancar o portão atrás de nós. Olhei para baixo...

— Por que os degraus lá em baixo são tão largos? — voltei a perguntar.

— Têm de ser, rapaz. Trazem-se e levam-se coisas por estas escadas. Os artífices precisam de bom acesso.

— Os artífices?

— Ferreiros e pedreiros, claro — os ofícios de que dependemos para o nosso tipo de trabalho!

Enquanto descíamos, o Mago seguindo na frente, a minha vela projetou a sua sombra trêmula na parede, e apesar do eco das nossas botas nos degraus de pedra, ouvi os primeiros ruídos tênues vindos lá bem do fundo. Houve um suspiro e uma tossidela engasgada distante. Estava sem dúvida algo ou alguém lá em baixo!

Existiam quatro níveis subterrâneos. Os dois primeiros tinham ambos apenas uma porta, cravada na pedra, mas chegamos finalmente ao terceiro, que tinha as três portas que eu vira na véspera.

— A do meio, como sabe, é onde Meg costuma dormir quando estou ausente — referiu o Mago.

Agora fora-lhe atribuído um quarto lá em cima, ao lado da do Mago, provavelmente para poder estar de olho nela — muito embora, a julgar pelo sucedido na última noite, ela preferisse dormir na cadeira de balanço junto à lareira.

— Não uso muito as outras — continuou o Mago —, mas podem ser muito úteis para manterem uma bruxa trancada em segurança enquanto são tomadas todas as providências.

— Quer dizer enquanto preparam um poço?

— Sim, eu faço isso, rapaz. Como terá reparado, aqui não é como em Chipenden. Não possuo o luxo de um jardim, por isso tenho de aproveitar o subsolo...

O quarto nível e o mais baixo era, logicamente, a própria cave. Antes mesmo de virarmos a última esquina e ser completamente visível, ouvi coisas que fizeram tremer a vela na minha mão, pondo a sombra do Mago a dançar furiosamente.

Houve sussurros e gemidos e, o pior de tudo, um leve som de raspadelas. Sendo o sétimo filho de um sétimo filho, consigo ouvir aquilo que escapa à maioria das pessoas, mas não há meio de me acostumar. Há dias em que sou mais corajoso do que noutros, é tudo o que posso afirmar. O Mago parecia suficientemente calmo, mas também toda a vida fizera aquilo.

A cave era grande, ainda maior do que eu esperava, tão grande, na verdade, que devia ter uma área superior à do térreo da casa. Uma parede escorria água e o teto baixo mesmo por cima dela estava cheio de umidade, de modo que me perguntei se ficaria à beira do regato ou na realidade por debaixo dele.

A parte seca do teto encontrava-se coberta de teias de aranha, tão grossas e emaranhadas que devia ter estado um exército de aranhas a tecer. Se apenas uma ou duas aranhas tinham tecido aquilo, então não as queria conhecer.

Passei muito tempo olhando para o teto e as paredes porque estava a retardar o momento em que teria de olhar para o solo. Mas alguns segundos depois senti os olhos do Mago cravados em mim, de modo que não tive outra alternativa e acabei por me obrigar a olhar para baixo.

Vira o que o Mago guardava em dois dos jardins lá em Chipenden. Calculei que ali fosse mais do mesmo, mas ao passo que as sepulturas e os poços lá estavam espalhados entre as árvores onde o sol esporadicamente incidia pintalgando o solo de sombras, aqui havia muitas mais e senti-me encurralado, rodeado de quatro paredes e do teto baixo com teias de aranha.

Havia nove sepulturas de bruxas, cada uma assinalada com uma lápide, e a parte da frente deste um metro e oitenta de solo guarnecida de pedras mais pequenas. Presas àquelas pedras por

parafusos de ferro e a cobrir cada pedaço de terra, viam-se treze barras grossas de ferro. Tinham sido colocadas ali para impedir as bruxas mortas debaixo delas de abrirem caminho escavando até à superfície.

Depois, ao longo de uma parede da cave, havia pedras muito mais pesadas, maiores. Eram três e cada uma fora talhada pelo pedreiro exatamente da mesma maneira:



A letra grega beta avisava quem soubesse ler os símbolos que os demônios estavam aprisionados em segurança por debaixo delas, e o numeral romano "I" no canto direito indicava que eram de primeira categoria, criaturas mortíferas capazes de acabar com um homem em menos de um piscar de olhos. Nada de novo nisso, pensei, e como o Mago era bom no que fazia, não havia nada a temer dos demônios que estavam ali aprisionados.

— Há também aqui em baixo duas bruxas vivas — afirmou o Mago —, e aqui está a primeira — prosseguiu, apontando para um poço quadrado escuro com uma cerca de pequenas pedras atravessada por treze barras de ferro para a impedir de sair. — Repare na pedra angular — disse, apontando para baixo.

Vi então algo em que não reparara antes, mesmo lá em Chipenden. O Mago aproximou mais a vela para que eu pudesse ver melhor. Havia um símbolo, *muito menor* do que o das pedras de demônio, seguido do nome da bruxa.



— O símbolo é a letra grega sigma porque classificamos todas as bruxas com “F” de feiticeira^{3}. São tantos os tipos que, sendo mulheres e sutis, com frequência se torna difícil categorizá-las com exatidão — explicou o Mago. — Ainda mais do que um demônio, uma bruxa possui uma personalidade capaz de mudar com o tempo. Por isso tem de referir a história delas — a história completa de cada uma delas, aprisionada ou livre, está registrada na biblioteca lá em Chipenden.

Sabia que não era verdade no que dizia respeito a Meg. Havia muito pouco escrito sobre ela na biblioteca do Mago, mas não comentei nada. De repente, ouvi uma leve agitação vinda da escuridão do poço e recuei rapidamente um passo.

— Bessy é uma bruxa de primeira categoria? — perguntei nervosamente ao Mago, porque eram as mais perigosas e capazes de matar. — Não está assinalado na pedra...

— *Todos* os demônios e bruxas nesta cave são de primeira categoria — disse-me o Mago —, e aprisionei-os todos, por isso nem sempre vale a pena dar mais trabalho ao pedreiro ao talhar a pedra, mas não tem nada a temer aqui, rapaz. A Velha Bessy já ali está há muito tempo. Nós a incomodamos e ela só está se agitando no sono, é tudo. Agora, venha aqui ver isto...

Era outro poço de bruxa, exatamente como o primeiro, mas senti subitamente um arrepio de frio. Algo me disse que o que quer que estava naquele poço era muito mais perigoso do que Bessy, adormecida que apenas tentava ficar confortável no solo frio e úmido.

— Agora já podia olhar com mais atenção, rapaz — disse o Mago —, para que possa ver com o que estamos a lidar. Levante a

sua vela, olhe para baixo e certifique-se de que mantenha os pés bem recuados!

Não o queria fazer, mas a voz do Mago era firme. Fora uma ordem. Olhar para o fundo do poço fazia parte da minha preparação, por isso não tinha escolha.

Inclinei o meu corpo para a frente, mantendo os dedos dos pés bem recuados das grades e levantei a vela, que lançou uma luz tremulante pelo poço abaixo. Naquele preciso instante, ouvi um barulho lá no fundo e algo enorme correu pelo chão e até às sombras escuras no canto mais próximo. Pareceu cheio de vida, como se capaz de escalar pela parede do poço para cima mais depressa do que eu conseguia pestanejar!

— Erga a vela bem acima das grades e olhe com atenção! — ordenou o Mago.

Obedeci, segurando-a à distância do braço. A princípio, apenas consegui ver dois olhos enormes e cruéis a fitar-me, dois pontos de fogo refletindo a chama da vela. Quando olhei com mais atenção, vi um enorme rosto descarnado emoldurado por um emaranhado de cabelo espesso seboso e um corpo atarracado por debaixo dele. Tinha quatro membros e eram mais braços do que pernas, com mãos grandes alongadas que terminavam com compridas garras afiadas.

Senti um arrepio e a minha mão tremeu tanto que quase deixei cair a vela pelas grades. Recuei rápido demais e quase caí, mas o Mago agarrou-me o ombro e firmou-me.

— Não é nada bonito de se ver, rapaz — murmurou, abanando a cabeça. — O que temos ali em baixo é uma bruxa lâmia. Parecia bastante humana há mais de vinte anos quando a coloquei ali. Agora tornou-se novamente selvagem. É o que acontece quando se mete uma bruxa lâmia num poço. Privada da companhia humana, ela volta lentamente ao que era. E mesmo passados todos estes anos, ainda está forte. Por isso conservo as grades de ferro nas escadas. Se alguma vez conseguisse sair daqui, sempre a retardaria por uns tempos.

“E não é tudo, rapaz. Sabe, um poço normal de bruxa não é suficientemente bom para ela. Existem também grades de ferro nos

lados e no fundo do poço, enterradas debaixo do solo. Por conseguinte, ela está dentro de uma jaula. Isso, para além de uma camada de sal e ferro do outro lado. Ela é também capaz de escavar rapidamente e fundo com aquelas quatro mãos com garras, por isso é a única maneira de a conseguirmos impedir de sair! Diga-me, sabe quem ela é?

Que pergunta tão estranha. Olhei para baixo e li o seu nome na pedra.



O Mago deve ter visto a expressão no meu rosto ao fazer-se luz porque sorriu com ar sinistro.

— Sim, rapaz. É a irmã de Meg...

— E Meg sabe que ela está aqui em baixo? — inquiri.

— Já soube, mas agora não consegue se lembrar; por isso é melhor mantê-la assim. Agora venha aqui — tenho algo mais para te mostrar.

Caminhou na frente por entre as pedras até ao canto extremo, que aparentava ser a parte mais seca da cave; o teto por cima parecia na sua maior parte limpo de teias de aranha. Havia um poço aberto, pronto a ser usado, e a tampa estava mesmo ao lado dele no solo, à espera de ser arrastada e posicionada.

Vi então, pela primeira vez, como se fazia a tampa para um poço de bruxa. As pedras exteriores eram unidas com cimento num quadrado e os pinos compridos atravessavam-nas de uma ponta à outra para haver a certeza de que se mantinha no lugar. As treze barras de ferro eram também, na realidade, compridos parafusos, fixos por porcas que entravam nas pedras. Era uma obra muito inteligente e um pedreiro e um ferreiro, trabalhando em conjunto, necessitavam de muita perícia para executá-la.

Meg Skelton

De repente, a minha boca abriu-se e assim permaneceu tempo suficiente até que o Mago percebeu. Desta vez, não havia símbolo, mas já fora gravado um nome na pedra angular mais próxima:

— Qual te parece a melhor maneira, rapaz? — perguntou o Mago. — Chá de ervas, ou isto? Porque vai ser uma ou a outra.

— Chá de ervas — respondi, a minha voz pouco mais do que um murmúrio.

— Certo, portanto, agora já sabe por que não pode se permitir esquecer de lhe dar todas as manhãs. Se se esquecer, ela se lembrará, e não quero ser obrigado a trazê-la aqui para baixo.

Havia uma pergunta que queria lhe fazer, mas não fiz porque sabia que não iria agradar ao Mago. Queria saber por que o que era suficientemente bom para uma bruxa não servia para todas as outras. Mesmo assim, sabia que não podia me queixar muito, nunca iria esquecer quão próximo do escuro Alice estivera. Tão próximo que o Mago achara por bem *metê-la* num poço. Só cedera porque eu lhe recordara que ele não o fizera com Meg.

Naquela noite, tive dificuldade em adormecer. A minha cabeça rodava com o que vira e a percepção do lugar onde vivia. Fora já confrontado com algumas coisas assustadoras, mas viver numa casa com sepulturas de bruxas, demônios aprisionados e bruxas vivas na cave não me deixava lá muito tranquilo. No fim, decidi descer na ponta dos pés. Deixara o meu livro de notas na cozinha e queria o das lições de latim: sabia que meia hora a olhar para as listas enfadonhas de nomes e verbos com certeza fariam chegar o sono.

Antes mesmo de chegar ao fundo das escadas, ouvi ruídos com que não esperava. Alguém chorava baixinho na cozinha e escutei a voz do Mago a conversar em voz baixa. Quando cheguei à porta da cozinha, não entrei; estava entreaberta e vi algo pela fresta que me deixou pregado ao chão.

Meg estava sentada na cadeira de balanço perto da chaminé. Apoiava a cabeça nas mãos e os seus ombros subiam e desciam com

os soluços. O Mago estava debruçado sobre ela, falando baixinho e acariciando-lhe o cabelo. O rosto dele, iluminado pela luz da vela, estava meio virado para mim e tinha uma expressão que nunca lhe vira antes. Era semelhante à maneira como o rosto grande e sisudo do meu irmão Jack por vezes se suaviza quando olha para a mulher, Ellie.

Depois, enquanto observava, para meu espanto, uma lágrima rolou do olho esquerdo do meu mestre e desceu pela face até lhe chegar à boca.

Sabia que não devia continuar a espreitar, de modo que voltei para a cama.

CAPÍTULO 6

UMA PESSOA MUITO PERIGOSA

Os dias não tardaram a entrar numa rotina fixa.

De manhã, as minhas tarefas eram acender as lareiras do térreo e ir buscar água fresca no regato. Dia sim dia não, tinha de acender todas as lareiras na casa para que não ficasse úmida demais.. Enquanto preparava as lareiras dos quartos, tinha instruções para abrir cada janela cerca de dez minutos a fim de arejar o quarto. Primeiro era necessário limpar todas as grelhas e subia e descia várias vezes as escadas que dava graças quando tudo terminava. A do sótão era a pior, claro, e costumava começar por ela, antes que as minhas pernas ficassem cansadas demais.

O sótão era realmente uma divisão grande, a maior da casa, com um imenso espaço de chão. Só tinha uma janela que era uma enorme clarabóia no telhado. O espaço estava vazio à exceção de uma escrivaninha de mogno, que se encontrava fechada à chave. Na chapa de latão à volta do buraco estava gravado um pentagrama, uma estrela de cinco pontas dentro de três círculos concêntricos. Sabia que os pentagramas serviam para proteger os magos quando invocavam espíritos malignos e fiquei curioso em saber por que razão a chapa apresentava aquele desenho.

A escrivaninha parecia ser bastante cara e perguntei-me também o que conteria e por que razão o Mago não a trouxera para o seu gabinete de trabalho, que seria um local muito mais adequado e útil. Nunca tive oportunidade de lhe perguntar sobre escrivaninha, e quando finalmente conversamos sobre o assunto, já era tarde demais.

Depois de arejar o sótão, começava a descer, um piso de cada vez. Os três quartos mesmo por debaixo do sótão não estavam mobiliados.

Havia dois na frente da casa e um na parte de trás. Este era o pior quarto e também o mais escuro da casa pois só tinha uma

janela, virada para a escarpa. Quando levantei a vidraça e espreitei, a rocha úmida estava tão próxima que quase era possível estender o braço e tocar-lhe. Havia uma saliência na escarpa com um caminho a subir. Pareceu-me que seria possível passar da janela para a saliência. Não que eu fosse tolo ao ponto de tentar! Uma escorregada e abriria os miolos lá em baixo nas lajes.

Depois de acender as lareiras, dei o chá de ervas a Meg, a seguir treinei os verbos latinos até ao desjejum, que era muito mais tarde do que lá em Chipenden. Após o que vinham as lições durante a maior parte do dia, mas, ao final da tarde eu costumava ir dar um pequeno passeio com o Mago, não mais de vinte minutos a descer até à base da ravina, no ponto onde desembocava nas vertentes mais baixas da charneca. Apesar do trabalho árduo de acender as lareiras, fazia muito mais exercício em Chipenden e começava a sentir-me inquieto. A cada manhã o ar parecia mais frio e o Mago disse-me que a primeira neve não tardaria a chegar.

Uma manhã o meu mestre foi a Adlington visitar o irmão Andrew, o serralheiro. Quando lhe perguntei se o podia acompanhar, ele recusou.

— Não, rapaz, alguém precisa ficar vigiando Meg. Além disso, tenho de conversar com Andrew. Os assuntos de família são particulares. E quero pô-lo a par do que está acontecendo...

Presumi que o Mago fosse contar ao irmão toda a história sobre o que nos acontecera em Priestown, altura em que o meu mestre quase morrera na fogueira por ordem do Inquisidor. Mal tínhamos regressado a Chipenden, o Mago enviara uma carta para Adlington, informando o irmão de que estava salvo, mas provavelmente agora queria narrar os pormenores.

Fiquei realmente desapontado por me excluírem — estava desesperado por saber como se dava Alice — mas não tinha escolha e, apesar do chá de ervas, Meg precisava realmente de ser vigiada com atenção. O Mago temia em particular que ela pudesse sair da casa e afastar-se, por isso tinha de me certificar de que tanto a porta da frente como a de trás se conservavam fechadas à chave. Por sinal, ela teve uma atitude completamente inesperada...

A tarde já ia adiantada, e estivera no gabinete de trabalho do Mago a escrever uma lição no meu livro de notas. De quinze em quinze minutos ia ver se Meg estava bem. Normalmente, encontrava-a a cochilar diante da chaminé; ou isso ou a preparar os legumes para a ceia. Mas quando a fui ver desta vez, ela não estava lá.

Corri primeiro para as portas, por via das dúvidas, mas estavam ambas trancadas. Depois de ir espreitar a sala de visitas, fui lá em cima. Esperara encontrá-la no quarto, mas após bater à porta e não obter resposta, experimentei abri-la. Estava vazio.

Quanto mais subia, pior me começava a sentir. Quando vi o sótão também vazio, entrei em pânico. Mas depois respirei fundo. "*Pense!*", disse para com os meus botões. Onde mais poderia Meg estar?

Só *havia* um outro lugar e era nas escadas que conduziam à cave. Não parecera provável porque o Mago me dissera que só a idéia das escadas a deixava nervosa. Primeiro fui ao gabinete de trabalho dele, empoleirando-me no escabelo para procurar em cima da estante. Era impossível ela ter encontrado a chave sem eu perceber, mas confirmei mesmo assim. Ainda se encontrava lá. Suspirando de alívio, acendi uma vela e descí as escadas.

Ouvi o portão muito antes de alcançá-lo. Não parava de soar atroadoramente, fazendo repercutir aquela barulheira pela casa acima. Se não tivesse sido o fato de esperar encontrar Meg ali, teria presumido que algo viera da cave e tentava sair.

Mas era sem dúvida Meg. Agarrara-se às grades com força e as lágrimas escorriam-lhe pela face. A luz da vela, vi-a abanar o portão. Pela força que imprimia, dava para ver que ainda estava muito forte.

— Venha, Meg — disse-lhe delicadamente —, vamos para cima. Está frio e há correntes de ar aqui em baixo. Se não tiver cuidado, apanhará um resfriado.

— Mas alguém está lá em baixo, Billy. Alguém lá em baixo que precisa de ajuda.

— Não está ninguém lá em baixo — disse-lhe, consciente de lhe mentir. A irmã dela, Marcia, a lâmia selvagem, encontrava-se lá, aprisionada no seu poço. Começava Meg a recordar-se?

— Mas tenho certeza que está, Billy. Não me lembro do nome dela, mas está lá em baixo e precisa de mim. Por favor, abra o portão e ajude-me. Deixe-me ir lá embaixo ver. Por que não vem comigo e traz a sua vela?

— Não posso, Meg. Sabe, eu não tenho a chave que abre o portão. Venha, por favor. Volte para a cozinha...

— John saberá onde está a chave? — inquiriu Meg.

— Provavelmente. Por que não lhe perguntamos quando ele regressar?

— Sim, Billy, é uma boa idéia. Faremos isso!

Meg sorriu-me por entre as lágrimas e subiu as escadas. Levei-a para a cozinha e sentei-a na cadeira de balanço junto à chaminé.

— Sente-se aqui e aqueça-se, Meg. Vou preparar-lhe outra xícara de chá de ervas. Vai precisar depois de ter estado naquelas escadas frias e úmidas...

Meg tomara já a dose habitual do dia e não queria correr o risco de deixá-la doente, por isso coloquei apenas uma quantidade muito pequena e adicionei água quente. Agradeceu-me e não tardou a engoli-lo. Quando o Mago regressou, ela já estava dormindo.

Quando lhe contei o sucedido, ele abanou a cabeça. — Isto não me agrada nada, rapaz! A partir de agora, a dose matinal dela tem de ser dois centímetros no fundo de uma xícara. Não o quero fazer, mas não há outra alternativa.

Ficara realmente abatido. Raramente lhe vira um ar tão tristonho. Mas não tardei a descobrir que não era só por causa de Meg.

— Tive más notícias, rapaz — disse-me, deixando-se cair pesadamente numa cadeira junto à chaminé. — Emily Burns faleceu. Já arrefeceu na sepultura há mais de um mês.

Não soube o que dizer. Tinham passado muitos anos desde que ele vira Emily. De então para cá Meg fora a mulher da sua vida. Por que estaria tão triste?

— Lamento — disse-lhe desajeitadamente.

— Mas não lamenta tanto quanto eu, rapaz — referiu o Mago. — Emily era uma boa mulher. Teve uma vida difícil mas sempre se esforçou muito. O mundo ficará mais pobre agora que ela partiu!

Quando os bons morrem, sempre se liberta algum mal que de outro modo estaria controlado!

Ia perguntar-lhe o que queria dizer com aquelas palavras misteriosas, mas naquele momento Meg começou a agitar-se e abriu os olhos por isso remetemo-nos ao silêncio e ele não tornou a mencionar Emily.

Ao desjejum da oitava manhã depois de termos chegado, o Mago afastou de si o prato, congratulou Meg pelos seus cozinhados e depois virou-se para mim.

— Bem, rapaz, acho que está na hora de ir ver como se está saindo aquela jovem. Acha que consegue encontrar o caminho?

Anuí, tentando não dar mostras de grande satisfação, e dez minutos depois descia em passadas a ravina indo sair do outro lado da vertente com o céu aberto lá no alto. Passei a norte de Adlington, em direção a Moor View Farm, onde Alice ficara instalada.

Quando o Mago decidira viajar para a sua casa de Inverno, eu presumira que pouco depois o tempo iria piorar e, na verdade, fora arrefecendo gradualmente. Mas hoje parecia ter mudado para melhor. Apesar de estar uma manhã fria, com geada, o sol brilhava, não havia nuvens e conseguia ver a uma distância de quilômetros. Era uma daquelas manhãs em que era bom estar vivo.

Alice deve ter me visto aproximar colina abaixo porque saiu do pátio da fazenda e veio ao meu encontro. Havia uma pequena mata perto do limite da fazenda e aguardou ali na sombra das árvores. Parecia realmente triste, e percebi, antes sequer de ela falar, que não estava feliz no seu novo lar.

— Não é justo, Tom. O Velho Gregory não podia ter me arranjado lugar pior onde ficar! Não é muito divertido estar com os Hursts!

— É mesmo tão mau assim, Alice? — inquiri.

— Estaria melhor em Pendle, pode ter certeza.

Era em Pendle que vivia a maior parte da família de bruxas de Alice. E ela detestava porque a tratavam mal.

— São cruéis com você, Alice? — perguntei, ficando alarmado.
Alice abanou a cabeça.

— Ainda não me puseram a mão em cima. Mas não falam muito comigo. E não demorei a perceber por que eram tão calados e infelizes. É aquele filho deles — o que se chama Morgan, por quem o Velho Gregory perguntou. É cruel e mau, se é. Nunca vi nada assim. Que tipo de filho bate no pai e grita com a mãe até a fazer chorar? Nem sequer lhes chama Mãe e Pai. “Velho” e “Velha” é o melhor que conseguem dele. Têm medo dele, se têm, e mentiram ao Velho Gregory porque Morgan vai lá muitas vezes. Não tenho nada a ver com isso, mas não aguento mais. Se for necessário, de uma maneira ou de outra, dou-lhe cabo.

— Não faça nada por enquanto — aconselhei-a. — Deixe-me falar primeiro com o Mago.

— Não me parece que ele vá correr a ajudar. Calculo que o Velho Gregory tenha feito de propósito. Aquele filho deles é da mesma laia. Anda de capa com capuz e traz também um bordão! Provavelmente pediu-lhe que ficasse de olho em mim.

— Bem, ele não é mago, Alice.

— O que mais poderia ser?

— É um dos aprendizes fracassados do Mago e eles não se dão. Lembra-se da última noite em Chipenden em que trouxe uma carta e o Mago ficou realmente furioso? Não tive oportunidade de te contar, mas aquela carta era de Morgan. Ele tem andado a ameaçar o Mago. Disse que o meu mestre tem algo que lhe pertence.

— Bem, ele é mesmo muito perigoso — continuou Alice. — Não visita apenas a casa. Algumas noites desce a colina e vai ao lago. Observei-o a noite passada. Põe-se perto da beirada e olha fixamente para a água. Por vezes a sua boca move-se como se falasse com alguém. A irmã dele afogou-se no lago, não foi? Calculo que esteja falando com o fantasma dela. Não me surpreenderia se ele a tivesse afogado!

— E bate no pai? — perguntei. Aquilo foi o que mais me chocou. Fez-me pensar no meu próprio pai e formou-me um nó na garganta só da lembrança. Como podia alguém levantar a mão contra o próprio pai?

Alice acenou com a cabeça.

— Discutiram duas vezes desde que estou lá. Grandes desavenças. Da primeira vez, o velho Mr. Hurst tentou expulsá-lo da casa e andaram se atracar. Morgan é muito mais jovem e forte e pode calcular quem levou a pior. Da segunda vez, arrastou o pai lá para cima e trancou-o no seu quarto. O velho começou a gritar. Não gostei nada daquilo. Fez-me lembrar quando vivia com a minha própria família lá em Pendle. Talvez se contar ao Velho Gregory como isto é mau, ele me deixe vir morar com vocês.

— Não creio que fosse gostar de Anglezarke. A cave está cheia de poços e ele tem duas bruxas vivas lá em baixo, e uma delas é irmã de Meg e é uma bruxa lâmia selvagem. É medonho vê-la correr pelo poço. Mas tenho mais pena da própria Meg. Tinha razão a respeito dela. Vive na casa com o Mago, mas está medicada com uma poção para não conseguir se lembrar de quem é. Passa mais da metade do ano trancada numa cela lá em baixo perto da cave. É realmente triste de ver. Mas o Mago não tem outra alternativa. Ou isso ou metê-la num poço como a irmã.

— Não está certo manter uma bruxa num poço. Nunca concordei com isso. Mas preferia estar lá com você do que ter de ver Morgan a maior parte dos dias. Sinto-me sozinha, Tom. Sinto a sua falta!

— Também sinto a sua falta, Alice, mas não posso fazer nada no momento. Porém, *vou* contar ao Mago o que acabou de dizer, e pedir-lhe novamente. Farei o meu melhor, prometo. Mas diga-me, Morgan está lá em baixo neste momento? — indaguei, indicando a fazenda com a cabeça.

Alice abanou a cabeça.

— Não o vejo desde ontem. Sem dúvida voltará em breve.

Não falamos muito mais depois porque Mrs. Hurst, a mulher do agricultor, apareceu à porta e começou a chamar Alice, e ela teve de ir embora.

Alice ficou carrancuda e ergueu os olhos para o céu.

— Virei te visitar em breve! — prometi-lhe quando ela se virou para ir.

— Faça isso, Tom. Mas peça ao Velho Gregory, por favor!

No entanto, não voltei logo para casa do Mago. Fui mesmo até ao topo da charneca, onde o vento poderia limpar as teias de aranha da minha cabeça. A minha primeira impressão foi de que o topo da charneca era bastante plano, e a paisagem menos bonita do que a das extensões rochosas por cima de Chipenden. Tão pouco era a vista dos campos lá em baixo tão dramática.

Mesmo assim, havia colinas mais altas a sul e leste, e para lá de Anglezarke, até mais charnecas. Mesmo a sul ficavam Winter Fíill e Rivington, Smithhills para lá delas e, a leste, Turton Moor e Darwen Moor. Sabia porque estudara os mapas do Mago antes de partirmos, tendo o cuidado de os dobrar cuidadosamente depois. Assim, tinha já na mente uma boa idéia da configuração da zona. Havia muito o que explorar e decidi que iria pedir um dia de folga ao Mago para o fazer antes que o tempo invernosso chegasse de verdade. Calculei que provavelmente ele concordasse em parte porque compete a um mago conhecer a geografia do Condado, a fim de ir rapidamente de um lugar ao outro e encontrar o caminho quando alguém manda pedir ajuda.

Desci mais até ver uma pequena colina arredondada ao longe, mesmo no cimo da charneca. Parecia artificial e calculei que fosse uma cripta, uma elevação tumular de algum antigo chefe de clã. Precisamente quando ia me afastar, apareceu uma figura no seu cume. Trazia um bordão na mão esquerda e usava uma capa com o capuz puxado para a frente. Só podia ser Morgan!

O seu aparecimento na cripta foi tão súbito que quase pareceu ter surgido do nada. No entanto, o bom senso disse-me que ele subira simplesmente a vertente do outro lado da colina.

Mas o que fazia ele? Não conseguia perceber. Parecia uma espécie de dança! Sacudia-se e agitava os braços no ar. Depois, muito de repente, soltou um urro de raiva e arremessou o bordão ao chão. Estava em fúria. Mas do quê?

Um instante depois, avançou do leste, uma mancha de bruma que o escondeu, de modo que retomei o meu caminho. Certamente não me agradava nada ter de ficar frente a frente com ele. Especialmente atendendo ao seu presente estado de espírito!

Depois daquilo, não me detive demais nas charnecas. De qualquer forma, se eu regressasse em tempo razoável, provavelmente o Mago me deixaria voltar a ver Alice em breve. E estava ansioso por lhe contar o que soubera.

Assim, depois da nossa refeição do meio-dia, contei ao meu mestre que vira Morgan no cume da charneca e tudo o que Alice dissera a respeito dele.

O Mago coçou a barba e suspirou. — A garota tem razão. Morgan é uma pessoa muito perigosa, não há dúvida. Veste-se como um mago e algumas pessoas crédulas toma-o agora por isso. Mas falta-lhe a disciplina para dominar o nosso ofício. Era também preguiçoso e negligente. Já se vão quase dezoito anos desde que ele me deixou, e de lá para cá tem andado sobretudo a fazer das suas. Tem-se na conta de um esconjurador e leva dinheiro de gente boa e honesta quando está mais vulnerável. Tentei impedi-lo de seguir maus caminhos, mas pelos vistos algumas pessoas recusam-se simplesmente a ser ajudadas.

— Um esconjurador? — inquiri, não familiarizado com a palavra.

— É outra palavra para mago ou feiticeiro, rapaz. Alguém que pratica a chamada magia. Ele efetua também algumas curas, mas a sua especialidade é a necromancia.

— Necromancia? O que é isso? — inquiri. Nunca ouvira o Mago usar o termo antes e percebi que teria de tomar muitas notas no meu livro depois da nossa conversa.

— Pense, rapaz. Vem do grego, por isso deve conseguir entender o que significa!

— Bem, *nekros* significa “cadáver” — afirmei, após alguma reflexão cuidada. — Por isso calculo que seja algo ligado aos mortos.

— Lindo rapaz! Ele é um esconjurador que usa os mortos para o ajudarem e darem-lhe poder.

— Como? — quis saber.

— Bem, conforme já te disse, os fantasmas e imagens fantasmagóricas intervêm ambos na atividade. Mas ao passo que nós conversamos demoradamente com eles e os mandamos embora, ele faz o contrário. Ele aproveita-se dos mortos. Usa-os como

espiões. Encoraja-os a ficar presos à terra para servir os seus propósitos e ajudá-lo a encher os bolsos de prata. Às vezes ludibriando gente vulnerável e aflita.

— Nesse caso ele é uma fraude? — perguntei.

— Não, ele fala mesmo com os mortos. Portanto lembre-se disto, e lembre-se bem: Morgan é um homem perigoso e as suas ligações com o escuro têm-lhe granjeado alguns poderes muito reais e perigosos que deveríamos temer. É também implacável, e machucaria seriamente alguém que se atravessasse no seu caminho. Por isso, mantenha-se bem distante dele, rapaz.

— Por que não o impediu antes? — perguntei. — Não podia ter tratado dele há anos?

— É uma longa história — retorquiu o meu mestre. — Por acaso até podia, só que o momento não era oportuno então. Mas trataremos dele em breve. Procure manter-se afastado dele até estarmos preparados — e pare de me dizer como fazer o meu trabalho!

Baixei a cabeça e o meu mestre bateu-me de leve no braço.

— Vamos, rapaz, nada está perdido. O seu raciocínio está certo. Agrada-me ver que pense por si mesmo. E a garota agiu bem ao espiá-lo falando com o fantasma da irmã. Foi exatamente por isso que a coloquei lá, para ficar atenta a esse tipo de coisas!

— Mas não é justo! — protestei. — O senhor sabia que Alice iria passar lá um mau bocado.

— Sabia que não iria ser um mar de rosas, rapaz. Mas a garota tem de compensar pelo que fez no passado e ela é mais do que capaz de olhar por si mesma. Ainda assim, quando tivermos tratado de Morgan, será um lar muito mais feliz. Mas primeiro temos de encontrá-lo.

— Alice disse que os Hursts mentiram. Morgan visita a fazenda muitas vezes.

— Ah pois visita!

— Disse-me que no momento ele não está lá mas que pode regressar a qualquer instante.

— Bem, talvez seja por aí que deveríamos iniciar a nossa busca amanhã — afirmou o Mago, parecendo pensativo.

Como o silêncio se prolongasse, cumpri a minha promessa a Alice muito embora soubesse que o pedido era uma perda de tempo.

— Alice não poderia ficar de novo conosco? — perguntei. — Ela tem mesmo passado um mau bocado. É cruel abandoná-la quando existe espaço suficiente para ela aqui.

— Para quê fazer uma pergunta se já sabe a resposta? — argumentou o Mago, deitando-me um olhar furioso. — Não me venha com falas mansas. Se deixar que o coração mande na sua cabeça, então o escuro te vencerá sempre. Não se esqueças, rapaz — pode muito bem um dia lhe salvar a vida. E já temos bruxas de sobra a viver aqui.

E a nossa conversa morreu ali. Mas não fomos à fazenda dos Hursts no dia seguinte. Aconteceu algo que alterou tudo.

CAPÍTULO 7

O ARREMESSADOR DE PEDRAS

Logo a seguir ao desjejum, o filho enorme e entrançado de um agricultor por pouco não colocava abaixo a porta de trás com ambos os punhos, como se a sua vida dependesse disso.

— O que está tentando fazer, meu grande brutamontes? — exclamou o Mago, escancarando a porta. — Quer arrebentar com isto?

O rapaz parou de dar socos na porta e o seu rosto ficou vermelho que nem um pimentão.

— Perguntei pelo senhor na aldeia — disse, apontando na direção de Adlington. — Um carpinteiro veio ao pátio e indicou o caminho para cá. Disse-me que batesse com força na porta de trás.

— Sim, mas ele disse bater, não arrebentar com ela — redarguiu o Mago, furioso. — Adiante-se, qual o assunto que te traz até mim?

— O Pai mandou-me. Ele disse para vir imediatamente. É um assunto mau. Morreu um homem.

— Quem é o seu pai? — inquiriu o Mago.

— Henry Luddock. Moramos em Stone Farm, perto de Orshaw Clough.

— Já conheço o seu pai e trabalhei para ele antes. Por acaso não será o William?

— Isso mesmo...

— Bem, William, da última vez que visitei Stone Farm não passava de um bebê de colo. Vejo agora que está aflito, por isso entre e sente-se. Depois respire fundo, acalma-se e comece pelo princípio. Quero todos os pormenores, por isso não omita nada — ordenou o Mago.

Quando atravessamos a cozinha para chegar à sala de visitas, nem sinal de Meg. Quando não estava a trabalhar, costumava vir sentar-se na sua cadeira de balanço, aquecendo as mãos na lareira

da cozinha. Perguntei-me se estaria escondida visto termos visitas — algo que deveria ter feito quando Shanks viera entregar as mercearias.

Uma vez na sala de visitas, William deu início ao seu relato dos acontecimentos que tinham começado bastante mal e depois ficado bem pior. Parecia que um demônio, provavelmente aquele que o meu mestre e eu ouvíamos atravessar as linhas antigas noites antes, se instalara em Stone Farm, dando início às suas travessuras fazendo alguns ruídos durante a noite. Mexera nos tachos e panelas da cozinha, batera na porta da frente e dera murros nas paredes várias vezes. Era suficiente para eu o identificar logo pelas notas que tomara a respeito dos demônios.

Era um *barulhento*, por isso já calculava o que se seguiria na história de William. Na manhã seguinte começara a arremessar pedras. Inicialmente, tinham sido apenas pequenos seixos, que batiam nas vidraças, rebojavam pelas telhas ou caíam pela chaminé. Depois as pedras tornaram-se maiores. Muito maiores.

O Mago ensinara-me que os barulhentos por vezes evoluíam para *arremessadores de pedras*. Estes eram demônios com mau gênio e muito perigosos de enfrentar. O morto era um pastor que trabalhava para Henry Luddock. O seu corpo fora encontrado na vertente inferior da charneca.

— Tinha a cabeça esmigalhada — contou-nos William. — A pedra que o matou era maior do que a cabeça dele.

— Tem certeza de que não foi um acidente? — perguntou o Mago. — Ele pode ter tropeçado, caído e batido com a cabeça.

— Claro que temos a certeza: ele estava estendido de costas e tinha a pedra em cima dele. Depois, enquanto trazíamos o corpo para baixo, começaram a cair outras pedras à nossa volta. Foi horrível. Julguei que ia morrer. Irá nos ajudar? Por favor. O meu pai está louco de preocupação. Há trabalho a fazer mas não é seguro sair para o exterior.

— Sim, volte e diga ao seu pai que estou a caminho. Quanto ao trabalho, ordenhem as vacas e só façam o que for mesmo necessário. Os carneiros sabem cuidar de si próprios, pelo menos até a neve chegar, por isso afastem-se da vertente da colina.

Depois de William ir embora, o Mago virou-se para mim e abanou a cabeça pesarosamente.

— É um caso complicado, rapaz — disse. — Os arremessadores de pedras são turbulentos mas raramente matam, por isso este patife pode voltar a fazer o mesmo. Já tratei antes de um ou dois como ele e normalmente acabou pelo menos com uma forte dor de cabeça pelo meu trabalho. Não é bem o mesmo que lidar com um estripador, mas por vezes pode ser igualmente perigoso. Houve magos que foram mortos por arremessadores de pedras.

Já lidara com um estripador no Outono. O Mago estivera doente e tivera de fazer tudo sem ele, auxiliado por um aparelhador e o seu ajudante. Fora bastante assustador porque os estripadores costumam matar a sua presa. Este também era assustador, mas de uma forma diferente. Não podíamos fazer muito para nos defendermos dos pedregulhos que caíam do céu!

— Bem, alguém tem de fazê-lo! — respondi com um sorriso, pondo um ar corajoso.

O Mago anuiu com gravidade.

— E tem, rapaz, por isso vamos lá nos apressar.

Havia algo que se impunha fazer antes de partirmos. O Mago levou-me de novo para a sala de visitas e disse-me que fosse buscar a garrafa castanha rotulada "CHÁ DE ERVAS".

— Prepare outra bebida para Meg, rapaz — disse o Mago. — Só que desta vez faça-a mais forte. Encha uns bons centímetros. Deve funcionar pois voltaremos ainda esta semana.

Fiz o que me mandavam, usando pelo menos cinco centímetros da bebida escura. Depois pus a chaleira ao fogo e enchi a xícara quase até à borda com água quente.

— Beba isto, Meg — disse-lhe o Mago quando lhe entreguei a xícara fumegante. — Vai precisar porque o tempo está a esfriar e pode te causar dores nos ossos.

Meg sorriu-lhe e dez minutos depois ela esvaziara a xícara e começava já a cabecear. O Mago entregou-me a chave do portão e disse-me que fosse andando. Depois pegou em Meg como se fosse um bebê e veio atrás de mim, com esforço.

Abri o portão, depois desci as escadas e esperei junto à porta do meio das três enquanto o meu mestre levava Meg para o interior escuro. Deixou a porta aberta e pude escutar cada palavra que lhe disse.

— Boa noite, meu amor — proferiu. — Sonhe com o nosso jardim.

Sei perfeitamente que não deveria ter escutado, mas escutara, e senti-me um pouco embaraçado ao ouvir logo o meu mestre falar daquela maneira.

E a que jardim se referia o Mago? Seriam os jardins de Chipenden? Se sim, esperava que fosse o jardim ocidental com a vista para as extensões rochosas. Nos outros dois, com os poços dos demônios e as sepulturas das bruxas, nem valia sequer a pena pensar.

Meg não deu qualquer resposta, mas o Mago deve tê-la acordado quando saiu e trancou a porta atrás de si, porque ela começou subitamente a chorar como uma criança com medo do escuro. Ao ouvir aquele som, o Mago estacou e esperou um longo tempo do lado de fora da porta até o choro finalmente passar e ser substituído por outro som muito tênue. Ouvei o silvo da respiração que saía por entre os dentes de Meg ao expirar.

— Ela agora está bem — disse baixinho ao meu mestre. — Está dormindo. Ouço-a rressonar.

— Nada disso, rapaz! — respondeu o Mago, deitando-me um dos seus olhares fulminantes. — É mais cantar do que rressonar! — Bem, a mim parecia-me sem dúvida rressonar, e só me ocorreu que o Mago não admitia nem a menor atenção a Meg. De qualquer forma, dito isto, subimos, trancamos o portão e preparamos as nossas coisas para a viagem.

Seguimos para leste, embrenhando-nos cada vez mais na ravina, até ficar tão estreita que quase tínhamos de caminhar dentro do regato e havia apenas uma minúscula fenda de céu cinzento por cima de nós. Depois, para minha surpresa, chegamos a uns degraus talhados na rocha.

Eram estreitos e íngremes, escorregadios com pedaços de gelo. Eu carregava o saco pesado do Mago, o que significava que, se

escorregasse, só tinha uma mão livre para me salvar.

Seguindo o meu mestre, consegui chegar ao topo inteiro e valeu sem dúvida a escalada porque estava de novo no ar puro, rodeado de amplos espaços. O vento soprava com rajadas dignas de nos arrancarem da charneca e as nuvens eram escuras e ameaçadoras, passando tão rente às nossas cabeças que quase parecia possível estender o braço e tocar-lhes.

Conforme lhes disse, sendo uma charneca, Anglezarke era alta mas muito mais plana do que as extensões rochosas que deixáramos para trás em Chipenden. Havia, porém, algumas colinas e vales, alguns deles com formas muito estranhas. Um em particular destacava-se porque era uma elevação pequena, arredondada e lisa demais para ser natural. Quando passamos perto dela, reconheci-a subitamente como a cripta onde vira o filho dos Hursts.

— Foi onde vi Morgan — disse ao Mago. — Ele estava mesmo ali no topo.

— Não duvido que estivesse. Ele sempre teve um fascínio por aquela cripta e não consegue ficar longe dela. Sabe, chamam-lhe Round Loaf^{4}, por causa da forma — explicou o Mago, apoiando-se no seu bordão. — Foi construída em tempos antigos, pelos primeiros homens que chegaram ao Condado vindos do oeste. Desembarcaram em Heysham, como muito bem sabe.

— Para que serve? — inquiri.

— Poucos o sabem ao certo, mas muitos são suficientemente tolos para dar um palpite. A maioria pensa que é apenas uma cripta onde jaz um antigo rei com a armadura e o ouro. Pessoas gananciosas abriram poços fundos, mas, apesar de todo o seu trabalho árduo, não encontraram nada. Sabe o que significa a palavra Anglezarke, rapaz?

Abanei a cabeça e senti um arrepio de frio.

— Pois bem, significa “templo pagão”. Toda a charneca era uma imensa igreja, aberta para os céus, onde aquele povo antigo venerava os Deuses Antigos. E, como a sua mãe te contou, o mais poderoso desses deuses chamava-se Golgoth, que significa Senhor do Inverno. Há quem diga que esta elevação era o seu altar especial. Para começar, ele possuía uma força poderosa sobre os

elementos, um espírito da natureza que adorava o frio. E como foi venerado durante tanto tempo e tão fervorosamente, tornou-se consciente e voluntarioso, ficando por vezes mais tempo depois da estação que lhe fora atribuída e ameaçando um domínio de gelo e neve um ano inteiro. Há quem pense até que foi o poder de Golgoth que provocou a última Era Glacial. Vá lá saber. Para todos os efeitos, nas profundezas do Inverno, no solstício, temendo que o frio pudesse nunca mais acabar e a Primavera nunca mais voltar, as pessoas ofereceram sacrifícios para o apaziguar. Foram sacrifícios de sangue, porque os homens nunca aprendem.

— Animais? — perguntei.

— Humanos, rapaz — fizeram-no para que, empanturrado com o sangue das vítimas, Golgoth ficasse saciado e mergulhasse num sono profundo, deixando a Primavera voltar. Subsistem ainda os ossos dos que foram sacrificados. Escave em qualquer ponto no raio de um quilômetro daqui e não tardará a encontrar ossos com fatura.

“Esta elevação é algo mais que sempre me trouxe desconfianças em relação a Morgan. Não conseguia manter-se afastado deste lugar e sempre se mostrou interessado em Golgoth — interessado demais para o meu gosto — e provavelmente ainda mostra. Sabe, há quem pense que Golgoth podia ser a solução para alcançar a supremacia mágica, e se um esconjurador como Morgan aproveitasse o poder de Golgoth, então a força do escuro viria a dominar o Condado.

— E acha que Golgoth ainda está aqui, em algum lugar na charneca...

— Sim. Dizem que dorme lá no fundo por debaixo dela. Daí o interesse de Morgan em Golgoth ser perigoso. O problema, rapaz, é que os Deuses Antigos ganham força quando são venerados por homens tolos. O poder de Golgoth diminuiu quando esse culto cessou e ele mergulhou num sono profundo. Um sono de que nós *não* queremos que acorde.

— Mas por que deixaram as pessoas de o venerar? Julguei que tivessem medo de que o Inverno pudesse nunca mais acabar?

— Sim, rapaz, isso é verdade, mas por vezes há outras circunstâncias mais importantes. Talvez uma tribo mais forte que se muda para a charneca com um deus diferente. Ou talvez as sementeiras não cresçam e um povo tenha de se deslocar para uma zona mais fértil. A razão perde-se no tempo, mas neste momento Golgoth dorme. E é assim que quero que ele fique. Por isso mantenha-se afastado deste lugar, rapaz, é o conselho que te dou. E vamos tentar manter Morgan longe dele também. Agora ande daí, já não resta muito mais luz do dia, por isso é melhor apressarmo-nos.

Ditas aquelas palavras, o Mago afastou-nos e uma hora depois deixamos a charneca e rumamos a norte, chegando a Stone Farm antes de escurecer. William, o filho do agricultor, estava à nossa espera ao fundo do caminho e subimos a colina em direção à fazenda precisamente quando a luz começava a desaparecer. Mas antes de visitar a casa da fazenda, o Mago insistiu em ser conduzido ao local onde fora encontrado o corpo. Uma trilha que partia do portão na parte de trás da fazenda conduzia diretamente à charneca, que era escura e ameaçadora sob o céu cinzento. O vento amainara entretanto, as nuvens avançando lentamente e parecendo carregadas de neve.

Cerca de duzentos passos levaram-nos a uma ravina muito mais pequena do que aquela onde fora construída a casa do Mago, mas não menos sinistra e ameaçadora. Era apenas um barranco estreito cheio de lama e pedras, dividido ao meio por um riacho de curso rápido.

Parecia não haver muito mais que ver mas não me sentia à vontade, nem tão pouco William. Os olhos dele andavam de um lado para o outro e virava-se constantemente de repente, como se pensasse que algo se pudesse aproximar dele por trás. Era curioso observar mas também eu estava assustado demais para esboçar sequer um sorriso.

— Com que então é este o lugar? — perguntou o Mago quando parou.

William anuiu e indicou um pedaço de solo onde os tufo de erva estavam espalmados.

— E aquela é a pedra que levantamos da cabeça dele — disse, apontando para um bocado de rocha cinzenta grande. — Foi preciso dois para a içar!

A rocha era grande e olhei para ela carrancudo, temendo pensar que algo assim pudera cair do céu. Fez-me perceber quão perigoso um arremessador de pedras podia ser.

Depois, de um momento para o outro, começaram a cair pedras. A primeira era pequena, o ruído dela ao bater na erva tão fraco que mal o ouvi acima do gorgolejar do riacho. Olhei para as nuvens bem a tempo de ver uma pedra bem maior descer, por pouco não me acertando na cabeça. Não tardou que principiassem a cair à nossa volta pedras de todos os tamanhos, algumas suficientemente grandes para nos causarem danos graves.

O Mago apontou com o bordão na direção da fazenda e, para minha surpresa, voltou para trás, começando a descer a ravina. Deslocávamo-nos rapidamente, e procurei acompanhar o ritmo, o saco tornando-se mais pesado a cada passo, a lama escorregadia sob os meus pés. Só quando chegamos ao pátio da fazenda é que paramos, exaustos.

As pedras tinham deixado de cair, mas uma delas fizera estragos. Havia um golpe na testa do Mago, de onde escorria sangue. Não era grave nem punha em risco a sua saúde, mas vê-lo ferido daquela maneira deixou-me preocupado.

Um arremessador de pedras matara um homem e, no entanto, de alguma forma, o meu mestre — que já não era nada jovem — ia ter de lidar com ele. Eu sabia que amanhã ele ia mesmo precisar do aprendiz. Sabia que ia ser um dia aterrador.

Henry Luddock recebeu-nos muito bem quando regressamos à fazenda. Em breve estávamos sentados na cozinha dele em frente a uma lareira de toras acesa. Era um homem grande, corado e jovial que não se deixara abater pela ameaça do demônio. Ficara triste com a morte do pastor que contratara, mas foi simpático e atencioso conosco e quis fazer de anfitrião oferecendo-nos uma lauta ceia.

— Obrigado pela oferta, Henry — disse-lhe o Mago, declinando educadamente. — É muito gentil da sua parte, mas nós nunca

trabalhamos de barriga cheia. Só arranjaríamos confusão. Mas esteja à vontade e coma o que quiser.

Para meu desalento foi exatamente o que a família Luddock fez. Sentaram-se e atacaram doses monumentais de empada de vitela, enquanto uma miserável bocada de queijo e um copo de água foi tudo o que o Mago nos permitiu.

Fiquei então ali sentado a mordiscar o meu queijo, pensando em Alice naquela casa onde era tão infeliz. Se não tivesse sido este demônio, talvez o Mago tivesse tratado de Morgan e melhorado a situação. Mas com um arremessador de pedras para enfrentar, sabia-se lá quando é que ele o poderia fazer.

Não havia quartos a mais em casa dos Luddocks e o Mago e eu passamos uma noite desconfortável, cada um embrulhado no seu cobertor no chão da cozinha, perto das cinzas da lareira. Frios e rígidos, levantamo-nos na manhã seguinte bem antes da alvorada e partimos para a aldeia mais próxima, que se chamava Belmont. O caminho era sempre a descer, o que facilitava o avanço, mas sabia que não tardaríamos a retroceder cada passo, efetuando a difícil subida de volta à fazenda.

Belmont não era muito grande — apenas uma encruzilhada com meia dúzia de casas e o ferrador que tínhamos vindo visitar. O ferreiro não pareceu muito satisfeito por nos ver, mas provavelmente dever-se-ia ao fato de as nossas pancadas o terem arrancado da cama. Era grande e musculoso como a maior parte dos ferreiros, decerto não um homem para brincadeiras, mas olhava o Mago com desconfiança e parecia constrangido. Conhecia bem o ofício do meu mestre.

— Preciso de um machado novo — disse o Mago.

O ferreiro apontou para a parede por detrás da forja, onde havia uma série de lâminas expostas, toscamente moldadas, à espera do acabamento final.

O Mago escolheu rapidamente, apontando para a maior. Era enorme e com lâminas duplas e o ferreiro olhou rapidamente o meu mestre de alto a baixo, como se a avaliar se seria suficientemente grande e forte para a manejar.

Depois, sem mais delongas, anuiu, resmungou e começou a trabalhar. Permaneci junto à forja, observando enquanto o ferreiro aquecia, batia e moldava as lâminas na bigorna, mergulhando-as amiúde numa tina com água no meio de um enorme fervilhar e uma nuvem de vapor.

Enfiou-as num comprido cabo de madeira antes de afiá-las na mó, as faíscas saltando. No total, passou quase uma hora antes de o ferreiro se dar finalmente por satisfeito e entregar o machado ao meu mestre.

— Agora, vou precisar de um escudo grande — pediu o Mago. — Tem de ser suficientemente grande para nos proteger aos dois, no entanto, bastante leve para o rapaz o erguer por cima da cabeça.

O ferreiro pareceu surpreendido mas foi à loja na parte de trás e voltou com um enorme escudo redondo. Era feito de madeira com um rebordo de metal. Tinha também uma aplicação em ferro ao meio, com um espigão, que o ferreiro começou por remover, substituindo-a por mais madeira a fim de tornar o escudo mais leve. A seguir, cobriu o exterior do escudo com folha de alumínio.

Segurando a extremidade exterior, podia agora erguer o escudo acima da minha cabeça com ambos os braços esticados. O Mago disse que assim não dava pois eu machucaria os dedos e podia largar o escudo. Então, a habitual tira de couro foi substituída por duas pegadas de madeira que ficariam do lado de dentro do rebordo.

— Ora bem, vejamos como se sai — disse o Mago. Obrigou-me a segurar o escudo em várias posições e diferentes ângulos e, dando-se finalmente por satisfeito, pagou ao ferreiro e regressamos a Stone Farm.

Fomos logo direto à extensão rochosa. O Mago teve de deixar o seu bordão pois tinha as mãos cheias de levar o machado e o seu próprio saco. Eu me via atrapalhado com o pesado escudo, satisfeito por ele não esperar que lhe carregasse também o saco. Subimos até alcançarmos o local onde o homem morrera. Então, o Mago parou e olhou-me duramente nos olhos.

— Agora precisa de ser corajoso, rapaz. Muito corajoso. E temos de agir rapidamente — advertiu-me. — O demônio habita

debaixo das raízes de um velho espinheiro além. Temos de derrubar e queimar a árvore para expulsá-lo.

— Como é que o sabe? — indaguei. — Os arremessadores de pedras costumam viver sob as raízes das árvores?

— Eles vivem onde lhes convém. Mas geralmente os demônios gostam de viver em ravinas e, em particular, debaixo das raízes dos espinheiros. O pastor foi morto aqui mesmo no sopé desta ravina. E sei que existe um espinheiro além porque é exatamente onde tratei do último, há quase dezenove anos, quando o jovem John era apenas um bebê de colo e Morgan meu aprendiz. Mas isso criou-nos um problema porque se aquele demônio deu ouvidos a um pouco de persuasão simpática e se foi embora quando lhe pedi, este é um arremessador de pedras velhaco que já matou, por isso as palavras não serão suficientes.

Assim, seguindo para norte, entramos na extremidade ocidental da ravina, o Mago impondo um ritmo acelerado à minha frente: não tardamos a sentir dificuldade em respirar. A lama deu gradualmente lugar a pedras soltas, tornando difícil o piso sob os nossos pés.

A princípio, mantivemo-nos perto do topo da ravina, mas depois o Mago começou a descer o cascalho até chegarmos à beira do riacho. Era baixo e estreito, mas continuava a saltar sobre as pedras, precipitando-se na descida com tamanha força que teria sido difícil atravessá-lo. Continuamos a subir contra a corrente, as margens de ambos os lados erguendo-se íngremes até só ser visível uma nesga de céu lá em cima. Depois, apesar do ruído do riacho, ouvi o primeiro seixo cair na água mesmo lá à frente.

Era algo de que estivera à espera, mas em breve se seguiram outras, obrigando-me a tirar o escudo das costas e tentar segurá-lo por cima das nossas cabeças. O Mago era mais alto do que eu de modo que tinha de levantá-lo bastante, e não tardou que os ombros e os braços me comessem a doer. Apesar de manter o escudo à altura dos braços, o Mago era obrigado a curvar-se e o progresso não era confortável para nenhum de nós.

Dali a pouco avistamos o espinheiro. Não sendo particularmente grande, era uma árvore antiga, preta e retorcida,

com raízes nodosas que faziam lembrar garras. Erguia-se em desafio, tendo sobrevivido uma centena de anos ou mais às piores intempéries. Era um bom local para um demônio se alojar, especialmente um arremessador de pedras como este, um tipo que evitava a companhia humana e gostava de estar sozinho.

A queda de pedras aumentava a cada minuto, e precisamente quando chegamos à árvore, uma maior do que o meu punho embateu no escudo, por pouco não me ensurdecendo.

— Mantenha-se firme, rapaz! — gritou o Mago.

Depois as pedras pararam de cair.

— Além... — O meu mestre apontou e, na escuridão por debaixo dos ramos das árvores, vi o demônio começar a ganhar forma. O Mago dissera-me que este tipo de demônio era, na realidade, um espírito e não tinha nem carne, nem sangue nem ossos seus; mas, por vezes, quando tentava assustar as pessoas, cobria-se de coisas que o tornavam visível aos olhos humanos. Desta vez estava a usar as pedras e a lama por debaixo da árvore. Elevaram-se numa enorme nuvem úmida rodopiante e colaram-se de modo a poder-se ver a sua forma.

Não foi uma visão bonita. Tinha seis braços enormes que, presumo, eram bastante úteis para arremessar pedras. Não admirava que atirasse tantas tão depressa. A cabeça era também enorme, assim como o rosto coberto de lama, visco e pedras que se moveram quando nos olhou sinistramente, tal como se estivesse a ocorrer lá debaixo um tremor de terra. Havia uma fenda preta no lugar da boca e dois enormes buracos pretos onde deveriam ter estado os olhos.

Ignorando o demônio e não perdendo tempo, quando as pedras começaram a chover de novo, o Mago foi direito à árvore, o machado descendo já quando a alcançou. A velha madeira nodosa era rija e foram necessários alguns golpes para lhe cortar os ramos. Eu perdera de vista o demônio, estando ocupado demais tentando manter o escudo erguido e repelir as pedras maiores que caíam na nossa direção. O escudo parecia ficar mais pesado a cada minuto e os meus braços tremiam do esforço de o manter no alto.

O Mago atacou o tronco, atingindo-o com fúria. Percebi então por que escolhera um machado com lâminas duplas: rodava-o tanto para a frente como para trás em enormes arcos de segadeira, a ponto de sentir a minha própria vida em risco. Olhando para ele, ninguém diria que fosse tão forte. Estava muito longe de ser jovem, mas soube então, pela maneira como a lâmina do machado se cravou fundo na madeira, que, apesar da sua idade e recente falta de saúde, continuava pelo menos tão forte quanto o ferreiro e teria feito dois do meu pai.

O Mago não derrubou logo o espinheiro; rachou o tronco, depois pousou o machado e levou a mão ao saco preto de couro. Não consegui ver bem o que fazia porque as pedras principiaram a chover mais intensamente do que nunca. Olhei de soslaio e vi o demônio começar a ondular e expandir-se: enormes músculos salientes irrompiam por todo o seu corpo como furúnculos inflamados. E, quando saltaram mais lama e seixos, quase duplicou de tamanho. Aconteceram depois duas coisas numa sucessão rápida.

A primeira foi cair do céu um enorme pedregulho à nossa direita que se enterrou até a metade no solo. Se nos caísse em cima, o escudo teria sido insuficiente. Ficaríamos ambos espalmados. A segunda foi a árvore irromper subitamente em chamas. Tal como disse, não tive oportunidade de ver de que forma o Mago agiu, mas o resultado foi sem dúvida espetacular. A árvore acendeu-se com um enorme *whoosh* e as chamas iluminaram o céu, as faúlhas a saltar em todas as direções.

Quando olhei para a esquerda, o demônio desaparecera, pelo que, com braços trêmulos, baixei o escudo e assentei a extremidade inferior no solo. Assim que o fiz, o Mago pegou no saco, pôs o machado ao ombro e, sem dizer uma palavra ou olhar para trás, começou a descer a extensão rochosa.

— Ande daí, rapaz — gritou lá para trás. — Não demore! Então, peguei no escudo e segui-o, não arriscando sequer um olhar à retaguarda.

Dali a nada o Mago abrandou e alcancei-o.

— Pronto? — inquiri. — Acabou?

— Não sejas tolo! — disse, abanando a cabeça. — Ainda mal começou. Aquilo foi só o primeiro passo. A fazenda de Henry Luddock está segura por ora mas aquele demônio voltará a atacar em algum lugar muito em breve. O pior ainda está por vir!

Fiquei decepcionado porque julgara que o perigo passara e a nossa tarefa fora concluída. Estava ansioso por uma refeição quente e saborosa, mas o Mago acabara de destruir as minhas esperanças porque tínhamos de continuar a jejuar.

Assim que voltamos, ele informou Henry Luddock de que se livrara do demônio. O agricultor agradeceu-lhe e prometeu pagar-lhe no Outono seguinte, logo a seguir às colheitas; cinco minutos depois estávamos de regresso à casa de Inverno do Mago.

— Tem certeza de que o demônio voltará? Realmente julguei que o trabalho ficara concluído — disse ao Mago enquanto atravessávamos a charneca, o vento a empurrar-nos por trás.

— Na verdade, o trabalho ficou meio feito, rapaz, mas o pior ainda está para vir. Tal como um esquilo enterra as bolotas para comer mais tarde, um demônio acumula reservas de força no lugar onde se alojou. Felizmente, por ora desapareceram, arderam juntamente com a árvore. Vencemos a primeira grande batalha, mas depois de uns dias a reunir forças, recomeçará a atormentar outra pessoa.

— Nesse caso vamos aprisioná-lo num poço?

— Não, rapaz. Quando um arremessador de pedras mata tão descontraidamente, é preciso dar um jeito de vez!

— Mas onde ele irá buscar novas forças? — perguntei.

— No medo, rapaz. É assim que ele consegue. Um arremessador de pedras alimenta-se do medo daqueles que atormenta. Alguma pobre família aqui perto vai ter uma noite de terror. Não sei para onde ele irá ou quem escolherá, por isso não se pode fazer nada nem mandar avisar. É algo que temos de aceitar. Como matar aquela pobre árvore. Não o queria fazer mas tinha pouca escolha. Aquele demônio se deslocará, reunirá forças, mas daqui a um dia ou dois encontrará um novo lar mais definitivo. E é então que virá alguém pedir-nos ajuda.

— Por que se tornou antes de mais o demônio velhaco? — quis saber. — Por que matou?

— Por que matam as *peessoas*? — perguntou o Mago. — Algumas fazem-no e outras não. E algumas que começam por ser boas acabam más. Calculo que este arremessador de pedras tenha se fartado de ser apenas um barulhento, espreitando às esquinas dos edifícios para assustar as pessoas com pancadas e socos durante a noite. Queria mais: queria toda a vertente da colina só para si e planejou expulsar o pobre Henry Luddock e a sua família da fazenda. Mas agora, como lhe destruimos o lar, irá precisar de outro. Por isso irá seguir ao longo da linha antiga.

Anuí.

— Bem, talvez isto te anime — disse-me, retirando um pedaço de queijo amarelo do bolso. Partiu um bocadinho e entregou-me. — Mastigue-o — aconselhou —, mas não o engula todo de imediato.

Uma vez na casa do Mago, fomos buscar Meg à cave e retomei a minha rotina de tarefas e lições. Mas havia uma grande diferença. Como aguardávamos problemas com o demônio, o jejum continuou. Para mim era uma tortura ver Meg cozinhar as refeições para si própria enquanto nós passávamos fome. Jejuávamos há três dias inteiros até o meu estômago julgar que me tinham cortado a garganta, mas finalmente, cerca do meio-dia do quarto dia, ouviu-se uma pancada sonora na porta das traseiras...

— Vá lá ver quem é, rapaz! — ordenou o Mago. — São sem dúvida as novas por que temos aguardado.

Fiz o que me mandavam, mas quando abri a porta, para meu espanto, encontrei Alice ali à espera.

— O velho Mr. Hurst mandou-me — referiu Alice. — Há um demônio a atormentar Moor View Farm. Então? Não me convida a entrar?

CAPÍTULO 8

O REGRESSO DO ARREMESSADOR DE PEDRAS

O Mago acertara em cheio na sua previsão mas ficou tão surpreendido quanto eu quando conduzi a nossa visita à cozinha.

— O demônio apareceu na fazenda dos Hursts — informei-o. — Mr. Hurst manda pedir ajuda.

— Venha até à sala de visitas, minha jovem. Falaremos lá — disse, virando-se para indicar o caminho.

Alice sorriu-me mas não sem antes olhar na direção de Meg, que estava de costas para nós a aquecer as mãos por cima da lareira.

— Sente-se — ordenou o meu mestre a Alice, fechando a porta da sala de visitas. — Agora conte-me tudo. Comece pelo princípio e leve o tempo que precisar.

— Não há muito que contar — esclareceu Alice. — Tom falou-me o suficiente sobre demônios para ter a certeza de que é um arremessador de pedras. Há dias que está a lançar pedras sobre a fazenda — não é seguro sair. Arrisquei a minha vida só para o vir aqui buscar. O pátio está cheio de pedras grandes. Quase não resta uma vidraça e derrubou três tubos da chaminé. Só por um triz ninguém ficou ferido.

— Morgan não tentou fazer nada? — indagou o Mago. — Ensinei-lhe o suficiente do básico sobre demônios.

— Não o vejo há dias. Também não faz falta nenhuma!

— Parece que é aquilo de que temos estado à espera — referi.

— Sim, também acho. É melhor preparar o chá de ervas. Faça-o tão forte quanto da última vez.

Levantei-me e abri o armário ao lado da lareira, retirando a garrafa grande de vidro castanho. Quando me virei, vi a censura no rosto de Alice. O Mago também a viu.

— Sem dúvida, como de costume, o rapaz pôs-te a par dos meus assuntos privados. Sabe, por conseguinte, o que ele vai fazer e por que é necessário. Tire-me então essa cara!

Alice não respondeu mas seguiu-me até à cozinha e viu-me preparar o chá de ervas enquanto o Mago ia ao gabinete de trabalho buscar o seu diário para o atualizar. Quando terminei, Meg dormitava na sua cadeira, de modo que tive de acordá-la com jeitinho abanando-lhe o ombro.

— Tome, Meg — disse-lhe quando abriu os olhos. — Aqui tem o seu chá de ervas. Beba-o com cuidado para não queimar a boca...

Aceitou a xícara mas depois olhou para ela pensativamente.

— Já não tomei hoje o meu chá, Billy?

— Precisa de outra xícara, Meg, porque o tempo está esfriando a cada dia.

— Oh! Quem é a sua amiga, Billy? É uma garota muito bonita! Que lindos olhos castanhos!

Alice sorriu quando ela me chamou "Billy" e apresentou-se.

— Sou Alice e costumava viver em Chipenden. Agora estou morando numa fazenda aqui perto.

— Bom, venha visitar-nos sempre que quiser — convidou Meg.

— Não há muita companhia feminina ultimamente. Teria muito bom te ver.

— Beba o seu chá, Meg — interrompi. — Beba-o enquanto está quente. Faz-lhe melhor assim.

Meg começou então a beber a poção e não demorou muito a terminar tudo e a voltar a cabecear.

— É melhor levá-la pelas escadas para o frio e a umidade! — disse Alice, uma pontinha de azedume na sua voz.

Não tive oportunidade de responder porque o Mago saiu do gabinete de trabalho e levantou Meg da cadeira. Peguei numa vela e abri o portão enquanto ele a transportava para a cela na cave. Alice ficou na cozinha. Cinco minutos após o nosso regresso, estávamos os três na estrada.

Moor View Farm ficara muito maltratada. Tal como Alice descrevera, o pátio estava cheio de pedras e quase todas as vidraças tinham sido partidas. A janela da cozinha era a única ainda intacta. A

porta da frente encontrava-se trancada mas o Mago usou a sua chave e abriu-a em segundos. Procuramos os Hursts e fomos dar com eles encolhidos na cave; do demônio nem sinal.

O Mago não perdeu tempo.

— Terão de sair imediatamente daqui — disse ao velho agricultor e à mulher. — Temo que não haja outra solução. Levem apenas o essencial e ponham-se a caminho. Deixem-me fazer o necessário.

— Mas para onde iremos? — perguntou Mrs. Hurst, à beira das lágrimas.

— Se ficarem, não posso responder pelas suas vidas — avisou-os o Mago sem rodeios. — Têm parentes em Adlington. Terão de os receber.

— Quanto tempo antes de podermos voltar? — perguntou Mr. Hurst. Estava preocupado com os seus meios de subsistência.

— Três dias no máximo — respondeu o Mago. — Mas não se preocupe com a fazenda. O meu rapaz se encarregará do que for necessário.

Enquanto se preparavam, o meu mestre ordenou-me que fizesse o máximo possível de tarefas da fazenda. Reinava o silêncio: não caíam pedras e parecia que o demônio repousava. Então, tirando o melhor partido da situação, comecei por ordenhar as vacas; estava já escuro quando terminei. Quando me dirigi à cozinha, o Mago estava sentado à mesa, sozinho.

— Onde está Alice? — perguntei.

— Partiu com os Hursts, para onde mais poderia ter ido? Não pode haver uma garota a envolver-se no nosso caminho quando temos de tratar de um demônio.

Estava realmente cansado, por isso nem me dei ao trabalho de argumentar. Esperara em parte que Alice fosse autorizada a ficar.

— Sente-se e tire essa expressão carrancuda, rapaz. É capaz de azedar o leite. Precisamos estar a postos.

— Onde está o demônio neste momento? — inquiri.

O Mago encolheu os ombros.

— A descansar debaixo de uma árvore ou de um pedregulho, presumo. Agora que escureceu, não tardará muito a aparecer. Os

demônios podem estar ativos de dia e, como descobrimos à nossa custa na extensão rochosa, defender-se-ão se provocados. Mas a noite é a altura preferida deles e quando estão também mais fortes.

— Se for o mesmo demônio que encontramos em Stone Farm, então a situação pode complicar-se. Por um lado, se lembrará de nós assim que se aproximar e vai querer vingar-se do que lhe fizemos. Não se contentará em partir vidros e derrubar alguns tubos de chaminé. Irá tentar arrasar esta casa de fazenda conosco lá dentro. Por isso vai ser uma luta até ao fim. De qualquer forma, rapaz, anime-se — disse-me, ao ver a preocupação estampada no meu rosto. — É uma casa velha e bem construída com pedra do Condado sobre alicerces muito fortes. A maior parte dos demônios é mais estúpida do que parece, por isso ainda não estamos mortos. Precisamos é de enfraquecê-lo mais. Vou oferecer-me como alvo. Quando lhe tiver esgotado a força, você armado com sal e ferro, por isso enche os seus bolsos, rapaz, e fique a postos!

Eu próprio usara o truque do sal e do ferro quando enfrentara a bruxa velha, Mãe Malkin. As duas substâncias combinadas eram muito eficazes contra o escuro. O sal queimaria o demônio; o ferro sugaria a força.

Segui então as instruções do meu mestre, enchendo os bolsos de sal e ferro tirado das bolsas que ele guardava dentro do seu saco.

* * *

Precisamente antes da meia-noite o demônio atacou. Há horas que se preparava uma grande tempestade e os primeiros rumores longínquos tinham dado lugar a fortes trovões e relâmpagos lá no alto e extensos raios. Encontrávamo-nos ambos na cozinha, sentados à mesa, quando aconteceu.

— Aí vem ele — murmurou o Mago, a sua voz tão baixa que mais parecia falar consigo mesmo do que comigo.

Tinha razão: alguns segundos depois o demônio desceu bombástica e ruidosamente a extensão rochosa e precipitou-se sobre a casa da fazenda. Parecia que um rio transbordara e uma inundação se precipitava para nós.

A janela da cozinha estilhaçou-se, espalhando fragmentos de vidro por todo o lado, e a porta de trás curvou para dentro como se um enorme peso estivesse encostado a ela. Depois toda a casa abanou como uma árvore numa tempestade, inclinando-se primeiro numa direção, depois na outra. Sei que parece impossível, mas juro que foi o que aconteceu.

A seguir ouviu-se um barulho de arrancar e rebentar lá em cima e as telhas começaram a voar do telhado e a partir-se no pátio da fazenda. Depois, durante alguns segundos ficou tudo muito sossegado, como se o demônio estivesse a repousar ou a pensar no que fazer em seguida.

— Está na hora de acabar com isto, rapaz — anunciou o Mago. — Você fica aqui e vigia pela janela. Tenho certeza de que isto vai se complicar.

Julguei que estivesse já tudo bastante complicado, mas não comentei.

— Custe o que custar, aconteça o que acontecer — prosseguiu o meu mestre —, não vá lá para fora. Use apenas o sal e o ferro quando o demônio entrar na cozinha. Se o aplicar lá fora com este tempo, não terá o impacto pleno. Por isso prepare-se.

O Mago destrancou a porta e, levando o seu bordão, saiu para o pátio da fazenda. Era o homem mais corajoso que eu já conhecera. Não teria me agradado nada enfrentar aquele demônio sem claridade.

Estava escuro como breu, e na cozinha todas as velas tinham se apagado. Ser mergulhado na mais completa escuridão era a última coisa que eu queria, mas felizmente ainda tínhamos uma lanterna. Trouxe-a para junto da janela mas não iluminava muito o pátio. O Mago encontrava-se a alguma distância por isso não conseguia ver tudo o que acontecia e estava dependente dos relâmpagos.

Ouvi o Mago bater três vezes com o bordão nas lajes; depois, soltando um uivo, o demônio foi direito a ele, atravessando o pátio da fazenda da esquerda para a direita. A seguir houve um grito de dor e um som semelhante a um ramo a partir-se. Quando se deu novo relâmpago, vi o Mago de joelhos, as mãos estendidas à sua

frente, tentando proteger a cabeça. O seu bordão estava nas lajes a alguma distância dele, partido em três bocados.

No escuro, ouvi pedras atingirem as lajes perto do Mago e mais telhas a cair do telhado por cima dele. Gritou de dor talvez umas duas ou três vezes e, apesar de ter me mandado vigiar da janela e esperar que o demônio entrasse, perguntei-me se deveria ir tentar ajudar. O meu mestre estava a passar um mau bocado e tudo indicava que não se ficaria por ali.

Olhei para a escuridão, tentando ver o que acontecia, esperando que os relâmpagos voltassem a iluminar o pátio. Não conseguia sequer ver o Mago. Mas depois a porta de trás começou a abrir-se muito lentamente, chiando. Apavorado, afastei-me dela, recuando até ficar contra a parede. Viria o demônio agora atrás de mim? Pousei a lanterna em cima da mesa e preparei-me para levar as mãos aos bolsos a fim de tirar o sal e o ferro. Um vulto escuro transpôs lentamente a soleira entrando na cozinha e fiquei estarecido, petrificado, mas depois aspirei ruidosamente ao ver o Mago de quatro. Viera rastejando em direção à porta na sombra da parede. Por isso eu não o conseguira ver.

Avancei rapidamente, fechei a porta com força, depois o ajudei a aproximar-se da mesa. Foi uma luta porque todo o corpo dele parecia tremer e não lhe restava muita força nas pernas. Estava um caco. O demônio machucara-o seriamente: havia sangue em todo o seu rosto e um galo do tamanho de um ovo na testa. Apoiou ambas as mãos na beira da mesa, esforçando-se por se aguentar de pé. Quando abriu a boca para falar, reparei que lhe faltava um dos dentes da frente. Não era nada bonito de se ver.

— Não se preocupe, rapaz — gemeu. — Pusemos ele em movimento. Não lhe resta muita força e chegou a hora de acabar com ele de vez. Prepare-se para usar o sal e o ferro, mas aconteça o que acontecer, não falhe!

Com “pôr em movimento” o Mago queria dizer que se oferecera como alvo e o demônio gastara muita energia a tentar destruí-lo e encontrava-se agora bastante mais enfraquecido. Mas quão mais enfraquecido? Ainda podia ser assaz perigoso.

Naquele preciso instante, a porta voltou a escancarar-se e desta vez o demônio entrou mesmo. O relâmpago iluminou-o e vi a cabeça redonda e os seis braços cobertos de lama. Mas havia uma diferença: parecia agora muito mais pequeno. Perdera uma parte da sua força e o Mago não sofrerá em vão. Com o coração em sobressalto e os joelhos a tremer, avancei para enfrentar o demônio. Depois, fui aos bolsos, retirei duas mãos cheias e arremessei-as ao demônio. Sal da minha mão direita; ferro da esquerda.

Apesar do que lhe custara, o Mago fizera tudo certinho. Primeiro queimara a árvore do demônio, retirando-lhe a reserva de energia. Depois oferecera-se como alvo lá fora, sugando ainda mais força ao demônio. Mas eu tinha de terminar o trabalho ali dentro. E não podia permitir-me falhar.

Havia apenas a corrente de ar da janela com a porta aberta, e a minha pontaria foi certa. A nuvem de sal e ferro atingiu o demônio em cheio. Houve um grito, tão forte e estridente que me fez ranger os dentes e quase rebentou os tímpanos. O sal queimava a criatura, o ferro retirava-lhe a restante energia. No momento seguinte o demônio desaparecera.

Fora-se. Para sempre. Eu acabara com ele de vez!

Mas o meu alívio foi de pouca duração. Vi o Mago cambalear e percebi que ia cair. Tentei alcançá-lo, realmente tentei. Mas foi tarde demais. Os seus joelhos cederam, perdeu o apoio da mesa e caiu para trás, batendo com toda a força com a cabeça nas lajes da cozinha. Esforcei-me por levantá-lo mas era um peso morto e, reparei, para meu desalento, que sangrava bastante do nariz.

Entrei em pânico. A princípio, não o ouvia respirar. Depois, senti finalmente o sopro sair-lhe muito tênue da garganta. O Mago estava gravemente ferido e precisava com urgência de um médico.

CAPÍTULO 9

AVISOS DE MORTE

Corri todo o caminho colina abaixo até à aldeia sob chuva torrencial, a trovoada a rebentar lá em cima e os raios vivos a bifurcar o céu.

Não tinha a mínima idéia de onde o médico morava e, em desespero, bati à primeira porta que encontrei. Não obtive resposta de modo que dei socos com força na seguinte. Como também não me respondessem, lembrei-me que o irmão do Mago, Andrew, tinha uma loja em algum lugar na aldeia. Continuei então a descer, correndo em direção ao centro, escorregando no empedrado e atravessando os riachos de água da chuva que vinham em cascata pela colina abaixo.

Demorei muito a encontrar a casa de Andrew. Era menor do que a que ele alugara em Priestown, mas estava bem localizada, em Babylon Lane, mesmo à esquina do que parecia ser a principal fila de lojas da aldeia. Um relâmpago iluminou a tabuleta por cima da vitrine:

ANDREW GREGORY MESTRE SERRALHEIRO

Bati ruidosamente com os nós dos dedos na porta da loja e, como não obtivesse qualquer resposta, agarrei na maçaneta e sacudi-a violentamente, ainda sem qualquer resultado. Perguntei-me se Andrew estaria a fazer algum trabalho fora dali. Talvez passasse a noite noutra aldeia. Depois ouvi levantar a janela de guilhotina de um quarto por cima da loja e uma voz masculina irada gritar na noite.

— Vá embora daqui! Imediatamente! O que pretende com tanta barulheira a esta hora da noite em que gente decente precisa de dormir?

— Procuvo um médico! — gritei na direção da janela retangular escura. — É urgente. Um homem pode estar morrendo!

— Bem, está perdendo o seu tempo aqui! Isso é uma loja de serralheiro!

— Trabalho para o irmão de Andrew Gregory. Ele vive na casa lá em cima na ravina à beira da charneca. Sou aprendiz dele!

Houve um novo relâmpago e vislumbrei o rosto lá em cima, e vi o medo estampado nele. Provavelmente a aldeia inteira sabia que o irmão de Andrew era mago.

— Vive um médico em Bolton Road, a cerca de cem metros para sul!

— Onde fica Bolton Road? — demandei.

— Desça a colina até a encruzilhada e vire à esquerda. Estará em Bolton Road. Depois segue sempre em frente. É a última casa da fila!

Então, a janela foi fechada com força, mas já não importava: tinha a informação necessária. Desci então a colina correndo, virei à esquerda, continuei a correr, respirando a custo e em breve batia à porta da última casa da fila.

Os médicos estão acostumados a ser acordados no meio da noite para emergências, por isso este não demorou muito a vir abrir a porta. Era um homem baixo com um bigode fino preto e cabelo a embranquecer nas têmporas. Segurava uma vela e anuiu enquanto eu falava, parecendo muito calmo e entendido. Contei-lhe que o homem ferido estava em Moor View Farm, mas quando lhe expliquei quem precisava de ajuda e porquê, os seus modos mudaram e a vela começou a tremer-lhe na mão.

— Volta para lá que seguirei o mais depressa possível — respondeu, fechando-me a porta na cara.

Tornei a subir na direção da charneca mas ia preocupado. O médico ficara manifestamente assustado por ter de tratar um mago. Iria cumprir o que prometera? Iria realmente seguir-me até à fazenda? Se não o fizesse, o Mago podia morrer. Tanto quanto sabia, ele até já podia estar morto e, com o coração apertado, arrastei-me colina acima o mais depressa possível. Entretanto, o pior da

tempestade afastara-se já e só se ouviam os ruídos distantes da trovoadá por cima da charneca e um ou outro relâmpago forte.

Não precisava de ter me preocupado com o médico. Fora fiel à sua palavra e chegara à fazenda apenas quinze minutos ou mais depois de mim.

Mas não se demorou muito. Quando examinou o Mago, as suas mãos tremiam tanto que nem precisei da expressão de olhos arregalados no rosto dele para perceber que estava apavorado. Ninguém gosta de ficar próximo de um mago. Contara-lhe também o sucedido no pátio e na cozinha, o que só viera piorar a situação. Olhava constantemente à sua volta como se esperasse ver o demônio aproximar-se sorrateiramente de si. Até teria achado piada se não me sentisse tão triste e preocupado.

Ajudou-me, porém, a levar o Mago lá para cima e a metê-lo na cama. Depois encostou o ouvido ao peito do Mago e escutou com atenção. Quando se levantou, abanava a cabeça.

— A pneumonia está a atacar-lhe os pulmões — disse por fim.

— Não há nada que eu possa fazer.

— Ele é forte! — protestei. — Há de melhorar.

Virou-se para mim com uma expressão no rosto que já vira antes noutros médicos. Era um ar profissional, um misto de compaixão e calma, uma máscara adotada quando têm de dar más notícias aos familiares dos gravemente doentes.

— Temo que o prognóstico seja muito mau, rapaz — disse, batendo-me delicadamente no ombro. — O seu mestre está morrendo, é improvável que sobreviva a esta noite. Mas a morte acaba por chegar a todos nós, por isso só temos de aceitá-la. Está aqui sozinho?

Anuí.

— Ficaré bem?

Tornei a anuir.

— Bem, vou mandar alguém aqui em cima pela manhã — anunciou, pegando na maleta e preparando-se para sair. — Ele vai precisar ser lavado — acrescentou sinistramente.

Sabia o que ele queria dizer com aquilo. Era tradição do Condado lavar os mortos antes do enterro. Sempre me parecera

uma idéia tola. Qual a necessidade de lavar alguém que iria acabar dentro de um caixão na terra? Fiquei furioso e estive quase para lhe dizer, mas consegui controlar-me e vim sentar-me ao lado da cama, ouvindo o esforço do Mago para respirar.

Ele não podia estar morrendo! Recusava-me a acreditar. Como podia morrer depois de tudo aquilo por que passara? Não estava simplesmente preparado para o aceitar. O médico só podia ter-se enganado, não? Mas, por muito que me esforçasse por me convencer de que o médico estava errado, comecei a desesperar. Sabem, lembrei-me daquilo que a Mãe dissera sobre os avisos de morte. Lembrei-me do cheiro no quarto do Pai, aquele fedor a flores, e que a Mãe afirmara ser um sinal da aproximação da morte. Eu possuía o dom dela e sentia naquele momento o cheiro porque vinha do Mago e ficava mais forte a cada minuto.

Mas quando o dia chegou, o meu mestre continuava vivo e a mulher enviada pelo médico para lhe lavar o corpo não conseguiu disfarçar a decepção no rosto.

— Não posso ficar para além do meio-dia. Tenho outro para lavar esta tarde! — anunciou bruscamente, mas depois mandou-me ir buscar um lençol lavado e rasgá-lo em sete tiras e trazer-lhe uma tigela com água fria.

Depois de fazer o que ela me pedira, pegou numa tira do lençol e dobrou-a até não ficar maior do que a palma da mão e mergulhou-a na água. Depois usou-a para molhar a testa e o queixo do Mago. Era difícil dizer se o fizera para ele se sentir melhor ou para poupar algum tempo quando lavasse o corpo mais tarde.

Feito isso, sentou-se ao lado da cama e começou a tricotar o que pareciam ser roupas de bebê. Falou bastante também, contando-me a história da sua vida e gabando-se das suas duas atividades. Para além de lavar os mortos e prepará-los para o enterro, era também a parteira local. Apanhara uma forte constipação e tossia constantemente para cima do Mago, assoando o nariz vermelho a um lenço grande pintalgado.

Pouco antes do meio-dia começou a guardar tudo, preparando-se para partir.

— Voltarei pela manhã para amortalhá-lo — referiu. — Não sobreviverá a uma segunda noite.

— Não existe qualquer esperança? — inquiri, consciente de que o Mago não abrira os olhos desde que batera com a cabeça.

— Escute a respiração dele — disse-me.

Escutei com atenção. A sua respiração tinha um som áspero, com um ligeiro ruído. Parecia que tinha a traquéia comprimida.

— É o estertor da morte — disse-me. — O seu tempo neste mundo está chegando ao fim.

Naquele momento, ouviu-se uma pancada na porta da frente e fui ver quem era. Quando abri a porta, Alice encontrava-se perto do degrau, o casaco de lã abotoado até ao pescoço e o capuz puxado para a frente.

— Alice! — exclamei, bastante satisfeito por vê-la. — O Mago machucou-se ao tratar do demônio. Bateu com a parte de trás da cabeça e o médico acha que ele vai morrer!

— Deixe-me vê-lo — afirmou Alice, afastando-me. — Talvez não seja tão mau quanto parece. Os médicos podem enganar-se. Ele está lá em cima?

Anuí e segui Alice até ao quarto da frente. Aproximou-se logo do Mago e pôs a mão na testa dele. A seguir levantou-lhe a pálpebra esquerda com o polegar e observou o olho com muita atenção.

— Ainda há esperança — referiu Alice. — Acho que vou poder ajudar...

A mulher pegou no saco e preparou-se para sair, a indignação a vincar-lhe a testa.

— Bem, já percebi tudo! — exclamou, olhando para os sapatos bicudos de Alice. — Uma bruxinha veio em auxílio de um mago!

Alice levantou a cabeça, os seus olhos chispando de raiva, escancarou a boca e mostrou os dentes. Depois bufou à mulher, que recuou rapidamente dois passos da cama.

— Não conte que ele te agradeça! — disse a Alice, em tom de aviso, recuando até à porta do quarto antes de descer as escadas a correr.

— Não tenho grande coisa comigo — afirmou Alice depois de a mulher ter ido embora. Desabotoou o casaco e retirou uma pequena

bolsa de couro do bolso interior. Estava presa com um cordel, abriu-a e deitou algumas folhas secas na palma da mão. — Para já, vou preparar-lhe uma poção rápida — disse.

Enquanto ela ia à cozinha, sentei-me à cabeceira do Mago, fazendo o que podia para o ajudar. Todo o seu corpo ardia em febre e continuei a molhar-lhe a testa com o pano espremido e a tentar fazer baixar a febre. Descia-lhe um fio constante de sangue e muco do nariz e continuava a escorrer-lhe para o bigode, pelo que tinha de o estar sempre a limpar. O tempo todo o peito dele chiava e o cheiro a flores era mais forte do que nunca, de modo que comecei a achar que, apesar das palavras de Alice, a enfermeira estava certa e não faltaria muito para ele se finar.

Dali a pouco Alice voltou a subir as escadas trazendo uma xícara meio cheia de um líquido amarelo-claro, e levantei a cabeça do Mago enquanto ela lhe deitava um pouco na boca. Desejei que a Mãe estivesse ali mas sabia que Alice também não lhe ficava atrás: conforme me dissera a Mãe uma vez, ela era entendida em poções.

O Mago engasgou-se e cuspiu um pouco mas conseguimos que ele bebesse quase tudo.

— É realmente uma péssima altura do ano mas talvez consiga arranjar algo melhor — anunciou Alice. — Vale a pena ir lá fora procurar. Não que ele o mereça, da forma como me tratou!

Agradei a Alice e acompanhei-a à porta da frente. Deixara de chover mas havia uma frieza no ar úmido. As árvores estavam despidas e parecia tudo desolado. — É Inverno, Alice. O que pode encontrar se não cresce quase nada?

— Mesmo no Inverno, há raízes e cascas que se podem usar — replicou Alice, abotoando o casaco por causa do frio. — É preciso saber onde procurar. Regressarei o mais depressa que puder...

Voltei para o quarto a fim de fazer companhia ao Mago, triste e perdido. Sei que parece egoísmo mas não podia deixar de começar a preocupar-me comigo. Era impossível concluir o aprendizado sem o Mago. Teria de ir para norte de Caster, onde Arkwright exercia o seu ofício e pedir-lhe que me aceitasse. Como ele fora em tempos aprendiz do Mago e vivera em Chipenden tal como eu, talvez o fizesse, mas não era garantido. Podia ter já um aprendiz. Depois

daquele pensamento, senti-me pior. Verdadeiramente culpado. Porque só estivera a pensar em mim, não no meu mestre.

Então, passado mais ou menos uma hora, o Mago abriu de repente os olhos. Estavam esgazeados e brilhantes da febre e, para começar, não creio que tivesse me reconhecido. No entanto, ainda se lembrava de como dar ordens e começou a gritá-las a plenos pulmões como se pensasse que eu era surdo ou assim.

— Ajude-me a levantar! Levante-me já! Rápido! Rápido! Vamos! — gritou, enquanto eu o tentava ajudar a ficar sentado e empilhava as almofadas por detrás das suas costas. Começou a gemer forte, e os seus olhos deram a volta nas órbitas até só serem visíveis as córneas.

— Traga-me uma bebida! — berrou. — Preciso de uma bebida!

Havia um jarro de água fria na mesa-de-cabeceira, enchi meia xícara e aproximei-lha delicadamente dos lábios.

— Beba devagarinho — aconselhei, mas o Mago engoliu uma grande golada e cuspiu-a para cima das cobertas.

— Mas que porcaria é esta? Não mereço melhor? — bradou, as suas pupilas voltando a aparecer e fixando-se em mim, esgazeadas e iradas. — Traga-me vinho! E que seja tinto. É do que preciso!

Não achei que fosse nada boa idéia, visto estar tão doente, mas ele tornou a insistir. Queria vinho e tinha de ser tinto.

— Lamento, mas não há vinho — expliquei, mantendo a voz calma para não o deixar ainda mais agitado.

— Claro que não há vinho *aqui!* Isto é um quarto! — gritou. — Lá em baixo na cozinha, é onde o poderá arranjar. Se não, experimente a cave. Vá procurar. E rapidinho. Não me faça esperar.

Havia cerca de meia dúzia de garrafas de vinho na cozinha e eram todas de tinto. O problema era que nem sinal de um saca-rolhas — também não me esforcei por procurá-lo. Levei então a garrafa para o quarto, pensando que o assunto morreria ali.

Mas enganei-me: mal me aproximei da cama, o meu mestre tirou-me a garrafa das mãos, meteu-a na boca e puxou a rolha com os dentes que lhe restavam. Por um momento, pensei que a tivesse engolido, mas de repente cuspiu-a com tamanha força que a rolha fez ricochete na parede oposta.

Depois começou a beber e, enquanto bebia, falou. Nunca antes vira o Mago beber álcool, mas agora parecia não conseguir enfiá-lo pela garganta abaixo com rapidez suficiente. Foi ficando cada vez mais excitado, a conversa redundando em tagarelice contínua. Não fazia grande sentido porque ele delirava da febre e da bebida. Uma grande parte era também em latim, a língua que eu me esforçava ainda por aprender. A dada altura começou a fazer sucessivamente o sinal da cruz com a mão direita, à semelhança dos padres.

Lá na nossa fazenda, o vinho era algo que raramente bebíamos. A Mãe prepara o seu próprio vinho de baga de sabugueiro e é realmente muito bom. Só o vai buscar em ocasiões especiais, porém: quando eu vivia lá em casa, já era uma sorte darem-me meio copo de vinho duas vezes por ano. O Mago emborcou a garrafa inteira em menos de quinze minutos e depois ficou mal disposto — tão mal disposto que por pouco não morria engasgado ali mesmo. Claro que tive de limpar a porcaria recorrendo às tiras do lençol.

Alice regressou pouco depois e preparou outra poção com as raízes que encontrara. Trabalhamos juntos e conseguimos enfiá-la pela goela do Mago, e instantes depois voltara a adormecer.

Feito isso, Alice farejou o ar e franziu o nariz. Mesmo depois de eu ter mudado a roupa de cama o quarto estava ainda empestado, mas pelo menos já não sentia o cheiro de flores. Pelo menos foi o que me pareceu então. Não me dera conta de que o Mago estava a melhorar.

Afinal de contas, o médico e a enfermeira tinham-se enganado: horas depois a febre baixara e o meu mestre tossia mucosidades espessas dos pulmões, enchendo lenços com a mesma rapidez com que eu conseguia encontrá-los, de modo que acabei por rasgar outro lençol em tiras. Ele estava no caminho lento para a recuperação. E, mais uma vez, o mérito fora todo de Alice.

CAPÍTULO 10

MÁS NOTÍCIAS

Os Hursts regressaram no dia seguinte mas pareciam perdidos e desorientados, como se não soubessem por onde começar a livrar-se daquela confusão. O Mago passava a maior parte do tempo a dormir mas não podíamos deixá-lo ficar num quarto com o vento entrando a uivar pelos vidros partidos, de modo que fui buscar algum dinheiro no saco dele e entreguei-o a Mr. Hurst para pagar algumas das reparações.

Foram contratados trabalhadores da aldeia: um vidraceiro colocou um novo vidro nas janelas do quarto e da cozinha enquanto Shanks tapava temporariamente as restantes com tábuas para manter afastados os elementos. Eu próprio tive um dia atarefado, a acender as lareiras nos quartos e uma lá em baixo na cozinha, ajudando também nas tarefas da fazenda, especialmente a ordenha. Mr. Hurst efetuou algum trabalho mas faltava-lhe energia. Parecia já não gostar da vida e ter perdido toda a vontade de viver.

— Valha-me Deus! Valha-me Deus! — murmurava constantemente de si para si, sem ânimo. E mais uma vez ouvi-o dizer nitidamente, ao olhar para o telhado do celeiro, o seu rosto cheio de angústia: — Que mal fiz eu? Que mal fiz eu para merecer isto?

Naquela noite, pouco depois de termos terminado a ceia, ouvimos três pancadas fortes na porta da frente e o pobre Mr. Hurst pôs-se em pé tão repentinamente que quase caiu para trás por cima da cadeira.

— Eu vou abrir — disse Mrs. Hurst, apoiando delicadamente a mão no braço do marido. — Você fica aqui, querido, e vê se mantém a calma. Não volte a atormentar-se.

Pela reação deles calculei que fosse Morgan à porta. E houve algo na maneira como as três pancadas tinham sido dadas que me enregelou até aos ossos. As minhas suspeitas confirmaram-se

quando Alice olhou para mim, descaiu os cantos da boca e articulou silenciosamente a palavra “Morgan”.

Morgan avançou pomposamente pela sala à frente da mãe. Trazia um bordão e um saco. Com a capa e o capuz, parecia mesmo um mago.

— Bem, isto *está* acolhedor. E temos aqui o jovem aprendiz — disse, virando-se para mim. — Voltamos a encontrar-nos, Mancebo Ward.

Respondi baixando-lhe a cabeça.

— Mas afinal o que se passa aqui, Velho? — Morgan atormentou Mr. Hurst. — Aquele pátio está uma lástima. Onde está o seu orgulho? Vai deixar este lugar cair aos bocados.

— A culpa não é dele. Mas você é estúpido ou quê? — ripostou Alice, a sua voz carregada de hostilidade. — Qualquer tolo percebe que foi obra de um demônio!

Morgan carregou o cenho e fuzilou-a com o olhar, levantando um pouco o bordão, mas Alice retribuiu o olhar dele com um sorriso escarninho.

— Com que então o Mago enviou o seu aprendiz para tratar dele, hein? — referiu Morgan, virando-se para a mãe. — Bom, aí tem o pagamento, não é, Velha? Recebe aqui a bruxinha dele e nem sequer se dá ao trabalho de vir ajudar a aprisionar o seu demônio. Sempre me saiu um patife sem coração.

Pus-me em pé num ápice.

— Mr. Gregory veio, sim senhor. Está lá em cima porque ficou muito maltratado ao enfrentar o demônio.

Percebi imediatamente de que falara demais. De repente, senti temor pelo meu mestre. Morgan ameaçara-o no passado e agora o Mago estava fraco e indefeso.

— Oh, afinal *tem* língua — disse ele, escarnecendo de mim. — Se quer saber a minha opinião, o seu mestre já deu o que tinha a dar. Machucou-se ao aprisionar um demônio? Santo Deus, esse é o truque mais fácil do livro! Mas a idade não perdoa. Manifestamente, o velho tolo já não tem préstimo. É melhor eu ir lá acima dar-lhe uma palavrinha.

Dito aquilo, Morgan atravessou a cozinha e começou a subir as escadas para os quartos. Inclinei-me e murmurei a Alice que se deixasse ficar onde estava. Depois saí da cozinha e dirigi-me para as escadas. A princípio, cuidei que Mrs. Hurst me fosse pedir para ficar, mas ela limitou-se a permanecer sentada e cobriu o rosto com as mãos.

Comecei a subir sorratamente as escadas, mas alguns degraus chiaram de modo que subi apenas três antes de parar para escutar as gargalhadas roufenhas vindas lá de cima, seguidas do som da tosse do Mago. Depois as escadas chiaram atrás de mim, virei-me e vi Alice com o dedo encostado aos lábios a impor silêncio.

Seguidamente, chegou-me a voz do Mago do quarto lá em cima.

— Continua a escavar naquela velha elevação tumular? — ouvi-o perguntar. — Ainda um dia será a sua morte. Devia ter mais juízo. Mantenha-se afastado enquanto ainda te resta fôlego no corpo.

— Bem que você me podia facilitar — replicou Morgan. — É só devolver-me o que é meu. Não peço mais nada.

— Se eu te desse, causaria estragos incalculáveis. Isso se sobrevivesse. Por que tem de ser assim? Pare de se meter com o escuro e veja se toma juízo, rapaz! Lembre-se das promessas que fez à sua mãe. Ainda não é tarde demais para tomar outro rumo na vida.

— Escusa de fingir que se preocupa comigo — respondeu Morgan. — E não se atreva a falar da minha mãe. Nunca quis saber de nenhum de nós, essa é que é a verdade. Nada senão aquela bruxa. Assim que lhe apareceu Meg Skelton, a minha pobre mãe não teve qualquer chance. E onde é que isso o levou? E onde é que isso a levou a não ser condená-la a uma vida de infortúnio?

— Não, rapaz. Eu gostava de você e gostava da sua mãe. Amei-a em tempos, como muito bem sabe, e toda a minha vida fiz o possível para a ajudar. E por amor a ela tentei ajudar-te, apesar de tudo o que fez!

O Mago recomeçou a tossir e ouvi Morgan soltar uma imprecação e começar a encaminhar-se para a porta.

— Agora as coisas mudaram, Velho, e quero o que me é devido — exigiu. — E se não me der, terei de usar outros meios.

Alice e eu viramo-nos em conjunto e descemos as escadas. Tínhamos chegado precisamente à cozinha quando as botas dele raspavam no primeiro degrau.

Mas, afinal, Morgan nem sequer olhou para nós. De semblante muito carregado, ignorando a mãe e o pai dele, atravessou a cozinha em grandes passadas e entrou no corredor. Escutamos todos em silêncio quando ele correu um ferrolho e abriu a fechadura de uma porta no corredor, ouvindo-se depois os seus passos ruidosos do outro lado da divisão. Decorridos alguns momentos, ouvimo-lo voltar a sair e fechar e trancar a porta. Um instante depois saiu de casa; a porta da frente bateu com estrondo atrás de si.

À mesa, ninguém abriu a boca, mas não pude deixar de olhar para Mrs. Hurst. Pelos vistos o Mago amara-a também. Bom, envolvera-se já com três mulheres! E era por essa razão que Morgan parecia guardar ressentimentos contra ele.

— Vamos te levar para a cama, querido — dirigiu-se Mrs. Hurst ao marido, a sua voz suave e afetuosa. — Está precisando é de uma boa noite de sono. Se sentirá muito melhor de manhã.

Então, os dois levantaram-se da mesa, o pobre Mr. Hurst arrastando os pés em direção à porta, cabisbaixo. Senti realmente pena de ambos. Ninguém merecia um filho como Morgan. A mulher dele estacou junto à ombreira e olhou para nós.

— Não se demorem a subir, vocês dois — disse, ao que anuímos ambos cortesmente e depois ficamos a ouvi-los subir as escadas juntos.

— Bem — disse Alice —, agora estamos só nós dois. Por que não vamos dar uma espiada ao quarto de Morgan? Quem sabe o que poderíamos encontrar...

— O quarto onde ele acabou de entrar?

Alice acenou com a cabeça.

— Às vezes ouvem-se lá estranhos ruídos. Gostaria de ver o que está lá dentro.

Então, tirou a vela da palmatória e saiu da cozinha à minha frente, atravessando a sala de estar e indo ter ao corredor.

Havia duas divisões que comunicavam com aquele corredor. De costas para a porta da frente, ia-se ter à sala de estar; à esquerda havia outra porta pintada de preto. Tinha um ferrolho no exterior.

— É esta — murmurou Alice, tocando na porta com a ponta do seu sapato bicudo e correndo o ferrolho.

— Se não estivesse trancada, já teria ido bisbilhotar lá dentro. Mas agora não há problema. A sua chave não tardará a abri-la, Tom. — Apontou para a fechadura.

A minha chave destrancou de fato a porta e abri-a. Era uma divisão bastante grande, mais comprida do que larga, com uma janela tapada com tábuas ao fundo, de onde pendiam uns pesados cortinados pretos. O chão era lajeado, tal como o resto do rés-do-chão, mas não havia tapetes nem carpetes. E viam-se apenas três peças de mobília no quarto: uma mesa de madeira comprida com uma cadeira de espaldar em cada extremidade.

Alice foi a primeira a entrar no quarto.

— Não há muito que ver, não é? — comentei. — O que esperava encontrar?

— Não sei bem, mas julguei que houvesse algo mais — começou Alice. — Às vezes ouço sinos tocar aqui dentro. Sobretudo sinos pequenos, como aqueles que cabem na nossa mão. Mas uma vez ouvi um sino de funeral que parecia bastante grande e tocava de uma torre de igreja. Depois, ouve-se muitas vezes o som de água a escorrer e uma menina a chorar. Calculo que seja a irmã dele que morreu.

— Ouve os sons quando ele está dentro do quarto?

— Principalmente, mas mesmo quando ele não está em casa, às vezes ouço um cão a ladrar e a rosnar ou até a farejar mesmo junto à porta como se tentasse libertar-se. É por isso que os Hursts o mantêm sempre trancado. Acho que têm medo que possa sair de lá alguma coisa desagradável.

— No entanto, não sinto nada aqui dentro — disse a Alice. Não havia a sensação de frio que me avisa quando algo do escuro está próximo. — O Mago diz que Morgan é um necromante que usa os mortos. Fala com eles e obriga-os a submeter-se à sua vontade.

— Mas onde ele vai buscar o poder? Não usa magia dos ossos ou do sangue como uma bruxa — comentou Alice —, e também não tem um familiar. Eu conseguiria cheirá-lo com certeza se tivesse um. Portanto o que é, Tom?

Encolhi os ombros.

— Talvez seja Golgoth, ou um dos Deuses Antigos. Ouviu o que o Mago acabou de dizer sobre Morgan andar a escavar naquela elevação tumular e que isso havia de ser a sua morte? Bem, é um mausoléu chamada Round Loaf e fica lá em cima da charneca. Talvez ele esteja tentando invocar Golgoth como faziam os antigos. Talvez Golgoth queira ser invocado e esteja a ajudá-lo de alguma maneira. Mas Morgan ainda não é capaz de o fazer porque o Mago tem algo de que ele precisa. Algo que tornaria tudo mais fácil.

Alice anuiu pensativamente. — Deve ser isso, Tom, mas algumas das coisas que eles disseram foram também intrigantes. Não vejo o Velho Gregory e Mrs. Hurst juntos. Custa-me a acreditar que sejam um casal.

Também me custava a acreditar. Muito mesmo. De qualquer forma, não havia muito mais que ver, por isso saímos do quarto e fechamos e trancamos a porta. Havia mistérios a resolver — segredos no passado do Mago — e estava a ficar cada vez mais curioso.

Morgan não voltou a aparecer em Moor View Farm, mas decorreu outra semana antes de podermos regressar a casa do Mago. Shanks foi chamado, e efetuamos a viagem de volta com o Mago montado no pequeno pônei e eu e Alice a pé atrás.

Shanks recusou-se a pôr os pés dentro de casa e voltou para Adlington, deixando o Mago conosco. Entretanto, eu contara já ao meu mestre que provavelmente as poções de Alice lhe tinham salvo a vida. Ele não disse nada mas não se opôs quando o ajudamos ambos a subir até ao quarto. Estava ainda muito debilitado e ia levar algum tempo a recuperar plenamente. A viagem de regresso também o cansara. Mal se aguentava nas pernas e ficou lá em cima uns dois dias.

Algo que me surpreendeu foi não mencionar sequer Meg de início. Também não lhe recordei: não me agradava ter de descer as

escadas até à cave sozinho. Como ela passara todo o Verão a dormir lá em baixo, mais alguns dias não teriam grande importância. Assim, tive de fazer a maior parte das tarefas. Alice deu uma ajuda, mas não tanta quanta a que eu teria gostado.

— Só porque sou uma garota isso não significa que tenha de ser só eu a cozinhar! — resmungou quando lhe sugeri que o faria melhor do que eu.

— Mas eu não sei cozinhar, Alice — argumentei. — Lá em casa era a Mãe que o fazia, o demônio do Mago encarregava-se de tudo em Chipenden e aqui era Meg.

— Bem, vai ter oportunidade de aprender — redarguiu Alice com um sorriso. — E quanto a Meg, aposto que não estaria disposta a cozinhar se não fosse todo aquele chá de ervas!

Então, na manhã do terceiro dia, o Mago desceu penosamente as escadas e sentou-se à mesa enquanto eu me esforçava por preparar o desjejum. Cozinhar era uma tarefa bem mais dura do que se afigurava, mas não tão dura quanto ficou o *bacon*.

Comemos em silêncio até que, passados alguns minutos, o Mago afastou de si o prato.

— Ainda bem que estou sem apetite, rapaz — comentou, abanando a cabeça. — Porque a fome me obrigaria a comer tudo isso e não sei bem se sobreviveria à experiência.

Alice desatou às gargalhadas, satisfeita por ver o meu mestre no bom caminho para a recuperação. Quanto às tiras de *bacon*, já comera melhores, mas estava suficientemente faminto para devorar tudo e Alice também. Comecei a animar porque parecia que o Mago sempre a ia deixar ficar.

Na manhã seguinte, o Mago decidiu finalmente que chegara a altura de ir acordar Meg. Ainda não tinha muita força nas pernas de modo que desci as escadas com ele e ajudei-o a trazer Meg de volta para a cozinha enquanto Alice aquecia água. O esforço revelou-se excessivo para ele, e as suas mãos começaram a tremer tanto que teve de voltar para a cama.

Ajudei Alice a preparar a banheira para Meg.

— Obrigada, Billy — disse Meg quando começamos a enchê-la de água quente. — É um rapaz muito atencioso. E a sua linda amiga

também é muito útil. Como se chamas, querida?

— Chamam-me Alice... — respondeu com um sorriso.

— Bem, Alice, tem família a viver aqui próximo? É bom estar vivendo perto da família. Quem me dera ter. Mas agora vivem tão longe.

— Eu agora não vejo a minha família. Não são boa companhia e estou melhor sem elas — respondeu Alice.

— Não pode ser! — exclamou Meg. — Mas o que pode ter corrido mal, querida?

— Eram bruxas — replicou Alice com um sorrisinho malvado de esquelha na minha direção.

Fiquei muito irritado. Aquele tipo de conversa podia despertar a memória de Meg. Alice estava a fazer de propósito.

— Em tempos conheci uma bruxa — comentou Meg, uma expressão sonhadora nos olhos. — Mas foi há muitos anos...

— Acho que o seu banho já está pronto, Meg — disse-lhe, agarrando o braço de Alice e afastando-a dali. — Nós vamos para o gabinete de trabalho, para que ela possa ter alguma privacidade.

Uma vez no gabinete de trabalho do Mago, insurigi-me contra Alice.

— Por que tinha de dizer-lhe aquilo? Podia começar a lembrar-se de que ela própria era uma bruxa.

— Seria tão mau assim? — indagou Alice. — Não é justo, ser tratada daquela maneira. Mais valia estar morta. Já lhe fui apresentada, mas logo ela me esqueceu.

— Mais valia estar morta? Muito provavelmente acabaria num poço — retorqui, furioso.

— Bem, por que não lhe dá simplesmente um *pouco* menos do chá de ervas — para que ela possa ter uma vida melhor e não se esteja sempre a esquecer de tudo? Com a dose certa, ela não se lembraria de tudo mas seria muito melhor para ela. Deixe-me fazê-lo, Tom. Não é muito difícil. Dar-lhe-ei um bocadinho a menos todos os dias até acertarmos.

— Não, Alice! Não se atreva! — adverti-a. — Se o Mago descobrisse te mandaria de volta para os Hursts num abrir e fechar

de olhos. De qualquer forma, não vale a pena o risco. Algo pode correr mal.

Alice abanou a cabeça.

— Mas não está certo, Tom. Tem de se fazer algo mais cedo ou mais tarde.

— Bem, então mais tarde do que cedo. Você não vai fazer nada com o chá de ervas, não é? Prometa-me.

Alice sorriu.

— Prometo, mas acho que devia falar do assunto com o Velho Gregory. Fará isso?

— Agora não é o momento certo, pois ainda está doente. Mas farei quando achar que a ocasião é propícia. Ele não vai atender, porém. Sucede assim há anos. Por que haveria de o mudar agora?

— Somente fale com ele, é tudo o que peço.

Então concordei, apesar de saber que estaria a perder o meu tempo e só iria aborrecer o Mago escusadamente. Mas Alice começava a preocupar-me. Queria confiar nela, mas tinha sem dúvida uma cisma em relação a Meg.

O Mago desceu ao final da tarde e conseguiu comer um pouco de caldo, depois passou o serão embrulhado num cobertor diante da lareira. Quando fui me deitar, continuava lá, e Alice ajudava Meg a lavar as panelas para o desjejum.

Na manhã seguinte, que era uma terça-feira, o Mago deu-me uma breve lição de latim. Não parecia lá muito bem: cansava-se rapidamente e voltou para a cama, de modo que fiquei sozinho no gabinete de trabalho o resto do dia.

Depois, ao final da tarde, ouviu-se bater na porta de trás e encontrei Shanks, o homem que fazia as entregas do Mago, ali à espera. Tinha uma expressão muito nervosa e olhava constantemente por cima do ombro esquerdo, como se esperasse que alguém aparecesse por detrás de mim a qualquer momento.

— Trouxe a encomenda de Mr. Gregory — disse, indicando com a cabeça o pônei atrás de si carregado de sacas castanhas. — E trago uma carta para você. Foi entregue na casa errada e estavam fora em negócios. Acabaram de regressar, por isso deve ter mais de uma semana.

Olhei para ele, espantado. Quem me poderia mandar uma carta para aqui? Levou a mão ao bolso do casaco, retirou um envelope amarrotado e entregou-me. Fiquei apreensivo porque reconheci a caligrafia do meu irmão Jack no envelope e soube que deveria ter custado uma pequena fortuna enviar a carta pela mala-postal: tinha de ser algo grave. Eram na certa más notícias.

Abri o envelope rasgando-o e desdobrei a carta, que era breve e concisa.

Caro Tom

O estado do nosso pai agravou-se novamente. Piora a olhos vistos. Todos os filhos dele estão aqui, menos você, por isso é melhor vir imediatamente para casa.

Jack

Jack sempre fora direto e aquelas palavras deixaram-me o coração muito apertado. Não podia acreditar que o pai fosse morrer. Não conseguia sequer imaginá-lo. O mundo não seria o mesmo sem ele. E se a carta de Jack estava na aldeia há uma semana, à espera de ser lida, eu podia chegar já tarde demais. Enquanto Shanks descarregava as nossas provisões, corri lá para dentro, subi ao quarto do Mago e, com mãos trêmulas, mostrei-lhe a carta. Ele leu-a, depois soltou um suspiro profundo.

— Lamento saber as más novas — disse. — É melhor ir imediatamente a sua casa. Numa altura desta a sua mãe vai precisar de você a seu lado.

— E então o senhor? — inquiri. — Ficaré bem?

— Não se preocupe comigo, não tarda ficarei bom. Não, vá embora enquanto ainda resta alguma claridade. Vai querer descer a charneca muito antes de a noite cair.

Quando descí à cozinha, Alice e Meg estavam ambas a cochichar. Meg sorriu quando me viu.

— Esta noite vou preparar uma ceia especial para ambos — anunciou.

— Não vou estar aqui para a ceia, Meg — disse-lhe. — O meu pai está doente e tenho de ir para casa por alguns dias.

— Lamento sabê-lo, Billy. A neve vem aí com certeza, por isso proteja-se bem do frio. As queimaduras podem fazer-te cair os dedos.

— A situação é muito má, Tom? — perguntou Alice, parecendo preocupada, de modo que lhe entreguei a carta e ela leu-a rapidamente.

— Oh, Tom! Lamento muito — disse, avançando para me dar um abraço. — Talvez não seja bem o que parece...

Mas quando os nossos olhos se cruzaram, pude ver que ela só estava a tentar fazer-me sentir melhor. Temíamos ambos o pior.

Preparei-me para partir. Não me preocupei com o meu saco — deixei-o no gabinete de trabalho — mas levei o meu bordão; no meu bolso, para além de um pedaço grande de queijo amarelo esboroadado para a viagem, tinha a caixa de mechas e um toco de vela. Nunca se sabia quando poderiam vir a ser úteis.

Depois de me despedir do Mago, dirigi-me à porta de trás com Alice. Para minha surpresa, em vez de se despedir ali, tirou o casaco do cabide e vestiu-o.

— Vou com você até ao fim da ravina — anunciou, esboçando-me um sorriso triste.

Descemos então juntos. Não falamos. Sentia-me atordoado e receoso, ao passo que Alice se mostrou deveras submissa. Quando chegamos ao fundo da ravina e me virei para Alice a fim de me despedir, para minha surpresa, vi que havia lágrimas nos olhos dela.

— O que se passa, Alice?

— Não vou estar aqui quando regressar. O Velho Gregory vai me mandar embora. Vou voltar para Moor View Farm.

— Oh, lamento, Alice. Ele não me falou nada a esse respeito. Pensei que estivesse tudo bem.

— Ele me disse a noite passada. Acha que estou próximo demais de Meg.

— Próximo demais?

— Penso que pode ser porque nos viu a conversar uma com a outra, é tudo. Quem sabe o que vai dentro da cabeça do Velho Gregory. Achei por bem te avisar. Para que saiba onde me encontrar quando regressar.

— Irei visitá-la assim que puder — disse-lhe. — Antes mesmo de voltar para casa do Mago.

— Obrigada, Tom — respondeu Alice, pegando-me por um breve instante na mão esquerda para a apertar afetuosamente.

Deixei-a então e continuei a descer, parando uma vez para olhar para trás. Continuava lá a observar-me, de modo que lhe acenei. Alice não me dissera quaisquer palavras finais de consolo. Não mencionara o meu pai. Ambos sabíamos que não havia nada a dizer e receava o que fosse encontrar em casa.

O crepúsculo chegou rapidamente, ajudado por uma camada de nuvens espessas e carregadas vinda de norte. Escurecia já quando deixei as alturas da charneca; não sei como, consegui desorientar-me e não encontrei o trilho que tencionava tomar.

Lá em baixo havia um aglomerado de árvores e um muro baixo de pedra seca com um pequeno edifício a alguma distância para lá dele — talvez uma cabana de criado de lavoura, o que significava que muito provavelmente haveria uma pequena estrada ou trilho que partia dela descendo a colina. Subi o muro mas hesitei antes de descer para o outro lado. Para começar, teria mais de um metro e oitenta de altura e descobri que estava a olhar para um grande cemitério. Também não havia uma cabana ao longe. Era uma pequena capela.

Encolhi os ombros e desci para o meio das lápides. Até podia ter o seu quê de arrepiante, mas eu era o aprendiz do Mago e tinha de me acostumar a lugares como este apesar de estar quase escuro. Comecei a avançar por entre as sepulturas, sempre a descer, e não tardou que os meus pés pisassem um caminho de gravetos que seguia em direção à capela.

Devia ser sempre direto. O caminho passava ao lado da capela; para lá dela, serpenteava por entre as lápides em direção a dois enormes teixos que formavam um arco por cima de um portão. Deveria ter continuado a caminhar, mas via-se um brilho de luz no vitral da capela, prova de uma vela a tremular. Quando passei pela porta, reparei que estava ligeiramente entreaberta e ouvi nitidamente uma voz lá dentro.

Uma voz que gritou uma única palavra: — Tom!

Era uma voz cava, uma voz masculina, uma voz que estava acostumada a que lhe obedecessem. Não a reconheci.

Conquanto parecesse improvável, senti que me chamavam. E quem poderia estar dentro da capela que sabia o meu nome, ou que eu passava por ali no escuro naquele momento? Não deveria estar ninguém na capela àquela hora da noite. Só seria usada esporadicamente, para breves serviços antes dos funerais.

Quase antes de perceber o que fazia, aproximei-me da porta da capela, abri-a e entrei. Para minha surpresa não havia ninguém lá, mas reparei de imediato em algo realmente estranho na configuração interior. Em vez de virados para o altar, com um corredor de permeio, os bancos estavam em quatro longas filas encostados à parede e defronte para um único confessionário grande na parede à minha direita, com duas velas enormes posicionadas como sentinelas de cada lado dele.

O confessionário tinha as duas entradas habituais, a do padre e a do penitente. Um confessionário contém, na realidade, dois compartimentos com uma divisória de modo a que, apesar de o padre poder ouvir as confissões através de uma grelha, não consiga ver o rosto da pessoa que se confessa. Mas havia ali algo de estranho. As portas tinham sido retiradas, de modo que me encontrava defronte de dois retângulos da mais completa escuridão.

Enquanto olhava para as portas, sentindo-me muito agitado, alguém saiu do escuro pela entrada do padre à esquerda e avançou na minha direção. Usava uma capa e um capuz tal como o Mago.

Era Morgan, apesar de a voz que me chamou não ter sido a dele. Estava mais alguém na capela? Quando ele se aproximou, tive uma súbita sensação de frio intenso. Não o frio habitual que me dizia que algo do escuro estava próximo. De certa forma, era diferente. Fez-me lembrar o frio que sentira quando enfrentara em Priesttown o espírito maléfico a que chamavam o Destruidor.

— Voltamos a encontrar-nos, Tom — disse Morgan com um leve sorriso escarninho. — Lamento saber a notícia do seu pai. Mas ele teve uma vida boa. A morte acaba por bater à porta de todos nós.

O meu coração agitou-se no peito e parei de respirar. Como é que ele soubera da doença do Pai?

— Mas a morte não é o fim, Tom — disse ele, dando outro passo na minha direção. — E durante algum tempo podemos falar com aqueles que amamos. Gostaria de falar com o seu pai? Eu podia invocá-lo agora para você, se é isso que quer...

Não respondi. Só naquele instante comecei a compenetrar-me do que ele dizia. Senti-me entorpecido.

— Oh, lamento, Tom. É claro que você não sabe não é? — prosseguiu Morgan. — O seu pai morreu na semana passada.

CAPÍTULO 11

O QUARTO DA MÃE

Morgan voltou a sorrir, mas o coração saltou-me para a boca e enchi-me de pânico: o mundo girou à minha volta. Sem pensar, virei-me e corri para a porta. Uma vez lá fora, continuei a descer o caminho, os meus pés esmagando os gravetos. Quando cheguei no portão, virei-me e olhei para trás. Viera até à entrada da capela. O seu rosto estava no escuro pelo que não lhe pude ver a expressão, mas levantou a mão e acenou-me. O tipo de aceno que se faria a um amigo.

Não correspondi. Limitei-me a abrir o portão e continuar a descer a vertente, um misto de pensamentos e emoções às voltas na minha cabeça. Ficara perturbado ao pensar que o meu pai podia encontrar-se já morto. Estaria Morgan certo do que afirmara? Ele era necromante, por isso invocara algum fantasma que lho dissesse? Recusei-me a acreditar e tentei remetê-lo para o meu subconsciente.

E por que desatara eu a fugir? Devia ter ficado e dito o que pensava a seu respeito. Mas surgira-me um nó na garganta e as minhas pernas tinham-me levado até à porta antes de ter sequer tempo de pensar. Não podia afirmar que estava com medo dele, muito embora fosse arrepiante ouvi-lo dizer semelhantes coisas na capela, com as velas a tremular atrás dele. Era o fato de ser confrontado assim com aquela notícia.

Não me lembro muito do resto da viagem, para além do fato de parecer estar a esfriar e a ventar mais. Na noite do segundo dia, o vento mudara para nordeste e o céu parecia carregado de neve.

A neve só começou a cair quando me encontrava a cerca de meia hora de casa. A luz principiara a diminuir, mas conhecia o caminho como a palma da minha mão e isso não me impediu o progresso. Quando abri o portão da fazenda um cobertor branco cobria tudo e fiquei gelado até aos ossos. A neve torna sempre tudo mais tranquilo, mas parecia ter descido um silêncio noturno especial

sobre a casa. Entrei no pátio e o silêncio cessou quando os cães começaram a ladrar.

Não havia ninguém por perto, muito embora uma luz tremulasse numa das janelas do quarto das traseiras. Chegara tarde de mais? Levava o coração já aos pés e temi o pior dos piores.

Vi então Jack: avançou em grandes passadas pelo pátio na minha direção. Vinha carrancudo, as sobrancelhas espessas unidas por cima do nariz.

— Por que demorou? — inquiriu, furioso. — Não leva uma semana, não é? Os nossos irmãos já partiram. E James vive a meio caminho do Condado! Foi o único que não chegou.

— A sua carta foi para na morada errada. Recebi-a uma semana depois — expliquei. — Mas como está ele? Cheguei tarde demais? — perguntei, sustendo a respiração mas lendo já a verdade no rosto de Jack.

Jack suspirou e baixou a cabeça como se não conseguisse encarar-me. Quando tornou a levantar a cabeça, os seus olhos brilhavam com lágrimas.

— Ele se foi, Tom — disse baixinho, toda a aspereza e a raiva desaparecidas. — Morreu tranquilamente enquanto dormia fez ontem uma semana.

Antes que percebesse, abraçava-me e chorávamos ambos. Nunca mais ia voltar a ver o meu pai; nunca mais iria ouvir a sua voz, as suas velhas histórias e adágios sábios; nunca mais apertaria a sua mão ou lhe pediria um conselho; e a idéia era insuportável. Mas enquanto ali estava, lembrei-me de alguém que sentiria essa perda ainda mais do que eu.

— Pobre Mãe — disse, quando consegui voltar a falar. — Como é que ela tem passado?

— Mal, Tom. Muito mal — afirmou Jack, abanando a cabeça com pesar. — Nunca antes vira a Mãe chorar e foi algo terrível de se ver. Ela ficou fora de si, durante dias não comeu nem dormiu. E no dia seguinte ao funeral, preparou um saco e partiu, dizendo que precisava de se afastar por uns tempos.

— Para onde é que ela foi?

Jack abanou a cabeça, o seu rosto cheio de infelicidade.

— Quem me dera saber — disse.

Não comentei com Jack, mas lembrei-me do que o Pai uma vez me dissera: que a Mãe tinha a sua própria vida para viver e que depois de ele morrer e ser enterrado provavelmente regressaria ao seu próprio país. E dissera que quando esse momento chegasse eu teria de ser forte e deixá-la partir com um sorriso. Só esperava que não o tivesse feito já. Partiria sem se despedir de mim? Esperava que não. Precisava mesmo de voltar a vê-la, nem que fosse pela última vez.

Foi a pior ceia que alguma vez me lembro de tomar em casa.

Era tão triste não ter a Mãe e o Pai à mesa e olhava constantemente para a cadeira vazia do Pai. A bebê estava lá em cima no berço, por isso éramos apenas os três, Jack, Ellie e eu, sentados à mesa e a debicar lentamente a comida.

Quando a olhei, Ellie sorriu com pesar mas estava muito calada. Tinha a impressão de que queria me dizer algo mas esperava pela ocasião certa.

— O guisado está mesmo muito bom, Ellie — disse-lhe. — É uma pena desperdiçar, mas não sou capaz de comer muito. Não tenho muita fome.

— Não se preocupe, Tom — respondeu-me com doçura. — Eu entendo. Nenhum de nós está com apetite. Coma apenas o que aguentar. É importante manter as forças numa altura como esta.

— Provavelmente não será o momento certo, mas queria dar os parabéns, aos dois. Da última vez que estive aqui, a Mãe contou-me que está à espera de outro bebê e que vai ser um rapaz.

Jack sorriu, pesaroso, a sua voz embargada.

— Obrigado, Tom. Se ao menos o Pai tivesse vivido para ver o neto nascer... — Pigarreou como se fosse dizer algo importante. — Olha — começou. — Por que não fica conosco alguns dias até o tempo melhorar? Não precisa de voltar já amanhã, não é? A verdade é que seria bom uma ajuda na fazenda. James ficou dois dias mas teve de voltar ao trabalho.

James, o meu segundo irmão mais velho; era ferreiro. Duvidei que ele tivesse ficado depois do funeral, pois Jack precisava *realmente* de ajuda no trabalho da fazenda. Não eram as

sementeiras na Primavera, nem as colheitas no Outono, em que toda a ajuda era bem-vinda. Não, Jack queria que eu ficasse pela mesma razão que precisara de James. Apesar de detestar os assuntos dos magos e não gostar de me ter por perto, precisava que eu preenchesse o vazio, a solidão de estar ali sem o Pai e a Mãe.

— Vai ser bom ficar alguns dias — disse-lhe, sorrindo.

— Ainda bem que pode, Tom. Agradeço muito — afirmou, afastando o prato muito embora mal tivesse comido um terço. — Vou me deitar.

— Vou lá mais tarde, querido — disse Ellie a Jack. — Não se importa que eu fique aqui um pouco a fazer companhia a Tom, não é?

— De modo algum — respondeu.

Depois de ele sair, Ellie sorriu-me calorosamente. Estava mais bonita do que nunca, mas tinha um ar cansado e triste, a tensão da última semana sendo parcialmente responsável por isso.

— Obrigada por aceitar ficar um pouco, Tom — disse-me. — Ele precisa falar dos velhos tempos com um dos irmãos. É assim que se chora, falando sucessivamente do assunto. Mas acho também que ele precisa de você porque acredita que se estiver aqui, provavelmente a Mãe voltará...

Não me ocorrera tal. A Mãe sentia as coisas. Saber que eu estava na fazenda. Podia realmente voltar para me ver.

— Espero que sim.

— Também eu, Tom. Mas escute, quero que seja paciente com Jack. Sabe, há uma coisa que ele ainda não te contou. Havia uma surpresa no testamento do seu pai. Algo com que ele não contava...

Fiquei intrigado. Uma surpresa? O que poderia ser? A família inteira sabia que, com a morte do Pai, Jack, como filho mais velho, herdaria a fazenda. Não valia a pena dividi-la entre os sete, tornando-a cada vez menor. Era a tradição do Condado. Ia sempre para o filho mais velho, com a garantia de a viúva lá poder ficar enquanto fosse viva.

— Uma surpresa *agradável*? — perguntei, na dúvida, sem saber o que esperar.

— Não, não é dessa maneira que Jack o vê. Mas não quero que me interprete mal, Tom. Ele só está pensando em mim e em Mary e, claro, no filho que vai nascer — disse-me, passando a mão pela barriga. — Sabe, Jack não herdou a casa toda. Foi-te deixado um quarto...

— O quarto da Mãe? — perguntei, adivinhando já a resposta. Era o quarto onde a Mãe guardava as suas coisas particulares; onde guardara a corrente de prata que me dera no Outono.

— Sim, Tom — afirmou Ellie. — Aquele quarto fechado mesmo por debaixo do sótão. Aquele quarto e tudo o que está lá dentro. Muito embora Jack possua a casa e a terra, será sempre permitido a você o acesso àquele quarto e poderá ficar lá quando quiser. Jack empalideceu quando foi feita a leitura do testamento. Significa que você pode mesmo viver aqui, se for essa a sua intenção.

Eu sabia que Jack não me queria perto da casa não fosse dar-se o caso de eu trazer algo comigo; algo do escuro. Não podia contra-argumentar porque tal já sucedera uma vez. A velha bruxa, Mãe Malkin, acabara por vir ter à nossa cave na Primavera passada. Jack e a filha bebê de Ellie, Mary, tinham corrido mesmo perigo.

— A Mãe fez algum comentário? — perguntei.

— Nem uma palavra. Jack ficou incomodado demais para falar do assunto e depois ela foi embora no dia seguinte.

Não consegui deixar de pensar que, ao destinar-me o quarto, tal significava que iria partir em breve; voltar para o seu próprio país e deixar-nos para sempre. Isto se não se tivesse ido já embora.

Na manhã seguinte levantei-me muito cedo mas Ellie chegara à cozinha antes de mim. Foi o cheiro de salsichas a fritar que me levou lá abaixo. Apesar de tudo o que acontecera, o meu apetite começava a voltar.

— Teve uma boa noite de sono, Tom? — perguntou, brindando-me com um grande sorriso.

Anuí mas era uma pequena mentira. Demorara muito a adormecer e depois acordara diversas vezes. E sempre que abria os olhos, a dor voltava-me, como se percebesse pela primeira vez de que o Pai morrera.

— Onde está a bebê? — perguntei.

— Mary está lá em cima com Jack. Gosta de passar algum tempo com ela todas as manhãs. Sempre é um bom pretexto para começar a trabalhar um pouco mais tarde. Hoje também não vai adiantar muito — disse-me, apontando para a janela. Os flocos de neve desciam a rodopiar e a divisão estava mais iluminada do que num dia de Verão pois a luz refletia-se da neve acumulada no pátio.

Não tardei a atacar um prato de salsichas com ovos. Enquanto comia, Jack desceu e me fez companhia à mesa. Baixou-me a cabeça e começou a comer o seu desjejum; Ellie veio até a divisão da frente, deixando-nos a sós. Ele debicava a comida, mastigando-a devagar, e comecei a sentir-me culpado por estar a saborear o meu desjejum.

— Ellie contou-me que já sabe do testamento — falou por fim Jack.

Anuí mas não disse nada.

— Olhe, Tom, como filho mais velho, sou o executor do testamento e é meu dever certificar-me de que as vontades do Pai são cumpridas, mas gostaria de saber se poderíamos chegar a um acordo — disse. — E se eu te comprasse o quarto? Se conseguisse arranjar o dinheiro, me venderia? E quanto às coisas da Mãe lá dentro, tenho certeza de que Mr. Gregory te deixaria guardá-las em Chipenden...

— Preciso de tempo para pensar, Jack — redargui-lhe. — Isto foi um grande choque. Aconteceu coisas demais muito rapidamente. Não se preocupe, não faço tenções de vir aqui constantemente. Estarei ocupado demais.

Jack levou a mão ao bolso das calças e retirou um molho de chaves. Colocou-as na mesa à minha frente. Havia uma chave grande e três mais pequenas: a primeira era da porta do quarto; as outras três das caixas e arcas lá dentro.

— Bem, aqui estão as chaves. Quer sem dúvida ir lá em cima ver a sua herança.

Debrucei-me e empurrei de novo as chaves na direção dele.

— Não, Jack — disse-lhe. — Guarde-as por agora. Não irei ao quarto sem antes ter falado com a Mãe.

Olhou-me, espantado.

— Tem certeza?

Anuí e ele voltou a enfiar as chaves no bolso, não se falando mais no assunto.

O que Jack afirmara fazia bastante sentido. Mas eu não queria o dinheiro dele. Para comprar a minha parte, ele teria de pedir um empréstimo e, financeiramente, a situação seria bastante difícil visto ter de administrar sozinho a fazenda. No que me dizia respeito, ele podia ficar com o quarto. E tinha certeza de que o Mago me deixaria guardar as caixas e arcas da Mãe em Chipenden. Mas desconfiava que era vontade da Mãe que eu ficasse com o quarto, e só isso me impediu de concordar prontamente. Estava no testamento do Pai mas provavelmente a decisão fora dela. A Mãe tivera sempre uma boa razão para tudo o que fazia, por isso não podia decidir nada enquanto não falasse cara a cara com ela.

Naquela tarde, fui visitar o jazigo do Pai. Jack queria acompanhar-me, mas consegui dissuadi-lo. Precisava de isolar-me. Uma hora ou mais para pensar e chorar sozinho. E havia algo mais que precisava saber. Algo que não poderia fazer se Jack me acompanhasse. Ele não teria compreendido ou, quando muito, ficaria deveras transtornado.

Calculei o meu passeio de modo a chegar lá ao pôr do Sol, apenas com a luz suficiente para encontrar a sepultura. Era um cemitério ermo, coberto de neve, a cerca de oitocentos metros da igreja. O próprio adro da igreja estava tão cheio que tinham consagrado mais aquele solo sagrado. Na realidade, não passava de um pequeno campo delimitado por uma sebe de espinheiro com dois sicômoros a estabelecer os limites ocidentais. Foi fácil encontrar a sepultura do Pai na primeira fila de jazigos que avançavam mês a mês pelo campo. A sepultura dele ainda não tinha pedra, contudo fora assinalada temporariamente com uma cruz, o nome dele talhado fundo na madeira:

JOHN WARD
ETERNO DESCANSO

Permaneci algum tempo junto daquela cruz de madeira, pensando em todos os momentos felizes que tínhamos passado em família; recordando a infância, com a Mãe e o Pai felizes e atarefados e todos os meus irmãos a viverem em casa. Recordei a última vez que falara com o Pai e de ele me ter dito que se orgulhava de ter um filho tão corajoso e que, apesar de não ter quaisquer preferidos, continuava a achar que eu saíra o melhor deles todos.

Vieram-me as lágrimas aos olhos e chorei alto junto à campa. Mas quando escureceu, respirei fundo e fortaleci-me, concentrando-me no que havia a fazer. Assuntos de magos.

— Pai! Pai! — chamei na escuridão. — Está aí? Consegue ouvir-me?

Chamei três vezes exatamente da mesma maneira, mas a cada ocasião os únicos sons que ouvi foram o vento a assobiar por entre a sebe de espinheiro e um cão solitário a ladrar ao longe. Suspirei então de alívio. O Pai não estava ali. O seu espírito não ficara preso ali. Não se apegara à sepultura. Só esperava que tivesse ido para um lugar melhor.

Ainda não me decidira quanto a Deus. Talvez Deus existisse e talvez Ele não existisse. Se Ele existisse, dar-se-ia ao incômodo de me escutar? Eu não tinha por hábito rezar, mas tratava-se do Pai, de modo que abri uma exceção.

— Por favor, Deus, dê-lhe paz — pedi, baixinho. — Se for o que ele merece. Foi um homem bom e muito trabalhador e eu amava-o.

Depois virei-me e, muito triste, regresssei a casa.

Permaneci na fazenda cerca de uma semana. Quando chegou a altura de partir, chovia, a neve meio derretida no pátio.

A Mãe não regressara e perguntei-me se alguma vez o faria. Mas a minha principal obrigação era voltar para Anglezarke e ver como estava o Mago. Só esperava que continuasse a recuperar. Prometi a Jack e Ellie que os viria visitar na Primavera e que falaríamos então a respeito do quarto.

Empreendi a longa caminhada para sul, pensando no Pai e em tudo o que mudara. Ainda há pouco tempo eu vivia lá em casa feliz

com os meus pais e seis irmãos, e o Pai estava forte e com saúde. Agora tudo se alterara. Tudo se desmoronara.

De certa forma, nunca poderia regressar ao lar porque ele já não existia. Agora estava tudo muito diferente. Os edifícios podiam continuar a ser os mesmos, assim como a vista da Colina do Carrasco da janela do meu antigo quarto. Mas, sem o Pai e a Mãe não seria simplesmente o lar.

Sabia que perdera algo para sempre.

CAPÍTULO 12

NECROMANCIA

Quanto mais para sul viajava, mais esfriava, a chuva a transformar-se gradualmente em neve. Estava cansado e queria seguir logo para casa do Mago mas prometera a Alice que a iria visitar primeiro e tencionava ser fiel à minha palavra.

Quando surgiu Moor View Farm, já estava escuro. O vento amainara e o céu estava limpo. A lua aparecera e a neve tornava tudo muito mais brilhante do que o costume; para lá da casa da fazenda, o lago era um espelho escuro refletindo as estrelas.

A própria fazenda estava às escuras. A maior parte dos agricultores do Condado recolhia-se cedo, por isso era algo com que já estava a contar. Esperava, no entanto, que Alice tivesse dado pela minha aproximação e escapulido para se vir encontrar comigo. Subi a vedação limite e atravessei um campo em direção ao aglomerado de edifícios dilapidados. Apareceu um estábulo à minha frente, e ouvindo um som invulgar, estaquei junto à porta aberta. Alguém chorava.

Aproximei-me da ombreira da porta e os animais lá dentro agitaram-se nervosamente. Senti imediatamente o cheiro. Não era o habitual odor adocicado a animais, acrescido de umas quantas saudáveis bostas de vaca. Era disenteria, uma doença digestiva a que o gado e os porcos estão sujeitos. Tem tratamento, mas aquele gado estava doente e negligenciado. A situação piorara consideravelmente desde a última vez que eu lá estivera.

Foi então que percebi que alguém me vigiava. A minha esquerda, iluminado por um raio de luar, Mr. Hurst estava sentado acororado num banco de ordenha. Escorriam lágrimas pelas faces do velho e olhava para mim, a infelicidade estampada no seu rosto. Recuei um passo quando ele se pôs em pé.

— Desapareça daqui! Deixe-me em paz! — gritou, brandindo o punho na minha direção, tremendo da cabeça aos pés.

Fiquei chocado e incomodado. Sempre fora tão tímido e plácido, nunca dirigindo a mim nem a Alice uma palavra irada. Naquele momento parecia desesperado e no limite das suas forças. Afastei-me, cabisbaixo. Sentia muita pena dele. Morgan devia tê-lo tratado muito mal: por isso ficara fora de si. Não sabia o que fazer mas pensei que o melhor seria ter uma conversa com Alice.

Continuei a avançar até chegar ao pátio. A casa mantinha-se às escuras e não sabia bem o que fazer. Alice devia estar dormindo profundamente, não percebendo que eu estava perto. Esperei um momento, a minha respiração fazendo vapor no ar frio.

Aproximei-me da porta de trás e bati duas vezes. Nem precisei bater de novo. Passados alguns instantes a porta abriu-se lentamente, chiando nas dobradiças e Mrs. Hurst enfiou a cabeça, piscando os olhos ao luar.

— Preciso falar com Alice — disse-lhe.

— Entre, entre — convidou, a sua voz fraca e rouca.

Havia um tapete do lado de dentro da porta, de modo que entrei logo para o pequeno corredor e, depois de sorrir e agradecer-lhe cortesmente, sacudi a neve das botas o melhor que pude. Lá à frente ficavam as duas portas interiores. A da direita estava fechada; mas a porta do quarto de Morgan encontrava-se parcialmente aberta e vi luz de vela a tremular do outro lado.

— Entre — disse ela, apontando para lá.

Ainda hesitei, perguntando-me o que faria Alice no quarto de Morgan, mas entrei mesmo assim. O ar estava carregado do fedor de sebo e, por alguma razão, a primeira coisa em que reparei foi numa vela grossa feita de cera preta, que fora colocada num enorme castiçal de latão. Estava posicionada no meio da comprida mesa de madeira com as duas cadeiras uma defronte da outra, em cada extremo.

Esperara ver ali Alice mas enganara-me. Sentada na extremidade mais próxima da mesa, e a olhar na direção da vela, estava uma figura encapuzada. Virou-se para mim e vi uma barba e um sorriso escarninho. Era Morgan.

Mais uma vez, o meu instinto foi fugir dali, mas ouvi dois sons atrás de mim. O primeiro foi a porta fechando-se com firmeza.

O segundo foi o pesado ferrolho a ser corrido. À minha frente estava a janela coberta com um cortinado pesado e nenhuma outra porta. Encontrava-me trancado no quarto com Morgan.

Relanceei a divisão, olhando para as lajes de pedra à mostra, depois para a cadeira vazia à espera. O quarto estava frio e senti arrepios. Havia uma lareira mas estava cheia de cinzas apagadas.

— Sente-se, Tom — disse Morgan. — Temos muito o que conversar.

Não me mexi, de modo que ele me indicou a cadeira defronte de si.

— Vim aqui para falar com Alice — respondi-lhe.

— Alice foi embora — referiu Morgan. — Partiu há três dias.

— Embora? Embora para onde? — inquiri.

— Ela não disse. Não era uma garota muito faladora, aquela Alice. Nem se deu ao incômodo de dizer que ia embora. Agora, Tom, a última vez que entrou neste quarto foi sem ser convidado, como um ladrão no meio da noite, com aquela garota a seu lado. Mas vamos esquecer isso porque agora é muito bem-vindo. Por isso, volto a dizer. Sente-se.

Cheio de receio, sentei-me, mas conservei o bordão erguido na mão esquerda, agarrando-o com firmeza. Como soubera que tínhamos entrado no quarto dele? E estava muito preocupado com Alice. Para onde poderia ter ido? Certamente não para Pendle? O meu olhar cruzou-se com o de Morgan. Subitamente, com um sorriso, puxou o capuz para trás expondo a sua cabeleira rebelde. Estava muito mais grisalha do que da última vez. A luz da vela, o seu rosto parecia irregular e as rugas bastante mais profundas.

— Ofereceria vinho — disse —, mas não bebo quando estou trabalhando.

— Não costumo beber vinho — respondi-lhe.

— Mas come sem dúvida queijo — comentou, um sorriso escarninho no rosto.

Não lhe respondi e o seu semblante ficou sério. De repente, debruçou-se, franziu os lábios e soprou com força. A vela tremulou e apagou-se, mergulhando o quarto na mais absoluta negrura, ao mesmo tempo que o cheiro de sebo se intensificava.

— Somos só você, eu e o escuro — referiu Morgan. — Consegue aguentar? Está apto a ser meu aprendiz?

Tinham sido as palavras exatas que o Mago me dissera na cave da casa assombrada em Horshaw, o lugar onde me levava logo no primeiro dia do meu aprendizado. Fizera-o para avaliar se eu tinha ou não fibra para me tornar mago. As palavras que proferira no momento em que a vela se apagara.

— Aposto que quando desceu pela primeira vez as escadas da cave, ele estava sentado no canto e levantou-se no momento em que se aproximou — prosseguiu Morgan. — Nada muda. Você, eu e duas dúzias de outros ou mais. Absolutamente previsível. Velho tolo! Não admira que ninguém aguente ficar muito tempo com ele.

— Você ficou três anos — respondi baixinho no escuro.

— Já encontrou a língua, Tom? Isso é bom — afirmou Morgan. — Vejo que ele esteve a falar de mim. Disse algo de bom?

— Nem por isso.

— O que não me surpreende. E contou por que desisti do aprendizado de mago?

Nesta altura, os meus olhos tinham-se adaptado ao escuro e conseguia de fato distinguir a forma da cabeça dele a olhar para mim do outro lado da mesa. Podia ter lhe contado que o Mago dissera que lhe faltava disciplina e não estava à altura da tarefa, mas decidi fazer-lhe antes algumas perguntas da minha lavra.

— O que pretende de mim? E por que a porta foi trancada? — inquiri.

— Para que não possa voltar a fugir — respondeu Morgan. — Para que não tenha outra escolha senão ficares e enfrentar o que tenho para te mostrar. Constou-me que é um bom aprendiz. Tanto você como eu sabemos que o seu mestre não aprecia isso. Portanto, esta é a primeira lição do seu novo aprendizado. Já terá tido alguns encontros com os mortos, mas agora vou aumentar os seus conhecimentos. E aumentá-los significativamente.

— Por que haveria você de querer fazer isso? — desafiei-o. — Mr. Gregory está me ensinando tudo o que preciso saber.

— Primeiro o mais importante, Tom — replicou Morgan. — Primeiro vamos falar de fantasmas. O que sabe sobre eles?

Decidi fazer-lhe a vontade. Talvez se o deixasse por fora tudo o que ele queria, pudesse ir embora e regressar a casa do Mago.

— A maior parte dos fantasmas está presa aos ossos; outros, ao lugar onde sofreram ou cometeram algum crime terrível enquanto ainda na terra. Não são livres de vaguear à vontade.

— Muito bem, Tom — afirmou Morgan, uma pontinha de escárnio por detrás da sua voz. — E aposto que escreveu também tudo no seu livro de notas, como um bom pequeno aprendiz. Bem, aqui vai algo que o velho tolo não te ensinou. Não o terá mencionado porque não gosta de pensar no assunto. Aqui vai a grande pergunta. Para onde vão os mortos depois da morte? E não estou a falar de fantasmas e imagens fantasmagóricas aprisionados. Refiro-me aos outros mortos. A esmagadora maioria. Pessoas como o seu pai.

Ante a menção ao meu pai endireitei-me e olhei com dureza para Morgan.

— O que sabe sobre o meu pai? — indaguei, furioso. — Como soube que ele morreu?

— Tudo a seu tempo, Tom. Tudo a seu tempo. Tenho poderes que o seu mestre apenas pode imaginar. Mas não respondeu à minha pergunta. Para onde vão os mortos depois da morte?

— A Igreja diz o Céu, o Inferno, o Purgatório ou Limbo — respondi. — Não tenho certeza de tudo isso e Mr. Gregory nunca fala do assunto. Mas acredito que a alma sobrevive à morte.

— O Purgatório é um lugar para onde as almas iam a fim de se limparem, sofrendo até serem dignas de entrar no Céu. O Limbo era mais misterioso. Os padres pensavam que aqueles que não foram batizados iam para lá. Supostamente, estaria destinado às almas que não eram propriamente más mas, sem terem culpa própria, não eram dignas de entrar no Céu.

— O que sabe a Igreja? — indagou Morgan, o tom de escárnio a entrar na sua voz. — Isso é talvez a única coisa em que o Velho Gregory e eu estamos de acordo. Mas sabe, Tom, dos quatro lugares que acabou de mencionar, o Limbo é de longe o mais útil para alguém como eu. O seu nome vem da palavra latina *Umbus*, que

significa “orla” ou “franja”. Repare, para onde quer que se dirija, a maioria dos mortos tem primeiro de passar pelo Limbo, que fica na orla deste mundo, e alguns têm muita dificuldade em fazê-lo. Uma parte dos fracos, dos timoratos e dos culpados recua, voltando a este mundo para se tornar fantasmas, juntando-se aos apegados, que já estão presos à terra. São os mais fáceis de controlar. Mas até os fortes e bons têm de se esforçar e lutar para transporem o Limbo. É um processo demorado, e enquanto são retardados, tenho o poder de alcançar ali a alma que eu quiser. Posso impedi-la de prosseguir. Posso fazer dela o que quiser. Se necessário, fazê-la sofrer.

— Os mortos tiveram as suas vidas. Para eles acabou. Mas nós continuamos vivos e podemos usá-los. Podemos lucrar com eles. Quero aquilo que Gregory me deve. Quero a sua casa em Chipenden com aquela enorme biblioteca cheia de livros que contêm tanto conhecimento. E depois há algo mais. Algo muito mais importante.

Algo que ele me roubou. Ele tem um *grimoire*^{5}, um livro de fórmulas e rituais, e vai ajudar-me a recuperá-lo. Em troca, pode continuar o seu aprendizado, comigo a preparar-te. E ensinarei coisas que ele nunca imaginou. Colocarei o *verdadeiro* poder nas pontas dos seus dedos!

— Não quero que me ensine — ripostei, furioso. — Estou satisfeito com as coisas tal como estão!

— O que te faz pensar que tem voto no assunto? — perguntou Morgan, a sua voz subitamente fria e ameaçadora. — Acho que chegou a hora de te mostrar do que sou capaz. Agora, para a sua própria segurança, quero que fique sentado sem se mexer e escute com atenção. Aconteça o que acontecer, não tente sair dessa cadeira!

O quarto tornou-se muito silencioso e obedeci. O que mais podia fazer? A porta estava trancada e ele era maior e mais forte do que eu. Podia usar o meu bordão contra ele, mas sem verdadeira garantia de sucesso. Por ora, o melhor era alinhar no jogo dele, até conseguir fugir e voltar para o Mago.

Ouviu-se um som ténue no escuro. Algo entre um roçar e um ruído surdo de passos. Era um pouco como ratos a correrem debaixo das tábuas do soalho. Mas não havia tábuas, apenas lajes pesadas

de pedra, e senti o quarto começar a arrefecer. Normalmente, teria sido um sinal de que algo se aproximava; algo que não pertencia a este mundo. Mas, mais uma vez, este frio era diferente, tal como sucedera quando tínhamos falado na capela.

De repente, um sino tocou algures no ar lá muito por cima das nossas cabeças. Era cavo e pesaroso, como se chamasse os enlutados para um funeral, e tão forte que a mesa vibrou. Senti-o ressoar através das lajes por debaixo dos meus pés. O sino tocou nove vezes ao todo, cada repique mais fraco do que o que o antecederia. Seguiram-se imediatamente três pancadas sonoras na mesa. Conseguia distinguir o vulto de Morgan e não parecia estar a mover-se. As pancadas repetiram-se, mais fortes do que nunca, e o pesado castiçal de latão tombou, rebolou pelo tampo da mesa e caiu no chão.

No quarto escurecido, o silêncio que se seguiu foi quase doloroso e tive a sensação de que os meus ouvidos iam rebentar. Sustinha a respiração e apenas ouvia o latejar dentro da minha cabeça, o bater rápido do meu coração. O estranho frio intensificou-se e depois Morgan falou no escuro.

— Irmã minha, aquiete-se e escute bem! — ordenou.

Ouvi então o barulho de água a pingar. Parecia haver um buraco no teto e estar a escorrer para o centro do tampo da mesa, onde estivera a vela.

Seguidamente uma voz respondeu. Parecia vir da boca de Morgan. Conseguia apenas distinguir o contorno da cabeça dele e era capaz de jurar que o seu maxilar se movia, mas era uma voz de menina e não havia como um homem adulto poder imitar o timbre e a intensidade.

— *Deixe-me em paz! Dê-me descanso!* — exclamou a voz.

O ruído de água a pingar aumentou e ouviu-se um leve chapinhar, como se se tivesse formado uma poça no tampo da mesa.

— Obedeça-me e te darei descanso — gritou Morgan. — É com outro que desejo falar. Traga-o a este lugar e depois pode voltar para o lugar de onde veio. Está um rapaz comigo neste quarto. Consegue vê-lo?

— *Sim, vejo-o* — respondeu a voz da garota. — *Ele acaba de perder alguém. Sinto a sua tristeza.*

— O nome do rapaz é Thomas Ward — disse Morgan. — Chora o pai. Traga-nos já o espírito do pai dele!

O frio começou a diminuir e a água deixou de pingar. Não podia acreditar no que acabara de ouvir. Morgan ia mesmo invocar o espírito do Pai? Senti-me ultrajado.

— Não está ansioso por falar mais uma vez com o seu pai? — demandou Morgan. — Já falei com ele e disse-me que todos os seus irmãos o visitaram no leito de morte para se despedirem menos você, e que nem sequer foi ao funeral dele. Isso o deixou triste. Muito triste. Agora vão poder ambos remediar a situação.

Fiquei atônito. Como podia realmente Morgan saber o que sucedera? A menos que tivesse de fato estado em contacto com o espírito do Pai...

— Eu não tive culpa! — protestei, irritado e incomodado. — Não recebi a mensagem a tempo.

— Bem, agora vai ter oportunidade de lhe dizer isso pessoalmente.. .

Começou de novo a esfriar. Depois uma voz falou-me do outro lado da mesa. O maxilar de Morgan movia-se de novo mas, para meu desalento, foi a voz do pai que lhe saiu pela boca. Não havia a menor dúvida. Ninguém poderia ter imitado com tanta perfeição a voz de outrem. Até parecia que o Pai estava sentado à minha frente na cadeira oposta.

— *Está escuro* — exclamou o Pai —, *e não consigo sequer ver um palmo diante do nariz. Acendam uma vela para mim, por favor. Acendam uma vela para que eu possa ser salvo.*

Senti-me pessimamente ao imaginar o Pai sozinho e com medo no escuro. Tentei gritar e tranquilizá-lo mas Morgan falou primeiro.

— Como pode ser salvo? — disse, a sua voz cava, poderosa e cheia de autoridade. — Como pode um pecador como você ir para a luz? Um pecador que sempre trabalhou no dia do Senhor?

— *Oh, perdoe-me! Perdoe-me, Senhor!* — exclamou o Pai. — *Eu era agricultor, e havia tarefas a fazer. Trabalhei que me fartei mas nunca havia horas suficientes num dia. Tinha uma família para*

sustentar. Mas sempre paguei os dízimos, não guardei nada que pudesse pertencer à Igreja. Sempre fui crente, de verdade que fui. E ensinei os meus filhos a distinguir o bem do mal. Fiz tudo o que um pai deveria fazer.

— Um dos seus filhos está agora aqui — disse Morgan. — Gostaria de falar com ele pela última vez?

— *Por favor. Por favor. Sim. Deixe-me falar com ele. É Jack? Houve coisas que gostaria de lhe ter dito em vida. Coisas por dizer que gostaria de falar agora!*

— Não — retorquiu Morgan. — Jack não está aqui. É o seu filho mais novo, Tom.

— *Tom! Tom! Está aí? É realmente você?*

— Sou eu, Pai. Sou eu! — exclamei, sentindo um nó começar a formar-se na garganta. Não suportava a idéia de o Pai a sofrer assim naquela escuridão. O que fizera ele para o merecer? — Lamento não ter chegado a casa a tempo. Lamento não ter ido ao seu funeral. Recebi a mensagem tarde demais. Se tem algo a dizer a Jack, fale comigo. Transmitir-lhe-ei a sua mensagem — disse, as lágrimas começando a picar-me por detrás dos olhos.

— *Tenho de falar com Jack por causa da fazenda, filho. Lamento não ter deixado ela toda. Ele é o meu mais velho e tinha o direito de primogenitura. Mas dei ouvidos à sua mãe. Diga-lhe que lamento ter deixado aquele quarto.*

As lágrimas desciam-me agora pelo rosto. Fora um choque saber que a Mãe e o Pai não tinham estado de acordo sobre o quarto. Queria prometer ao Pai que o remediaría dando o quarto a Jack, mas não podia porque tinha de tomar em consideração os desejos da Mãe. Precisava falar primeiro com ela. Mas procurei tranquilizar o Pai. Era o máximo que podia fazer.

— Não se preocupe, Pai! Tudo vai se resolver. Falarei com Jack sobre o assunto. Não haverá quaisquer problemas na família. Nenhum mesmo. Não se preocupe. Vai ficar tudo bem.

— *É um bom rapaz, Tom* — disse o Pai, a sua voz cheia de gratidão.

— Um bom rapaz! — interrompeu Morgan. — Ele é tudo menos isso. Foi este o filho que entregou a um mago! Sete filhos teve e não

ofereceu nenhum à Igreja!

— *Oh! Lamento! Lamento muito!* — exclamou a voz do Pai, angustiada. — *Mas nenhum dos meus moços tinha vocação. Nenhum quis ser padre. Esforcei-me por encontrar um ofício para cada um deles, e quando chegou ao último dos meus filhos, a mãe dele quis que fosse aprendiz de mago. Opus-me fortemente e discutimos por causa disso mais do que alguma vez discutimos antes. Mas acabei por ceder, porque a amava e não podia negar-lhe o que ela tanto queria. Perdoe-me! Fui fraco e pus o amor terreno acima do meu dever para com Deus!*

— Realmente o fez! — exclamou Morgan em voz alta. — Não existe perdão para alguém como você, e agora terá de sofrer as dores do Inferno. Sente as chamas começarem a te lambar a carne? Sente o calor começar a aumentar?

— *Não, Senhor! Por favor! Por favor! A dor é insuportável! Por favor, poupe-me. Farei tudo! Tudo!*

Pus-me em pé, cheio de raiva. Morgan estava a fazer isto ao Pai. A levar o Pai a acreditar que estava no Inferno. A fazê-lo sentir uma dor terrível. Não podia permitir que continuasse.

— Não lhe dê ouvidos, Pai! — gritei. — Não existem chamas. Não existe dor. Vá em paz! Vá em paz! Procure a luz! Procure a luz!

Dei quatro passos rápidos para a esquerda da mesa e, com todas as minhas forças, levantei o bordão na direção da figura encapuzada e desferi-lhe um golpe terrível. Sem articular uma palavra, caiu para a direita e ouvi a cadeira tombar nas lajes. Rapidamente, tirei do bolso a caixa de mechas e o toco de vela. Momentos depois, conseguira acender a vela. Levantei-a e olhei à minha volta. A cadeira tombara de lado e havia uma capa preta sobre ela que chegava às lajes. Mas nem sinal de Morgan! Espetei com o meu bordão mas estava tão vazia quanto parecia. Ele eclipsara-se!

Reparei então em algo em cima da mesa. A madeira estava seca como um osso e não havia qualquer vestígio da água que parecera escorrer e empoçar ali, mas estava um envelope preto no lugar onde se encontrara o castiçal de latão.

Pousando a vela na borda da mesa, estendi o braço e peguei no envelope. Estava lacrado, mas podiam ler-se as palavras:

Ao Meu Novo Aprendiz, Tom Ward

Rasguei o envelope e desdobrei a folha de papel lá dentro.

Bem, já viu do que sou capaz. E o que acabei de fazer, posso perfeitamente repetir. Aprisionei o seu pai no Limbo. Assim, posso alcançá-lo sempre que me aprover e fazê-lo acreditar em tudo o que eu quero. Não existe limite para a dor que posso lhe infligir.

Se quer salvá-lo disso, obedeça a minha vontade. Primeiro, preciso de algo da casa de Gregory. Lá em cima no sótão, fechado dentro da sua escrivaninha, há uma caixa de madeira e dentro dela um grimoire, que é uma espécie de livro de fórmulas e rituais poderosos. Está encadernado em couro verde e tem um pentagrama prateado gravado na capa. É meu. Traga-o.

Segundo, não conte a ninguém o que viu. Terceiro, tem que aceitar que agora você é meu aprendiz, obrigado a me servir por um período de cinco anos a partir deste dia senão o seu pai sofrerá.

Em sinal da sua aceitação, bata três vezes no tampo da mesa.

A porta está aberta e, seja qual for a sua decisão, é livre para ir. A escolha é sua.

Morgan G.

Não suportei a idéia do espírito do Pai em tormento. Mas também não queria ser aprendiz de Morgan. Tive relutância em bater na mesa, mas sempre podia ganhar algum tempo. Morgan iria pensar que eu aceitara as suas exigências e pouparia o Pai ao sofrimento por ora, enquanto consultava o Mago. Ele saberia qual a melhor atitude.

Respirei fundo e bati três vezes na mesa. Sustive a respiração e pus-me à escuta, mas não houve qualquer reconhecimento. O quarto estava absolutamente silencioso. Experimentei a porta e ela abriu-se. Não dera por isso, mas o ferrolho fora recolhido. Voltei à

mesa, peguei na minha caixa de mechas, apaguei a vela e guardei ambas nos bolsos. Depois, agarrando no meu bordão, saí do quarto e abri a porta da frente.

Quase caí de espanto. Era pleno dia! O sol ofuscava, refletindo-se na neve e passavam pelo menos duas horas da alva! Parecia que estivera apenas uns quinze minutos no quarto com Morgan, no entanto, decorrera o mesmo número de horas.

Não encontrava explicação para tal. O Mago dissera-me que Morgan era um homem perigoso que lidava com o escuro. Mas o Mago não referira que ele era capaz daquilo que eu vira. Morgan era um esconjurador poderoso e perigoso com verdadeiros poderes mágicos e estremeci só de pensar em ter de voltar a enfrentá-lo. Momentos depois arrastava-me pela neve funda o mais depressa que podia, subindo a colina em direção a casa do Mago.

CAPÍTULO 13

CILADA E TRAIÇÃO

A casa não tardou a surgir mesmo lá à frente, a fumaça castanha que se elevava dos tubos da chaminé a dizer-me que lá dentro me esperavam acolhedoras lareiras.

Bati na porta de trás. A minha chave abriria a maior parte das fechaduras, mas não a usei. Como estivera fora algum tempo, pareceu-me mais respeitoso esperar que me convidassem a entrar. Bati três vezes antes de a porta finalmente ser aberta por Meg, que me sorriu antes de se afastar para me receber.

— Sai depressa da neve, Tom! — exclamou. — É bom te ver de volta.

Uma vez lá dentro, retirei a capa e o casaco de pele de borrego, encostei o bordão ao canto e sacudi a neve das botas.

— Sente-se — disse Meg, conduzindo-me pelas lajes até à chaminé. — Está tremendo de frio. Vou trazer uma tigela de sopa quente para te aquecer os ossos. Terá de servir por ora — mais tarde prepararei uma bela refeição.

Eram mais tremedeiras do que arrepios, incomodado pelo que acontecera no quarto de Morgan, mas, aos poucos, consegui acalmar. Obedeci, vindo aquecer as mãos na chaminé, vendo as minhas botas começarem a fumar.

— É bom ver que ainda tem todos os dedos! — comentou Meg. Sorri.

— Onde está Mr. Gregory? — indaguei, perguntando-me se fora chamado a resolver algum assunto de mago. Esperava que tivesse, pois isso significaria que estava de novo em forma.

— Ainda está de cama. Ele agora precisa repousar o máximo possível.

— Mas ainda não se notam grandes melhoras?

— Vai melhorando aos poucos — respondeu Meg. — Mas ainda demorará o seu tempo. Estas coisas não podem ser apressadas.

Tente não o incomodar ou sobrecarregar demais. Ele precisa descansar e dormir o mais que puder.

Trouxe uma tigela fumegante com canja de galinha, de modo que lhe agradeci e a bebi devagar, sentindo que começava a aquecer por dentro.

— Como está o seu pobre pai? — perguntou-me subitamente, quando se sentou na cadeira de balanço. — Já está melhorando?

Fiquei surpreso por se ter lembrado, e a pergunta fez-me vir de novo as lágrimas aos olhos.

— Ele morreu, Meg — informei-a. — Mas esteve muito doente.

— É pena, Tom. Lamento muito. Sei o que é perder a família...

Senti a dor de perder o Pai apertar-me o estômago e pensei no que

Morgan fizera ao espírito dele. O Pai não merecia aquilo. Não podia deixar que voltasse a acontecer. Tinha de agir.

Meg remeteu-se ao silêncio e olhou para as chamas. Passado um tempo, fechou os olhos e começou a cantarolar uma melodia muito baixinho entre dentes. Quando terminei a sopa, fui colocar a tigela em cima da mesa.

— Obrigado, Meg. Estava muito boa — disse-lhe.

Não respondeu e pareceu dormir. Era algo que fazia com frequência, adormecer na cadeira de balanço perto da chaminé.

Não sabia o que fazer de seguida. Tivera esperança de falar com o meu mestre a respeito de Morgan, mas ele não estava suficientemente bem para ser incomodado com o assunto. Não queria perturbá-lo e fazê-lo piorar. Talvez enquanto ele estivesse a dormir eu pudesse ir procurar o seu *grimoire*; ver se estava onde Morgan dissera. Talvez algo nele me ajudasse a decidir o que fazer. Uma coisa era certa: com o meu mestre tão doente e Alice desaparecida, estava por minha conta, e cabia-me tomar a atitude certa em relação ao meu pai. Ele era o mais importante, e tinha de fazer algo para acabar com o seu sofrimento às mãos de Morgan. Começaria por procurar o *grimoire*.

O Mago estava lá em cima a dormir e podia não ter melhor oportunidade de o fazer. Uma parte de mim sentia-se mal só de pensar em levá-lo sem avisar o Mago. Mas as explicações teriam de

ficar para mais tarde. O Pai era tudo o que importava naquele momento. Não suportava a idéia de ele voltar a ser torturado por Morgan.

Mas quando ia sair da cozinha, Meg abriu de repente os olhos e debruçou-se para espezivar o fogo.

— Vou num instante ver Mr. Gregory — comuniquei-lhe.

— Não, Tom, por enquanto não podemos incomodá-lo — disse-me. — Fique aí sentado e aqueça-se depois da longa caminhada que fez no frio.

— Bem, primeiro vou buscar o meu livro de notas no gabinete de trabalho — referi.

Mas dirigi-me à sala de visitas e não ao gabinete de trabalho. Se o Mago continuava de cama, Meg ainda não tomara o chá de ervas. Precisava que ela dormisse um pouco a fim de poder ir à procura do *grimoire*, e o chá de ervas era a maneira mais fácil de fazê-lo. Retirei então a garrafa de vidro castanho do armário e enchi dois centímetros da bebida na xícara. Depois fui à cozinha e comecei a aquecer a água.

— O que é isto? — perguntou Meg com um sorriso, quando estendi a xícara na sua direção.

— É chá de ervas, Meg. Beba-o. Impedirá o frio de se lhe entranhar nos ossos.

O único aviso que tive foi quando o sorriso lhe desapareceu do rosto. Meg sacudiu-me a xícara da mão e ela desfez-se em pedaços nas lajes da cozinha. Depois levantou-se, agarrou-me o pulso e arrastou-me para junto de si. Tentei afastar-me mas ela era forte demais. Senti que podia me partir o braço sem grande esforço.

— Mentiroso! Mentiroso! — gritou, o rosto dela a escassos centímetros do meu. — Esperava mais de você, mas não é melhor do que John Gregory! Não diga que não te dei uma oportunidade. Revelou-se tal e qual ele. Também queria me tirar a memória, não queria, rapaz? Mas agora lembro-me de tudo. Sei o que era e sei o que sou!

Com os nossos rostos quase a tocarem-se, Meg cheirou-me ruidosamente.

— Também sei o que você é — disse, a sua voz agora pouco mais do que um murmúrio. — Sei o que está pensando. Conheço os seus mais negros segredos, aqueles que nem à sua própria mãe contaria.

Os seus olhos estavam cravados nos meus. Não eram pontos de fogo como os de Mãe Malkin quando tínhamos estado frente a frente na Primavera, mas pareciam estar a aumentar de tamanho. Ela era uma bruxa lâmia e o seu corpo mais forte do que o meu, e agora a sua mente começava a controlar-me também.

— Sei o que podia vir a ser um dia, Tom Ward — murmurou —, mas esse dia ainda vem muito longe. Não passa de um rapaz, enquanto que eu ando nesta terra há mais anos do que me consigo lembrar. Por isso não me venha com nenhum dos truques de John Gregory, porque os conheço todos. Cada um deles!

Virou-me, de modo que fiquei sem a poder encarar e largou-me o braço, transferindo rapidamente a mão para o meu pescoço.

— Por favor, Meg! Não fiz por mal — supliquei. — Queria ajudaá-la. Falei do assunto com Alice. Ela também a queria ajudar.

— É fácil falar neste momento. Dar-me de beber aquela mistura imunda era uma forma de me ajudar? Não me parece. Acabaram-se as mentiras, senão vai ser pior para você!

— Mas não são mentiras, Meg. Lembre-se — Alice vem de uma família de bruxas. Ela compreendeu-a e sentiu muita pena do que estava a acontecer. Eu ia falar com Mr. Gregory sobre você e...

— Pois sim, rapaz! Já ouvi desculpas de sobra! — proferiu com brusquidão. — Mexa-se para a cave. Vamos ver se *você* gosta de estar lá em baixo. É exatamente o que merece. Quero que saiba aquilo por que passei. Não dormia o tempo todo, sabe. Acordava constantemente e passava longas horas a pensar, sozinha no escuro. Fraca demais fraca para me mexer, fraca demais para me pôr em pé — a tentar desesperadamente lembrar-me de tudo o que você e John Gregory gostariam que eu esquecesse — ainda conseguia pensar e sentir, sabendo que iriam ser uns longos meses tediosos e solitários antes de alguém vir abrir a porta e me deixar sair...

A princípio debati-me, esforçando-me ao máximo por resistir, mas em vão: ela era forte demais. Continuando a prender-me pelo

pescoço, fez-me descer as escadas da cave, os meus pés mal tocando no chão, até chegarmos ao portão de ferro. Ela tinha a chave e não tardamos a transpô-lo e descer mais ao subterrâneo.

Não se preocupara com uma vela e, apesar de conseguir dar com o caminho no escuro muito melhor do que a maioria das pessoas, a cada esquina ia escurecendo e era mais difícil ver. A idéia da cave lá em baixo apavorava-me. Lembrei-me da irmã dela, a bruxa lâmia selvagem, ainda aprisionada no poço; não queria nem por sombras estar perto dela. Para meu alívio, quando viramos a terceira esquina, ela obrigou-me a parar junto às três portas.

Com outra chave, abriu a porta da esquerda, enfiou-me lá dentro e trancou-a depois. A seguir ouvi-a abrir a cela ao lado da minha e entrar. Não se demorou muito tempo. Não tardou que a porta batesse ao ser fechada e começou a subir as escadas. Alguns instantes depois ouviu-se o som do portão de ferro a fechar-se ruidosamente; mais passos, tornando-se cada vez mais sumidos; e depois silêncio.

Aguardei alguns minutos para o caso de ela voltar atrás por alguma razão, depois remexi nos bolsos à procura do coto de vela e da caixa de mechas. Segundos depois a vela estava acesa e observei a minha cela. Era pequena, não teria mais de oito passos por quatro, com um monte de palha ao canto a servir de cama. As paredes eram feitas de blocos de pedra e a porta fora construída em carvalho forte, com um ralo quadrado perto do cimo fechado com quatro barras verticais de ferro.

Sentei-me no chão de pedra ao canto a pensar na minha situação. O que acontecera durante a minha ausência? Tinha a certeza de que o Mago se encontrava agora na cela ao lado da minha, aquela onde Meg passava os verões. Que outro motivo levara Meg a entrar ali? Mas como acabara o Mago sob o poder de Meg? Ainda não se encontrava bem quando eu saíra de casa. Teria talvez esquecido de dar o chá de ervas a Meg e ela recuperara a memória? Talvez ela colocasse algo na comida ou na bebida *dele* — muito provavelmente a mesma substância que ele usara todos aqueles anos para a manter dócil.

Mas não era tudo — houvera a influência de Alice. Estivera a conversar com Meg, a dizer-lhe que provinha de uma família de bruxas. Por vezes cochichavam as duas. Do que tinham falado? Se Alice conseguira levar a sua por diante, a dose do chá de ervas de Meg teria sido reduzida. Bem, não culpei Alice pelo que sucedera, mas a sua presença em casa do Mago certamente não ajudara em nada a situação.

Quando eu regressara, Meg limitara-se a fingir estar confusa e a enganar-me. Dera-me realmente o que chamara “uma oportunidade”? Se não tivesse tentado impingir o chá de ervas, haveria me tratado de forma diferente? E depois fez-se luz. Quando voltara para Anglezarke, viera tão embrenhado nos meus pensamentos sobre Morgan e o Pai, que fora completamente cego às evidências — sinais que via naquele momento com clareza. Meg chamara-me “Tom”, e não “Billy”, pela primeira vez na vida. E lembrara-se do meu pai. Por que eu não percebera na altura? Deveria ter ficado de pé atrás. Deixara que o meu coração mandasse na cabeça, e agora o Condado inteiro corria perigo. Uma bruxa lâmia novamente livre para vaguear, e nem um mago nem um aprendiz para a impedirem. O que estava feito estava feito, mas de certa forma conseguia perceber.

Havia boas e más notícias, mas a maior parte era má. Meg cheirara-me usando os seus poderes de bruxa. Sabia muito a meu respeito mas esquecera-se de me revistar, senão teria encontrado a caixa de mechas e a vela. Teria descoberto também a chave — a chave que podia abrir a maior parte das portas desde que não fossem muito complexas. Essa era a boa notícia. Podia sair da minha cela. Podia abrir também a porta da cela do Mago.

A má notícia era que a chave não seria suficiente para me permitir transpor o portão. De outro modo o Mago não teria uma especial guardada em cima da estante na biblioteca. E, naquele momento, a chave estava na posse de Meg. Mesmo que conseguisse tirar-nos das celas, continuávamos encurralados na cave. Por conseguinte, o que eu tinha a fazer naquele momento era pensar com clareza. Precisava falar com o Mago. O meu mestre saberia qual a melhor atitude a tomar.

Usei então a chave para abrir a porta da minha cela. Não fez muito barulho, mas a porta da cela parecia presa e, não obstante os meus esforços, abriu-se com barulho, que ecoou para cima e para baixo nas escadas. Esperava que Meg estivesse lá em cima junto à lareira da cozinha e não tivesse ouvido. Pegando na vela, vim em bicos de pés até ao corredor e aproximei-a das grades da cela do Mago. Espreitei lá para dentro mas não consegui ver muito. Havia uma cama ao canto e um monte escuro em cima dela. Era o Mago?

— Mr. Gregory! Mr. Gregory! — chamei através das grades, imprimindo urgência à minha voz ao mesmo tempo que tentava manter o seu volume o mais baixo possível.

Veio um gemido cavo da trouxa e moveu-se lentamente. Parecia sem dúvida o Mago. Ia precisamente chamar de novo quando ouvi um som súbito vindo lá de baixo nas escadas. Virei-me e escutei. Por um momento houve silêncio. Depois ouvi-o de novo. Algo vinha subindo as escadas na minha direção.

Uma ratazana? Não, parecia grande demais para tal. Subitamente, parou. Teria me enganado? Imaginara simplesmente o som? O medo consegue pregar peças na mente. Como costumava dizer o Mago, é importante reconhecer a diferença entre estar acordado e a sonhar.

Sem me dar conta, sustivera a respiração. Então, quando expirei, o movimento pelas escadas acima recomeçou. Não conseguia ver para lá da esquina, de modo que só podia avaliar pelos sons que emitia. Não me parecia algo a arrastar-se, por isso não podia ser uma bruxa morta que de alguma maneira conseguira libertar-se. Não era o som de botas, por isso também não podia ser uma imagem fantasmagórica ou um fantasma a subir as escadas, ou sequer um ser humano que estivera escondido lá em baixo por alguma razão. Era um som que nunca antes na vida escutara.

Algo se movia, depois parava; voltava a mover-se e a seguir estacava com igual rapidez. Algo que subia a correr em mais do que duas pernas! Que outra coisa podia ser? Tinha de ser a bruxa lâmia selvagem! Após anos naquele poço, teria uma necessidade frenética de sangue humano. E vinha diretamente para mim!

Em pânico, sem pensar, voltei correndo para a minha cela, fechei a porta e tranquei-a rapidamente. A seguir apaguei a vela — caso contrário ela veria a luz e seria atraída para ela. Mas estaria ainda assim seguro dentro de uma cela trancada? Se a bruxa conseguira escapar do poço, devia ter sido capaz de dobrar as grades. Percebi então de que Meg podia simplesmente ter libertado a irmã do poço, e por um momento senti-me um pouco melhor. Mas não tive sequer tempo de suspirar de alívio. Sabem, lembrei-me de algo que o Mago dissera a respeito do portão:

“O ferro conseguiria impedir a maior parte deles de passar daqui...”

A bruxa lãmia era a coisa mais perigosa na cave. Portanto, se estivesse decidida a escapar, talvez nem o portão de ferro entrelaçado fosse suficiente para impedi-la por muito tempo! Quanto às grades de ferro da minha cela, era bom nem pensar. A minha única esperança era que a bruxa continuasse relativamente fraca depois de tanto tempo no poço.

Mantive-me perfeitamente imóvel e à escuta, esforçando-me por respirar silenciosamente. Ouvia-a aproximar-se, correndo e parando, correndo até ficar cada vez mais perto. Comprimi-me ao canto e parei mesmo de respirar.

Algo tocou de leve na porta. O contato seguinte com a madeira foi mais forte e houve um som de arranhar, como se garras afiadas se estivessem a cravar, tentando firmar-se. Era como se algo estivesse a marinhar pela porta apoiando-se nas garras. Corriera para a minha cela sem pensar e agora desejava ter-me trancado na outra cela com o Mago. Talvez o conseguisse acordar e perguntar-lhe o que fazer.

Estava escuro. Muito escuro. Tão escuro que, dentro da minha cela, não sabia dizer onde terminava a porta e começavam as paredes de cada lado. Mas o retângulo, cortado pelas quatro barras verticais, era ligeiramente mais pálido do que as imediações, pelo que tinha de vir alguma luz das escadas, projetando uma tênue iluminação da parede do lado de fora da minha cela.

Uma forma deslocou-se através do retângulo. Era em silhueta mas conseguia vê-la o suficiente para dizer que se tratava de algo

semelhante a uma mão. Ouvi-a agarrar as grades. Mas não dava a impressão de carne e músculo a entrarem em contato com elas. Ouviu-se um ruído áspero, quase como se uma lima a raspar no ferro, seguida de um silvo explosivo de raiva e dor. A bruxa lâmia tocara no ferro e devia estar a sentir fortes dores. Só a sua vontade a mantinha ali. A seguir, algo grande deslocou-se pela frente das grades, como o disco de uma lua escura a eclipsar a luz pálida do outro lado. Só podia ser a cabeça da bruxa. Espreitava-me através das grades mas estava escuro demais para lhe ver os olhos!

Outro ruído áspero e a porta gemeu e chiou. Tremi de medo. Sabia o que estava acontecendo. Ela tentava dobrar as grades ou arrancá-las da porta de madeira.

Se tivesse comigo o bordão de sorveira, teria batido na bruxa através das grades e talvez a afastasse. Mas não tinha nada. A minha corrente de prata encontrava-se no meu saco, mas não me seria útil ali. Não dispunha de nada que pudesse usar para me defender.

A porta gemeu e chiou quando a pressão sobre ela aumentou e ouvi-a começar a ceder. A bruxa voltou a bufar e emitiu um som fungoso, resmungado. Estava ansiosa por lá entrar, desesperada por beber o meu sangue.

Mas, para meu alívio, ouviu-se um súbito ressoar de metal vindo lá de cima das escadas e a lâmia largou as grades e desapareceu de vista. Ouvi o eco de passos em aproximação e a luz de uma vela tremulou na parede do outro lado das grades.

— Para trás! Para trás! — ouvi Meg gritar do lado de fora da porta, seguido do som da lâmia selvagem a correr pelas escadas abaixo.

Depois houve um tremular da luz da vela e o ruído de sapatos bicudos seguindo a criatura até lá abaixo. Fiquei onde estava, acorado ao canto. Dali a um tempo os passos voltaram a aproximar-se, ouvi um balde ser pousado no chão e uma chave a rodar na fechadura da minha cela.

Mesmo a tempo, antes de Meg abrir a porta, voltei a guardar o toco de vela e a caixa de mechas nos bolsos. Ainda bem que não me trancara na cela do Mago senão ela teria sabido da minha chave.

Meg surgiu enquadrada pela ombreira, segurando a vela. Com a outra mão, fez-me sinal para me aproximar dela. Não me mexi. Estava assustado demais.

— Venha aqui, rapaz — disse-me, rindo para si mesma. — Não tenha medo. Não vou te morder!

Ajoelhei-me, mas as minhas pernas estavam vacilantes demais para me aguentar de pé.

— Quer vir aqui, rapaz? Ou tenho de te ir buscar? — perguntou Meg. — Olhe que a primeira é mais fácil e menos dolorosa...

Desta vez, o terror fez-me levantar. Até podia ser “doméstica”, mas Meg continuava a ser uma bruxa lâmia cujo alimento preferido provavelmente era o sangue. O chá de ervas fizera-a esquecer-lo. Mas naquele momento sabia exatamente o que era. E sabia o que queria. Havia compulsão na sua voz; uma energia que me sugou a vontade e fez atravessar a cela até à porta aberta.

— Sorte a sua eu ter decidido alimentar Mareia antes — referiu, apontando para o balde.

Olhei para lá. Estava vazio. Não sei o que contivera, mas via-se uma película de sangue no fundo.

— Por pouco não ficava para depois, mas lembrei-me então de quão desesperada ela estava por te apanhar, sendo você tão jovem. John Gregory não tem nem metade do atrativo — disse-me com um sorriso fraco e cruel, indicando com a cabeça a cela ao lado e confirmando-me que o Mago estava realmente lá.

— Ele gosta muito de você — apelei a Meg, em desespero. — Sempre gostou. Por isso, peço-lhe que não o trate desta maneira! Na realidade, ele ama-a. Ele *ama-a*. de verdade! — afirmei, repetindo as palavras. — Ele chegou mesmo a escrevê-lo num dos seus livros de notas. Não era suposto eu descobri-lo, mas descobri e até o li. É mesmo verdade.

Lembrava-me palavra por palavra do que ele escrevera... *“Como podia colocá-la no poço, quando percebi que a amava mais do que a minha própria alma.”*

— O amor! — escarneceu Meg. — O que sabe um homem destes sobre o amor?

— Foi quando se viram pela primeira vez e ele estava para a meter num poço porque era o seu dever. Ele não foi capaz, Meg! Não consegui fazê-lo porque a amava demais. Contrariava tudo o que lhe tinham ensinado e em que acreditava, mas ele salvou-a do poço! Ele só lhe deu o chá porque não havia outra escolha. O poço ou o chá — ele escolheu o que lhe pareceu melhor, porque gosta muito de você.

Meg bufou de raiva e olhou para o fundo do balde como se quisesse lambê-lo até ficar limpo.

— Bem, isso foi há muito tempo e ele tem sem dúvida uma forma curiosa de o mostrar — disse. — Talvez agora consiga entender o que é estar trancada aqui embaixo metade do ano. Porque agora não há pressa. Vou demorar muito tempo a pensar no que fazer exatamente com ele. Quanto a você, não passa de um rapaz e não te culpo assim tanto. Não pode saber, porque foi assim que ele te ensinou. E é uma vida dura. Um ofício difícil.

“Até te deixaria partir — prosseguiu ela. — Mas você não conseguiria ficar quieto, não é? Está na sua natureza. Na maneira como foi educado. Iria pedir ajuda. Haveria de querer salvá-lo. As pessoas daqui não gostam muito de mim. Talvez eu lhes tenha dado boas razões no passado, mas a maior parte merecia o que lhes aconteceu. Viria uma turba atrás de mim. Muitos para eu poder fazer alguma coisa. Não, se te deixasse sair, seria o meu fim. Mas vou prometer-te uma coisa. Não te darei à minha irmã. Não o merece.

Dito aquilo, fez-me sinal para voltar lá para o fundo; depois fechou a porta e trancou-a de novo.

— Mais tarde trago algo que comer — disse-me através das grades. — Talvez nessa altura já tenha pensado no que é melhor fazer com você.

Passaram horas e horas antes de ela regressar e nesse intervalo tive chance de pensar num plano.

Pus-me à escuta com muita atenção e ouvi Meg começar a descer as escadas. Lá fora devia estar precisamente a começar a escurecer. Imagino que viesse me trazer uma ceia antecipada. Só esperava que não fosse a última. Ouvi-a destrancar o portão e o som metálico dele a abrir-se. Concentrei-me então ao máximo,

registrando o tempo que decorria entre a segunda pancada do portão a ser fechado e o retomar do *tic, tic* dos seus sapatos bicudos.

Tinha dois planos. O segundo estava cheio de riscos, por isso só esperava que o primeiro funcionasse.

Vislumbrei luz de vela através das grades e Meg pousou alguma coisa do lado de fora da minha cela, correu a fechadura da porta e abriu-a. Era um tabuleiro com duas tigelas de sopa fumegante e duas colheres.

— Estive pensando, Meg — disse-lhe, experimentando o meu primeiro plano, que era persuadi-la com palavras. — Algo que poderia tornar tudo muito melhor para ambos. Por que não me entrega o governo da casa? Eu podia acender as lareiras e ir buscar a água. Podia ajudar muito. E o que fará quando Shanks vier entregar as mercearias? Se for a Meg a abrir a porta, ele saberá que está livre. Mas se for eu a abrir, ele nunca suspeitará. E se vier alguém para resolver assuntos de mago, eu podia simplesmente dizer que ele ainda está doente. Se me deixasse ir abrir a porta, levaria muito tempo até que alguém soubesse que está em liberdade. Teria muito tempo para decidir o que fazer com Mr. Gregory.

Meg sorriu.

— Coma a sua sopa, rapaz.

Baixei-me, tirei a tigela do tabuleiro e peguei numa das colheres. Quando me endireitei, Meg mandou-me recuar e começou a fechar a porta da cela.

— Uma bela tentativa, rapaz — disse —, mas quanto tempo passaria antes de tentar libertar o seu mestre? Não muito, aposto!

Meg trancou a porta. O meu primeiro plano falhara. Não tinha outra alternativa senão tentar o segundo. Pousei a tigela da sopa no chão e retirei a minha chave do bolso. Ouvia já Meg a rodar a sua chave na fechadura da cela do Mago. Esperei, arriscando, não perdendo ainda a esperança.

Eu tinha razão! Ela entrara na cela do Mago. Calculei que estivesse fraco demais ou grogue para conseguir se levantar e aproximar da porta. Ela podia ter mesmo de alimentá-lo. Por isso,

sem perder tempo. Abri a fechadura da minha porta, empurrando-a cuidadosamente e saí cá para fora. Felizmente não prendeu nem fez barulho desta vez.

Ponderara tudo cuidadosamente, pesando os riscos na minha mente. Uma opção teria sido ir direito à cela do Mago e tentar enfrentar Meg. Em circunstâncias normais, juntos, o meu mestre e eu teríamos estado à altura dela, mas desconfiava que o Mago se encontrava fraco demais para ajudar. E não tínhamos nada com que lutar contra ela: nem bordão de sorveira nem corrente.

Resolvi então tentar ir buscar a corrente de prata ao meu saco no gabinete de trabalho e tentar aprisionar Meg. Para o conseguir, contava com duas coisas. Uma era que a lâmia selvagem não subisse as escadas correndo e me apanhasse antes de eu ter tempo de transpor o portão de ferro. A segunda era Meg não ter chegado a trancar o portão. Daí a minha enorme concentração. O portão abriu-se com ruído e os saltos tinham começado quase de imediato a fazer barulho ao descerem. Não tivera tempo de trancá-lo. Ou pelo menos assim me parecia!

Avancei primeiro na ponta dos pés, um passo de cada vez, e olhava constantemente por cima do ombro: para a cela, a fim de ver se Meg vinha a sair; depois para a esquina das escadas, a fim de ver se a lâmia selvagem Marcia me seguia. Tinha esperança de que estivesse demasiado empanturrada depois da refeição da manhã. Ou que não subisse da cave enquanto Meg ali estivesse. Talvez receasse a irmã. Descera sem dúvida rapidamente as escadas ante a ordem de Meg.

Alcancei finalmente o portão e agarrei o ferro frio. Estava trancado? Para meu alívio, cedeu e abri-o, tentando que o movimento fosse o mais suave possível. Mas o Mago soubera o que fazia quando o mandara colocar nas escadas. Houve um ruído e a casa inteira lá em cima pareceu repicar como um sino.

Imediatamente Meg abandonou a cela do Mago e subiu as escadas correndo na minha direção, os braços erguidos, os dedos abertos e arqueados como garras. Por um momento fiquei estático. Nem queria acreditar na rapidez com que ela se movia. Mais dois segundos e teria sido tarde demais, mas corri também. Corri e corri

sem olhar para trás. Até ao topo das escadas, depois atravessando a cozinha, consciente de que Meg vinha mesmo atrás de mim, ouvindo os seus passos em perseguição e esperando sentir a qualquer instante as unhas dela cravarem-se na minha pele. Não havia tempo para ir buscar o meu saco ao gabinete de trabalho. Teria sido impossível abri-lo e retirar a corrente de prata a tempo. Junto à porta de trás, arrebanhei a minha capa, o casaco e o bordão, destranquei a porta e saí disparado para o frio gélido.

Não me enganara. Era crepúsculo, mas havia ainda muita luz para ver. Olhava constantemente para trás mas nem sinal de perseguição. Desci a ravina o mais depressa que consegui, mas não foi tarefa fácil. A neve começava a ficar dura sob os pés e havia-a com abundância.

Quando cheguei ao fundo da vertente, estaquei e olhei de novo para trás. Meg não me seguira. Fazia um frio de rachar e o vento soprava de norte com rajadas, de modo que vesti o meu casaco de pele de carneiro, coloquei a capa por cima. Depois parei para pensar, a respiração saindo-me em vapor no ar frio.

Senti-me um covarde por deixar assim o Mago à mercê de Meg, e tinha de compensar o que fizera. Impunha-se salvar o Mago e arrancá-lo das garras dela. Mas para isso precisava de ajuda. E essa estava perto: o irmão do Mago, Andrew, vivia e trabalhava em Adlington, e já me ajudara antes em Priestown. Era o serralheiro que fizera uma chave para o Mago abrir o Portão de Prata que aprisionara o Destruidor. Seria bem mais fácil fazer uma chave para o portão de ferro na cave do Mago. E era exatamente disso que eu necessitava.

Ia ter de voltar a entrar sornateiramente na casa de Inverno, transpor o portão e tirar o Mago da cela, o que era mais fácil dizer do que fazer. Havia uma lâmia selvagem à solta — já para não falar de Meg.

Tentando não pensar muito nas dificuldades pela frente, arrastei-me pela neve em direção a Adlington. Era sempre a descer. Mas em breve teria de regressar.

CAPÍTULO 14

PRESOS PELA NEVE

As ruas empedradas da aldeia de Adlington estavam cobertas por quinze centímetros ou mais de neve. Na luz que desaparecia, as crianças tinham saído em força, encantadas, rindo, guinchando e berrando, deslizando ou atirando bolas de neve umas às outras. Os adultos estavam menos felizes. Passaram por mim duas mulheres todas embrulhadas em xales, pisando nervosamente o passeio coberto de neve, cabisbaixas, vendo onde punham os pés. Levavam cestos vazios e desciam em direção a Babylon Lane para algumas compras de última hora. Segui na mesma direção até chegar à loja de Andrew.

Quando levantei a tranca e empurrei a porta, tinuei uma campainha. A loja estava vazia mas ouvi alguém aproximar-se vindo da parte de trás. Soou o *tic, tic, tic* de sapatos bicudos e, para meu espanto, Alice entrou e aproximou-se do balcão, um enorme sorriso no rosto.

— Que bom te ver, Tom! Estava curiosa quanto ao tempo que demoraria a me encontrar...

— O que faz aqui? — inquiri, espantado.

— Trabalho para Andrew, claro! Deu-me trabalho e casa — retorquiu com um sorriso. — Olho pela loja para ele poder estar mais tempo na oficina. Faço a maior parte da comida e das limpezas também. Andrew é um bom homem.

Permaneci um momento em silêncio e Alice deve ter percebido a expressão no meu rosto porque o sorriso desapareceu rapidamente e pareceu preocupada. — O seu pai... — disse.

— Quando cheguei lá, o Pai já tinha falecido. Foi tarde demais, Alice.

Não consegui dizer mais nada porque me embargou a voz e fiquei com um nó na garganta. Mas logo Alice se aproximou e colocou a mão no meu ombro.

— Oh, Tom! Lamento muito — disse-me. — Vamos lá para trás e se aqueça na lareira.

A sala de estar era confortável, com um sofá, duas poltronas cômodas e um generoso fogo de carvão aceso na grelha.

— Gosto de uma boa lareira — afirmou Alice, toda feliz. — Andrew é mais cuidadoso com o carvão do que eu, mas foi fazer um serviço e só voltará muito depois de escurecer. Patrão fora...

Apoiei o meu bordão no canto antes de me afundar no sofá, que ficava defronte da lareira. Em vez de se sentar ao meu lado, Alice ajoelhou junto à lareira, os joelhos no tapete, pelo que o seu perfil esquerdo estava virado para mim.

— Por que deixou a casa dos Hursts? — indaguei.

— Tive de ir embora — referiu Alice, carregando o cenho. — Morgan não parava de insistir para que o ajudasse de uma certa maneira, mas não queria explicar bem como. Guarda ressentimentos. Tinha um plano qualquer para se vingar do Velho Gregory.

Pensei que provavelmente saberia do que ela estava a falar mas decidi não lhe dizer nada. Prometera a Morgan que não contaria a ninguém os seus planos. Ele era um necromante que usava os espíritos para descobrir as coisas. Não podia correr o risco. Não podia contar a Alice não fosse ele descobrir e voltar a fazer o Pai sofrer.

— Ele não me deixava em paz — continuou Alice. — Foi por isso que vim embora. Não suportava vê-lo nem mais um minuto. Então lembrei-me de Andrew. Mas chega de falar de mim, Tom. Lamento saber do seu pai. Quer falar do assunto?

— Foi difícil, Alice. Nem sequer pude ir ao funeral do Pai. E a Mãe desapareceu e ninguém sabe onde ela está. É capaz de ter voltado para a sua própria terra e nunca mais vou tornar a vê-la. Sinto-me tão sozinho...

— Olha que tenho estado sozinha a maior parte da minha vida, Tom. Por isso conheço a sensação. No entanto, temos um ao outro, não temos? — perguntou, debruçando-se para me pegar na mão. — Estaremos sempre juntos. Nem sequer o Velho Gregory o conseguirá impedir!

— O Mago não está em posição de fazer nada de momento — afirmei. — Quando regresssei, Meg é que levava vantagem. Ele é que está trancado agora. Preciso que Andrew me faça uma chave para poder tirar o Mago dali. Preciso da sua ajuda. Voce e Andrew são as únicas pessoas a quem posso recorrer.

— Parece-me que ele teve finalmente o que merecia — comentou Alice, retirando a sua mão da minha, um leve sorriso a fazer-lhe subir os cantos da boca. — Provou uma boa dose do seu próprio veneno!

— Não posso simplesmente deixá-lo ali — apelei a Alice. — E então a outra lâmia? A selvagem? A irmã de Meg? Ela saiu do poço e vagueia pelas escadas do outro lado do portão. E se ela consegue sair da casa? Poderia vir até aqui, à aldeia. Ninguém estaria seguro e vivem aqui muitas crianças.

— E então Meg? — perguntou Alice. — Não é tão simples assim, não é? Não merece ir para um poço. Também não merece passar o resto da vida a beber chá de ervas! Dê lá por onde der, isso tem de acabar.

— Isso quer dizer que não vai ajudar?

— Eu não disse isso, Tom. Só que tem de ser muito bem pensado, é tudo.

Pouco depois de escurecer, Andrew regressou. Eu estava à espera dele na loja quando entrou.

— O que foi desta vez, Tom? — perguntou, sacudindo a neve das botas e esfregando as mãos uma na outra para que o sangue voltasse a circular devidamente. — O que quer aquele meu irmão agora?

Andrew fazia-me sempre lembrar um espantalho bem vestido, os membros desengonçados e estranhos, mas era simpático e bonacheirão e realmente muito bom no seu ofício.

— Ele está de novo em apuros — contei a Andrew. — Preciso que me faça uma chave para o podermos tirar de lá. E é muito urgente.

— Uma chave? Uma chave para o quê?

— O portão nas escadas da cave em casa dele. Meg aprisionou-o lá em baixo.

Andrew abanou a cabeça e deu um estalido com a língua.

— Não posso dizer que me surpreenda. Mais dia menos dia tinha de acontecer. Só me espanta que tenha demorado tanto tempo! Sempre achei que Meg acabaria por levar a melhor sobre ele. Ele preocupa-se demais com ela, sempre foi assim. Deve ter baixado a guarda.

— Mas vai ajudar?

— Claro que vou. Ele é meu irmão, não é? Mas andei no frio a maior parte do dia e não consigo fazer nada enquanto não aquecer os ossos e aconchegar o estômago com alguma comida quente. Vai contar-me tudo depois de comermos.

Não provara muito os cozidos de Alice, à exceção dos coelhos preparados nas brasas de uma fogueira ao ar livre, mas a avaliar pelo cheiro apetitoso a guisado que vinha da cozinha, preparava-me para um verdadeiro petisco.

Não fiquei decepcionado.

— Isto está mesmo muito bom, Alice — disse, atacando logo.

Alice sorriu.

— Sim, melhor do que a porcaria que me deu para comer em Anglezarke.

Rimos, depois comemos em silêncio até não restar uma migalha de comida. Foi Andrew quem falou primeiro.

— Não tenho uma chave daquele portão — disse-me. — A fechadura e a chave foram feitas por um serralheiro de Blackrod há uns bons quarenta anos ou mais. Entretanto já morreu mas nenhum se lhe compara na fama, por isso estamos perante um mecanismo muito complexo. Teria de ir lá na casa ver a fechadura. A maneira mais fácil seria tentar arrombá-la para você poder transpor o portão.

— Podemos lá ir esta noite? — inquiri.

— Quanto mais depressa, melhor — disse-me. — Mas gostaria de saber exatamente o que vamos enfrentar. Onde é mais provável Meg estar?

— Ela costuma dormir numa cadeira de balanço junto à lareira na cozinha. Mas mesmo que conseguíssemos passar por Meg em segurança e transpor o portão, há outro problema...

Falei-lhe então da bruxa lâmia selvagem à solta na cave. Ele abanava constantemente a cabeça como se não pudesse acreditar ao ponto a que as coisas haviam chegado.

— Como pensa tratar dela? Vai usar aquela sua corrente de prata?

— Não a tenho comigo — informei-o. — Está no meu saco. E provavelmente o saco continuará no seu lugar habitual no gabinete de trabalho do Mago. Mas tenho o meu bordão. É feito de madeira de sorveira e se tiver sorte manterá uma lâmia à distância.

Andrew abanou a cabeça e não pareceu muito satisfeito.

— Não se lhe pode chamar um plano, Tom. É perigoso demais. Não consigo arrombar uma fechadura enquanto você repele duas bruxas, mas existe outra maneira — disse-me. — Podíamos pedir a uma dúzia de homens da aldeia ou mais para nos acompanharem e tratarem de Meg de uma vez por todas.

— Não — insurgiu-se Alice. — Assim não dá. É cruel demais. Sabia que estava se lembrando da altura em que a turba de Chipenden atacara a casa onde ela vivia com a tia, Lizzie dos Ossos.

Alice e a tia tinham-nos pressentido e fugido mesmo a tempo, mas ardera tudo e tinham perdido todos os seus pertences.

— Mr. Gregory não havia de querer isso, tenho certeza — afirmei.

— Lá isso é verdade — concordou Andrew. — É a maneira mais segura, mas provavelmente John nunca me perdoaria. Pronto, parece que voltamos ao primeiro plano.

— Está se esquecendo de uma coisa — referiu Alice. — Uma bruxa daquelas não consegue cheirá-lo à distância, Tom. Não funciona com o sétimo filho de um sétimo filho, não é? Muito provavelmente eu também escaparia — isto é, se decidir ir com você. Mas com Andrew é diferente. Mal ele se aproxime da casa ela cheirá-lo-á e estará à espera.

— Se ela estiver dormindo, talvez consigamos passar — alvitrei, mas não me sentia muito confiante.

— Mesmo que adormecida, continua a ser um risco muito grande — frisou Alice. — Só devíamos ir nós dois, Tom. Podíamos

encontrar a chave e não seria sequer preciso arrombar a fechadura. Onde é que o Mago a costuma guardar?

— Normalmente em cima da estante, mas Meg pode perfeitamente tê-la consigo.

— Bem, se não estiver lá, vamos buscar o seu saco no gabinete de trabalho e a aprisionamos com uma corrente de prata para podermos lhe tirar a chave. De qualquer forma, não vamos precisar de você, Andrew. Eu e Tom damos conta do recado.

Andrew sorriu.

— Seria muito bom — disse. — Gosto de manter distância daquela casa e da sua cave. Mas não posso permitir que vocês vão sozinhos sem algum apoio. O melhor é eu dar-lhes algum avanço e seguir mais tarde. Se não aparecerem à porta dentro de meia hora, *então* volto a Adlington e trago uma dúzia de matulões da aldeia. John terá depois de enfrentar as consequências disso.

— Está bem — acedi. — Mas quanto mais penso no assunto, mais me convenço que entrar pela porta de trás é arriscado demais — comentei com Alice. — Conforme disse, à noite Meg dorme na cozinha, numa cadeira junto à chaminé. Vai ouvir-nos e teremos de passar por ela para chegar ao gabinete de trabalho. A porta da frente seria ligeiramente melhor mas continua a ser um grande risco acordá-la. Podíamos entrar pela janela de um dos quartos da parte de trás. O melhor fica no piso logo abaixo do sótão, onde a esarpa está muito perto do parapeito. Os fechos das janelas dos quartos estão quase todos enferrujados ou partidos. Acho que conseguiríamos chegar lá, forçar a janela e entrar.

— Isso é uma loucura — protestou Andrew. — Já estive naquele quarto e vi o intervalo entre a esarpa e a saliência. É largo demais. Além disso, se está preocupado em enfiar uma chave na fechadura da porta de trás, imagina só o barulho que faria a arrombar uma janela!

Alice sorriu, como se eu tivesse dito alguma tolice, mas logo lhe fiz desaparecer o sorriso do rosto.

— Meg não nos ouviria se alguém batesse com força n porta de trás no preciso instante em que eu forçasse a janela... — sugeri.

Vi a boca de Andrew abrir-se ao perceber lentamente da minha sugestão.

— Não — disse —, você não pode estar a querer...

— Por que não, Andrew? — perguntei-lhe. — Afinal, é o irmão de Mr. Gregory. Tem motivos suficientes para ir lá a casa de visita.

— Sim, e podia acabar na cave, prisioneiro com John!

— Não me parece. O meu palpite é que Meg nem sequer abrirá a porta. Ela não quer que ninguém da aldeia saiba que está livre senão poderia atrair uma turba. O senhor podia bater à porta quatro ou cinco vezes antes de se ir embora, dando-me todo o tempo de que preciso para entrar pela janela.

— Acho que é capaz de funcionar — corroborou Alice.

Andrew afastou de si o prato e não falou por muito tempo.

— Há uma coisa que continua a preocupar-me — afirmou por fim. — O intervalo entre a escarpa e o parapeito da janela. Não te vejo a vencê-lo. Estará também escorregadio.

— Vale a pena tentar — disse-lhe —, mas se eu não conseguir, podíamos voltar mais tarde e arriscar entrar pela porta de trás.

— Talvez fosse mais fácil usando uma tábua — alvitrou Andrew. — Tenho uma lá atrás que poderia servir. Alice só teria de firmá-la com o pé no parapeito enquanto você se arrasta. Não seria fácil, mas tenho também um pequeno pé-de-cabra muito apropriado para o trabalho — acrescentou.

— Sempre vale a pena tentar — disse-lhes, procurando aparentar maior coragem do que sentia.

Ficou decidido, e Alice pareceu determinada em ajudar. Andrew foi buscar a tábua ao pátio. Quando abrimos a porta da frente para sair, soprava lá fora uma tempestade de neve. Andrew abanou a cabeça.

— Seria uma loucura ir agora — referiu. — Aquela tempestade de neve é digna do próprio Golgoth. A neve se acumulará e será perigoso lá em cima na charneca. Podiam perder-se e morrer gelados. Não, o melhor é esperarem até amanhã de manhã. Não se preocupe — disse, batendo-me no ombro. — Aquele meu irmão é um sobrevivente, como muito bem sabe. Senão não teria durado tanto.

Havia apenas dois quartos por cima da loja; um para Andrew e um para Alice, de modo que dormi no sofá na sala de estar, embrulhado num cobertor. O fogo apagara-se na grelha e primeiro a sala arrefeceu, depois ficou gélida. Perdi a conta ao número de vezes que acordei durante a noite. Na última ocasião, a luz da alvorada brilhava por detrás das cortinas, de modo que decidi levantar-me.

Bocejei, espreguicei-me e andei de um lado para o outro a fim de tirar a rigidez das articulações. Foi então que ouvi um barulho vindo da frente. Parecia que alguém batera três vezes na vitrine.

Quando entrei na loja, estava cheia de luz refletida da neve. Tinha-se sem dúvida acumulado durante a noite e vinha até à base da janela. E ali, encostado ao vidro, estava um envelope preto. Fora posicionado de forma a eu poder ver o que estava escrito nele. Vinha dirigido a mim! Só podia ser de Morgan.

Uma parte de mim queria ir embora dali. Mas percebi depois de que as ruas começariam a ficar movimentadas e qualquer um de passagem o veria. Podiam pegar nele e lê-lo, e não estava nada interessado em que um desconhecido soubesse dos meus assuntos.

Havia tanta neve amontoada junto à porta da frente que não a consegui abrir e tive de sair pela porta de trás, abrir o portão do pátio e dar a volta. Só quando me preparava para me enfiar na neve é que me dei conta de algo muito estranho. Não havia pegadas. A minha frente estava um monte enorme de neve sem qualquer marca na sua superfície. Como fora lá parar a carta?

Apanhei-a e, ao fazê-lo, abri um sulco fundo na neve. Tornei a dar a volta por trás, entrei na cozinha, abri a carta e li-a.

Estarei no átrio da igreja de St. George, bem a oeste da aldeia. Se quer o melhor tanto para o seu pai como para o seu velho mestre, não me faça esperar. Não me obrigue a ir procurá-lo, Não irá gostar.

Morgan G.

Não reparara na assinatura da sua última carta, mas naquele momento chamou-me a atenção. Teria mudado de nome? A inicial

do seu apelido deveria ter sido *H* de *Hurst*.

Intrigado, dobrei a carta e guardei-a no bolso. Pensei ir acordar Alice e mostrar-lhe a carta. Talvez devesse levá-la comigo. Mas a última pessoa que ela queria ver agora era Morgan. Referira já que abandonara Moor View Farm porque não o suportava nem mais um minuto. E, na realidade, sabia que não podia contar a Alice ainda que quisesse: temia Morgan e o que ele pudesse fazer ao Pai. Para ser sincero, estava também com medo do que ele me pudesse fazer. Com tamanho poder, era realmente perigoso: não se lhe podia desobedecer. Então, coloquei a minha capa, peguei no meu bordão e saí, encaminhando-me logo para o átrio da igreja.

Era uma velha igreja, quase escondida pelos teixos antigos aglomerados à sua volta. Algumas das pedras assinalavam as sepulturas dos habitantes locais que tinham morrido séculos antes. Vi Morgan ao longe, sua silhueta no céu cinzento, apoiado no seu bordão, o capuz puxado sobre a cabeça por causa do frio. Estava na parte mais nova do átrio, onde eram sepultados os que tinham morrido recentemente.

A princípio, não deu pela minha presença. A sua cabeça estava inclinada na direção de uma sepultura, os olhos fechados como se rezasse. Olhei também para baixo, de espanto. O átrio tinha alguns centímetros ou metros de neve, resultado do vento da noite anterior, mas esta sepultura estava completamente limpa dela, apenas um retângulo de solo úmido. Quase parecia ter sido aberta recentemente. Olhei à minha volta mas não vi sinais de uma pá ou de qualquer outra ferramenta que pudesse ter sido usada para remover a neve.

— Leia a inscrição na pedra! — ordenou Morgan, olhando-me pela primeira vez.

Fiz o que me mandavam. Tinham sido sepultados quatro corpos na mesma tumba, empilhados uns por cima dos outros segundo o costume do Condado, a fim de poupar espaço no átrio da igreja e garantir que os familiares ficavam juntos na morte. Três eram crianças mas o último fora a mãe delas. As crianças tinham morrido há cinquenta anos ou mais, com dois, um e três anos de idade, respectivamente. A mãe falecera recentemente e o seu nome

era Emily Burns, a mulher com quem em tempos o Mago se envolvera. A mulher que ele roubara a um dos próprios irmãos, o Padre Gregory.

— Ela teve uma vida dura — afirmou Morgan. — Viveu a maior parte dela em Blackrod, mas quando soube que estava morrendo, veio aqui passar os últimos meses com a irmã. Perder assim três filhos destroçou-lhe o coração, e mesmo depois de todos os anos que passaram nunca se recuperou plenamente. No entanto, os outros quatro sobreviveram. Dois trabalham em Horwich e constituíram família. O mais velho abandonou o Condado há dez anos e nunca mais soube nada dele desde então. Eu fui o sétimo e último...

Demorei alguns momentos até que tudo se começasse a encaixar. Recordei o que o Mago lhe dissera no quarto em casa dos Hursts:

"Eu gostava de você e gostava da sua mãe. Amei-a em tempos, como muito bem sabe..."

Lembrei-me também de como assinara a carta para mim com a inicial "G".

— Sim — disse-me. — Pouco depois de eu nascer, o meu pai abandonou o lar pela última vez. Nunca casou com a minha mãe. Nunca nos deu o nome. Mas eu assumi-o mesmo assim.

Olhei para ele, espantado.

— Sim — afirmou com um sorriso sinistro. — Emily Burns era a minha verdadeira mãe. Sou filho de John Gregory.

Morgan olhou para longe quando falou.

— Ele nos abandonou. Deixou os filhos. Não é coisa que um pai deva fazer, não é?

Quis defender o Mago mas não sabia o que dizer. Então mantive-me calado.

— No entanto, ele proveu financeiramente o nosso sustento — disse Morgan. — Devo-lhe isso. Durante uns tempos aguentamos, mas depois a minha mãe teve um esgotamento e não suportou. Cada um de nós foi acolhido por uma família. Coube-me tirar a palha

mais pequena e acabei nos Hursts. Mas quando fiz dezessete anos, o meu pai veio me buscar e aceitou-me como seu aprendiz.

“Durante uns tempos, fui bastante feliz. Há muito que queria um pai e agora tinha um, por isso esforçava-me por lhe agradar. De início, dei tudo por tudo, mas acho que não conseguia esquecer o que ele fizera à minha mãe, e aos poucos comecei a não me deixar enganar. Ao fim de três anos ele começou a repetir-se. Já sabia tudo o que ele fazia e até mais. Sabia que podia ser melhor e mais forte do que ele. Sou o sétimo filho de um sétimo filho de um sétimo filho. Um três vezes sete.

Notei o tom de arrogância na sua voz e isso aborreceu-me.

— Foi por isso que não escreveu o seu nome na parede do quarto em Chipenden como todos os outros aprendizes? — proferi de repente. — É por se achar melhor do que o resto de nós? Melhor do que o Mago?

Morgan sorriu afetadamente.

— Não o vou negar. Foi por isso que vim embora para seguir o meu caminho. Sou principalmente um autodidata mas continuo a aprender. E sou capaz de fazer coisas que nem passam pela cabeça daquele velho tolo. Coisas que ele tem medo de experimentar. Pense só! Conhecimento e poder como os meus — e a garantia de que o seu pai descansa em paz. É o que estou a oferecer em troca de uma pequena ajuda...

Estava abismado com tudo o que Morgan me dizia. E, a ser verdade, dava uma imagem muito má do Mago. Sabia já que ele trocara Emily Burns por Meg. Mas acabara de descobrir que ele também era pai, que tivera sete filhos dela mas que os abandonara a todos. Sentia-me magoado por dentro e decepcionado. Não parava de pensar no meu próprio pai, que ficara com a família e toda a sua vida trabalhara arduamente. E podia agora sofrer por causa do capricho de Morgan. Estava transtornado e furioso. O cemitério pareceu saltar para o céu e quase caí.

— Então, meu jovem aprendiz, trouxe-o?

A minha expressão deve ter parecido atrapalhada.

— O *grimoire*, claro. Pedi que me trouxesse. Tinha esperança de que me obedecesse senão o seu pobre pai iria sofrer bastante.

— Não consegui ir buscá-lo. Mr. Gregory observa tudo — respondi, baixando a cabeça.

Claro que não ia contar a Morgan que o meu mestre estava à mercê de Meg. Se ele sonhasse que o Mago estava fora do caminho podia ir pessoalmente buscar o *grimoire*. Sim, o meu mestre podia ter alguns terríveis segredos obscuros, mas eu continuava a ser *seu* aprendiz e respeitava-o. Precisava de mais tempo. Tempo para resgatar o meu mestre e contar-lhe tudo sobre Morgan. Juntos, havíamos derrotado um arremessador de pedras; certamente juntos conseguiríamos também impedir Morgan.

— Preciso de mais tempo — disse-lhe. — Sou capaz de fazê-lo mas terei de esperar por uma oportunidade.

— Bem, não leve muito tempo. Traga-me o livro na próxima terça-feira à noite, logo a seguir ao pôr do Sol. Lembra-se da capela no cemitério?

Anuí.

— Bem, é lá que estarei à espera.

— Não creio que o consiga fazer assim tão depressa.

— Arranje uma maneira! — falou com rispidez. — E faça sem que Gregory se dê pela sua falta.

— E o que irá fazer com ele? — inquiri.

— Bem, Tom, quando mo trazer irá descobrir, não é? Não me desiluda! Se começar a vacilar, pense no seu pobre pai e no que ele pode vir a sofrer...

Sabia até onde podia ir a crueldade de Morgan. Vira como ele fizera o pobre Mr. Hurst chorar; ouvira o relato de Alice em como ele arrastara o velho para o seu quarto e o trancara lá dentro. Se Morgan pudesse fazer mal ao meu pai, não hesitaria, disso não tinha a menor dúvida.

E depois, enquanto eu estava ali a tremer, ouvi novamente dentro da minha cabeça a voz angustiada do meu pai enquanto, a toda a minha volta, o ar estremecia e se agitava.

"Por favor, filho, suplico-lhe, faça o que ele pede senão serei torturado para toda a eternidade. Por favor, filho, traga-o logo."

Enquanto a voz se afastava, Morgan sorriu sinistramente.

— Bem, ouviu o que disse o seu pai. Por isso é melhor ser um filho obediente...

E continuando a sorrir sinistramente, deu meia volta e abandonou o cemitério.

Sabia que não estava nada certo roubar o *grimoire* para Morgan, mas ao vê-lo afastar-se, percebi que não tinha outra escolha. De certa forma, teria de o conseguir enquanto resgatávamos o Mago.

CAPÍTULO 15

A DESCIDA À CAVE

Quando voltei ao estabelecimento de Andrew, Alice estava na cozinha preparando o desjejum. Era presunto com ovos e cheirava deliciosamente.

— Saiu cedo esta manhã, Tom — observou ela.

— Estava dolorido depois de dormir no sofá — menti. — Precisava esticar um pouco as pernas.

— Bem, sentirá muito melhor depois do desjejum.

— Não posso, Alice. É melhor jejuar quando vamos enfrentar o escuro.

— Não acredito que algumas bocadas vão te fazer grande mal! — protestou.

Não me dei ao trabalho de contestar. Havia coisas que ela me contara sobre bruxaria que eu aceitava com reservas; ao passo que havia coisas em que o Mago acreditava piamente que a deixavam com um sorriso de escárnio. Assim, guardei silêncio e vi-a e a Andrew comerem enquanto eu salivava.

Depois do desjejum partimos logo para casa do Mago. A manhã ia pela metade mas a luz diminuía rapidamente, o céu carregado de nuvens escuras. Parecia que vinha aí mais neve.

Deixamos Andrew na base da ravina. Esperaria dez minutos para nos dar tempo de chegar à charneca por cima da casa. Mais tarde, depois de termos batido à porta, afastar-se-ia e ficaria a vigiar de longe, aguardando que nós aparecêssemos e assinalássemos o nosso sucesso.

— Boa sorte, mas não me façam esperar muito tempo — pediu Andrew —, senão morro congelado!

Acenamos em despedida e, levando a tábua e o meu bordão, e com o pequeno pé-de-cabra enfiado no bolso de dentro do meu casaco, comecei a subir a vertente da charneca. Enquanto nos arrastávamos por ela acima, eu na frente e Alice logo atrás de mim,

a neve era esmagada pelos nossos pés e principiava a ficar mais gelada. A descida até à casa deixava-me preocupado. Seria escorregadia e perigosa.

Em breve começamos a seguir por um caminho para a ravina. Este caminho tornou-se então um carreiro, com a escharpa à nossa esquerda e uma queda a pique à nossa direita.

— Olhe bem onde põe os pés, Alice! — avisei. — É um longo caminho até lá embaixo. Um deslize e precisaríamos escavar com uma pá.

Alguns momentos depois avistamos a casa; então estacamos. Conforme o combinado, aguardamos o som de Andrew a aproximar-se pela frente.

Decorreram cinco minutos antes de ouvirmos botas a pisar a neve gélida lá em baixo. Em algum lugar por ali, um Andrew muito nervoso estaria a contornar a lateral da casa e a dirigir-se à porta de trás. Rapidamente, levantei-me e comecei a levar a tábua para a casa. Quando chegamos à retaguarda, de frente para a janela de trás, ajoelhei e tentei posicionar a tábua. Consegui assentar a outra extremidade no parapeito da janela logo à primeira. O que me preocupava era o rebordo não ser muito largo. Receava que a tábua pudesse deslizar quando estivesse a atravessar e eu caísse lá em baixo no pátio. Por isso era importante que Alice a firmasse na beira da escharpa.

— Apóia aí o pé! — murmurei, indicando a extremidade mais próxima da tábua. Entregando o meu bordão a Alice, ajoelhei na tábua e preparei-me para rastejar por ela. A distância não era muita mas estava nervoso e de início os meus membros recusaram obedecer-me. A distância até às lajes cobertas de neve lá em baixo era grande. Comecei finalmente a engatinhar, tentando não olhar para a grande caída lá em baixo. Em breve estava ajoelhado próximo do parapeito da janela; uma vez lá, tirei o pequeno pé-de-cabra do bolso do meu casaco e posicionei-o por debaixo do caixilho da janela. Naquele preciso instante, Andrew bateu com força à porta da parte de trás quase diretamente por baixo de mim.

Ecoaram três pancadas ruidosas pela ravina abaixo. A cada pancada, ia aplicando o pé-de-cabra, tentando levantar a janela de

guilhotina. Na pausa que se seguiu, mantive-me perfeitamente imóvel.

Truz! Truz! Truz!

Voltei a forçar a janela, mas sem qualquer indício de sucesso. Começava a perguntar-me quantas vezes teria Andrew de bater antes de a coragem lhe faltar. Talvez o fecho fosse mais forte do que eu previra. Quantas oportunidades teríamos? Talvez a bruxa acabasse por vir abrir a porta. Se sim, não queria estar na pele de Andrew.

Truz! Truz! Truz!

Desta vez, finalmente, consegui. Levantei a janela e, mal houve um intervalo suficiente, subi-a com ambas as mãos.

Truz! Truz! Truz! veio o som lá debaixo. Se tivesse olhado, poderia ter visto Andrew, mas fixei o olhar no parapeito da janela e entrei no quarto antes de voltar a guardar o pé-de-cabra no bolso. Alice debruçou-se e entregou-me o bordão, depois atravessou a tábua mais depressa do que eu o fizera. Uma vez lá dentro recolhi-a, para o caso de Meg vir ao pátio e vê-la lá de baixo. A seguir fechamos a janela.

Feito isso, sentamo-nos os dois no chão, às escuras, escutando com atenção. Não se houve mais pancadas na porta da frente. Não a ouvira abrir-se por isso esperava que Andrew se tivesse afastado em segurança. O som que temia agora era o de Meg a subir as escadas. Teria ouvido a janela ser forçada?

Combinara já com Alice que, se conseguíssemos entrar na casa em segurança, esperaríamos quinze minutos ou mais antes de avançarmos. O primeiro passo seria ir buscar o meu saco ao gabinete de trabalho do Mago. Assim que a corrente de prata estivesse nas minhas mãos, as nossas chances de sucesso seriam muito maiores.

Mas não contara a Alice o que Morgan queria que eu fizesse. Não lhe falara do *grimoire* porque sabia que me diria que era um tolo em dar-lho. Mas ela podia falar à vontade. Não era o pai *dela* que eventualmente sofreria. A sua voz a suplicar no escuro voltava constantemente para me atormentar. Era por demais insuportável.

Se conseguisse resgatar o Mago e de alguma forma aprisionar Meg, precisaria subir no sótão. Tinha de fazê-lo. Estava a trair o Mago mas não podia deixar o Pai sofrer mais. Então não tivemos outro remédio senão esperar, escutando nervosamente cada ruído da velha casa.

Passado cerca de um quarto de hora, bati de leve no ombro de Alice, levantei-me com cuidado, peguei no meu bordão e avancei cautelosamente em direção à porta do quarto.

Não estava trancada e abri-a, saindo para o patamar. Estava ainda mais escuro nas escadas, com uma mancha de negrura à nossa espera lá em baixo. Comecei a descer, um passo lento, parando para escutar antes de arriscar dar um segundo. Adotei aquele padrão: passo, pausa e escutar; passo, pausa e escutar. A dada altura, um degrau chiou sob os meus pés. Estacamos e esperamos pelo menos cinco minutos, pensando que podíamos ter despertado a bruxa. E quando os pés de Alice provocaram um segundo chiado, tivemos de repetir o processo! Demorou uma eternidade, mas chegamos finalmente ao térreo.

Momentos depois, tínhamos entrado no gabinete de trabalho do Mago. Estava mais claro ali dentro, e consegui ver o meu próprio saco ainda no canto onde o deixara, mas nem sinal do saco do Mago. Tirei a corrente de prata e enrolei-a à volta da mão e do pulso esquerdo, a postos para a lançar. Fazia-o com aquele braço: quando treinara no jardim do Mago, conseguira lançar a corrente sobre um poste à distância de dois metros e quarenta, nove vezes em dez. Por isso, agora, frente a frente quer com a lâmia selvagem quer com Meg, tinha uma boa chance de sucesso. Um ataque de ambas simultaneamente seria uma outra história e não me agradava pensar nisso.

A seguir, debrucei-me e encostei os lábios ao ouvido de Alice.

— Veja se a chave está em cima da estante — murmurei, apontando para o local.

Havia uma chance de Meg ter a chave do portão à cintura, mas recordava-me de algo que o Mago uma vez me dissera sobre ela: que era metódica e guardava sempre tudo no devido lugar. Estivera

a referir-se a tachos e panelas, facas e garfos. Sucederia o mesmo com a chave? Valia bem a pena verificar.

Por isso, enquanto Alice ia buscar uma cadeira e a posicionava junto à estante, fiquei de guarda junto à porta aberta, com a corrente a postos. Ela subiu para a cadeira e tateou cuidadosamente a superfície superior da última prateleira antes de esboçar um largo sorriso e exhibir a chave.

Não me enganara! Tínhamos a chave do portão!

Continuando a agarrar a corrente, peguei no meu bordão e saí cautelosamente do gabinete de trabalho em direção às escadas para a cave. Esperara que Meg estivesse acordada mas ouvia o som da respiração dela na cozinha, o ar a sair-lhe pela boca ao expirar. Dormia profundamente, e até não nos podíamos queixar da nossa sorte.

Uma opção seria ter ido diretamente à cozinha e aprisionar Meg enquanto ainda estava dormindo, mas precisava da corrente para enfrentar a ameaça da lâmia selvagem na cave. Descemos lentamente as escadas, Alice agora na frente, até chegarmos ao portão. Era um momento perigoso e explicara já que um ruído do portão ressoaria pela casa toda. Mas Alice inseriu a chave muito cuidadosamente e rodou-a sem um som. Consegui fazer o mesmo ao deslocar o portão, que deixamos aberto para o caso de termos de sair rapidamente da cave.

Estava muito escuro lá em baixo e bati de leve no ombro de Alice, o sinal para parar. Enfiei a corrente no bolso, encostei o bordão cuidadosamente à parede e, usando a minha caixa de mechas, acendi um toco de vela e entreguei-o a Alice. Mais uma vez, seguia um passo atrás dela, a corrente e o bordão a postos. A vela era um risco calculado porque, apesar de as escadas descerem em espiral, sempre poderia chegar um brilho de luz à cave e alertar a lâmia selvagem. Mas precisávamos mesmo de alguma luz para cuidar do Mago como devia ser e tirá-lo da cela. Acabou por se revelar a decisão certa...

De repente, Alice arfou, estacou subitamente e apontou para baixo. Vinha uma corrente de ar frio da cave, fazendo a chama da vela dançar e tremular, e avistei à sua luz um vulto escuro a mover-

se rapidamente pelas escadas na nossa direção. Por um momento, o meu coração bateu disparado, julgando que era a lâmia selvagem: descí para junto de Alice, ergui a mão esquerda e preparei-me para lançar a corrente de prata.

Mas quando a corrente de ar lá em baixo cessou, a luz firmou-se e vi que o movimento rápido do vulto escuro fora uma ilusão causada pelo tremular da chama. Algo se movia *mesmo* pelas escadas, mas rastejava; arrastando-se com uma lentidão tão incrível que teria demorado uma eternidade a alcançar o portão.

Era Bessy Hill, a outra bruxa viva — aquela que estivera no poço ao lado da lâmia selvagem. O cabelo grisalho era comprido, gorduroso e estava carregado de pequenos insetos pretos, ao passo que o vestido andrajoso estava manchado de bolor e com laivos de visco. Arrastava lentamente o corpo pelas escadas, mas apesar de ter conseguido libertar-se da sepultura, anos a sobreviver com uma dieta de lesmas, vermes e outras criaturas rastejantes renunciava uma fraca força. Claro que o caso mudaria de figura se tivéssemos dado assim de caras com ela no escuro.

Paramos. Se ela conseguisse agarrar um dos nossos tornozelos seria difícil arrancá-la. Estava desesperada por sangue e ferraria os dentes em qualquer carne quente que se aproximasse. Uma bocada de sangue torná-la-ia de imediato muito mais forte e perigosa. Era assustador, mas tínhamos de passar por ela.

Continuei a descer nervosamente, fazendo sinal a Alice para me seguir. As escadas eram largas e foi possível passar a uma distância confortável da bruxa. Estranhei que ela tivesse conseguido fugir do poço. Uma possibilidade era a lâmia selvagem ter afastado as grades para ela. Ou talvez fosse Meg que a libertara. Quando passamos, olhei-a rapidamente. A cabeça estava virada para nós mas os olhos firmemente fechados. No entanto, a boca estava aberta, e a comprida língua purpúrea pendente sobre o degrau, como se lambesse algo da pedra úmida. Cheirou, fungou, virou a cabeça para cima e tentou levantar a mão. Quando abriu os olhos eram como dois pontos de fogo acesos no escuro.

Descemos rapidamente, deixando-a para trás. Quando chegamos ao patamar com as três portas, entreguei o meu bordão a

Alice. Esta aceitou-o com um esgar. Não gostava de pegar em madeira de sorveira. Mas eu tirava já a minha própria chave do bolso e não tardaria a abrir a porta da cela do Mago.

Até então, preocupava-me que ele pudesse não se encontrar lá. Pensei que Meg o tivesse mudado para outro qualquer lugar, até metê-lo num poço na cave. Mas lá estava ele, sentado na cama com a cabeça nas mãos. Quando a luz da vela tremulou na cela, ele olhou na nossa direção, mas a sua expressão era de perplexidade. Depois de olhar para as escadas e escutar com atenção para me certificar de que a lâmia não vinha subindo, entrei na cela com Alice e ajudamos o Mago a levantar-se. Não ofereceu resistência quando o puxamos na direção da porta. Não pareceu reconhecer nenhum de nós e calculei que Meg lhe tivesse dado recentemente uma dose forte da poção.

A minha corrente encontrava-se agora de novo no bolso — não o melhor lugar para ela se a lâmia atacasse, mas não tinha alternativa. O progresso pelas escadas era lento enquanto o Mago arrastava os passos, Alice e eu amparando-o pelos cotovelos. Eu olhava constantemente para trás mas não vinham sons ameaçadores lá de baixo. Quando chegamos à bruxa nas escadas, estava dormindo, os olhos ligeiramente fechados, ressonando sonoramente com a boca aberta. Naquele momento estava esgotada de subir as escadas.

Não tardamos a alcançar o portão. Uma vez transposto, Alice voltou a fechá-lo cuidadosa e silenciosamente e tirei-lhe a chave e guardei-a no meu bolso. Continuamos a subir até chegarmos ao térreo. O som da respiração de Meg vinda da cozinha garantiu-me que também ela continuava dormindo, pelo que tinha naquele momento uma decisão importante a tomar. Ou ajudava Alice a tirar o Mago da casa ou entrava na cozinha e aprisionava Meg com a corrente de prata.

Se conseguisse aprisionada, acabaria tudo e a casa voltaria para as nossas mãos. Mas a tentativa envolvia muitos riscos. Meg podia acordar de repente — e nove vezes em dez não era o mesmo que dez em dez! Eu podia falhar e Meg era incrivelmente forte. O

Mago não estava em condições de ajudar, e nós os três ficaríamos à mercê de Meg. Então aponteí pelo corredor para a porta da frente.

Momentos depois a porta fora aberta e ajudei Alice a levar o Mago lá para fora. A seguir, tirei-lhe a vela, aproximando-a do meu corpo para não se apagar.

— Tenho algo a fazer lá dentro de casa — disse-lhe. — Não demorarei muito, mas leva Mr. Gregory daqui. Andrew deve estar à espera mais abaixo na ravina.

— Não seja tolo, Tom! — exclamou Alice, o seu rosto cheio de preocupação. — O que poderia ser tão importante para querer voltar ali?

— Confie em mim, Alice. Tem de ser feito. Nos encontramos na casa de Andrew.

— Há algo que ainda não me contou — queixou-se Alice. — O que é? Não confia em mim?

— Vá, Alice, por favor. Faça o que te digo. Mais tarde explicarei tudo.

Relutantemente, Alice começou a descer a colina, conduzindo o Mago pelo cotovelo. Não olhou para trás e percebi que estava realmente furiosa comigo.

CAPÍTULO 16

A SUBIDA AO SÓTÃO

Uma vez lá dentro, fechei a porta atrás de mim e comecei a subir as escadas. Na minha mão direita segurava a vela; na esquerda levava o bordão de sorveira. A corrente de prata continuava no bolso esquerdo do meu casaco de pele de carneiro. Subi mais depressa do que havíamos descido mas continuei a ter cuidado. Não queria acordar Meg. Tinha também outra preocupação. A minha chave seria grande demais para a fechadura na escrivaninha do Mago. Ia ter de forçá-la com o pé-de-cabra e provavelmente isso faria mais do que apenas algum barulho.

Enquanto ia subindo as escadas, comecei a sentir-me cada vez mais inquieto. Meg continuava a dormir, mas poderia acordar a qualquer instante. Se me seguisse escadas acima, eu tinha sempre hipótese de reposicionar a tábuca e efetuar a fuga pela janela do quarto das traseiras. Mas aperceber-me-ia a tempo da chegada dela? Alice tinha razão. Em face de tal, era mesmo uma tolice. Mas continuava a pensar no Pai e obriguei as minhas pernas a continuarem a subir as escadas.

Não tardei muito a encontrar-me perto da porta do sótão. Preparava-me para a abrir e entrar quando ouvi um leve som. Parecia uma espécie de raspadelas...

Escutei cheio de nervosismo com o ouvido esquerdo colado à porta e ouvi de novo o som de raspadelas. O que poderia fazer um ruído assim? Não tinha outra alternativa senão ignorar e tentar obter o que Morgan queria. Comecei a rodar a maçaneta. Só então, ao entrar devagar na divisão, percebi que devia ter fugido com Alice e o Mago enquanto ainda tinha chance. Devia ter contado ao meu mestre tudo o que acontecera com Morgan e seguido o conselho dele. O Mago teria sabido qual a melhor maneira de ajudar o Pai.

Todos os meus instintos me diziam naquele momento que fugisse. Era como se uma voz gritasse "*Perigo! Perigo! Perigo!*"

sucessivamente dentro da minha cabeça. Quando entrei, quase fechei a porta atrás de mim. Senti um forte impulso para fazê-lo mas de certa forma consegui resistir. Estava escuro de modo que levantei a vela acima da minha cabeça a fim de ver melhor; houve então uma explosão súbita de ar frio que se extinguiu gradualmente.

Via lá em cima o contorno pálido da clarabóia. Estava escancarada e uma brisa fria desceu na direção do meu rosto. Havia seis pequenas aves empoleiradas na borda da clarabóia. Mantinham-se caladas, como se aguardando pacientemente algo. E, por debaixo delas, estava patente o horror daquela divisão.

As tábuas do soalho encontravam-se cheias de penas, salpicadas de sangue e sujas de fragmentos de aves mortas. Parecia que entrara uma raposa num galinheiro. Viam-se asas, patas, cabeças e centenas e centenas de penas. Desciam penas pelo ar, rodopiando à volta da minha cabeça, agitadas pela brisa gélida que soprava pela clarabóia.

Quando vi algo muito maior, não fiquei surpreendido. Mas a sua visão enregelou-me até aos ossos. Acocorada ao canto, perto da escrivaninha, estava a lâmia selvagem, de olhos fechados, as pálpebras superiores grossas e pesadas. De certa forma, o seu corpo parecia menor mas o rosto estava maior do que da última vez que o vira. Já não descarnado mas pálido e inchado, as faces quase duas bolsas. Enquanto olhava, a boca abriu-se ligeiramente e escorreu um fio de sangue pelo queixo que começou a pingar para o soalho. Lambeu os beiços, abriu os olhos e fitou-me como se tivesse todo o tempo do mundo.

Estivera a alimentar-se. A alimentar-se das aves. Abrira a clarabóia e depois atraía as aves às suas mãos férreas com garras, obrigando-as a voar até onde aguardava sentada. Depois, uma por uma, começara a beber-lhes o sangue, mantendo-as ainda vivas por perto com uma fórmula de compulsão. Tinham asas mas haviam perdido a vontade de voar.

Eu não tinha asas, no entanto tinha pernas. Mas elas não queriam me obedecer e fiquei pregado ao chão com medo. Avançou para mim muito lentamente. Talvez fosse por estar pesada, de tão empanturrada de sangue. Talvez sentisse que não havia pressa.

Se tivesse corrido pelo chão direto a mim, seria o fim. Nunca conseguiria sair do sótão. Mas ela avançava lentamente. Muito lentamente. E o horror de a ver aproximar-se foi suficiente para quebrar o feitiço. De repente fiquei livre. Podia mover-me. Mover-me mais depressa do que alguma vez antes o fizera.

Não pensara usar nem a corrente nem o bordão. As minhas pernas agiram mais rápidas do que o meu pensamento. Enquanto a lâmia rastejava pelo soalho, virei-me e corri. E enquanto corria, houve um bater de asas atrás de mim: a minha fuga libertara as aves aprisionadas da fórmula. Aterrorizado, com o coração em sobressalto, descí as escadas fazendo barulho suficiente para despertar os mortos. Mas não queria saber. Tinha de sair e afastar-me da lâmia. Nada mais importava. Toda a minha coragem desaparecera.

Mas alguém estava à minha espera nas sombras ao fundo das escadas.

Meg.

Por que não virará das escadas para o quarto da parte de trás? Devia ter-me concentrado. Pensado cuidadosamente. Mas entrara em pânico e perdera a minha oportunidade de escapar. A lâmia selvagem estava empanturrada demais de sangue para se mover com rapidez. Teria conseguido abrir a janela, posicionar a tábua e atravessá-la até à segurança. E agora os meus passos pesados escadas abaixo haviam despertado Meg.

Lá estava ela, entre mim e a porta da frente. Enquanto em algum lugar atrás de mim, provavelmente já a descer as escadas, encontrava-se a lâmia selvagem. Meg olhou para mim, o seu rosto belo alargando-se num sorriso. Havia luz suficiente para ver que não era um sorriso amigável. Subitamente, debruçou-se sobre mim e cheirou-me ruidosamente três vezes.

— Disse antes que não te daria à minha irmã — referiu. — Mas isso agora mudou. Sei o que fez. Há um preço a pagar por isso. Um preço de sangue!

Não respondi porque recuava já lentamente pelas escadas acima. Continuava a segurar o toco da vela de modo que o enfiei no bolso das calças. Feito isso, transferi o meu bordão para a mão

direita e retirei a corrente de prata do bolso esquerdo do meu casaco de pele de borrego.

Ela deve ter visto ou sentido a corrente, porque subiu rapidamente as escadas direto para mim, as mãos estendidas como se quisesse arrancar-me os olhos. Entrei em pânico, fiz pontaria e arremessei-lhe diretamente a corrente. Não me concentrei e falhou-lhe por completo a cabeça. Mas felizmente para mim, bateu-lhe no ombro e no flanco esquerdo. Ao tocar-lhe, ela gritou de agonia e foi de encontro à parede.

Vendo a minha oportunidade, passei a correr por ela e cheguei ao fundo das escadas antes de me virar para enfrentá-la. Pelo menos agora não teria a ameaça da irmã dela atrás de mim. A corrente continuava nos degraus de cima. Só me restava o bordão de madeira de sorveira. Era a madeira mais poderosa de todas para usar contra uma bruxa. Mas Meg não era do Condado; era uma bruxa lãmia de uma terra estrangeira. Seria eficaz contra ela?

Meg recuperou o equilíbrio e virou-se para mim.

— O toque da prata é agonia para mim, rapaz — disse, o seu rosto contorcido de fúria. — Gostaria de sentir uma dor assim?

Desceu um degrau, e quando o fez, arrastou deliberadamente as costas da mão esquerda pela parede junto ao corpo. Enquanto observava, raspou as unhas pelo estuque, deixando nele sulcos profundos. O estuque era velho e muito rijo. Estava a mostrar-me o que as suas unhas poderiam fazer à minha carne. Quando Meg deu outro passo, preparei o meu bordão, apontando-o para cima, pronto a atingir-lhe a cabeça e os ombros. Mas agora eu estava a usar a cabeça. A concentrar-me. E quando ela atacou, precipitando-se pelas escadas para mim, baixei rapidamente o bordão, atirando-lhe aos pés. Os olhos dela arregalaram-se quando viu o que eu estava a tentar fazer, mas a sua aceleração era excessiva: as pernas emaranharam-se no bordão e caiu de cabeça pelas escadas. O bordão foi-me arrancado das mãos, mas agora tinha oportunidade de recuperar a corrente e saltei por cima dela e subi as escadas correndo.

Apanhei a corrente, enrolei-a em volta do pulso esquerdo e preparei-me para a lançar de novo. Desta vez estava decidido a não

falhar.

Ela sorriu-me, o rosto cheio de escárnio.

— Já falhou uma vez. Não é tão fácil quanto arremessá-la àquele poste no jardim de Gregory, não é? As suas mãos estão a suar, rapaz? Começam a tremer? Só tem mais uma oportunidade. E depois será meu...

Sabia que ela estava apenas tentando destruir a minha confiança e aumentar as probabilidades de eu falhar. Então, respirei fundo e recordei a minha preparação. Nove vezes em dez, conseguia atingir o poste. E nunca falhara duas vezes seguidas. Só o medo conseguiria me impedir naquele momento. Só a dúvida. Então, respirei fundo e concentrei-me. Quando Meg se levantou, fiz pontaria com cuidado.

Estalei a corrente no ar como um chicote antes de a arremessar diretamente à bruxa. Caiu numa espiral perfeita às avessas a envolver-lhe a cabeça e o corpo. Soltou um grito, que foi cortado subitamente quando a corrente de prata lhe apertou a boca e ela caiu pesadamente no chão.

Com muita cautela, desci as escadas e olhei-a de perto. Para meu alívio, ficara bem aprisionada. Olhei-a nos olhos e vi ali a dor. Mas, apesar de a corrente de prata a estar machucando, havia também desafio no seu olhar. De repente, a expressão dela mudou e percebi que olhava para lá de mim, para as escadas. Simultaneamente, ouvi passos em corrida e virei-me, vendo Marcia, a lâmia selvagem, descer as escadas direto para mim.

Mais uma vez, o fato de estar já saciada de sangue salvou-me. Continuava inchada e lenta. Caso contrário, haveria atacado antes mesmo de eu ter sequer uma chance de pestanejar. Então, peguei no meu bordão de sorveira e subi as escadas ao encontro dela. O ódio ardia nos seus olhos de pálpebras pesadas, e os quatro membros finos por debaixo do seu corpo ficaram tensos, prontos a saltar. A princípio, não tive tempo de sentir medo e ataquei com o bordão na direção do seu rosto inchado. Não suportou o toque da madeira de sorveira e arfou de dor quando a minha terceira estocada a atingiu logo por debaixo do olho esquerdo. Bufou de fúria

e começou a recuar, o cabelo preto comprido e gorduroso a roçar nos degraus de ambos os lados e a deixar um rasto viscoso úmido.

Não sei quanto tempo lutei com ela. O tempo parecia ter parado. O suor escorria-me da testa e tinha dificuldade em respirar, o meu coração a bater ruidosamente tanto do esforço como do medo. Sabia que a qualquer momento ela poderia penetrar a minha guarda ou então eu podia tropeçar — caso esse em que ela me alcançaria num ápice, os seus dentes afiados a ferrar-me nas pernas. Mas obriguei-a finalmente a recuar para a porta do sótão, depois estoquei-a freneticamente para a enfiar lá dentro. Feito isso, fechei a porta com força e tranquei-a, usando a minha chave. Sabia que a porta não a deteria por muito tempo, e enquanto descia as escadas, ouvi as garras dela já a começar a desfazer a porta de madeira. Estava na hora de fugir. Seguiria os outros até à loja de Andrew. Quando o Mago recuperasse poderíamos regressar e resolver tudo.

Mas quando abri a porta da frente, uma intensa tempestade de neve fustigava lá fora, a neve atingindo-me no rosto. Podia dar com o caminho até à orla da ravina, mas seria loucura avançar para lá dela. Mesmo que descesse a charneca em segurança, morreria congelado ao tentar alcançar Adlington. Fechei rapidamente a porta. Só me restava uma outra opção.

Meg não era maior do que eu nem muito pesada. Decidi então levada para a cave e colocá-la no poço. Feito isso, podia trancar-me por detrás do portão com ela e ficar relativamente a salvo da lâmia selvagem. Ou pelo menos por um bocado. Nem mesmo o portão impediria eternamente Marcia.

Todavia, tinha ainda que me preocupar com a outra bruxa, Bessy Hill. Deixei então Meg no topo das escadas da cave e procurei rapidamente o saco do Mago. Encontrei-o por fim na cozinha e, com celeridade, enchi os bolsos de sal e ferro. Feito isso, levei Meg para a cave, segurando-a no ombro direito pelas pernas. Na minha mão esquerda levava simultaneamente o bordão e uma vela. Demorei algum tempo a colocá-la lá e tive o cuidado de trancar o portão atrás de mim. Mais uma vez, mantive-me bem afastado de Bessy Hill, que continuava a ressonar nas escadas.

Depois de tudo o que acontecera, queria arrastar Meg pelos pés e deixar que a cabeça dela batesse em cada degrau. Mas não o fiz. Provavelmente estaria já a sofrer astante por causa da corrente de prata que a prendia com força. E, de qualquer forma, apesar de tudo, o Mago haveria de querer que ela fosse tratada o melhor possível. Por conseguinte, tive cuidado com Meg.

Mas quando a enfiei pela borda do poço, não resisti ao comentário que se segue.

— Sonhe com o seu jardim! — disse-lhe, conferindo à minha voz o tom mais sarcástico possível. Depois deixei-a e, agarrando no meu toco de vela, voltei a subir as escadas. Estava agora na altura de ir tratar da outra bruxa, Bessy Hill. Devo tê-la acordado ao descer porque fungava e bufava ao subir de novo lentamente em direção ao portão. Levei as mãos aos bolsos das calças e retirei uma mão-cheia de sal e uma mão-cheia de ferro. Mas não os atirei; cerca de três degraus acima dela, espalhei uma linha de sal de parede a parede, depois polvilhei por cima com ferro. E a seguir desloquei-me ao comprimento do degrau e misturei-os cuidadosamente para formar uma barreira que a bruxa não conseguisse transpor.

Por fim, aproximei-me do portão e sentei-me três degraus abaixo dele, para o caso de a lâmia selvagem descer e tentar alcançar-me através das grades.

Fiquei ali sentado vendo a vela arder até ficar cada vez mais pequena. Muito antes de ameaçar extinguir-se, senti pena do que dissera a Meg. O meu pai não teria gostado que eu fosse sarcástico àquele ponto. Ele não me educara assim. Meg não podia ser má de todo. O Mago amava-a e ela amara-o em tempos. E como se iria sentir quando visse que eu a metera no poço? Que *eu* fizera algo que pessoalmente ele nunca tivera coragem de fazer?

Dali a um tempo a vela apagou-se de vez e fiquei no escuro. Chegavam tênues murmúrios e arranhadelas lá do fundo da cave onde as bruxas mortas se agitavam e, de tempos a tempos, o som da bruxa viva enfraquecida, cheirando e fungando de frustração, sem conseguir atravessar a barreira de sal e ferro.

Estava quase a dormir quando a lâmia selvagem chegou de repente, tendo finalmente aberto caminho através da porta do

sótão. A minha visão noturna é boa, mas estava escuro nas escadas da cave e só ouvia a investida das suas pernas avançando em corrida e depois uma pancada quando um vulto escuro se arremessou contra o portão e começou a arranhar o metal. O coração saltou-me para a boca. Parecia estar de novo esfomeada de modo que peguei no meu bordão de sorveira e ataquei-a, desesperado, através das grades.

A princípio, não afetou o frenesi dela, e ouvi a grade gemer quando o metal dobrou e cedeu. Mas depois tive sorte. Devia tê-la atingido num ponto nervoso, provavelmente um olho, porque ela guinchou estridentemente e afastou-se do portão, subindo de novo as escadas lamuriando-se.

Quando a tempestade de neve passasse e o Mago ficasse suficientemente forte, voltaria para resolver a situação — tinha certeza disso. Só não sabia quando. Ia ser uma longa tarde e uma noite ainda mais longa depois daquilo. Podia ter de passar dias ali nas escadas. Não sabia quantas vezes Marcia atacaria o portão.

Mais duas vezes o fez, e depois de a ter expulsado uma terceira, retirou-se pelas escadas acima e desapareceu de vista. Perguntei-me se teria voltado para o topo da casa. Talvez andasse à caça de ratazanas ou ratos. Passado um tempo, tive de me esforçar para me manter acordado. Não podia permitir-me adormecer porque o portão estava já enfraquecido. Se não me encontrasse a postos para a repelir, ela não demoraria muito a abrir caminho à força.

Encontrava-me em sérios apuros. Se ao menos não tivesse vindo buscar o *grimoire*, estaria são e salvo com o Mago e Alice na casa de Andrew.

CAPÍTULO 17

UMAS QUANTAS VERDADES

Os degraus eram desconfortáveis e muito frios. Passado um tempo, de acordo com os meus cálculos, a noite voltaria a dar lugar ao dia. Tinha fome e a minha boca estava ressecada da sede.

Quanto tempo teria de passar ali em baixo? Quanto tempo antes de o Mago aparecer? E se o meu mestre não recuperasse devidamente e estivesse doente demais para vir? Depois comecei a preocupar-me com Alice. E se ela voltasse à casa à minha procura? Julgaria que a lâmia estava aprisionada na cave. Não sabia que estivera no sótão; que andava agora à solta pela casa.

Ouvi finalmente ruídos em algum lugar lá em cima. Não pernas a correr mas o murmúrio bem-vindo de vozes humanas e as pancadas de botas a descer e depois o som de algo pesado a ser arrastado pelas escadas. A luz de uma vela tremulou ao contornar a esquina e pus-me em pé.

— Bem, Andrew! Parece que afinal não vai ser preciso — disse uma voz que reconheci imediatamente.

O Mago aproximou-se do portão. Arrastava atrás de si a lâmia selvagem, firmemente aprisionada com uma corrente de prata. A seu lado estava Andrew, que o acompanhara para arrombar a fechadura.

— Bem, rapaz, não fique aí embasbacado — disse-me o Mago. — Abra o portão e deixe-nos entrar.

Fiz rapidamente o que me mandavam. Queria contar ao Mago o que sucedera com Meg, mas quando abri a boca para falar, ele abanou a cabeça e assentou uma mão no meu ombro.

— Primeiro o mais importante — redarguiu, a sua voz simpática e compreensiva, como se soubesse exatamente o que eu tinha feito. — Tem sido difícil para todos nós e há muito que conversar. Mas ficará para mais tarde. Primeiro o trabalho que é preciso fazer...

Dito aquilo, com Andrew na dianteira erguendo a vela alto, partimos escadas abaixo. Quando nos aproximamos da bruxa viva, Andrew estacou e a vela começou a tremer na sua mão.

— Andrew, dê a vela ao rapaz — pediu o Mago. — É melhor ir para cima e esperar na porta que cheguem o pedreiro e o ferreiro. Depois pode dizer-lhes que estamos aqui em baixo.

Com um suspiro de alívio, Andrew entregou-me a vela, e depois de acenar na direção do Mago voltou a subir as escadas. Continuamos a descer até chegarmos à cave, com o teto baixo carregado de espessas teias de aranha. O Mago avançou direto para o poço da bruxa lâmia, onde as grades tinham sido dobradas, com espaço de sobra para a atirar para o escuro — e o Mago não perdeu tempo a preparar-se para fazer exatamente isso.

— Bordão a postos, rapaz! — ordenou.

Coloquei-me então a seu lado, a vela na mão direita para iluminar a lâmia e o poço, o bordão de sorveira posicionado para repeli-la.

O Mago segurou a lâmia por cima das grades afastadas e, com um esticão súbito, torceu a corrente de prata para a direita, dando-lhe um golpe súbito. Ela desenrolou-se e, com um grito estridente, a lâmia caiu no escuro. Imediatamente o Mago ajoelhou ao lado do poço e começou a passar a corrente de prata de uma barra à outra por cima da abertura para criar uma barreira temporária que a lâmia não conseguisse transpor. Lá de baixo das sombras, a lâmia bufou na nossa direção, furiosamente, mas não esboçou qualquer tentativa de subir correndo; passados alguns momentos o trabalho estava concluído.

— Pronto, aquilo deve aguentá-la até o pedreiro e o ferreiro chegarem — disse o meu mestre, pondo-se em pé. — Agora vamos ver como está Meg...

Abeirou-se do poço de Meg e eu segui-o, levando a vela. Ele abanou a cabeça, contristado. Meg estava deitada de costas a olhar para cima, os olhos arregalados e furiosos, mas a corrente prendia-a ainda firmemente e não conseguia falar.

— Peço desculpa — disse-lhe. — Muitas desculpas. Não tive...

O Mago ergueu a mão para me silenciar.

— Guarde as suas palavras para mais tarde, rapaz. Custa-me tanto ver isto...

Ouvi a voz do Mago ficar embargada e captei um vislumbre de dor no seu rosto. Desviei rapidamente o olhar. Seguiu-se um longo silêncio, mas finalmente ele soltou um suspiro profundo.

— O que está feito está feito — disse, com pesar —, mas nunca pensei que fosse chegar a este ponto. Não ao cabo de todos estes anos. Adiante, vamos tratar da outra...

Subimos de novo as escadas até chegarmos à bruxa viva, Bessy Hill.

— A propósito, foi bem pensado, rapaz! — exclamou o Mago, indicando a linha de sal e ferro. — É bom ver que tem iniciativa.

Bessy Hill virou a cabeça lentamente para a esquerda e pareceu querer tentar falar. O Mago abanou a cabeça com pesar e apontou para os pés dela.

— Olhe, rapaz. Pegue no pé direito, que eu pegarei no esquerdo. Vamos descê-la devagar. Delicadamente, agora! Não queremos que ela bata com a cabeça...

Fizemos exatamente isso, e foi um trabalho desagradável: o pé direito de Bessy estava frio, úmido e pegajoso, e quando a arrastamos ela começou a fungar e a bufar. No entanto, não foi por muito tempo e em breve ela estava de volta ao poço. Agora só era necessário substituir as grades dobradas e ela ficaria segura por um longo tempo.

Durante um tempo não falamos e calculei que o Mago estivesse a pensar em Meg, mas não tardou que ouvíssemos o som distante de vozes masculinas e botas pesadas.

— Bem, rapaz, devem ser o ferreiro e o pedreiro. Tinha pensado em te pedir que tratasse de Meg, mas não está certo e não me furtarei ao que tem de ser feito. Por isso suba essas escadas e prepare uma boa lareira em todas as divisões do térreo. Fez um bom trabalho — falaremos mais tarde.

Ao subir, cruzei-me com o ferreiro e o pedreiro.

— Mr. Gregory está lá em baixo — disse-lhes.

Anuíram e continuaram a descer. Nenhum parecia satisfeito. Era um trabalho sinistro mas tinha de ser feito.

Mais tarde, quando voltei à cave para dizer ao Mago que acendera as lareiras, Meg continuava no poço mas a minha corrente de prata estava em segurança na posse dele e entregou-a sem dizer uma palavra. A cobertura de pedra e ferro fora arrastada para a posição e presa com pernos de metal cravados fundo no solo.

Agora ela estava tão firmemente aprisionada debaixo de grades de ferro quanto as outras bruxas. O Mago devia ter ficado realmente triste por ter de fazer aquilo, mas não deixara de fazê-lo. Levara quase uma eternidade, mas Meg estava finalmente aprisionada.

A tarde ia já bastante adiantada quando o trabalho ficou concluído e o pedreiro e o ferreiro finalmente foram embora. O Mago virou-se para mim quando fechou a porta e cofiou a barba.

— Só falta mais uma coisa antes de comermos, rapaz. Agora já podia ir até lá acima limpar aquela porcaria no sótão.

Mesmo depois de tudo o que acontecera eu não esquecera o *grimoire*. Não esquecera o que Morgan podia fazer ao Pai. E ali estava a minha oportunidade! Então, com as mãos a tremer ante a idéia de ir trair o Mago e roubar o *grimoire*, levei um balde e um esfregão até ao sótão. Depois de fechar a clarabóia, comecei a limpar o chão o mais depressa que podia. Uma vez concluída a tarefa, bastariam alguns momentos para forçar a fechadura da escrivaninha e esconder o *grimoire* no meu quarto. Nunca vira o Mago ir ao sótão. Por isso podia entregá-lo a Morgan sem que ele percebesse que desaparecera.

Tendo limpo as penas e o sangue do chão, convergi a minha atenção para a escrivaninha. Apesar de ser uma peça bem feita, trabalhada mas maciça, não iria demorar muito tempo a abri-la. Retirei o pequeno pé-de-cabra do bolso do casaco e introduzi-o na fenda entre as portas.

Naquele momento ouvi passos atrás de mim e dei um pulo, atrapalhado, ao ver o Mago de pé à porta, uma expressão de raiva e incredulidade no rosto.

— Bem, rapaz! O que temos aqui?

— Nada — menti. — Estava apenas limpando esta velha escrivaninha.

— Não minta, rapaz. Não há nada pior neste mundo do que um mentiroso. Então foi por isto que voltou à casa. A garota estranhou...

— Morgan mandou-me vir buscar o *grimoire* na sua escrivaninha no sótão! — deitei tudo para fora e baixei a cabeça de vergonha. — Era para levar-lhe na terça-feira à noite na capela do cemitério. Peço desculpa, peço mil desculpas. Nunca o quis trair. Só não suportava a idéia do que ele podia fazer ao Pai se eu não o levasse.

— Ao seu pai? — O Mago ficou carrancudo. — Como pode Morgan fazer mal ao seu pai?

— O meu pai morreu, Mr. Gregory.

— Sim, a garota contou-me a noite passada. Lamento sabê-lo.

— Bem, Morgan invocou o espírito do Pai e aterrorizou-o...

O Mago levantou a mão.

— Acalme-se, rapaz. Acaba com essa algaraviada e fale mais devagar. Onde foi que tudo isto aconteceu?

— No quarto dele na fazenda. Ele invocou primeiro a irmã e ela trouxe o Pai. Era mesmo a voz do Pai e Morgan o fez pensar que estava no Inferno. Voltou a fazê-lo em Adlington — ouvi nitidamente a voz do Pai dentro da minha cabeça — e Morgan disse que continuaria a fazê-lo se eu não lhe obedecesse. Voltei para buscar o *grimoire*, mas quando cheguei ao sótão, a lâmia selvagem estava lá a alimentar-se das aves. Desci as escadas a correr, em pânico e encontrei Meg ali à espera. O meu primeiro lançamento da corrente não lhe acertou e julguei que estava acabado.

— Sim, podia ter-te custado a vida — observou o meu mestre, abanando a cabeça de reprovação.

— Estava desesperado — disse-lhe.

— Isso não me interessa, rapaz — redarguiu o Mago, cofiando a barba. — Não disse que se mantivesse afastado dele? Devia ter me contado tudo, não vir aqui sorrateiro roubar algo a mando daquele tolo do Morgan.

Fiquei ofendido com o uso da palavra "roubar". Era inegável que teria sido um roubo, mas ouvi-lo usar aquela palavra magoou-me profundamente.

— Não pude. Meg tinha-o prisioneiro. De qualquer forma, *o senhor* não me contou tudo — redargui, irado. — Por que não me disse que Morgan era seu filho? Como posso confiar em você quando faz segredo de semelhantes coisas? Contou-me que ele era filho de Mr. e Mrs. Hurst — mas não, era seu filho. O sétimo filho que teve com Emily Burns. Fiz o que fiz porque amo o meu pai. Mas o seu filho nunca faria o mesmo por você. Ele quer destruí-lo. Diz que é um velho tolo!

Sabia que tinha ido longe demais, mas o Mago limitou-se a sorrir sinistramente e a abanar a cabeça.

— Acho que não *existe* maior tolo do que um velho tolo, e certamente algumas vezes o fui, mas quanto ao resto...

Fitou-me com dureza, os seus olhos verdes brilhando intensamente.

— Morgan não é meu filho! É um mentiroso! — disse-me, dando de repente um murro em cima da escrivadinha, o seu rosto lívido de raiva. — Foi, é e sempre será. Só está tentando lhe confundir e manipular. Eu não tenho filhos — algumas vezes me arrependi, mas se tivesse um filho, acha que o renegaria? O seu pai teria renegado?

Abanei a cabeça.

— Gostaria de ouvir a história toda, se é assim tão importante para você?

Anuí.

— Bem, não vou negar que roubei Emily Burns do meu próprio irmão. Ou que isso magoou muito a minha própria família. Em particular o meu próprio irmão. Nunca o neguei e tenho pouco a alegar em minha defesa a não ser que era jovem. Desejava-a, rapaz, e tinha de ser minha. Um dia perceberá o que quero dizer, mas só metade da culpa foi minha. Emily era uma mulher forte e também me desejava. Mas não tardou a fartar-se de mim, tal como se fartara do meu irmão. Acabou por arranjar outro homem.

— Edwin Furner, assim se chamava e, apesar de ser o sétimo filho de um sétimo filho, trabalhava como curtidor. Nem todos os habilitados a fazê-lo seguem o nosso ofício. Durante dois anos correu tudo bem, e eram felizes juntos. Mas logo depois de o

segundo filho nascer, ele ausentou-se durante quase um ano, deixando-a com duas crianças pequenas.

“Seria preferível que se tivesse mantido longe, mas volte e meia aparecia, como uma erva daninha. De cada vez que se tornava a ir embora, ela ficava à espera de outro filho dele. Ao todo foram sete. Morgan foi o sétimo de Furner. Depois disso, ele nunca mais voltou.

O Mago abanou a cabeça, pesaroso.

— Emily teve uma vida dura, rapaz, e continuamos amigos. Então, ajudava-a conforme podia. Umaz vezes com dinheiro, outras arranjando trabalho para os moços dela mais crescidos. Como não havia um pai que cuidasse deles, o que mais podia eu fazer? Quando Morgan tinha dezesseis anos, arranjei-lhe trabalho em Moor View Farm. Os Hursts gostaram tanto dele que acabaram por adotá-lo. Não tinham um filho homem e teria acabado por herdar a fazenda. Mas ele não gostava do trabalho, e a coisa começou a azedar. Não aguentou nem um ano.

“Como te disse, eles tiveram uma filha. Era mais ou menos da mesma idade e chamava-se Eveline. Jovens como eram, Morgan e Eveline apaixonaram-se. Os pais não aceitaram porque queriam que eles fossem irmão e irmã, de modo que batiam nos dois; tornaram a vida deles um inferno. Por fim, não aguentando mais, Eveline afogou-se no lago. Depois disso, Emily suplicou-me que afastasse Morgan de lá e o aceitasse como meu aprendiz. Na altura, pareceu-me uma solução razoável, mas tinha as minhas dúvidas e constatei que estava certo. Aguentou três anos, até que finalmente voltou para Emily, mas não conseguia se manter afastado de Moor View Farm. Ainda vai lá às vezes — pelo menos quando não anda a fazer maldades em outros lados.

“A irmã deve ser uma apegada, alguém que não consegue atravessar para o outro lado. E por causa disso, ele tem-na em seu poder. E não há dúvidas de que está ficando mais forte. Parece sem dúvida ter exercido algum poder sobre você. É melhor me contar exatamente o que se passou entre vocês os dois.

Assim fiz, e enquanto falávamos, o Mago pedia-me constantemente pormenores. Comecei pelo meu encontro com

Morgan na capela do cemitério à beira da charneca e terminei com a nossa conversa junto à campa de Emily Burns.

— Estou entendendo — disse o Mago quando terminei. — Agora está bastante claro. Conforme te disse antes, Morgan sempre sentiu fascínio pela antiga elevação tumular na charneca. Se for escavando sucessivamente, acabará por encontrar algo. Bem, quando ele era meu aprendiz, acabou por encontrar uma arca selada com o *grimoire* lá dentro. E esse *grimoire* contém um ritual que é a única maneira de invocar Golgoth. Foi então o que ele tentou fazer. Felizmente cheguei antes do ritual ter ido longe de mais e pus-lhe fim.

— O que teria acontecido se ele conseguisse? — inquiri.

— Nem é bom pensar nisso, rapaz. Um erro no ritual e ele teria morrido. Antes disso do que concluí-lo com êxito. Sabe, ele seguiu as instruções à letra e desenhou um pentagrama no chão do seu quarto em Moor View Farm, uma estrela de cinco pontas dentro de três círculos concêntricos. Por isso, se acertasse no resto, estaria suficientemente seguro lá dentro. Mas Golgoth teria se materializado no exterior do pentagrama e andaria à solta pelo Condado. Não foi em vão que lhe chamaram o Senhor do Inverno. Podiam passar anos antes de o Verão regressar. A morte pelo frio gélido e a fome poderiam ter sido o nosso destino. Morgan ofereceu o cão da fazenda em sacrifício. Golgoth nunca lhe tocou mas o pobre animal morreu de susto.

“Portanto, como disse, impedi Morgan a tempo. Terminei o aprendizado dele e tirei-lhe o *grimoire*. Depois, a mãe dele e eu o obrigamos a prometer que deixaria Golgoth em paz e não tentaria invocá-lo de novo. Ela acreditou na sua promessa, e por causa dela dei-lhe todas as oportunidades e sempre tive esperança de que a sua fé nele se justificasse. Mas, apesar de lhe ter interrompido o ritual, algum do poder de Golgoth fora já despertado e ligou-se a ele. A sua mãe estava certa — este vai ser um Inverno muito, muito rigoroso. Estou convencido de que tem a ver com Golgoth e Morgan. Quando Morgan deixou de estar sob a minha alçada, virou-se para o escuro e os seus poderes têm vindo a aumentar. E está convencido de que o *grimoire* lhe conferirá o derradeiro poder.

— Ele já consegue fazer coisas que um homem não deveria. Algumas são pouco mais do que truques de magia, como mudar a temperatura numa divisão para impressionar os crédulos. Mas parece que agora ele consegue também submeter os mortos à sua vontade — não apenas os fantasmas mas outros espíritos que pairam no Limbo entre esta vida e o outro lado. Custa-me dizer isto, mas a situação parece muito sinistra. Temo sinceramente que Morgan tenha a capacidade de fazer mal ao espírito do seu pobre pai...

O Mago olhou para a clarabóia, depois para a escrivaninha. Abanou a cabeça, contristado.

— Bem, rapaz, vá lá para baixo e falaremos um pouco mais do assunto...

Quinze minutos depois, o meu mestre estava ali sentado em silêncio na cadeira de balanço de Meg e uma sopa de ervilha fervia numa panela.

— Tem muito apetite, rapaz? — perguntou.

— Não como desde ontem — respondi-lhe.

Ao ouvir aquilo sorriu, expondo o intervalo onde o demônio lhe partira o dente da frente, levantou-se, colocou duas tigelas em cima da mesa e serviu a sopa quente com uma concha. Em breve eu deitava pão na sopa fumegante. O Mago dispensou o pão mas esvaziou a sua tidela.

— Lamento muito que o seu pai tenha falecido — disse, afastando de si a malga vazia. — Não deveria ter nada a temer depois da morte. Infelizmente, Morgan está usando o poder de Golgoth para lhe fazer mal e lhe atingir através dele. Mas não se preocupe, rapaz, vamos pôr fim a isto assim que pudermos. E quanto ao outro disparate, Morgan não é meu filho nem nunca foi. — Voltou a olhar-me nos olhos. — Então, acredita em mim?

Anuí, mas não devo ter sido suficientemente convincente porque o Mago suspirou e abanou a cabeça.

— Bem, rapaz, ou é ele o mentiroso ou então sou eu. Convém decidir qual de nós o é. Se não existir confiança entre nós, é inaceitável continuar como meu aprendiz. Mas uma coisa é certa, não deixaria você ir para o lado dele. Antes disso, agarraria você

pela nuca, lhe devolveria à sua mãe e deixaria que ela te metesse algum juízo nessa cabeça dura.

O tom dele foi áspero e, apesar de tudo o que acontecera, senti-me realmente atrapalhado.

— Não me poderia devolver à minha mãe — respondi-lhe com azedume. — Cheguei tarde demais ao funeral e nem sequer a consegui ver. Logo depois ela partiu para algum lugar — talvez a sua própria terra. Não creio que ela vá voltar...

— Bem, dê-lhe espaço, rapaz. Ela acabou de perder o marido e precisa de tempo para chorar e pensar. Mas você vai voltar a vê-la e não tardará muito, tenho certeza. E isto não é uma profecia. É o bom senso a falar. Se ela for, que seja, mas antes de tal irá querer despedir-se como deve ser de *todos* os seus filhos.

“Seja como for, o que Morgan tem estado a fazer é uma coisa terrível, mas não se preocupe — *irei* encontrá-lo e impedi-lo de uma vez por todas.

Sentia-me cansado demais para dizer fosse o que fosse, pelo que me limitei a acenar com a cabeça. Só esperava que ele tivesse razão.

CAPÍTULO 18

A CAPELA DOS MORTOS

Apesar de todas as promessas do Mago, não foi possível tratar logo de Morgan. Durante as duas semanas seguintes o tempo esteve tão mau que quase nunca saímos de casa. As tempestades de neve sucediam-se sobre a ravina, atirando os flocos a rodopiar contra as janelas e enterrando a parte da frente da casa quase até ao nível dos quartos do primeiro andar. Começava a acreditar que Golgoth fora efetivamente despertado e fiquei grato por Shanks ter tido a idéia de entregar provisões extra. Quando chegou a terça-feira indicada por Morgan para o nosso encontro, fiquei nervoso e esperei em parte vê-lo aparecer lá em casa. Mas as tempestades de neve eram tão fortes que ninguém conseguiria atravessar a charneca. Mesmo assim, cada hora fechado naquela casa era uma tortura. Estava desesperado por sair e ir procurar Morgan para pôr fim ao sofrimento do meu pai.

O meu mestre impôs-nos a rotina habitual de dormir, comer e lições enquanto durou a tempestade de neve, mas acrescentou um elemento novo. Todas as tardes ele descia as escadas da cave para conversar com Meg e dar-lhe algum alimento. Normalmente eram apenas algumas bolachas mas por vezes ele levava para baixo os restos do nosso almoço. Fiquei curioso se os dois falariam quando ele estava lá em baixo, apesar de saber que era desnecessário perguntar. Tínhamos combinado não haver mais segredos entre nós mas percebi que o Mago contava ainda com alguma privacidade.

As duas outras bruxas teriam de se aguentar o melhor que pudessem, mastigando minhocas, lesmas e tudo o mais que conseguissem retirar da terra úmida, mas Meg continuava a ser um caso especial. Esperara em parte que, muito em breve, o Mago voltasse a dar o chá de ervas a Meg e a trouxesse da cave. Ela era sem dúvida muito melhor cozinheira do que qualquer um de nós, mas depois de tudo o que acontecera não conseguia deixar de me

sentir mais seguro com ela lá em baixo no poço. No entanto, o Mago preocupava-me. Apiedara-se? Depois de todos os avisos para não confiar nas mulheres, ei-lo que voltava a quebrar as suas próprias regras. Quis dizer-lhe, mas como podia fazer tal coisa se o via tão transtornado por causa de Meg?

Ainda não comia como devia ser e uma manhã tinha os olhos vermelhos e inchados como se os tivesse esfregado. Perguntei-me mesmo se estivera a chorar e isso me fez pensar na minha reação numa situação semelhante. E se eu fosse o Mago, com Alice lá em baixo no poço? Teria feito o mesmo? Perguntava-me também como estaria Alice. Decidira já que, se o tempo alguma vez melhorasse, perguntaria ao meu mestre se podia ir fazer uma visita à loja de Andrew para vê-la de novo.

Então, inesperadamente, uma manhã o tempo mudou de fato. Não parava de pensar na ameaça ao Pai, na esperança de que, na primeira oportunidade, fôssemos atrás de Morgan. Mas tal não iria acontecer. Com o sol vieram os assuntos de magos. O meu mestre e eu fomos chamados para Platt Farm, que ficava mais para leste. Eram problemas com um demônio, ou pelo menos assim parecia.

Passou uma hora ou mais antes de nos pormos a caminho porque primeiro o Mago talhou para si um novo bordão de madeira de sorveira, e quando finalmente chegamos, após uma caminhada difícil de duas horas pela neve funda, nem sinal do demônio que estivera nas proximidades e o agricultor desfez-se em desculpas por se ter equivocado, atribuindo as culpas à mulher, que era dada a sonambulismo. Contou que ela mudara as coisas na cozinha e fizera barulho com os tachos e panelas, incomodando a família inteira, acordando na manhã seguinte sem qualquer lembrança de tal. Ficou embaraçado por nos ter chamado para nada e quase ansioso demais por pagar o Mago pelo incômodo.

Fiquei furioso por termos perdido tempo precioso e disse-o ao Mago no regresso. Ele concordou.

— Aqui há gato — respondeu. — Ou muito me engano, rapaz, ou viemos numa caçada inútil. Já tinha visto alguém tão interessado em levar a mão ao bolso e pagar?

Abanei a cabeça e estugamos o passo, o Mago na frente, ansioso por chegar a casa. Uma vez lá, encontramos a porta de trás já aberta. A fechadura fora forçada. Depois de ir verificar se a porta e o portão da cave continuavam seguros, o Mago mandou-me esperar na cozinha e foi lá acima. Passados cinco minutos desceu, abanando a cabeça, furioso.

— O *grimoire* desapareceu! — anunciou. — Bem, rapaz, sabemos perfeitamente de quem isto é obra! Quem mais poderia ser senão Morgan? Ele tem Golgoth sob o seu poder o suficiente para parar a neve, e depois arranja uma artimanha para nos roubar.

Pareceu-me estranho que Morgan não tivesse tentado antes roubar o *grimoire*. Teria sido bastante fácil durante os verões, quando Meg estava trancada na cela nas escadas da cave e a parte de cima da casa se encontrava vazia. Mas depois lembrei-me do que o Mago me dissera — a promessa que Morgan fizera à mãe de não voltar a tentar invocar Golgoth. Talvez tivesse cumprido a sua palavra até a mãe morrer; depois de a chorar, era agora livre de fazer o que lhe conviesse.

— Bem, hoje pouco podemos fazer senão ir a Adlington e pedir ao meu irmão que venha arrumar a porta — disse o Mago. — Mas não mencione o *grimoire*. Eu mesmo lhe contarei quando achar oportuno. E no caminho, vamos fazer uma visitinha a Moor View Farm. Sem dúvida encontrarei lá Morgan mas há umas perguntas que quero fazer aos Hursts.

Fiquei curioso quanto à razão de não querer falar a Andrew do *grimoire*, mas deu para perceber que ele não estava com disposição para perguntas.

Partimos logo para Moor View Farm. Quando chegamos, o Mago foi sozinho falar com os Hursts e me mandou esperar no pátio. Nem sinal de Morgan. O meu mestre demorou-se algum tempo na casa da fazenda e saiu de lá carrancudo. De lábios cerrados, encaminhou-se para a loja de Andrew.

O Mago agiu como se se tratasse simplesmente de uma visita fraterna, fazendo com que eu ficasse de novo curioso quanto à razão por que não mencionava nada do que acontecera. No entanto, foi bom voltar a ver Alice. Ela preparou-nos uma ceia tardia e

aquecemo-nos defronte da enorme lareira na sala de estar antes de nos sentarmos à mesa. Quando terminamos de comer, o Mago virou-se para Alice.

— Foi uma boa ceia, minha jovem — disse, sorrindo-lhe ligeiramente —, mas agora tenho assuntos particulares a tratar com o meu irmão e Tom. Por isso é melhor ir se deitar!

— Por que haveria eu de ir me deitar? — perguntou, eriçando-se de raiva. — Eu vivo aqui, o senhor não.

— Por favor, Alice, faça o que diz John — pediu Andrew com delicadeza. — Tenho certeza de que existe uma razão muito boa para não querer que ouça o que vai contar.

Alice deitou um olhar fulminante a Andrew, mas a casa era dele e obedeceu, quase batendo com a porta e subindo ruidosamente as escadas.

— Quanto menos ela souber, melhor — referiu o Mago. — Acabei de ir visitar os Hursts e tive uma conversinha com a mulher sobre a razão da partida da jovem Alice. Parece que discutiu com Morgan e foi-se embora furiosa, mas dois dias antes disso, eles tinham andado muito chegados e passaram muito tempo no quarto dele no térreo. Pode não ser nada. Mas também pode perfeitamente suceder que ele tenha tentado aliciá-la assim como procurou fazer aqui com o rapaz — referiu, indicando-me com a cabeça. — Tentou e falhou. Mas, de qualquer forma, é melhor que ela não ouça isto. Esta manhã, Morgan arrombou-me a casa e roubou o *grimoire*.

Andrew ficou realmente preocupado e abriu a boca para falar, mas eu antecipei-me-lhe.

— Isso não é justo! — protestei com o Mago. — Alice odeia Morgan. Ela mesma me disse. Por que outra razão iria embora? De modo algum ela o ajudaria.

O Mago abanou a cabeça, irado.

— Algumas lições custam mais a entrar nessa sua cabeça tola do que outras! — ripostou. — Ao fim de todo este tempo, ainda não aprendeu que não se pode confiar plenamente naquela garota. Ela precisa ser sempre vigiada. Por isso me certifiquei de que a tinha por perto. Para além disso, não a permitiria a menos de quinze quilômetros de você.

— Bem, esperem lá — interrompeu Andrew. — Disse que Morgan roubou o *grimoire*! Como pode ser tão tolo, John? Devia ter queimado aquele livro infernal enquanto teve oportunidade! Se ele tentar de novo aquele ritual, tudo pode acontecer. Tinha esperança de ver mais alguns verões antes de o meu tempo terminar. Ele devia ter sido destruído. Só não entendo por que o guardou todos estes anos!

— Olhe, Andrew, isto só a mim diz respeito e vai ter de confiar no que te digo. Respondo-te que tive as minhas razões.

— Emily, hein?

O Mago ignorou-o.

— O que está feito está feito e desejo que Morgan nunca tivesse levado o *grimoire* e que este se encontrasse seguro fechado a sete chaves.

— Também eu! — respondeu Andrew, subindo a voz e ficando mais furioso a cada segundo. — A sua obrigação é para com o Condado. Disse-o vezes sem conta. A sua atitude de conservar aquele livro em vez de o queimar resume-se a uma incúria no cumprimento desse dever!

— Bem, irmão, agradeço a sua hospitalidade mas não essas palavras duras — redarguiu o Mago, com uma pontinha de raiva na sua voz. — Eu não interfiro no seu ofício e você deveria confiar que faço o que é melhor para todos. Só aqui vim para te pôr a par da situação, mas foi um dia longo e difícil e está na hora de irmos nos deitar antes que digamos algo de que nos venhamos realmente a arrepender!

Sem mais delongas, deixamos à pressa a casa de Andrew. Quando vínhamos descendo a rua, lembrei-me da razão por que lá tínhamos ido antes de mais.

— Não chegamos a pedir a Andrew que arranjasse a fechadura — lembrei-lhe. — Quer que volte lá correndo e o faça?

— Nem pense nisso, rapaz — respondeu o Mago, irado. — Nem que ele fosse o último serralheiro no Condado! Preferia arranjá-la eu mesmo.

— Bem, agora que o tempo melhorou — inquiri —, podíamos começar a procurar Morgan amanhã? Estou muito preocupado com

o Pai...

— Deixe isso comigo, rapaz — afirmou o Mago, a sua voz mais suave. — Pensei em alguns lugares onde Morgan possa estar escondido. O melhor é eu partir amanhã bem antes da alvorada.

— Posso ir com você? — perguntei.

— Não, rapaz. Sozinho tenho mais chances de apanhá-lo dormindo. Confie em mim. É melhor assim.

Confiei no Mago. Apesar de encontrar algum sentido no que ele dizia, continuava a querer ir com ele. Tentei persuadi-lo mais uma vez mas percebi que só estaria a gastar saliva. Quando se mete uma coisa na cabeça do Mago, o melhor é aceitar e deixá-lo levá-la por diante.

Na manhã seguinte, quando descí à cozinha, nem sinal do Mago. A capa e o bordão dele tinham desaparecido e, conforme o prometido, saíra de casa muito antes da alvorada em busca de Morgan. Quando terminei o desjejum, o meu mestre ainda não regressara e percebi que a sua ausência me proporcionava uma ocasião boa demais para ser desperdiçada. Estava curioso em relação a Meg e decidi fazer-lhe uma visita à cave para ver como estava. Então, fui buscar a chave em cima da estante, acendi uma vela e descí as escadas.

Atravessei o portão e tranquei-o atrás de mim, continuando a descer em direção à cave, mas quando cheguei ao patamar com as três portas uma voz chamou subitamente da cela do meio:

— John! John! É você? Reservou a nossa passagem?

Estaquei subitamente. Era a voz de Meg. Libertara-a do poço e metera-a na cela onde estaria mais confortável. Afinal sempre se apiedara. Não tardaria que nos próximos dias ela estivesse de volta à cozinha. Mas o que quisera ela dizer com “reservou a nossa passagem”? Iria ela viajar? Acompanhá-la-ia o Mago?

Subitamente ouvi Meg cheirar ruidosamente.

— Então, rapaz, o que faz aqui em baixo? Aproxime-se da porta para que eu possa te ver melhor.

Ela cheirara-me, por isso era impossível afastar-me subindo sorrateiramente as escadas. Iria sem dúvida contar ao Mago onde

eu estivera. Então, aproximei-me da porta da cela e espreitei lá para dentro, tendo o cuidado de não me aproximar demais.

O rosto belo de Meg sorriu-me através das grades. Não era o sorriso sinistro que me deitara quando tínhamos lutado. Para minha surpresa, foi quase simpático.

— Como está, Meg? — perguntei cortesmente.

— Já estive melhor e já estive pior — respondeu Meg. — Não graças a você. Mas o que está feito está feito e não te culpo por isso. Você é o que é. Você e John têm muito em comum. Mas vou te dar um conselho — isto é, se estiver disposto a escutar.

— Claro que escutarei — disse-lhe.

— Nesse caso, preste atenção ao que tenho a dizer. Trate bem a garota. Alice gosta de você. Trate-a melhor do que John me tratou e não se arrependerá. Não é necessário acabar desta maneira.

— Gosto muito de Alice e farei o meu melhor.

— Veja se faz mesmo.

— Ouvi-a perguntar por “reservar uma passagem” — disse-lhe, virando-me para vir embora. — O que queria dizer?

— Não é da sua conta, rapaz — replicou Meg. — Podia perguntar a John mas não creio que se desse ao incômodo porque iria obter dele a mesma resposta. E não me parece que ele quisesse você a andar por aqui sem a sua permissão, não é?

Ante o que murmurei “adeus” e subi as escadas, tendo o cuidado de trancar o portão depois de sair. Pelo visto, parecia que o Mago tinha os seus segredos, e desconfiava que sempre haveria de ter. Assim que coloquei a chave no lugar certo ele regressou.

— Encontrou Morgan? — perguntei, desapontado. Já sabia a resposta. Se tivesse encontrado, Morgan acompanhá-lo-ia, amarrado como um prisioneiro.

— Não, rapaz, lamento dizer que não. Julguei que o pudesse encontrar escondido na torre abandonada em Rivington — referiu o Mago. — Ele esteve lá recentemente, porém, sem dúvida a tramar alguma. Mas parece-me que nunca pára muito tempo num lugar. Mesmo assim, não se preocupe, voltarei a procurá-lo amanhã logo pela manhã. Bem, entretanto, pode fazer-me um favor. Esta tarde, vá dar uma volta até Adlington e peça àquele meu irmão para vir

consertar a porta de trás — afirmou o Mago. — E diga-lhe que lamento termos trocado palavras azedas e que um dia ele irá compreender que fiz tudo com a melhor das intenções.

As lições vespertinas prolongaram-se até mais tarde do que o costume e faltavam menos de duas horas para escurecer quando, levando o meu bordão de sorveira, parti finalmente para Adlington.

Andrew recebeu-me bem e o seu rosto rasgou-se num sorriso quando lhe transmiti o pedido de desculpas do Mago: aceitou logo ir arranjar a porta dentro de um dia ou dois. Depois, passei quinze minutos a conversar com Alice, apesar de ela me parecer um pouco distante. Provavelmente seria por a terem mandado para a cama na noite anterior. Depois de me despedir, parti em direção à casa do Mago, ansioso por regressar antes que escurecesse por completo.

Não estava caminhando há mais de cinco minutos quando ouvi um ruído leve atrás de mim. Virei-me e vi alguém a seguir-me pela colina acima. Era Alice, de modo que esperei que ela me alcançasse. Trazia vestido o casaco de lã e quando se aproximou, os seus sapatos bicudos tinham deixado pegadas nítidas na neve.

— Estão tramando alguma, estão — afirmou Alice com um sorriso. — O que foi que eles não quiseram que eu ouvisse a noite passada? Pode me contar, não pode, Tom? Entre nós não existem quaisquer segredos. Passamos por muito juntos, se passamos.

O Sol já se pusera e começava a escurecer.

— É muito complicado — disse-lhe, impaciente por partir. — Não tenho muito tempo.

Alice inclinou-se e agarrou-me o braço.

— Anda, Tom, pode me contar!

— Mr. Gregory não confia em você — expliquei-lhe. — Acha que se aproximou demais de Morgan. Mrs. Hurst contou-lhe que você e Morgan passaram muito tempo juntos no quarto dele no térreo...

— Não é novidade nenhuma o Velho Gregory não confiar em mim! — exclamou Alice com um sorriso escarninho. — Morgan estava planejando algo grande. Um ritual, disse, que ia torná-lo rico e poderoso. Queria a minha ajuda, pois queria, e insistiu e insistiu

até eu já não suportar vê-lo à minha frente. Foi tudo o que aconteceu. Por isso, Tom, diga-me o que se passa. Pode me contar...

Finalmente, percebendo que ela não iria desistir nunca, cedi, e Alice caminhou a meu lado enquanto relutantemente lhe explicava o que sucedera. Falei-lhe do *grimoire* e de Morgan querer que eu o roubasse e que andava torturando o espírito do Pai. Depois contei-lhe que tínhamos sido roubados e íamos agora à procura de Morgan.

Alice não ficou nada satisfeita com o que lhe contei, é o mínimo que posso afirmar.

— Está dizendo que fomos nós dois à casa do Velho Gregory sem mencionar o que tinha planejado? Nada de nada! Tencionava ir ao sótão e não me disse. Não está certo, Tom. Olha que arrisquei a minha vida, e merecia mais consideração. Muito mais!

— Desculpe, Alice. Peço mil desculpas. Mas só conseguia pensar no Pai e no que Morgan estava lhe fazendo. Não raciocinava direito. Sei que devia ter confiado em você.

— Agora já é um pouco tarde. Mesmo assim, acho que sei onde poderias encontrar Morgan esta noite...

Olhei-a, espantado.

— É terça-feira — referiu Alice —, e nas noites de terça-feira ele faz sempre a mesma coisa. Tem feito desde o final do Verão, sim. Há uma capela na colina. Fica dentro do cemitério. Vêm pessoas de muito longe e ele cobra-lhes dinheiro. Fui lá com ele uma vez. Ele faz os mortos falar. Não é padre mas tem uma congregação de fazer inveja a muitas igrejas.

Lembrei-me da primeira vez que o encontrara — quando recebera notícias sobre o Pai e ia a caminho de casa. Fora também numa terça-feira. Eu trilhara pelo cemitério e ele saíra de dentro da capela. Devia ter estado à espera de que a sua congregação chegasse. Mandara-me também trazer-lhe o *grimoire* numa terça-feira logo a seguir ao pôr do Sol. Mas onde é que eu tinha a cabeça? Por que não somara dois e dois?

— Não acredita em mim? — perguntou Alice.

— Claro que acredito em você — disse-lhe. — Sei onde fica a capela. Já estive lá antes.

— Nesse caso, por que não passa por lá a caminho de casa? — alvitrou Alice. — Se eu estiver certa e ele se encontrar lá, pode ir avisar o Velho Gregory. Talvez consiga chegar a tempo de apanhá-lo! Mas não se esqueça de mencionar que fui eu que te disse onde ele estava. Talvez isso o faça mudar de impressão a meu respeito. Não que tenha muita esperança, porém.

— Venha comigo, sugeri-lhe. — Podia ficar vigiando enquanto eu iria avisar o Mago. Assim, se não voltarmos a tempo saberemos para onde ele foi.

Alice abanou a cabeça.

— Não, Tom. Por que haveria de fazê-lo depois do que aconteceu? Não me agrada que não confiem em mim. Não é bonito. De qualquer forma, você tem o seu trabalho e eu tenho o meu. A loja tem estado com muito movimento. Trabalhei o dia todo, se trabalhei, e agora vou aquecer-me à lareira, não passar o tempo a bater o dente aqui no frio. Faça o que tem a fazer e deixe que o Velho Gregory trate de Morgan. Mas não me meta nisto.

Dito aquilo, Alice deu meia volta e começou a descer a colina. Fiquei desapontado e um pouco triste, mas não podia realmente culpá-la. Se eu tivera segredos para com ela, por que haveria de me ajudar?

Entretanto, estava quase escuro e as estrelas começavam a brilhar no céu. Então, sem perder mais tempo, escolhi um percurso que me levou ao topo da charneca e dei a volta até no muro de pedra seca, no local exato da mata onde o escalara naquela terça-feira à noite em que ia a caminho da minha casa. Encostei-me no muro baixo e olhei na direção da capela. A luz de velas tremulava no vitral. Depois reparei em algo muito para lá do cemitério. Pontos dispersos de luz subiam a vertente na minha direção.

Lanternas! Os membros da congregação de Morgan aproximavam-se. Apesar de não ter certeza, provavelmente ele estaria lá dentro, à espera de que chegassem.

Virei-me então e segui por entre as árvores tomando imediatamente a direção da casa do Mago. Tinha de ir buscar o meu mestre e trazê-lo a tempo de apanhar Morgan. Mas não dera nem uma dúzia de passos quando saiu alguém das sombras à minha

frente. Uma figura encapuzada com uma capa preta. Estaquei quando avançou para mim. Era Morgan.

— Desiludiu-me, Tom — disse, a sua voz cruel e dura. — Pedi que me trouxesse algo. Desiludiu-me tanto que tive de ir lá buscá-lo pessoalmente. Não foi pedir muito, não é? Não quando estava tanto em jogo.

Não respondi e ele aproximou-se mais um passo. Virei-me para fugir, mas antes que me conseguisse mover, ele agarrou-me pelo ombro. Debati-me por um instante e tentei erguer o meu bordão para atingi-lo mas levei subitamente um soco forte na têmpora direita. Ficou tudo escuro e senti-me cair.

Quando abri os olhos, encontrei-me na capela. Doía-me a cabeça e sentia vontade de vomitar. Estava sentado na última fila de bancos com as costas apoiadas na parede de pedra fria, virado para o confessional. De cada lado dele encontravam-se duas velas enormes.

Morgan estava sentado em frente do confessional, virado diretamente para mim.

— Bem, Tom. Tenho assuntos a tratar primeiro. Mas falaremos disto depois.

— Tenho de regressar — disse-lhe, sentindo dificuldade em formar as palavras. — Se não o fizer, Mr. Gregory se perguntará onde estou.

— Deixe-o perguntar. Que importância tem o que ele pensa? Nunca mais vai voltar... Agora é meu aprendiz e tenho um trabalho para você fazer esta noite.

Com um sorriso de triunfo, Morgan entrou no confessional, usando a entrada do padre à esquerda. Já não conseguia vê-lo. As velas projetavam a sua luz na direção da capela mas as duas entradas eram retângulos completamente escuros.

Tentei levantar-me e fugir mas sentia-me fraco demais e as minhas pernas ainda não funcionavam bem. Sentia a cabeça a latejar e a visão turva depois do soco na cabeça, pelo que só me restava permanecer ali sentado, a tentar dominar-me e esperançado de que não fosse vomitar.

Passados alguns momentos, chegaram os primeiros membros da congregação de Morgan. Entraram duas mulheres, ouvi o tinir de metal sobre metal. Não reparara antes, mas havia uma bandeja de coleta em cobre do lado esquerdo da porta e cada pessoa depositava nela uma moeda antes de ir ocupar o seu lugar. Depois, sem um olhar na minha direção, mantendo as cabeças baixas, sentaram-se num dos bancos da frente.

Os bancos começaram a encher-se mas reparei que todos os que entravam na capela deixavam lá fora a sua lanterna. A congregação era sobretudo constituída por mulheres — os poucos homens presentes eram relativamente idosos. Ninguém falava. Aguardávamos em silêncio à exceção do tinir das moedas e do ruído da bandeja. Por fim, quando a maior parte dos lugares foi ocupada, a porta pareceu fechar-se sozinha. Ou isso, ou alguém lá fora a puxara.

Agora a única luz provinha das velas de ambos os lados do confessionário. Houve algumas tossidelas, alguém na frente pigarreou e depois reinou um silêncio expectante em que não se ouvia sequer uma mosca. Sucedeu exatamente o mesmo que no quarto escuro em Moor View Farm. Tive a sensação de que os meus ouvidos iam arrebentar. De repente, senti um arrepio. Avançava para mim uma friagem vinda do confessionário. Morgan recorria ao poder que alcançara ao tentar invocar Golgoth.

No silêncio, a voz de Morgan soou subitamente muito alto.

— Irmã minha! Irmã minha, está aí?

Em resposta, ouviram-se três pancadas sonoras no chão da capela, tão fortes que todo o edifício pareceu estremecer, seguidas de um longo suspiro entrecortado que veio do escuro da entrada do penitente.

— *Deixe-me em paz! Dê-me descanso!* — ouviu-se a súplica lamurienta de uma garota. Pouco mais foi do que um murmúrio, mas cheio de angústia, a origem da voz da garota novamente naquela entrada escura do confessionário. A irmã de Morgan era uma apegada e encontrava-se sob o domínio dele. Estava ali contrariada.

Ele estava a fazê-la sofrer mas a congregação não o sabia, e senti o nervosismo, a expectativa e a excitação das pessoas à minha

volta, enquanto aguardavam que Morgan invocasse familiares e amigos que a morte levara.

— Obedeça-me primeiro. Depois pode descansar! — atroou a voz de Morgan.

Como se em resposta àquelas palavras, avançou do escuro uma forma branca ficando emoldurada pela entrada da porta do penitente. Conquanto Eveline se tivesse afogado por volta dos dezesseis anos, o espírito dela parecia pouco mais velho do que Alice. O rosto, as pernas e os braços à mostra eram tão brancos quanto o vestido que usava. Colava-lhe ao corpo como se saturado de água e tinha o cabelo escorrido e molhado. Provocou uma onda de espanto entre a congregação, mas o que mais me atraiu foram os olhos dela. Eram grandes, luminosos e absolutamente tristes. Nunca olhara para um rosto tão cheio de dor como o do fantasma de Eveline.

— *Estou aqui. O que quer?*

— Há outros com você? Outros que desejem falar com alguém aqui presente?

— *Há alguns. Aqui perto está um espírito de criança que dá pelo nome de Maureen. Gostaria de falar com Matilda, sua querida mãe...*

Ante aquilo, uma mulher no banco da frente pôs-se em pé e estendeu os braços em súplica. Parecia estar tentando falar mas o seu corpo tremia de emoção e apenas soltou um gemido dos lábios. A figura de Eveline retrocedeu para o escuro e algo mais avançou.

— *Mãe? Mãe?* — exclamou uma nova voz feminina do compartimento do penitente. Desta vez, pertencia a uma criança muito jovem. — *Venha aqui, Mãe. Por favor, por favor! Sinto tanto a sua falta...*

Então, a mulher saiu do seu lugar e começou a cambalear em direção ao confessionário, ainda de braços estendidos. Houve uma súbita aspiração de ar da congregação, e percebi imediatamente porquê. Via-se um vulto pálido no escuro à direita da porta. Parecia uma menina, não mais de quatro ou cinco anos de idade, com cabelo comprido a cair-lhe pelos ombros.

— *Dê-me a mão, Mãe! Por favor, dê-me a mão!* — exclamou a criança e uma pequena mão branca saiu do escuro da porta. Estendeu-se para a mulher, que caiu de joelhos e a agarrou, levando-a ansiosamente aos lábios.

— Oh, a sua mãozinha está tão fria, tão gelada! — exclamou a mulher e começou a chorar, os soluços e lamentos angustiados enchendo toda a capela. Prolongou-se por longos minutos, até finalmente a mão recuar para a entrada e a mãe voltar vacilante ao seu lugar.

Depois, seguiu-se mais do mesmo. Umaz vezes adultos, outras crianças, materializaram-se na escuridão da porta do penitente. Houve vislumbres de sombras de vultos, rostos pálidos e, mais raramente, uma mão estendida para a vela. E registrou-se quase sempre uma forte reação emocional do parente ou amigo que estabelecia contato.

Passado um tempo, comecei a sentir-me nauseado com o espetáculo, desejando que terminasse. Morgan era um homem inteligente e perigoso, usando o poder de Golgoth para aprisionar estes pobres espíritos à sua vontade. Enquanto escutava a angústia dos vivos e o tormento dos mortos, veio-me à idéia o tilintar do dinheiro ao cair na bandeja de cobre da coleta.

Finalmente terminou. A congregação abandonou a capela em fila e a porta fechou-se com força atrás deles, como se impelida por uma mão invisível.

Morgan não deixou logo o confessionário, mas o frio começou gradualmente a diminuir. Quando saiu e se abeirou de mim, havia pérolas de suor na sua testa.

— Como está aquele meu pai depois de mandá-lo numa caçada inútil? — perguntou Morgan com um sorriso cínico. — O velho tolo gostou do passeio até Platt Farm?

— Mr. Gregory *não é* seu pai — afirmei com muita calma, levantando-me, trêmulo. — O nome do seu verdadeiro pai é Edwin Furner, um curtidor local. Todo mundo sabe a verdade mas você não a consegue encarar. Só diz mentira atrás de mentira. Vamos até Adlington perguntar a algumas pessoas. Vamos perguntar à irmã da sua mãe — ela ainda vive lá. Se todos afirmarem o mesmo, talvez

então eu comece a acreditar em você. Mas não creio que o façam. Você também é pai — o pai das mentiras! E contou tantas que agora começa a acreditar nelas!

Lívido de raiva, Morgan desferiu um soco na minha direção. Procurei esquivar-me mas continuava ainda meio grogue e as minhas reações eram lentas demais. O punho dele atingiu-me novamente a têmpora, quase no mesmo lugar que da última vez. Caí, batendo com a nuca nas pedras.

Desta vez não cheguei a perder a consciência, mas fui levantado do chão e o rosto dele aproximou-se demais do meu. Senti o gosto a sangue na minha boca e um dos meus olhos estava quase fechado, tão inchado que mal conseguia ver por ele. Mas a expressão, no rosto de Morgan era suficientemente explícita e não me agradou o que vi. Tinha a boca torcida, os olhos brilhantes e furiosos. Parecia mais o rosto de um animal selvagem do que de um homem.

CAPÍTULO 19

ROUND LOAF

— Teve a sua oportunidade mas deixou-a escapar! No entanto, já arranjei outra utilidade para você. De que não irá gostar! Vamos, leve estas coisas! — resmungou Morgan, atirando algo na minha direção.

Era uma pá. Ainda mal a agarrara já estava me entregando um saco volumoso, tão pesado que teve de me ajudar a pô-lo ao ombro. Depois empurrou-me na direção da porta da capela e a seguir para o frio. Fiquei ali a tiritar, procurando aguentar-me sob o peso do saco, sentindo-me doente demais e fraco para fugir. Mesmo que o fizesse, tinha certeza de que ele me alcançaria em segundos e seguir-se-ia outra sova. O vento começava a soprar com força de nordeste com nuvens a acumular-se para encobrir as estrelas. Parecia que ia nevar de novo.

Deu-me outro empurrão para que eu começasse a caminhar, depois veio atrás, levando uma lanterna. Não tardamos a subir até ao topo da charneca erma coberta de neve, deixando muito para trás as últimas árvores dispersas. Não tinha outra escolha senão continuar a subir. Se não me deslocasse com rapidez suficiente, receberia um empurrão nas costas. Uma vez escorreguei e caí de bruços, largando o saco. Por causa disso, levei um soco nas costelas, com tanta força que fiquei com pavor de voltar a cair.

Ordenou-me que pegasse no saco e lá fomos subindo a custo pela neve até eu perder qualquer noção do tempo. Mas, por fim, chegados ao alto da charneca, mandou-me parar. Não muito lá à frente havia uma colina demasiado lisa e arredondada, a sua cobertura de neve brilhando branca à luz das estrelas que restava. Reconheci então o que era. Round Loaf, a cripta que o Mago me indicara quando tínhamos ido tratar do demônio a Owshaw Clough. O monte de terra de onde Morgan desenterrara o *grimoire*.

Morgan fez um gesto para leste e empurrou-me à sua frente. A mais ou menos uns duzentos passos havia um pequeno pedregulho. Quando lá chegamos, ele mediu rapidamente dez passos para sul dele, enquanto eu me perguntava quais as chances de conseguir agredi-lo com a pá e tentar a fuga. Mas sentia-me ainda fraco e ele era maior e muito mais forte do que eu.

— Cave além! — ordenou, apontando para a neve.

Obedeci e não tardei a atravessar a camada de neve e a alcançar a terra escura. O solo por debaixo da neve estava congelado e o avanço era difícil. Perguntei-me se me estaria a obrigar a cavar a minha própria sepultura, mas ainda não tinha chegado aos trinta centímetros quando a pá bateu subitamente em pedra.

— Sucessivamente, os tolos têm escavado aquela cripta — referiu, apontando na direção de Round Loaf. — Mas nunca descobriram o que eu descobri. Existe uma câmara no fundo, aqui por debaixo mas a entrada fica muito mais distante do que alguma vez se desconfiaria. A última vez que descí lá foi na noite a seguir à morte da minha mãe e tenho estado a tentar recuperar o meu livro desde então! Agora limpe a pedra — temos muito trabalho pela frente!

Estava aterrado porque suspeitava agora que Morgan tencionava invocar Golgoth naquela mesma noite. Mas fiz o que ele me ordenou, e quando terminei, tirou-me a pá e, usando-a como alavanca, esforçou-se por desencaixar a pedra e desviá-la para o lado. Levou muito tempo, e quando finalmente consegui, a neve começava a cair, o vento assobiando sobre a charneca e soprando com cada vez maior intensidade. Vinha aí outra tempestade de neve.

Ergueu a lanterna por cima do buraco, e à sua luz vi degraus que conduziam à escuridão lá em baixo.

— Comece a descer! — disse-me, erguendo o punho ameaçadoramente.

Estremeci e fiz o que me mandavam, Morgan segurando a lanterna enquanto eu descia com cuidado, o peso do saco a dificultar-me o equilíbrio. Eram ao todo dez degraus. Ao fundo deles, encontrei-me num túnel estreito. No topo dos degraus, Morgan

pousara a lanterna e estava de novo a colocar a pedra. A princípio pensei que fosse ter dificuldade em consegui-lo, mas acabou por voltar a assentar no lugar com uma pancada surda, fechando-nos lá dentro como uma lápide encerra os mortos. Desceu os degraus trazendo a lanterna e a pá e mandou-me seguir na frente, ao que obedeci.

Segurava a lanterna alto atrás de mim e ela projetava a minha sombra lá à frente no túnel, que seguia em linha reta. O chão, as paredes e o teto eram de terra e fora usada madeira em intervalos para escorar o teto. Em dado ponto desabara, quase nos obstruindo o caminho, e tive de tirar o saco antes de me comprimir para passar e arrastá-lo pelo estreito intervalo atrás de mim. O estado do túnel deixou-me nervoso. Se o teto desabasse, seríamos enterrados vivos ou ficaríamos aprisionados para sempre no subterrâneo. Tinha uma forte sensação do peso enorme da terra por cima de nós.

Finalmente, o túnel desembocou numa grande câmara oval. Era imensa, com as dimensões generosas de uma igreja razoável e as paredes e o teto tinham sido construídos em pedra. Mas o mais extraordinário de tudo era o chão. À primeira vista, julguei que fosse ladrilhado, mas percebi depois que era um elaborado mosaico descrevendo todo o tipo de criaturas monstruosas através do posicionamento cuidadoso de milhares e milhares de pequenas pedras coloridas. Alguns eram seres míticos sobre os quais lera no *Bestiário* do Mago, outros que vislumbrara apenas em pesadelos: híbridos grotescos como o minotauro, metade touro, metade homem; gigantescos vermes com longos corpos tortuosos e mandíbulas vorazes; e um basilisco, uma serpente com patas, uma cabeça em crista e olhos assassinos penetrantes. Cada um destes era em si suficiente para disputar a minha atenção, mas havia algo mais que de imediato prendeu o meu olhar...

E que, mesmo no centro do chão, construído com pedras negras, estavam três círculos concêntricos e dentro deles uma estrela de cinco pontas. Soube imediatamente o que era e vi os meus piores receios confirmados.

Tratava-se de um pentagrama, um dispositivo usado por um esconjurador de onde lançava fórmulas ou invocava demônios

malignos do escuro. Mas este fora construído pelos primeiros homens que tinham chegado a Anglezarke a fim de invocarem Golgoth, o mais poderoso dos Deuses Antigos. E agora Morgan ia usá-lo.

Morgan parecia saber exatamente o que tencionava fazer e logo me pôs a trabalhar, ordenando-me que limpasse o chão até reluzir, em particular a seção central do mosaico que representava o pentagrama.

— Não deve haver nem a menor partícula de terra, senão pode correr tudo mal! — advertiu-me.

Não me dei ao incômodo de perguntar o que queria dizer porque já percebera tudo. Ele tencionava seguir o ritual mais mortífero no *grimoire*. Ia invocar Golgoth enquanto nós ficávamos protegidos no seu centro. A limpeza era vital porque a terra podia servir para atravessar as suas defesas.

Existiam várias tinas grandes no fundo da câmara e uma delas continha sal. No saco que eu carregara, entre outros artigos, incluindo o *grimoire*, estava um frasco grande com água e uns panos. Servindo-me de um pano molhado, teria de esfregar o mosaico com sal, depois limpá-lo até ele se dar por satisfeito.

Pareceu-me ter levado horas naquilo. De tempos em tempos, olhava à minha volta, tentando ver se haveria algo na câmara que viesse a revelar-se útil para vencer Morgan e fugir. Mas ele devia ter abandonado a pá no túnel porque nem sinal dela na câmara; também não havia mais nada que eu pudesse usar como arma. Reparei então numa argola grande de ferro na parede junto ao chão e perguntei-me qual a sua utilidade. Parecia algo para amarrar um animal.

Quando terminei de limpar o chão, para meu horror, Morgan agarrou-me de repente, arrastou-me para a parede, amarrou as minhas mãos com força atrás das costas e prendeu o restante da corda à argola. Depois dedicou-se com afinco aos preparativos. Senti o meu estômago às voltas, ao perceber subitamente o que ia acontecer. Morgan agiria do interior do pentagrama, protegido de algo que aparecesse na câmara, ao passo que eu ficaria amarrado àquela argola na parede sem qualquer defesa possível. Iria realizar-

se alguma espécie de sacrifício? Fora essa a finalidade inicial da argola? Depois lembrei-me do que o Mago dissera a respeito do cão da fazenda. Quando Morgan experimentara o ritual no seu quarto, o animal morrera de susto...

Retirou do saco cinco velas pretas grossas que colocou mesmo na extremidade de cada uma das pontas da estrela do pentagrama. Abriu então o *grimoire* e, ao acender cada vela, leu no livro uma breve fórmula encantatória. Feito isso, sentou-se de pernas cruzadas mesmo no centro do pentagrama e, mantendo o livro aberto, olhou diretamente para mim.

— Sabe que dia é hoje? — perguntou.

— É terça-feira — respondi.

— E a data?

Não falei e ele respondeu por mim.

— É o dia vinte e um de Dezembro. O Solstício de Inverno. O meio exato do Inverno antes de os dias começarem gradualmente a aumentar. Por isso vai ser uma noite longa. A noite mais longa de todo o ano. E quando terminar, só um de nós sairá desta câmara — afirmou Morgan. — A minha intenção é invocar Golgoth, o mais poderoso dos Deuses Antigos. E vou fazê-lo aqui no preciso lugar onde foi executado pelos antigos. Esta cripta foi construída num ponto de enorme energia onde as linhas convergem. Nada mais nada menos do que cinco delas intersectam-se mesmo no centro do pentagrama onde estou sentado.

— Não será perigoso despertar Golgoth? — perguntei. — O Inverno pode durar anos.

— E se durar? — inquiriu Morgan. — O Inverno é o meu tempo.

— Mas as sementeiras não crescerão. As pessoas morrerão de fome!

— E daí? Os fracos morrem sempre — respondeu Morgan. — Os fortes herdaram a terra. Com o ritual de invocação Golgoth não terá outra escolha senão obedecer. E ficará aprisionado aqui, dentro desta câmara, até eu o libertar. Aprisionado até me dar o que quero.

— E o que é que quer? — perguntei. — O que pode justificar fazer mal a tanta gente?

— Quero poder! O que mais dá valor à vida? O poder que Golgoth me dará. A capacidade de gelar o sangue nas veias de um homem. Matar com um olhar. Todos os homens me temerão. E, nas profundezas de um longo e frio Inverno, quando eu matar, quem saberá que tirei uma vida? E quem poderá prová-lo? John Gregory será o segundo a morrer, mas não o último. E você morrerá antes dele. — Morgan riu baixinho. — Você servirá de isca. De engodo para atrair Golgoth aqui. Tive de me contentar com um cão da última vez mas um ser humano é muito melhor. Golgoth roubará a pequena centelha de vida do seu corpo e a acrescentará à dele. A sua alma também. O seu corpo e a sua alma se apagarão ambos num instante.

— Tem realmente certeza de que o pentagrama o protegerá? — indaguei, tentando não pensar no que ele dissera, procurando lançar alguma dúvida na sua mente. — Os rituais têm de ser exatos. Se omitir algo ou pronunciar mal uma só palavra que seja, pode não funcionar. E nesse caso, nenhum de nós alguma vez sairá desta câmara. Seremos ambos destruídos.

— Quem te disse isso? Aquele velho tolo do Gregory! — escarneceu Morgan. — Seria de esperar. E sabe porquê? Porque lhe falta a coragem para experimentar algo verdadeiramente ambicioso. Ele só sabe obrigar aprendizes crédulos a abrir poços inúteis antes de voltá-los a encher! Durante anos, tentou afastar-me disto. Até me obrigou a jurar à minha mãe que nunca mais voltaria a tentar o ritual. O amor a ela manteve-me preso a essa promessa, até a sua morte acabar por me libertar e ser finalmente possível apoderar-me do que é meu! O Velho Gregory é meu inimigo.

— Por que o odeia tanto? — demandei. — O que pode ele ter feito para magoá-lo? *Tudo* o que ele fez foi com as melhores intenções. E de longe muito melhor pessoa do que você e generoso demais também. Ele ajudou a sua mãe quando o seu verdadeiro pai foi embora. Ele deu-lhe um aprendizado e mesmo quando você se virou para o escuro, poupou-o ao que realmente merecia. Uma bruxa malévola não é pior do que você, e ela é aprisionada viva num poço!

— Ele até pode ter feito isso, é verdade — contrapôs Morgan, a sua voz calma e perigosa. — Mas agora é tarde demais. Tem razão. Odeio-o. Nasci com um fragmento de escuridão na minha alma. Que foi crescendo até eu ser o que vê hoje diante de si. O Velho Gregory é um servo da luz, ao passo que agora eu pertencço completamente ao escuro. Por causa disso, ele é meu inimigo natural. O escuro detesta a luz. Sempre foi assim!

— Não! — exclamei. — Não precisa ser assim. Você tem uma escolha. Pode ser o que quiser. Você amava a sua mãe. É capaz de amar. Não tem de pertencer ao escuro, não entende? Nunca é tarde demais para mudar!

— Poupe as suas palavras e cale-se! — retrucou Morgan, furioso. — Já falamos demais. Está na hora de começar o ritual...

Por um tempo fez-se silêncio e tudo o que ouvia era o bater do meu próprio coração. Por fim, Morgan começou a entoar do *grimoire*, a sua voz subindo e descendo de um modo rítmico, monótono que me fez lembrar muito a forma como os padres por vezes rezam perante uma congregação. A maior parte era em latim mas havia também palavras de pelo menos uma língua que não reconheci. Continuou sem parar; não parecia estar acontecendo nada. Comecei a alimentar esperanças de que o ritual não fosse funcionar ou que ele cometesse um erro e Golgoth não aparecesse. Mas não tardei a sentir que algo ia mudando.

Estava a ficar ligeiramente mais frio na câmara. A mudança era muito lenta e gradual, como se algo muito grande estivesse se aproximando mas tivesse uma boa distância a percorrer. Era aquele frio especial que sentira anteriormente ao redor de Morgan. O poder que retirara de Golgoth.

Comecei a perguntar-me quais as minhas chances de ser salvo. Não demorei muito a perceber que eram muito reduzidas. Ninguém tinha conhecimento da entrada para o túnel. Apesar de eu ter escavado a terra e posto a pedra a descoberto, as condições atmosféricas tinham-se agravado e uma tempestade de neve não tardaria a cobri-la de novo. O Mago não me encontraria, mas ficaria suficientemente preocupado para vir à minha procura durante uma tempestade de neve? Se fosse à loja de Andrew, talvez Alice lhe

dissesse para onde eu tinha ido. Mas mesmo que se dirigisse à capela, quais as chances de encontrar o meu bordão? Ficara na mata do lado de fora da vedação; nesta altura estaria coberto de neve.

Constatei que podia mover um pouco as mãos. Daria para alargar a corda o suficiente para libertá-las? Comecei a tentar, unindo-as e afastando-as, torcendo os pulsos e os dedos. Pelo menos Morgan não conseguia detectar as minhas manobras. Estava ocupado demais a entoar as palavras do ritual, mal fazendo sequer uma pausa quando virava uma página do *grimoire*. Depois, quando olhei para ele, percebi algo mais. Parecia haver sombras novas na câmara. Sombras que não podiam ser explicadas pela posição das cinco velas. E a maioria das sombras movia-se. Algumas eram como fumaça negra, outras névoas cinzentas ou brancas, contorcendo-se na orla exterior do pentagrama, como se tentassem entrar.

O que eram? Tratar-se-iam de apegados, acidentalmente apanhados pela força do ritual e trazidos até este lugar contra a sua vontade? Ou talvez os espíritos daqueles que tinham sido enterrados na cripta e suas proximidades. Qualquer das hipóteses era provável, pois era um ritual de compulsão. E se reparassem em mim? Não poderiam alcançar Morgan: ele estava protegido. E se percebessem a minha presença?

Mal aquele pensamento entrara na minha cabeça quando comecei a ouvir tênues murmúrios a toda a minha volta. Era difícil captar o significado do que proferiam, mas havia ênfase numa ou noutra palavra. Ouvi duas vezes "sangue" e também a palavra "osso" e depois, perfeitamente, o meu próprio sobrenome, "Ward".

Comecei a tremer de forma descontrolada. Estava com medo mas combatia-o intensamente. O Mago dissera-me muitas vezes que o escuro se alimentava do terror: o primeiro passo para derrotá-lo era enfrentar e derrotar o nosso próprio medo. Então tentei; seriamente que tentei, mas era muito difícil porque não enfrentava o escuro munido das técnicas que aprendera. Não me encontrava de pé, a agarrar um bordão de sorveira ou a arremessar sal e ferro. Fora amarrado e feito prisioneiro, completamente indefeso,

enquanto Morgan realizava talvez o ritual mais perigoso que um esconjurador alguma vez tentara.

E eu fazia parte desse ritual, uma centelha de vida que era oferecida a Golgoth, para prendê-lo a este lugar. E segundo Morgan, assim que aparecesse, se apoderaria não só da minha vida mas também da minha alma. Sempre me convencera de que viveria após a morte. Poderia tal ser-me negado? Conseguiria algo matar a nossa própria alma?

Mas depois os murmúrios diminuíram gradualmente, as sombras dissolveram-se e pareceu até ficar um pouco mais quente. As minhas tremuras abrandaram e soltei um suspiro de alívio, mas Morgan continuava a entoar e a virar as páginas. Comecei a pensar que a dada altura ele cometeria um erro e falharia; rapidamente percebi que estava enganado.

Em breve o frio voltou e com ele os espectros de fumaça, contorcendo-se e agitando-se nos limites do pentagrama. E desta vez foi pior porque reconheci um dos espectros. Tinha a forma de Eveline, com olhos enormes e cheios de medo.

Os murmúrios intensificaram-se e estavam carregados de um ódio tão intenso que quase lhe senti a amargura; coisas invisíveis rodopiavam em volta da minha cabeça, passando tão perto que senti correntes de ar baterem-me no rosto, levantando-me os cabelos no couro cabeludo. Em breve a ameaça tornou-se mais substancial. Dedos invisíveis puxavam-me o cabelo ou beliscavam-me a pele do rosto e do pescoço, e um bafo frio e fedorento deslizou pela minha testa, nariz e boca.

Novamente tudo se aquietou. Mas foi por pouco tempo. Mais uma vez, a friagem aumentou e os espectros reuniram-se. E assim continuou, minuto após minuto, hora após hora durante aquela noite mais longa do ano. Mas os períodos de paz e calma eram cada vez mais pequenos; os tempos de medo maiores. Havia um ritmo no que estava a acontecer. O ritual ia ganhando poder. Era como as ondas de uma maré a subir vindo rebentar numa praia rochosa e íngreme. Cada onda era mais furiosa e intensa do que a que a precedera. Cada uma avançava mais pelos seixos. E, a cada pico de atividade, o tumulto intensificava-se. As vozes gritavam nos meus ouvidos e

círculos sinistros de luz purpúrea andavam agora de roda do pentagrama próximo do teto da câmara. E então, finalmente, após o que pareceram horas de Morgan a entoar do *grimoire*, lá conseguiu o que se propusera fazer.

Golgoth obedecera ao seu chamado.

CAPÍTULO 20

GOLGOTH

Por longos minutos aterradores ouvi Golgoth aproximar-se. O próprio solo começou a tremer e parecia que algum gigante furioso subia em direção a nós das entranhas da terra. Um gigante com garras imensas que dilacerava rocha sólida na sua ansiedade de abrir caminho à força até à câmara.

Se eu estivesse na pele de Morgan, teria ficado apavorado, simplesmente petrificado do susto, incapaz de articular outra palavra. Ou teria suspenso o ritual porque era uma loucura prosseguir. Mas ele não o fez. Morgan continuou simplesmente a ler do *grimoire*. Rendera-se ao escuro, procurando o poder por que ansiava, fosse a que custo fosse.

Apesar dos ruídos ameaçadores lá das profundezas, deixara de soprar qualquer vento, mas as cinco velas pretas começaram a tremular e quase se apagaram. Perguntei-me qual a sua importância para o ritual. Eram uma parte vital das defesas do pentagrama? Parecia muito provável: se se apagassem, ele ficaria tão inseguro quanto eu. As velas voltaram a tremular, mas nem o menor sinal de medo da parte de Morgan. Estava completamente absorto no ritual e ia entoando do *grimoire*, alheio ao perigo.

O solo começou a tremer com maior violência e vinham mais sons altos e perturbadores lá de baixo. Nesta altura, havia tantos espectros reunidos à volta do pentagrama que se fundiam numa névoa turbilhonante cinzenta e branca e as suas formas individuais já não se distinguiam. Um vórtice de energia pressionava a barreira invisível que assinalava o perímetro do pentagrama e ameaçava ceder a qualquer momento.

Mais alguns momentos e tal teria sucedido — tenho certeza. Mas ocorreu algo que expulsou os espectros da câmara e provavelmente para o lugar de onde vinham. Ao começarem a cair pequenas pedras do teto, ouviu-se um ronco, juntamente com uma

cacofonia de som tangente e triturante, e olhei para a minha direita, na direção do túnel que nos trouxera até à câmara. Vi uma avalanche de terra quando o teto desabou, fechando-nos lá dentro, lançando uma profusão de detritos e poeira para o lado de fora. Desânimo dos desânimos, o túnel estava agora completamente bloqueado. Acontecesse o que acontecesse então, ficaria aprisionado ali para sempre.

Naquele momento, a morte quase teria sido bem-vinda: pelo menos assim a minha alma sobreviveria. Porque eu sabia que, muito em breve, Golgoth chegaria e o meu corpo e a minha alma seriam *ambos* destruídos. Eu seria aniquilado. E o medo que senti então deixou todo o meu corpo a tremer.

Mas, muito subitamente, registrou-se uma mudança. Sem aviso, Morgan parou de entoar e pôs-se em pé. Os seus olhos arregalaram-se de terror e largou o livro. Dirigiu-se para a beira do pentagrama: deu um passo na minha direção e escancarou a boca. Os seus olhos estavam cheios de medo.

A princípio, convenci-me de que tentava falar ou gritar. Agora entendo. Refletindo, percebo que estava simplesmente a tentar respirar.

Tinham se formado cristais de gelo dentro dos seus pulmões e aquele passo foi o último que deu. Abrir a boca foi o derradeiro movimento consciente que fez. Ficou imobilizado à minha frente. Literalmente congelado, coberto da cabeça aos pés de uma película branca de gelo. Depois tombou para a frente e, no momento em que a testa, os braços e os ombros dele bateram no solo, partiu-se como uma estalactite de gelo. Era como vidro frágil a desfazer-se em estilhaços. Morgan partira-se, pulverizara-se, mas não brotou sangue porque estava congelado mesmo até ao âmago do seu ser. Agora estava morto. Morto e bem morto.

Presumo que tenha cometido um erro caro durante o ritual e Golgoth materializara-se dentro do pentagrama para matar o necromante ali mesmo. Por ora, registrava-se uma presença latente dentro dos três círculos concêntricos. Apesar das cinco velas a tremular não a conseguia ver mas sabia que estava ali, e sentia olhos frios hostis a me fitar do pentagrama logo na minha direção.

Senti o desespero de Golgoth em sair. Uma vez fora dele, ficaria livre para impor a sua vontade ao Condado; livre para o mergulhar em décadas de Inverno gélido. As chamas das velas voltaram a dançar como se estivessem a ser bafejadas por um sopro invisível mas eu não podia fazer nada. Estava apavorado. O que podia eu fazer para salvar o Condado? Absolutamente nada: estava amarrado à argola de ferro à espera do meu próprio destino.

Naquele momento, Golgoth dirigiu-se a mim do pentagrama...

— *Jaz um tolo morto à minha frente. É também tolo?*

A voz dele encheu a câmara, ecoando de cada canto seu. Era como um vento agreste, enchendo de neve as sinistras alturas de Anglezarke.

Não respondi e a voz de Golgoth voltou a ouvir-se, desta vez mais baixa e áspera, como uma lima grossa a raspar num balde de metal.

— *Tem uma língua, mortal? Fale, senão congelo-a e parto-a como fiz ao tolo!*

— Não sou tolo — respondi, os meus dentes começando a bater de medo e frio.

— *Apraz-me ouvir isso. Porque se é de fato abençoado com a sabedoria, então, antes desta noite terminar, elevar-te-ia para lá do ponto mais alto desta terra.*

— Sou feliz como estou — repliquei.

— *Sem a minha ajuda, perecerá aqui. É a morte que pretende? Isso te fará feliz?*

Não respondi.

— *Só tem de retirar uma vela do círculo. Apenas uma vela. Faça isso e eu serei livre e você viverá.*

Preso à argola, encontrava-me a vários metros da vela mais próxima, por isso não sabia como queria ele que eu a alcançasse. Mesmo que fosse possível, não o teria feito. Não podia salvar a minha vida a custa das milhares de pessoas que sofreriam no Condado.

— Não! — disse. — Não o farei.

— *Apesar de aprisionado nos limites deste círculo, ainda posso te alcançar. Deixe-me mostrar...*

O frio começou a irradiar do pentagrama, o mosaico embranquecendo com o gelo. Foi-se formando um padrão de cristais de gelo até que comecei a sentir o frio a subir do chão pela minha carne, principiando a entorpecer-me até aos ossos. Recordei o aviso de Meg quando saíra de casa: *"...proteja-se bem do frio. As queimaduras podem fazer cair os dedos."*

O frio mais intenso atacava-me as costas, junto às minhas mãos, no sítio onde estavam presas à argola e, à medida que o frio me atacava a carne, imaginei os meus dedos gelados com o sangue já sem circular, a ficar enegrecidos e quebradiços, prontos a partir-se como os ramos mortos de um tronco moribundo. Senti a minha boca abrir-se para gritar, o ar frio a arranhar-me a garganta por dentro. Pensei na Mãe. Agora nunca mais a voltaria a ver. Mas, subitamente, tombei para o lado, afastando-me da argola de ferro. Olhei para trás e vi que estava em pedaços no fundo da parede. Golgoth congelara-a e fragmentara-a a fim de me libertar. Fizera-o para que eu pudesse cumprir a sua ordem. Voltou a falar comigo do pentagrama, mas desta vez a sua voz pareceu-me mais fraca.

— *Retire a vela. Faça-o agora senão roubarei mais do que a sua vida. Destruirei também a sua alma...*

Aquelas palavras encheram-me de um gelo maior do que o frio que partira a argola de ferro. Morgan não se enganara. A minha própria alma estava em risco. Mas, para salvá-la, bastava obedecer. Continuava com as mãos amarradas atrás das costas e não tinha qualquer tato. Mas podia ter-me levantado, avançado para a vela mais próxima e derrubá-la. Mas pensei naqueles que sofreriam por causa do que eu fizesse. O próprio frio intenso do Inverno mataria primeiro os velhos e os jovens. Os bebês morreriam nos berços. Mas a ameaça seria ainda maior. As sementeiras não cresceriam e não haveria colheitas no próximo ano. E por quantos anos mais? Não haveria nada para alimentar o gado. Grassaria a fome. Milhares pereceriam. E a culpa seria toda minha.

Derrubar a vela salvaria a minha própria vida. Salvaria também a minha alma. Mas o meu primeiro dever era sempre para com o Condado. Podia nunca mais tornar a ver a Mãe, mas se libertasse Golgoth, alguma vez conseguiria voltar a encará-la? Sentiria

vergonha de mim e eu não suportaria isso. Custasse o que custasse, tinha de fazer o que estava certo. Mais valia não ser nada do que viver com a culpa!

— Não o farei — disse a Golgoth. — Prefiro morrer aqui do que libertá-lo.

— *Então morra, tolo!* — respondeu Golgoth, e imediatamente o frio começou a intensificar-se. Então fechei os olhos e esperei pelo fim, enquanto sentia o meu corpo ficar entorpecido. Curiosamente, já não tinha medo. Enchi-me de resignação. Aceitei o que estava prestes a acontecer.

O frio deve ter-me feito desmaiar porque depois só me lembro de abrir os olhos.

Reinavam o silêncio e o sossego na câmara e o ar estava muito mais quente. Para meu alívio, Golgoth fora embora. Já não sentia a presença dele. Mas por que não levava por diante a sua ameaça?

O pentagrama estava intacto e as cinco velas continuavam todas acesas. Conseguia ver lá dentro uma figura deitada de bruços. Reconheci Morgan pela capa. Desviei rapidamente o olhar. O branco fora substituído por vermelho. Os pedaços de Morgan tinham começado a descongelar.

Para meu espanto, continuava vivo. Mas por quanto tempo? Estava preso. Em breve as velas chegariam ao fim e se apagariam e ficaria mergulhado na escuridão para sempre.

Queria viver e, de repente, comecei a lutar desesperadamente com a corda. Já não me encontrava preso à argola de ferro mas mantinha as mãos amarradas atrás das costas. Sentia-as dormentes mas a circulação retomava-se. Se ao menos as conseguisse soltar, poderia usar as velas uma de cada vez. Isso me daria horas de luz de vela para trabalhar. A passagem estava bloqueada mas podia escavar com as próprias mãos. Valia a pena tentar. A terra estaria mole. E talvez nem todo o túnel se encontrasse obstruído. Até podia acabar por encontrar a pá!

Durante alguns momentos enchi-me de esperança. Mas a corda não cedia e as minhas tentativas de libertação pareciam deixá-la ainda mais apertada. A minha lembrança recuou vários meses, até à Primavera, quando me tornara aprendiz do Mago. Lizzie dos Ossos

amarrara-me num poço tencionando matar-me e usar os meus ossos para a sua magia negra. Também me debatera, mas não conseguira escapar. Fora Alice quem me salvara, usando uma faca para me libertar. Como desejava poder chamar por Alice naquele momento! Mas não podia. Estava sozinho e ninguém sabia sequer onde eu me encontrava.

Dali a um tempo, cessei o meu esforço frenético para me libertar. Deitei-me, fechei os olhos e tentei reunir forças para um derradeiro esforço. Foi então, enquanto permanecia deitado, completamente imóvel, a minha respiração quase normal, que me lembrei de repente das velas do pentagrama. Podia usar a chama de uma delas para queimar a corda que me amarrava! Por que não pensara nisso antes? Sentei-me rapidamente. Tinha agora uma chance concreta de ficar livre. Mas foi nesse momento que ouvi um ruído vindo da direção do túnel bloqueado.

O que poderia ser? Teria afinal o Mago tomado conhecimento e vindo em meu socorro? Mas não me parecia uma pá. Era mais um ruído de arranhar, como se algo a cavar na terra caída. Poderia ser uma ratazana? O ruído estava a aumentar. Poderia ser mais do que uma? Uma família de ratazanas que vivia nas profundezas da cripta? Dizia-se que as ratazanas comiam tudo. Havia até histórias de ratazanas que roubavam bebês recém-nascidos dos berços. E se sentissem o cheiro de carne humana? Quereriam comer os pedaços do corpo morto de Morgan? E depois? Se virariam para mim? Me atacariam enquanto ainda estava vivo?

O ruído tornou-se mais forte. Algo escavava no túnel bloqueado em direção à câmara. Algo abria caminho através da terra. O que poderia ser? Observei, fascinado mas aterrorizado, quando apareceu um pequeno buraco mais ou menos na metade entre o teto e o chão da câmara e a terra resvalou dele, caindo para a beira do chão de mosaicos. Senti uma corrente de ar que fez tremular as velas. Apareceram duas mãos mas não eram humanas. Vi dedos alongados e, em vez de unhas, dez garras curvas que tinham aberto caminho pela terra até à câmara. Por isso, antes mesmo de a cabeça aparecer, sabia exatamente quem era.

Não sei como, a lâmia selvagem fugira da cave do Mago e cheirara-me. Marcia Skelton viera atrás do meu sangue.

CAPÍTULO 21

A ARMADILHA

A lãmia selvagem puxou o corpo pelo buraco e desceu correndo para o chão de mosaico. Ouvi-a farejar duas vezes, mas não olhava para mim. Correndo nos quatro membros com a cabeça baixa e o cabelo preto comprido e gorduroso a arrastar pelo chão, avançou até à beira do pentagrama, as garras provocando um ruído agudo ao rasparem no mármore. Estacou e ouvi-a farejar sonoramente ao mesmo tempo que olhava para o que restava de Morgan.

Mantive-me muito quieto, quase não conseguindo acreditar que ela não me atacasse logo. Morgan acabara praticamente de morrer, mas tudo me levava a crer que ela fosse preferir o sangue fresco de uma pessoa viva. E ouvi então outro barulho vindo do túnel. Algo mais se aproximava...

Apareceram de novo duas mãos mas estas tinham dedos humanos com unhas em vez de garras afiadas. Quando surgiu a cabeça, bastou um olhar para saber quem era. Vi os maldades salientes, os olhos azuis vivos e o cabelo cinza-prateado. Era Meg.

Saiu de lá, sacudiu-se e avançou na minha direção. Devia ter deixado os sapatos bicudos do outro lado, mas o som dos pés descalços ao aproximar-se era assustador. Não admirava que a lãmia selvagem tivesse mantido a distância. Meg queria-me só para si, e depois de tudo o que acontecera, não podia esperar qualquer misericórdia.

Ajoelhou a uma distância alcançável e os seus lábios alargaram-se num sorriso sinistro.

— Está apenas a um passo da morte — referiu Meg, aproximando-se mais e escancarando a boca até eu lhe conseguir ver os dentes alvos, ávida por me morder. Senti o seu hálito no meu rosto e pescoço e comecei a tremer. Mas depois ela baixou-se e, para minha surpresa, roeu a corda que me prendia as mãos.

— Poucos humanos estiveram *tão* perto de uma bruxa lâmia e escaparam com vida — disse-me, antes de se levantar. — Considere-se um sortudo!

Fiquei ali sentado a olhá-la, boquiaberto. Sentia-me fraco demais para me mexer.

— Levante-se, rapaz! — ordenou. — Não temos a noite toda. John Gregory está à sua espera. Ele vai querer saber o que estava acontecendo aqui em baixo.

Pus-me em pé, tremulo, e fiquei ali durante alguns momentos, sentindo-me fraco e nauseado, receando desfalecer. Por que haveria ela de me ajudar? O que acontecera entre o Mago e Meg? Levava-lhe comida. Tinham tido longas conversas. Estaria a fazê-lo porque o Mago lhe pedira? Haviam voltado a ser amigos?

— Vá buscar o *grimoire* — mandou Meg, apontando na direção do pentagrama. — Eu não posso entrar naquele círculo, nem tão pouco pode Marcia...

Dei um passo em direção ao pentagrama mas estaquei ao ver o livro. Estava em cima de uma poça de sangue. Não suportava pegar-lhe e de qualquer forma ficara estragado. Vislumbrei então os restos de Morgan e o meu estômago agitou-se. Baixei a cabeça, tentando apagar a imagem da minha mente. Não queria voltar a vê-lo num pesadelo.

— Faça o que te digo, vá buscar o *grimoire!* — ordenou Meg, levantando ligeiramente a voz. — John Gregory não te agradecerá por o deixar aqui para que mais alguém o encontre um dia.

Fiz o que mandavam e entrei no pentagrama. Baixei-me e apanhei o livro. Estava úmido e pegajoso de sangue. Senti o cheiro e o meu estômago agitou-se e nauseou-se mais uma vez. Fiz um esforço enorme para não vomitar e abandonei o pentagrama, pegando na vela mais próxima. Não me agradava a idéia de voltar a entrar no túnel escuro acompanhado de duas bruxas lâmia.

Provavelmente, a remoção da vela quebrara o poder do pentagrama e pensei que Marcia fosse entrar nele para se alimentar. Mas pouco depois de farejar na direção do corpo, afastou-se. Meg seguia na dianteira com Marcia em algum lugar atrás de mim. Só esperava que não estivesse próximo demais dos meus calcanhares.

Sáímos para a luz pálida que antecede a alvorada. A tempestade passara, mas continuava a nevar ligeiramente. O Mago aguardava precisamente do lado de fora da entrada e baixou-se, estendendo-me a mão. Atirei a vela preta para a neve e agarrei a sua mão esquerda com a minha; puxou-me lá para fora. Logo a seguir apareceu a lâmia selvagem, que saiu para a neve.

Abri a boca para falar mas o meu mestre levou um dedo aos lábios a impor silêncio.

— Tudo a seu tempo. Pode me contar depois — disse ele. — Morgan está morto?

Anuí e baixei a cabeça.

— Bem, esta pode ser a sua tumba — referiu o Mago.

Com aquelas palavras, afastou-se e agarrou na extremidade da pedra, posicionando-a. Equilibrou-a sobre a entrada do buraco e quando se deu por satisfeito, deixou-a cair. Feito isso, ajoelhou e, usando as mãos, começou a cobrir a pedra com terra solta e neve. Dando-se por satisfeito, pôs-se em pé.

— Dê-me o livro — ordenou o Mago.

Entreguei-lho, satisfeito por me livrar dele. O Mago pegou nele e olhou para a capa. Quando o transferiu para a outra mão, ficaram manchas de sangue nos seus dedos. Abanando a cabeça, triste e cansado, começou a afastar-se das elevações da charneca rumando para sua casa de Inverno. Sempre que eu olhava por cima do ombro via que as duas bruxas lâmia vinham logo atrás.

Uma vez em casa, o Mago conduziu-me à cozinha, alimentou a lareira com carvão e, enquanto as chamas ganhavam vida, começou a preparar o desjejum. Ainda me ofereci para ajudar mas ele indicou-me a minha cadeira.

— Recupere as suas forças, rapaz — disse-me. — Passou por muita coisa. Mal senti o cheiro dos ovos a serem cozinhados e do pão a torrar fiquei muito melhor. Meg e a irmã tinham-se retirado para a cave mas não queria falar delas. Era melhor o Mago contar-me o sucedido quando entendesse. Em breve estávamos ambos à mesa a devorar pratadas de ovos e torradas. Por fim, sentindo-me reconfortado, limpei o prato com o pão e recostei-me na cadeira.

— Bem, rapaz, sente-se em condições de falar? Ou deixamos para mais tarde?

— Gostaria de resolver isto já — respondi. Sabia que mal lhe contasse tudo o que acontecera me sentiria muito melhor. Seria o primeiro passo para tirar todo o peso dos ombros.

— Nesse caso, comece pelo princípio e não omita nada! — afirmou o Mago.

Segui à risca as instruções dele, começando pela conversa que tivera com Alice na colina, em que ela me dissera onde encontrar Morgan, e terminando no clímax do ritual — a chegada de Golgoth e as ameaças que ele me fizera depois da morte de Morgan.

— Calculo que Morgan tenha cometido um erro — referi. — Golgoth apareceu dentro do pentagrama.

— Não, rapaz — respondeu o Mago, abanando a cabeça, pesaroso —, ele deve ter recitado o ritual palavra por palavra. Sabe, a culpa foi minha. Tenho o sangue de Morgan nas minhas mãos.

— Não entendo. O que quer dizer? — perguntei.

— Eu devia ter tratado dele antes, quando tentou invocar Golgoth em todos aqueles anos — disse o Mago. — Já nessa altura Morgan era muito perigoso e irrecuperavelmente perdido mesmo. Eu sabia e devia tê-lo metido num poço, mas a mãe dele, Emily, pediu-me e suplicou-me que não o fizesse. Ele queria poder e mostrava-se amargo e distorcido pela raiva, mas ela acreditava que isso se devia ao fato de a vida ter sido má com ele e lhe ter faltado um pai para o orientar. Senti uma certa pena do rapaz e cuidei da mãe dele, deixando que o coração mandasse na minha cabeça. Mas, lá no fundo, sabia que ele não sentia a falta de um pai. Tanto Mr. Hurst como eu tentamos sê-lo para ele. Não, o que lhe faltava realmente era a disciplina para ser um mago, a coragem e a perseverança para dedicar a vida a uma arte que traz muito pouco em termos de recompensas mundanas. Mas, ao invés de castigá-lo por tentar invocar Golgoth, pus simplesmente fim ao seu aprendizado e obriguei-o a jurar-me e à mãe que não iria atrás de Golgoth nem do *grimoire*.

“Expulso e sem ofício, Morgan procurou poder e riqueza através da necromancia e virou-se para o escuro. Sabia que todos os

invernos a tentação do poder de Golgoth aumentaria, acabando por se tornar avassaladora para ele. Então, preparei-lhe uma armadilha, mas só se ele tentasse realmente invocar o Senhor do Inverno é que essa armadilha seria ativada.

— Armadilha? Qual armadilha? Não entendo.

— Ele sempre foi preguiçoso no que tocava aos estudos — contou o Mago, cofiando pensativamente a barba. — A língua era o seu ponto fraco e nunca aprendeu cuidadosamente o vocabulário de latim. Era pior ainda nas outras línguas. Começou a aprender a Prosa Antiga no terceiro ano. Era a língua falada pelos primeiros homens que chegaram ao Condado, aqueles que construíram Round Loaf e veneraram Golgoth. Aqueles que escreveram o *grimoire*. Ele não foi muito longe. Sabia pronunciá-la, ler a Prosa Antiga em voz alta, mas havia graves lacunas nos seus conhecimentos.

“Sabe, rapaz, eu não podia correr quaisquer riscos. O nosso primeiro dever é sempre para com o Condado. Então, há alguns anos, mandei copiar o *grimoire*. O texto original foi destruído e a nova versão encadernada dentro da capa original. Houve várias trocas de palavras no livro para tornar os rituais inúteis. Mas só foi efetuada uma mudança no ritual de Golgoth. A palavra *wioutan*, que significa “fora” ou “exterior”, foi substituída por *wioinnan*, que significa “dentro”...

— Então foi por isso que Golgoth apareceu dentro do pentagrama — afirmei, espantado com a armadilha do Mago. Guardara aquele segredo durante anos.

— Não confiava em Morgan, de modo que lhe preparei um ardil por via das dúvidas. Deu-me muito trabalho mandar copiar e alterar o *grimoire*, mas, como te disse, o nosso dever é proteger o Condado. Emily sabia o que eu fizera, mas tinha muito mais fé nele do que eu. Achava que mudaria de atitude e nunca mais tentaria invocar Golgoth. Ele jurou-lhe, e eu fui testemunha desse juramento. Nunca escondi onde estava o *grimoire*. Aquela escrivanhinha esteve sempre à vista e Morgan sabia onde vir, e acabei por constatar que eu tinha razão. Teria vindo buscá-lo há anos mas o juramento à mãe impedia-o. Assim que soube que ela morrerá, temi o pior e percebi por que Morgan me contatara lá em Chipenden...

Seguiu-se um longo silêncio e o Mago voltou a cofiar a barba, meditando.

— O que aconteceu no fim? — inquiri. — Por que Golgoth não me matou? Por que foi simplesmente embora?

— Depois de ser invocado, o seu tempo dentro do pentagrama era limitado. Cada momento que permanecesse ali estaria a enfraquecer. Acabou por ter de partir. Claro, se o tivesse deixado sair, as coisas seriam muito diferentes. Ele seria livre de vagar pelo Condado, que teria sido assolado por um Inverno sem fim. Portanto, agiu bem, rapaz. Fez a sua obrigação e não se pode exigir mais do que isso.

— Como foi que me encontrou? — indaguei.

— Nesse aspecto, os seus primeiros agradecimentos devem ir para a garota. Como vi que não regressava, vim falar com Andrew e soube a que horas tinha saído da loja. Foi a sua amiga Alice que me contou onde havia ido. Ela queria vir ajudar a te procurar, mas eu não a deixei. Trabalho melhor sozinho — dispenso uma garota a seguir-me os passos. Quase tivemos de amarrá-la a uma cadeira para não vir atrás de mim. Quando cheguei, soprava uma tempestade de neve de nordeste e a capela estava deserta. Ainda procurei em volta do cemitério, mas não me demorei muito. Só havia uma pessoa a quem recorrer então. A única que te poderia encontrar naquelas condições.

“Meg não tardou a lhe farejar. Encontrou o seu bordão na mata no topo da colina e seguiu o seu rastro até à cripta. Não tardou muito a encontrar a entrada, mas quando levantei a pedra, o túnel estava bloqueado. Então, foi Marcia que abriu caminho até você. Já são três a merecer os seus agradecimentos.

— Três bruxas — frisei.

O Mago ignorou-me.

— De qualquer forma, Alice irá voltar para casa de Andrew, conforme esperava. Quanto a Meg e à irmã, a partir de agora permanecerão lá em baixo nas escadas da cave, por detrás do portão — mas não ficará trancado.

— Nesse caso, o senhor e Meg voltaram a ser amigos?

— Não, a situação não é a mesma que quando nos conhecemos. Gostaria de fazer voltar o tempo atrás, mas isso não é de todo possível. Sabe, rapaz, chegamos a um acordo. A situação não pode ficar como está, mas falaremos mais do assunto depois de descansar.

— E o Pai? — perguntei. — Ele ficará bem agora?

— Ele foi um bom homem e agora que Morgan morreu e o seu poder se quebrou, o seu pai não deveria ter nada a temer. Absolutamente nada. Ninguém sabe exatamente o que acontece depois de morrermos — afirmou o Mago, soltando um suspiro. — Se soubéssemos, não existiriam tantas religiões diferentes a dizerem todas coisas diferentes e a julgarem todas que têm razão. A meu ver não interessa qual delas siga. Ou mesmo se caminha sozinho e toma o seu próprio rumo. Desde que viva a vida como deve ser e respeite a crenças dos outros como o seu pai te ensinou, decerto não estará muito longe da verdade. Ele irá encontrar o caminho através da luz, sim. Não há necessidade de se preocupar com isso. E, por agora, chega de conversa. Teve uma noite longa e difícil, por isso vá se deitar algumas horas.

Mas fiquei na cama mais do que algumas horas. Desenvolvera uma febre muito alta e o médico veio três vezes de Adlington antes de ficar finalmente satisfeito por eu estar em vias de melhorar. Na verdade, decorreu mais outra semana antes de me encontrar em condições de ir novamente lá abaixo, com a maior parte das horas do dia passadas embrulhado num cobertor diante da lareira do gabinete de trabalho.

O Mago também não exigiu muito de mim nas lições, e decorreu mais uma semana inteira depois disso até me encontrar de fato apto a descer a Adlington e ver Alice. Estava sozinha na loja. Como não havia fregueses, tivemos tempo para uma longa conversa. Falamos na loja, encostados ao balcão de madeira vazio.

Enquanto estivera doente, o Mago fora lá de visita e ela estava a par de quase tudo o que sucedera. Portanto, eu só tinha de preencher os pormenores e pedir mais uma vez desculpa por ter ocultado os fatos.

— De qualquer forma, Alice, obrigado por dizer ao Mago que eu tinha ido à capela. Caso contrário, nunca teriam me encontrado — afirmei, chegando então ao fim na minha história.

— Só gostaria que tivesse confiado mais em mim, Tom. Devia ter me contado muito antes o que Morgan andava a fazer ao seu pai.

— Desculpe — disse-lhe. — No futuro não lhe esconderei nada...

— Nunca irei cair nas boas graças do Velho Gregory, não é? Ele não confia nem um pouco em mim!

— Ele tem muito melhor opinião de você do que antes — referi. — Dê-lhe tempo, é tudo.

— Mas, na Primavera, quando voltar para Chipenden, vou ter de ficar aqui. Quem me dera ir com você...

— Julguei que gostasse de trabalhar na loja de Andrew.

— Podia ser pior — redarguiu Alice —, mas Chipenden é muito melhor. Gosto de estar naquela casa grande com o seu jardim. E vou sentir a sua falta, Tom.

— Também vou sentir a sua, Alice. Mas pelo menos não está em Pendle. De qualquer forma, no próximo Inverno voltaremos e tentarei vir visitar-te mais vezes.

— Isso seria bom — afirmou Alice.

Daí a um tempo animou-se e finalmente, quando me preparava para sair, ela pediu-me que fizesse algo.

— Na manhã em que partir para Chipenden, pedirá ao Velho Gregory se me leva também?

— Pedirei. Mas não creio que vá servir de nada, Alice.

— Mas vai lhe pedir, não vai? Ele não se vai irritar com você, não é?

— Não se preocupe. Vou lhe pedir.

— Promete?

— Prometo — respondi com um sorriso. Antes, já me meta em confusão por fazer promessas a Alice, mas desta vez não haveria grande mal. Na pior das hipóteses, o Mago podia simplesmente recusar.

CAPÍTULO 22

É MELHOR ASSIM

Apesar de ter sido um Inverno frio, decorridas três semanas sobre a morte de Morgan o tempo estava muito mais quente e iniciou-se o degelo. Deste modo, foi possível a Shanks efetuar a primeira entrega desde há uma eternidade. Como sempre, ajudei-o a descarregar, mas quando foi embora, o Mago seguiu-o por um bom tempo pela ravina abaixo e tiveram os dois uma longa conversa.

Passados alguns dias, logo a seguir ao desjejum, Shanks veio entregar um caixão à nossa porta, o pequeno pônei quase cambaleando sob o seu peso. Depois de ajudá-lo a desamarrá-lo, descemos ele cuidadosamente. Não era tão pesado quanto parecia mas tinha umas dimensões avantajadas, e nunca vira um caixão tão bem feito. Tinha duas pegas de transporte em latão de cada lado e era feito de madeira escura envernizada. Não o levamos para dentro de casa, preferimos deixá-lo junto à porta de trás.

— Para que é isto? — perguntei ao Mago, quando Shanks desapareceu ao longe.

— Saber eu sei, mas terá de descobrir por si mesmo — respondeu-me, batendo de lado no nariz. — Pense e venha me procurar quando tiver encontrado a solução.

A hora do almoço chegou sem que visse as minhas suspeitas confirmadas.

— Vou estar fora alguns dias, rapaz. Acha que consegue se virar sozinho?

Tinha a boca cheia, de maneira que anuí e continuei a devorar o guisado de carneiro.

— Não me pergunta onde vou?

— Assuntos de mago? — sugeri.

— Não, rapaz. Isto são assuntos de família. Meg e a irmã vão regressar à sua terra. Partirão de Sunderland Point e vou

acompanhá-las em segurança durante a viagem.

Sunderland Point ficava a sul de Heysham e era o maior porto no Condado. Barcos de todo o mundo subiam o rio Lune para ancorar ali. Soube então que o meu palpite sobre o caixão estava certo.

— Nesse caso, Marcia irá no caixão — afirmei.

— Acertou de primeira, rapaz — disse o Mago com um sorriso. — Uma dose particularmente grande de chá de ervas deveria mantê-la sossegada. Não conseguiria embarcar da maneira habitual. Poderia incomodar os passageiros. No que se refere ao capitão do porto, a irmã de Meg morreu e ela vai levá-la para ser enterrada no seu país. Para todos os efeitos, como te disse, irei com elas até ao porto só para ver se embarcam em segurança. Claro que iremos viajar de noite. Pernoitaremos sem dúvida numa estalagem e Meg passará as horas do dia escondida. Terei pena de vê-la partir, mas é melhor assim.

— Uma vez ouvi-o conversar com Meg sobre um jardim que tinham partilhado. Era o seu jardim em Chipenden?

— Era sim, rapaz. O jardim ocidental, como deve calcular. Passamos muitas horas felizes sentados naquele mesmo banco onde agora te dou com frequência lições.

— Nesse caso, o que aconteceu? — inquiri. — Por que trouxe Meg para Anglezarke e a colocou na cave? Por que teve de lhe ministrar chá de ervas?

— O que se passou entre mim e Meg só a nós diz respeito! — retrucou o Mago, deitando-me um longo olhar inquiridor. Por um momento, pareceu realmente zangado e percebi que a minha curiosidade me fizera ir longe demais. Mas depois suspirou e abanou a cabeça penosamente.

— Como sabe, Meg ainda é uma mulher extremamente bela e deu fez a cabeça de muitos homens. Era grande o meu ciúme e discutimos vezes sem conta. Mas isso não foi tudo. Ela era voluntariosa e fez muitos inimigos no Condado. Os que a aborreceram aprenderam a temê-la. E aqueles que vivem com medo durante tempo demais tornam-se perigosos. Ela acabou por ser

acusada de bruxaria e foram apresentados relatos ao Xerife de Caster. Foi um caso muito sério e mandaram um polícia prendê-la.

— Ela estaria segura na sua casa de Chipenden, não estaria? O demônio teria impedido o polícia de se aproximar dela.

— Teria sim, rapaz. E os teria também matado! Mas ele só estava fazendo o seu trabalho e, apesar de amar Meg, não queria a perda da vida daquele jovem policial a pesar-me na consciência, de modo que tinha de me certificar de que Meg desaparecia. Desci à aldeia e encontrei-me com ele lá e, com a ajuda do ferreiro como testemunha, consegui convencê-lo de que ela fugira do Condado.

— Consequentemente, trouxe-a para cá e tem passado os verões trancada na cela nas escadas da cave e os invernos metida dentro de casa. Era isso ou vê-la a balançar na extremidade de uma corda — como sabe, em Caster as bruxas são enforcadas. A dada altura, anos depois, ela saiu e aterrorizou alguns dos habitantes locais. Para apaziguá-los, tive de prometer que a aprisionaria num poço na cave. Foi por isso que Shanks ficou tão aflito quando a viu naquela manhã. De qualquer forma, agora ela vai finalmente regressar à sua terra. É algo que deveria ter feito há anos mas não conseguia simplesmente deixá-la partir.

— Portanto, ela quer regressar?

— Acho que ela sabe que é melhor assim. Além disso, Meg já não sente por mim o mesmo que sinto por ela — afirmou, parecendo mais velho e triste do que alguma vez o vira antes. — Vou sentir saudades dela, rapaz. Muitas saudades mesmo. A vida não será igual sem ela. Era a única coisa que tornava os invernos aqui suportáveis...

Ao pôr do Sol, vi o Mago selar a irmã de Meg, Marcia, no caixão. Depois, quando o último parafuso de latão foi apertado, ajudei-o a transportá-lo pela ravina. Era pesado e cambaleávamos um pouco sob ele, esforçando-nos por manter os pés no solo macio e lamacento, enquanto Meg seguia atrás levando a sua bagagem. Enquanto descíamos em solene silêncio até à escuridão do vale, lembrei-me de um funeral real.

O Mago combinara de estar uma carruagem à nossa espera na estrada. Os quatro cavalos ficaram nervosos quando nos

aproximamos, dilatando as narinas, a respiração a sair em vapor ao luar, e o cocheiro esforçou-se por controlá-los. Assim que se acalmaram, desceu, parecendo também muito nervoso, aproximou-se do Mago e levou a mão ao boné em deferência. Os maxilares tremiam-lhe e parecia pronto a saltar da própria pele.

— Não há nada a temer e, conforme prometi, lhe pagarei bem. Agora me ajude a levantar isto — pediu o Mago, batendo no caixão de Marcia. Içaram-no para o bagageiro na traseira da carruagem e o Mago observou com atenção enquanto o cocheiro o prendia com uma corda.

Enquanto estavam ocupados, Meg aproximou-se e sorriu-me sinistramente, mostrando os dentes.

— É um rapaz perigoso, Tom, um rapaz muito perigoso — disse, aproximando-se mais. — Tenha cuidado, não arranje inimigos demais...

Não soube o que responder.

— Faz-me um favor, rapaz? — murmurou ao meu ouvido.

Anuí, constrangido.

— Ele não é tão frio quanto faz crer a todos — referiu, indicando o meu mestre. — Cuide dele por mim. — Então sorri e acenei com a cabeça.

Quando o Mago se reuniu a nós, ela esboçou-lhe um sorriso simpático e caloroso que me fez pensar que lá no fundo ainda gostava um pouco dele. E depois pegou-lhe na mão e apertou-a. Ele abriu a boca como se fosse dizer algo mas as palavras não saíram. Brilhavam lágrimas nos seus olhos e pareceu sufocado pela emoção.

Embaraçado, virei-lhes as costas e afastei-me alguns passos. Murmuraram entre si durante alguns momentos, depois encaminharam-se juntos para a carruagem. Enquanto o cocheiro mantinha a porta aberta e lhe esboçava uma ligeira vênia, o Mago ajudou Meg a subir. Depois veio ter comigo.

— Bem, rapaz, nós vamos andando. Volte para a casa — disse o Mago.

— Ajudaria se eu fosse com você? — inquiri.

— Não, rapaz, mas obrigado mesmo assim. Há algumas coisas que preciso fazer sozinho. Um dia, quando for mais velho, acho que

irá compreender. Mas espero que nunca tenha de passar por nada assim...

Mas eu já compreendia: lembrei-me de tê-lo visto com Meg na cozinha, as lágrimas nas suas faces. Sabia o que ele sentia. E conseguia também imaginar-me no lugar do Mago e a ter de me despedir de Alice pela última vez. Era assim que eu e Alice iríamos acabar?

Alguns momentos depois o Mago entrou, e assim que se sentou ao lado de Meg o cocheiro aplicou o chicote nos dorsos dos quatro cavalos. A carruagem afastou-se e começou a ganhar velocidade. Seguiram para norte, rumo a Sunderland Point, enquanto eu regressava lentamente pela ravina em direção à casa.

Uma vez lá dentro, aqueci sopa de ervilhas para a minha ceia e instalei-me junto à lareira. O vento não soprava lá fora e não podia deixar de ouvir os chiados e os gemidos na velha casa. As tábuas do soalho a assentar, um degrau a ranger, um rato a correr por detrás da parede. E imaginei até que conseguia ouvir, lá em baixo na cave, muito para lá do portão de metal, os murmúrios dos mortos e dos quase mortos no fundo dos poços.

Foi então que me dei conta do ponto onde chegara. Eis-me ali, sozinho numa casa enorme com uma cave cheia de demônios e bruxas aprisionados, e não sentia nem um pouco de medo. Era o aprendiz do Mago e na Primavera completaria o meu primeiro ano de preparação. Dali a quatro, eu próprio seria um mago!

CAPÍTULO 23

O REGRESSO A CHIPENDEN

Uma manhã, já mesmo no final de Abril, quando ia buscar água no regato, o Mago seguiu-me até lá fora. O sol acabara de se erguer por cima da extremidade da ravina e ele sorriu na direção do seu tênue calor. Na escarpa por detrás da casa, as estalactites de gelo derretiam rapidamente, a água a escorrer para as lajes.

— Este é o primeiro dia de Primavera, rapaz — disse-me —, por isso vamos voltar para Chipenden!

Há semanas que eu ansiava ouvir aquelas palavras. Desde que regressara sem Meg, o Mago andava muito calado e retraído, e a casa parecia mais tristonha e deprimente do que nunca. Estava desesperado por ir embora dali.

Então, na hora que se seguiu, andei numa roda-viva a efetuar todas as tarefas necessárias: limpar as grelhas e lavar todos os pratos, xícaras e panelas para nos facilitar a vida quando regressássemos no Inverno seguinte. Por fim, o Mago fechou à chave a porta de trás e começou a descer a ravina em grandes passadas, comigo atrás todo satisfeito, levando os dois sacos do costume assim como o meu bordão de sorveira.

Não esquecera a minha promessa a Alice — perguntar se podia vir conosco para Chipenden — mas só estava à espera do momento certo, quando percebi que, em vez de seguirmos o percurso mais direto para o norte, tínhamos tomado o rumo de Adlington. Apesar de ele ter ido lá no dia anterior, calculei que o Mago quisesse despedir-se mais uma vez do irmão. Continuava a hesitar em mencionar Alice quando avistamos a loja.

Para minha surpresa, tanto Andrew como Alice vieram nos receber na rua empedrada. Alice trazia uma pequena trouxa com os seus pertences e parecia a postos para uma viagem. Sorria e mostrava-se entusiasmada.

— Tenha um bom e próspero Verão, Andrew — gritou o Mago, animado. — Nos vemos em Novembro!

— Para você também, irmão! — respondeu Andrew acenando. Depois, para meu enorme espanto, o Mago virou costas e começou a afastar-se e, quando me voltei para segui-lo, Alice acertou o passo comigo sorrindo de orelha a orelha.

— Oh, esqueci-me de te dizer, rapaz — falou o Mago por cima do ombro —, Alice irá ficar conosco em Chipenden nas mesmas condições de antes. Tratei de tudo ontem com Andrew. Ela precisa estar num lugar onde eu a possa vigiar atentamente!

— Grande surpresa, não é, Tom? Está satisfeito por me ver, não está? — inquiriu Alice.

— Claro que estou satisfeito por te ver e muito contente mesmo por ir regressar conosco a Chipenden. É a última coisa que esperava. Mr. Gregory não me disse nada.

— Oh! Ele fez isso? — Alice soltou uma gargalhada. — Bem, agora já sabe o que sente quando as pessoas escondem segredos e não te dizem coisas que devia saber! Isso é para aprender!

Também me ri. Não levava a mal o sarcasmo de Alice. Eu merecia-o. Devia ter-lhe contado tudo sobre a minha intenção de roubar o *grimoire*. Se o tivesse feito, ela poderia ter metido algum juízo na minha cabeça. Mas isso já passara e caminhamos os dois felizes no nosso tão esperado regresso a Chipenden.

No dia seguinte houve outra surpresa. O caminho de regresso a Chipenden levou-nos a cerca de seis quilômetros e meio da nossa fazenda. Ia perguntar se podia ir fazer uma visita mas o Mago antecipou-se.

— Acho que devia ir visitar a sua família, rapaz. Pode ficar a saber se a sua mãe voltou; se sim, estará à espera de te ver. Eu vou andando, e aproveito para ir ver um cirurgião.

— Um cirurgião? Está doente? — indaguei, começando a ficar preocupado com ele.

— Não, rapaz. O homem em questão também é dentista. Tem uma grande variedade de dentes de mortos e deve haver alguma coisa que me sirva — disse, esboçando-me um largo sorriso pelo que

pude ver o intervalo que ficara no sítio onde o demônio lhe partira o dente da frente.

— Onde é que ele os vai arranjar? — perguntei, abismado. — Aos ladrões de sepulturas?

— A maior parte vem de antigos campos de batalha — explicou o Mago, abanando a cabeça. — Ele vai fazer-me uma dentadura e em breve estarei como novo. Tem também uma bela variedade de botões de osso. Meg costurava todos os seus vestidos e era uma das suas melhores clientes — referiu o Mago, pesaroso.

Fiquei satisfeito ao ouvir aquilo. Pelo menos os botões dela não tinham vindo das suas antigas vítimas, como suspeitara inicialmente.

— Bom, vá lá então — disse o Mago —, e leve a garota com você para te fazer companhia no caminho de regresso.

Adorei obedecer. Era óbvio que o Mago não queria Alice a segui-lo. Mas eu teria o problema de sempre. Jack não a queria um passo para lá dos limites da fazenda e, como a Fazenda do Cervejeiro agora lhe pertencia, nem valia a pena discutir.

Uma hora ou mais depois de Alice e eu termos avistado a fazenda, reparei em algo muito estranho. Para norte, mesmo a seguir ao limite da fazenda, ficava a Colina do Carrasco, onde uma pluma de fumaça escura se elevava agora das árvores no seu topo. Alguém acendera uma fogueira ali. Quem faria semelhante coisa? Nunca ninguém lá ia porque era assombrada pelas imagens fantasmagóricas dos homens que tinham sido enforcados durante a guerra civil que grassara no Condado gerações antes. Até os cães da fazenda a evitavam.

Instintivamente, soube que era a Mãe. Não entendia por que se encontrava ali, mas quem mais ousaria fazê-lo? Então, nos desviamos para leste da fazenda e, uma vez transposto o seu limite norte, subimos as colinas por entre as árvores. Nem sinal das imagens fantasmagóricas e a Colina do Carrasco estava silenciosa e sossegada, os ramos despidos brilhando ao sol naquele fim de tarde. As árvores estavam a rebentar mas faltaria ainda uma semana ou mais para as folhas aparecerem. A Primavera viera muito tarde este ano.

Assim que alcançamos o seu topo, tive a confirmação. A Mãe estava sentada diante de uma fogueira olhando para as chamas. Estava abrigada debaixo de um refúgio de troncos, ramos e folhas mortas que a protegiam do sol. Tinha o cabelo empastado de terra e parecia não se lavar há muito tempo. Perdera também peso e o rosto estava descarnado, o semblante triste e cansado, talvez da própria vida.

— Mãe! Mãe! — exclamei, sentando-me ao lado dela na terra úmida. — Está bem?

Não me respondeu logo e notava-se uma expressão distante no olhar. Cheguei a pensar que não tivesse me ouvido. Mas depois, continuando a fitar a fogueira, colocou a mão esquerda no meu ombro.

— Ainda bem que voltou, Tom — disse por fim. — Há dias que estou à sua espera...

— Por onde andou, Mãe?

Não respondeu, mas, após uma longa pausa, ergueu o olhar e encarou-me.

— Em breve seguirei o meu caminho mas precisamos conversar antes de eu partir.

— Não, a Mãe não está em condições de ir a nenhum lugar. Por que não desce à fazenda e se alimenta? Precisa também de uma boa noite de sono. Jack sabe que está aqui?

— Sabe, filho. Jack vem me ver todos os dias e me pede que faça o que acaba de dizer. Mas é doloroso demais descer até lá agora sem o seu pai na casa. Fiquei muito abalada, Tom, e tenho o coração destroçado. Mas agora que finalmente chegou, farei um esforço para ir lá em baixo pela última vez antes de abandonar em definitivo o Condado.

— Não vá, Mãe! Por favor não nos abandone! — supliquei. A Mãe não respondeu, limitando-se a fitar as chamas.

— Pense no seu primeiro neto, Mãe! — continuei, desesperadamente. — Não o quer ver nascer? Não quer também ver a pequena Mary crescer? E então eu? Preciso de você! Não quer que eu conclua o meu aprendizado e me torne mago? A Mãe salvou-me

no passado e posso precisar novamente da sua ajuda para conseguir chegar lá...

A Mãe continuou sem responder e, de repente, Alice sentou-se de modo a ficar logo de frente para ela do outro lado da fogueira.

— Não tem certeza, não é? — perguntou à Mãe, os seus olhos intensos à luz da fogueira. — Não sabe realmente o que quer fazer.

A Mãe levantou a cabeça, os olhos marejados de lágrimas.

— Que idade tem, minha jovem? Treze, não é? — perguntou. — Não passa de uma criança. Como pode saber dos meus assuntos?

— Posso só ter treze anos — retorquiu Alice em tom de desafio —, mas conheço a vida. Mais do que alguns que a viveram inteira. Algumas coisas aprendi. Outras sei apenas. Talvez já nascesse a sabê-las. Não imagino porquê. É assim, pronto. E sei o que se passa com você. Algumas coisas, pelo menos. Sei que está dividida entre partir e ficar. Não é assim? É verdade, não é?

A Mãe baixou a cabeça e depois, para meu espanto, anuiu.

— O poder do escuro aumenta, isso é mais do que evidente, e é algo que já disse antes a Tom — referiu a Mãe, virando-se de novo para mim, os seus olhos brilhando mais intensamente do que os de qualquer bruxa que eu alguma vez enfrentara. — Sabe, é o mundo inteiro que está a desmoronar sob o poder do escuro, não apenas o Condado. Preciso de combatê-lo no meu próprio país. Se eu regressar agora, talvez consiga fazer algo antes que seja tarde demais! E há outras coisas que deixei por resolver.

— Que coisas, Mãe?

— Muito em breve saberá. Não me pergunte agora.

— Mas estaria sozinha, Mãe. O que pode fazer sozinha?

— Não, Tom, não estaria sozinha. Há outros que me ajudariam — muito poucos, devo confessar.

— Fique aqui, Mãe. Fique aqui e deixe que ele venha até nós — supliquei. — Vamos enfrentá-lo juntos na minha terra, não na sua...

A Mãe sorriu com pesar.

— Esta é mesmo a sua terra?

— É sim, Mãe. Este é o Condado, onde eu nasci. A terra a que vim para poder defendê-la do escuro. Foi o que a Mãe me contou.

Disse que eu seria o último aprendiz do Mago e depois me caberia manter tudo em segurança.

— Isso é verdade e não o vou negar — afirmou a Mãe, com ar cansado, fitando as chamas.

— Então fique e vamos enfrentá-lo juntos. O Mago está me preparando. Por que não me prepara também? Há coisas que a Mãe consegue fazer e ele não. A forma como silenciou as imagens fantasmagóricas aqui na Colina do Carrasco. Ele disse que não se podia fazer nada em relação às imagens fantasmagóricas; que elas com o tempo acabavam simplesmente por sumir. Mas a Mãe conseguiu. Ficaram silenciosas por muitos meses! E herdei também outras coisas. “Avisos de morte”, foi o que lhe chamou. Eu soube quando o Mago esteve recentemente às portas da morte. E, vendo bem, soube também quando estava a recuperar. E da próxima vez saberei quando alguém conseguir vencer a doença. Não vá, por favor. Fique comigo e ensine-me.

— Não, Tom — afirmou a Mãe, pondo-se em pé. — Lamento, mas já tomei a minha decisão. Ficarei aqui mais uma noite, mas amanhã partirei.

Soube que já argumentara o suficiente e seria egoísmo continuar. Prometera ao meu pai que a deixaria partir quando chegasse a altura e ela tinha chegado. Alice estava certa: a Mãe sentia-se dividida, mas sabia que não me cabia tomar a decisão por ela.

A Mãe virou-se para Alice.

— Percorreu um longo caminho, minha jovem. Mais do que alguma vez pude esperar. Mas ainda terá de enfrentar testes maiores. Vão ambos precisar unir forças contra o que aí vem. A estrela de John Gregory começa a perder o brilho. Vocês dois são o futuro e a esperança do Condado. Ele precisa ter ambos a seu lado.

A Mãe olhava-me quando terminou de falar. Fitei por um momento a fogueira e senti um arrepio.

— A fogueira está quase apagada, Mãe — disse, sorrindo-lhe.

— Tem razão — respondeu a Mãe. — Vamos até à fazenda. Os três.

— Jack não vai gostar de ver Alice — recordei-lhe.

— Pois terá de aguentar — respondeu a Mãe, num tom que me disse que não toleraria quaisquer interferências de Jack.

E de fato, na felicidade de ver a Mãe de volta, Jack quase não pareceu dar pela presença de Alice.

Depois de tomar um banho e mudar de roupa, apesar da insistência de Ellie para que descansasse, a Mãe fez questão de preparar o guisado da ceia. Fiquei entretanto com ela na cozinha e contei-lhe quase tudo o que acontecera em Anglezarke. Só não lhe disse que Morgan torturara o espírito do Pai. Conhecendo a Mãe, não me surpreenderia se descobrisse que ela já o sabia. Mas mesmo que fosse esse o caso, continuaria a ser muito doloroso para ela. Já sofrerá bastante.

Quando terminei, ela pouco mais fez para além de me abraçar e dizer que a deixara orgulhosa. Era bom estar em casa. A pequena Mary dormia que nem um anjinho lá em cima, a vela de cera de abelha estava no castiçal no centro da mesa, ardia um fogo quente na grelha e a comida da Mãe fora posta na mesa.

Mas por debaixo da superfície tudo mudara e iria continuar a mudar. Todos nós o sabíamos.

A Mãe sentou-se à cabeceira da mesa, no lugar que fora em tempos do Pai, e quase parecia igual a si própria. Alice e eu sentamo-nos diante de Jack e Ellie. Claro que nesta altura Jack já se recompusera e eu podia afirmar que não se sentia confortável com a presença de Alice ali, mas não havia nada a fazer.

Falou-se pouco à mesa naquela noite, mas quando terminamos o guisado, a Mãe afastou o prato e levantou-se. Olhou para cada um de nós à vez antes de falar.

— Esta pode muito bem ser a última ceia que partilharemos juntos — anunciou. — Amanhã à noite irei abandonar o Condado e é possível que nunca mais volte.

— Não, Mãe. Não diga isso — suplicou Jack, mas ela impôs-lhe silêncio levantando a mão esquerda.

— Agora todos vocês vão ter de olhar uns pelos outros — referiu com pesar. — É o que o seu pai e eu desejaríamos. Mas tenho algo a lhe dizer, Jack. Por isso ouça bem. O que está no testamento do seu pai não pode ser mudado porque reflete também

a minha vontade. O quarto debaixo do sótão pertencerá a Tom para o resto da sua vida. Mesmo que você morra e o seu filho o herde, continuaria a ser assim. Não posso te explicar as minhas razões, Jack, porque não iria gostar do que eu lhe dissesse. Mas estão em causa muito mais coisas do que apenas os seus sentimentos. O meu último desejo, antes de partir, é que aceite integralmente o que tem de ser feito. Então, filho, aceita?

Jack anuiu e baixou a cabeça. Ellie pareceu assustada e senti pena dela.

— Muito bem, Jack, fico satisfeita por isto se resolver. Agora vá buscar as chaves do meu quarto.

Jack foi à parte da frente da casa e voltou quase de imediato. Havia ao todo quatro chaves. As três mais pequenas eram das arcas dentro do quarto. Jack colocou-as na mesa diante da Mãe, que pegou nelas com a mão esquerda.

— Tom e Alice — disse a Mãe —, venham os dois comigo. — Dizendo isto, afastou-se da mesa, saiu da cozinha e começou a subir as escadas. Dirigiu-se sem hesitações ao seu quarto privado. Aquele que estava sempre fechado.

A Mãe abriu a porta e seguiu-a até lá dentro. O quarto estava igual ao que recordava, cheio de arcas, caixas e baús. No Outono, levava-me ali e dera-me a corrente de prata que estava na arca maior, mais próxima da janela. Sem aquela corrente, estaria agora novamente prisioneiro de Meg ou, muito provavelmente, teria sido dado a comer à irmã dela. Mas o que mais haveria dentro das três arcas maiores? Começava a sentir-me realmente curioso.

Naquele momento olhei para trás de mim. Alice continuava do lado de fora do quarto, uma expressão nervosa e hesitante no rosto. Fitava o limiar.

— Entre e feche a porta, Alice — pediu a Mãe, delicadamente. Quando Alice entrou no quarto, a Mãe esboçou-lhe um grande sorriso e entregou-me as chaves. — Tome, Tom, agora são suas. Não as dê a mais ninguém. Nem sequer a Jack. Conserve-as sempre consigo. Agora este quarto lhe pertence.

Alice observava tudo, de olhos arregalados. Sabia que ela adoraria começar a remexer naquelas caixas, descobrir todos os

seus segredos. Tenho de admitir que sentia a mesma vontade.

— Posso ver agora o que está nas arcas, Mãe? — perguntei.

— Lá dentro encontrará as respostas para muitas coisas que te têm andado a intrigar; coisas sobre mim que nunca contei, nem mesmo ao seu pai. O meu passado e o meu futuro estão dentro dessas caixas. Mas vai precisar de lucidez e astúcia para perceber tudo. Passou por muita coisa e está cansado e abalado, por isso é melhor esperar que eu tenha partido, Tom. Volte no final da Primavera e faça-o então, quando estiver cheio de esperança e os dias forem maiores. Seria o ideal.

Fiquei desapontado, mas sorri e anuí.

— Como queira, Mãe — disse-lhe.

— Há mais uma coisa que preciso lhe dizer. Este quarto é mais do que apenas a soma do seu conteúdo. Uma vez trancado, nada de mal conseguirá entrar aqui. Se for corajoso e a sua alma pura e boa, este quarto é um reduto, uma fortaleza contra o escuro, melhor protegida do que até a casa do seu mestre em Chipenden. Use-o apenas quando algo muito algo terrível te perseguir e as sua própria vida e alma correrem perigo. É o seu último refúgio.

— Só para mim, Mãe?

A Mãe olhou para Alice e depois de novo para mim.

— Alice está aqui neste momento, por isso, sim, Alice também poderá usá-lo. Foi por isso que a trouxe aqui agora, só para ter certeza. Mas nunca traga mais ninguém. Nem Jack, nem Ellie, nem sequer o seu mestre.

— Porquê, Mãe? — inquiri. — Por que Mr. Gregory não pode usá-lo?

Não acreditava que o Mago não pudesse usá-lo em caso de extrema necessidade.

— Porque há um preço a pagar por usar este quarto. Vocês dois são jovens e fortes e o seu poder está a crescer. Sobreviverão. Mas, como te disse, o poder de John Gregory está a diminuir. Ele está a apagar-se como uma vela. Usar este quarto lhe retiraria o resto das forças. E, se a necessidade surgir, tem de lhe dizer exatamente isso. E diga-lhe também que fui eu que o afirmei.

Manifestei a minha concordância e foi tudo. Alice e eu passamos lá a noite, mas assim que o Sol nasceu, após um bom desjejum, a Mãe nos mandou partir para Chipenden. Jack ia arranjar uma carroça para vir buscar a Mãe ao crepúsculo e levá-la a Sunderland Point. Dali partiria para a sua terra atrás de Meg e da irmã dela.

A Mãe despediu-se de Alice e disse-lhe que fosse andando e esperasse por mim junto no portão do pátio. Sorrindo, Alice acenou e afastou-se.

Quando nos abraçamos pelo que sabia ser a última vez, a Mãe tentou dizer algo, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta e desceu-lhe uma lágrima pela face.

— O que é, Mãe? — perguntei de mansinho.

— Desculpe, filho — disse-me. — Estou tentando ser forte mas é tão difícil que já não aguento. Não quero dizer nada que piore a situação para você.

— Diga-o, por favor, diga o que precisa dizer — supliquei, agora as lágrimas também nos meus olhos.

— É que o tempo passa tão rapidamente e fui tão feliz aqui. Ficaria se pudesse, de verdade que sim, mas é minha obrigação partir. Fui tão feliz com o seu pai. Nunca houve homem mais honesto, sincero e afetuoso. E a minha felicidade ficou completa quando você e os seus irmãos nasceram. Nunca mais irei conhecer tamanha alegria. Mas agora acabou e tenho de me libertar do passado. Está desaparecendo tão rapidamente que mais parece um breve sonho feliz...

— Por que tem de ser assim? — perguntei, cheio de amargura.

— Por que tem a vida de ser tão curta, com todas as coisas boas a passarem rapidamente? Vale sequer a pena vivê-la?

A Mãe olhou-me com tristeza.

— Se alcançar tudo aquilo que espero, então outros irão considerar que a sua vida valeu a pena ser vivida, filho, mesmo que você não. Nasceu para servir o Condado. E é isso que tem de fazer.

Abraçamo-nos com força pela última vez e pensei que o meu coração não fosse aguentar.

— Adeus, meu filho — murmurou e roçou os lábios na minha face. Foi difícilimo suportá-lo e afastei-me imediatamente. Mas após alguns passos virei-me para acenar e vi a mãe acenar também das sombras do lado de dentro da porta. Quando me virei de novo pouco depois, ela já voltara para a cozinha.

Então, acabrunhado, rumei a Chipenden com Alice, o último beijo da minha mãe na face. Ainda só tinha treze anos mas sabia que a minha infância já terminara.

* * *

Estávamos de novo em Chipenden: as campainhas tinham finalmente aberto, as aves cantavam e o sol ficava mais quente a cada dia que passava.

Alice nunca se sentira tão feliz mas estava muito curiosa em relação ao conteúdo das arcas no quarto da Mãe. Não a posso levar comigo à fazenda porque isso deixaria Jack e Ellie perturbados demais, mas estou planejando ir lá no mês que vem e prometi lhe contar tudo o que encontrasse nelas.

O Mago parece ter recuperado por completo a saúde e todos os dias leva horas a caminhar pelas extensões rochosas para aumentar a sua resistência. Nunca o vi tão magro e rijo, mas algo parece ter mudado dentro da sua cabeça. Por vezes há longos silêncios durante as lições em que parece esquecer-se da minha presença ali. E olha muito para o espaço com uma expressão preocupada no rosto. Apesar do fato de parecer mais forte do que nunca, disse-me que sente que o seu tempo na terra está chegando ao fim.

Há coisas que quer fazer antes de morrer. Coisas que andou anos e anos a adiar. Em primeiro lugar, fala em ir para leste de Pendle para acabar de uma vez por todas com os três agrupamentos de bruxas. São ao todo trinta e nove bruxas! Parece-me uma tentativa muito perigosa e não vejo como possa realizá-la. Mas não tenho palavra no assunto e seguirei o meu mestre para onde quer que ele escolha ir. Continuo a ser o aprendiz e ele é o Mago.

Thomas J. Ward.

VIA LÁCTEA

AVISO: NÃO DEVE SER LIDO DEPOIS DE ESCURECER

Para Thomas Ward, o aprendiz do velho Mago do Condado, aproxima-se um Inverno longo, rigoroso e ameaçador. O Mago acaba de anunciar que é altura de deixarem Chipenden e irem para a sua casa de Inverno em Anglezarke. Como se não bastasse o mestre ter deixado bem claro que Alice, a irreverente rapariga de sapatos pontiagudos, não pode ir com eles, Tom é ainda avisado de que Anglezarke é um lugar sinistro e sombrio, onde duras provações o aguardam. Contudo, nada poderia ter preparado o jovem aprendiz para aquilo que vai encontrar. À medida que o Inverno prossegue, Tom vem a descobrir segredos acerca do velho Mago e de um passado que parece decidido a revisitá-lo. Quem é a figura encapuzada que aparentemente tem estado a vigiá-los? Que terríveis demónios estão aprisionados nas profundezas da cave? E poderá a resposta a estas perguntas pô-los em perigo? *As Crónicas de Wardstone* são já consideradas um novo clássico da literatura fantástica e este novo volume promete trazer-lhe revelações inéditas.



{1} Terreno árido e pedregoso. No Brasil, curiosamente, o termo ganhou significado oposto, representando área de características pantanosas, como brejos e banhados.

{2} Porão, adega ou divisão subterrânea

{3} À semelhança de exemplos anteriores, a equivalência perde-se com a tradução, visto a letra sigma corresponder a S de *sorceress*, feiticeira em português. (NT)

{4} Pão Redondo. (NT)

{5} o termo encontra-se sempre em francês no original. (NT)